

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em História

**PESSOAS, COISAS E UM LUGAR:**

**Uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico  
Morro da Formiga, Taquara, RS**

Dissertação apresentada como  
requisito parcial e último para  
obtenção de título de Mestre em  
História. Versão revisada após ser  
defendida e aprovada em 15 de março  
de 2007

CAROLINA AVELINE DEITOS ROSA

**Banca Examinadora:**

Dr. Klaus Hilbert (orientador) – PPGH-PUCRS  
Dr. Arno Alvarez Kern – PPGH-PUCRS  
Dr<sup>a</sup>. Sílvia Moehlecke Copé – UFRGS

Porto Alegre, 15 de Janeiro de 2007

## RESUMO

**PESSOAS, COISAS e um LUGAR: Uma interpretação para a ocupação pré-colonial no sítio arqueológico Morro da Formiga, Taquara, RS**

**Palavras-chave: arqueologia pré-colonial, grupos ceramistas do planalto, interpretação, significado, análise espacial intra-sítio.**

Este estudo versa sobre pessoas, coisas e um lugar. Partiu do objetivo inicial de resgatar a coleção do sítio arqueológico Morro da Formiga, que foi escavado na década de 1960 por Eurico Miller. Além disso, visava contribuir com o conhecimento existente acerca da ocupação na região sul do Brasil pelos grupos ceramistas do planalto (identificados na arqueologia como Tradição Taquara). Isto foi feito através da realização de uma análise em micro-escala, representada pelo exame dos vestígios líticos e cerâmicos encontrados neste local. A pesquisa foi orientada de um modo geral no sentido de compreender a arqueologia enquanto uma forma de produção do conhecimento sobre o passado no presente, na qual o investigador desenvolve uma prática interpretativa. Na busca pelos significados atribuídos às coisas pelas pessoas, foram considerados os contextos de criação e de consumo dos objetos. Ao procurar entender como os indivíduos experimentaram o lugar que habitaram, a partir de uma análise espacial intra-sítio, as atividades realizadas em seu interior foram avaliadas. Como resultado, foi elaborado discurso arqueológico, uma forma de escrever e contar aspectos de um passado a partir de um olhar no presente.

## ABSTRACT

PEOPLE, THINGS and a PLACE: An interpretation for the pre-colonial occupation of the Morro da Formiga Archaeological site.

**Key-Words: pre-colonial archaeology, ceramist groups of the highlands, interpretation, meaning, intra-site spatial analysis**

This study is about people, things and a place. It has began from the initial aim of studying the archaeological collection of the Morro da Formiga site, which was excavated in the 60s by Eurico Miller. Therefore, the goal was to contribute to the existent knowledge about the occupation of the southern region of Brazil by ceramist groups of the highlands (identified in archaeology as Taquara Tradition). This was made through a micro scale analysis, represented by the study of the lithic and ceramic remains found in this place. In a general way, the research was conducted to understand archaeology as a mean of production of knowledge about the past in the present, through which the researcher develops an interpretative practice. In the search for meanings attributed to things by people, the contexts of creation and consumption of the objects were considered. By trying to understand how the individuals experimented the place where they lived, through an intra-site spatial analysis, the activities that happened in its interior were evaluated. As a result, an archaeological discourse, a way of writing and telling aspects of a past from a look from the present was elaborate.

## AGRADECIMENTOS

Ao final de um trabalho como este, várias pessoas merecem ser lembradas e agradecidas, pois de alguma forma estiveram envolvidas com a sua realização.

Primeiramente, como não poderia ser de outra forma, agradeço ao apoio financeiro disponibilizado pela CAPES, o qual permitiu os recursos para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço também à algumas pessoas vinculadas ao curso de Pós-Graduação em História da PUCRS - local que freqüentei intensamente durante os dois anos que abarcam o mestrado. Ao pessoal da secretaria, Carla e Davi, que estavam sempre dispostos a auxiliar os alunos e mostravam-se calmos diante da impaciência que estes normalmente apresentavam. Um agradecimento especial a todos os professores, com os quais tive o prazer de compartilhar momentos de reflexão e de discussão durante as aulas. Por fim, aos colegas e amigos que conheci neste lugar, especialmente por ajudarem a tornar este ambiente acadêmico um lugar alegre e divertido de ser freqüentado.

Um agradecimento especial ao grande mestre e orientador Klaus Hilbert. Além de ter possibilitado liberdade para realizar o estudo, mostrava-se sempre pronto para auxiliar no desenvolvimento da pesquisa. Tive o prazer, portanto, de compartilhar com esta pessoa momentos maravilhosos de aprendizado.

A outro arqueólogo, André Jacobus, pelo auxílio concedido na consulta dos materiais e documentos que estão sob a guarda do Marsul.

Ao núcleo de Pesquisas Arqueológicas da UFRGS, o local que me permitiu ingressar na arqueologia e no qual até hoje tenho a oportunidade de freqüentar, participando da realização de pesquisas. Neste lugar conheci as principais pessoas responsáveis pela minha caminhada e prosseguimento na arqueologia, como a professora Sílvia Moehlecke Copé e o grande amigo João Saldanha, que sempre me incentivaram neste sentido e me ensinaram muito do que hoje sei. Aos amigos que fiz neste lugar, os quais posso dizer que foram a minha família em momentos de convivência em campo: Adriana, Artur, Clarisse, Zeli, Rodrigo, João, Nana, ...

Destes amigos, dedico um agradecimento especial à Zeli, querida amiga com a qual compartilhei dúvidas, medos e inseguranças nos momentos em que estava escrevendo esta

dissertação, e que se dispôs gentilmente a ler os capítulos e a me auxiliar na estruturação das idéias. Outra pessoa que não poderia de modo algum esquecer é outra grande amiga, Clarisse, minha colega desde o início da faculdade e da pesquisa no laboratório de arqueologia da UFRGS. Com um jeito especial de ser, esteve presente na minha vida nos últimos sete anos, e mais do que me ajudar na realização desta pesquisa, me contagiou com o seu fascínio pela arqueologia e me presenteou com a sua sincera amizade. Além disso nos divertimos bastante, não é Clá?

Aos meus pais Mauri e Kátia por terem me dado as condições para cursar uma faculdade e para prosseguir com os estudos. À minha mãe, embora estivesse longe, de alguma forma mostrava-se perto. E ao meu pai, Mauri, por estar por todo este tempo ao meu lado, me incentivando a alcançar meus objetivos.

Ao meu amor, Álvaro, por ter procurado me acalmar nos últimos meses e por estar ao meu lado há alguns anos, igualmente me incentivando a ir mais longe.

## ÍNDICE

Introdução .....	p.10
<b>I - A ARQUEOLOGIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.....</b>	<b>p. 15</b>
I.1 – A Arqueologia como uma Prática Interpretativa sobre o Passado no Presente .....	p. 16
I.2 - A Produção dos Dados Arqueológicos .....	p. 20
I.2.1 – O Trabalho de Campo e a Análise dos Artefatos Recuperados .....	p. 22
I.2.2 - O Processo de Construção de Dados na Arqueologia Brasileira .....	p. 25
I.2.2.1O Sítio Arqueológico Morro da Formiga .....	p. 31
I.3 - A Construção dos Discursos Arqueológicos.....	p. 39
I.3.1 – Sobre alguns Discursos acerca dos Grupos Ceramistas do Planalto.....	p. 48
<b>II – AS PESSOAS E AS COISAS.....</b>	<b>p. 53</b>
II.1 Algumas características das Coisas e das suas relações com as Pessoas.....	p. 55
II.1.1 O Caráter Ativo .....	p. 55
II.1.2 A Constituição pelo(s) Significado(s).....	p. 56
II.1.3 A Inserção no Contexto.....	p. 61
II.2 Os Contextos de Criação e Consumo dos Objetos.....	p. 64
II.2.1 Os Artefatos Líticos .....	p. 66
II.2.1.1 Os Processos de Criação.....	p. 69
II.2.1.2 As Formas de Consumo .....	p. 87
II.2.2 Os Artefatos Cerâmicos .....	p. 98
II.2.2.1 Os Processos de Criação.....	p110
II.2.2.2 As Formas de Consumo.....	p114
<b>III – AS PESSOAS, AS COISAS E UM LUGAR .....</b>	<b>p122</b>
III.1 Alguns Conceitos para abordar a Espacialidade da Existência Humana.....	p123
III.2 O Lugar Morro da Formiga.....	p126

III.2.1 Características Ambientais do Vale do Rio Paranhana .....	p128
III.2.2 Análise Espacial Intra-Sítio: Re-Inserindo as Coisas no Espaço.....	p130
III.2.2.1 A Abordagem Espacial Intra-Sítio na Arqueologia.....	p130
III.2.2.2 Influencia de Processos Pós-Deposicionais	
e Problemas de Registro Espacial das Evidências.....	p135
III.2.2.3 Experimentando o Lugar através das Coisas.....	p137
Evidências de Esteios .....	p137
Estruturas de Fogueiras.....	p140
Distribuição Espacial de Artefatos Líticos .....	p143
Distribuição Espacial de Artefatos Cerâmicos.....	p157
III.2.2.4 Sugerindo um Modelo para a Ocupação do	
Lugar Morro da Formiga.....	p167
Conclusão.....	p174
Referências Bibliográficas.....	p180
Anexos.....	p190

## ÍNDICE DE FIGURAS

1. Mapa de localização do sítio Morro da Formiga.....	p. 32
2. Mapa de localização do sítio Morro da Formiga.....	p. 33
3. Planta topográfica do sítio Morro da Formiga .....	p. 34
4. Planta da escavação do sítio Morro da Formiga .....	p. 36
5. Artefato unipolar bifacial.....	p. 72
6. Reconstituição de seqüência de retiradas unipolares em artefato unifacial.....	p. 78
7. Reconstituição de seqüência de retiradas unipolares em artefato bifacial.....	p. 79
8. Reconstituição do ciclo de vida de um artefato bifacial, com eventos relacionados à criação e ao consumo.....	p. 80
9. Artefato bipolar bifacial.....	p. 81
10. Fragmento de machado polido.....	p. 86
11. Instrumento em lasca unipolar com marcas de uso .....	p. 90
12. Instrumento unipolar bifacial com marcas de uso .....	p. 91
13. Instrumentos bipolares bifaciais com marcas de uso .....	p. 92
14. Percutor com marcas de uso .....	p. 95
15. Formas das vasilhas reconstituídas.....	p. 102
16. Formas das vasilhas reconstituídas.....	p. 103
17. Formas das vasilhas reconstituídas.....	p. 104
18. Vasilhas com decoração pinçada .....	p. 105
19. Vasilhas com decoração ponteadas.....	p. 106
20. Vasilhas com decoração unguilada .....	p. 107
21. Vasilhas com decoração simples .....	p. 108
22. Vasilhas com decorações diversas .....	p. 109
23. Vasilhas Tipo 1.....	p. 115
24. Vasilhas Tipo 2.....	p. 117
25. Vasilhas Tipo 3.....	p. 119
26. Vista geral do sítio Morro da Formiga.....	p. 126
27. Vista do sítio Morro da Formiga.....	p. 127
28. Vista a partir do sítio Morro da Formiga para o norte.....	p. 127

29. Imagem do Google Earth com a localização do sítio Morro da Formiga.....	p. 128
30. Imagem do Google Earth com a localização do sítio Morro da Formiga.....	p. 129
31. Localização de possíveis marcas de esteios.....	p. 138
32. Densidade de fragmentos térmicos.....	p. 141
33. Densidade geral dos artefatos líticos.....	p. 143
34. Densidade de produtos de lascamento unipolar.....	p. 145
35. Densidade de lascas unipolares primárias (corticais).....	p. 146
36. Densidade de lascas unipolares secundárias (com córtex).....	p. 146
37. Densidade de lascas unipolares secundárias (sem córtex).....	p. 147
38. Densidade de micro-lascas unipolares.....	p. 148
39. Densidade dos produtos de lascamento bipolar.....	p. 149
40. Densidade de lascas bipolares corticais.....	p. 150
41. Densidade de micro-lascas bipolares.....	p. 150
42. Densidade de instrumentos unipolares inteiros e fragmentados.....	p. 151
43. Densidade de lascas unipolares com marcas de uso.....	p. 151
44. Densidade de instrumentos bipolares.....	p. 152
45. Densidade de instrumentos brutos (arenitos).....	p. 153
46. Densidade de lascas de reativação de gume.....	p. 154
47. Densidade de micro-lascas unipolares.....	p. 154
48. Densidade de peças descartadas.....	p. 155
49. Locais de atividades específicas relacionadas à criação e ao consumo de artefatos líticos.....	p. 156
50. Densidade geral de artefatos cerâmicos.....	p. 158
51. Densidade de fragmentos com decoração pinçada.....	p. 160
52. Densidade de fragmentos com decoração ponteada.....	p. 161
53. Densidade de fragmentos com decoração unglada.....	p. 162
54. Densidade de fragmentos com decoração simples.....	p. 163
55. Densidade de fragmentos com outras decorações.....	p. 164
56. Locais de atividades específicas relacionadas ao consumo de artefatos cerâmicos.....	p. 166
57. Possíveis áreas de atividades gerais no interior do espaço habitado.....	p. 168

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

1. Variabilidade de matérias-primas utilizadas.....	p. 71
2. Quantidade de córtex nos resíduos de lascamento unipolar.....	p. 74
3. Quantidade de córtex nas lascas provenientes de blocos de afloramentos...	p. 75
4. Quantidade de córtex nas lascas provenientes da margem de rios.....	p. 75
5. Tamanho de lascas bipolares.....	p. 82
6. Tamanho de núcleos bipolares.....	p. 82
7. Quantidade de córtex nos resíduos de lascamento bipolar.....	p. 83
8. Tamanho médio dos vestígios lascados unipolares e bipolares.....	p. 85
9. Tipos de Tratamento anterior à Queima (Decoração).....	p. 112
10. Tipos de Queima.....	p. 113
11. Decoração das Vasilhas Tipo 1.....	p. 116
12. Decoração das Vasilhas Tipo 2.....	p. 118
13. Decoração das Vasilhas Tipo 3.....	p. 119

## INTRODUÇÃO

As pessoas são fascinadas por coisas. Os arqueólogos são especialmente fascinados por objetos. Transformam este fascínio em uma profissão.

Certa vez, estava realizando um levantamento arqueológico no meio de um milharal, em baixo de um sol escaldante e sob uma temperatura muito alta, quando, de repente, olhei para o chão e deparei-me com um belo biface. Não era um simples biface, era uma peça magnífica, lascada em um seixo de arenito silicificado e repleta de retoques e marcas de uso. Por alguns instantes, esqueci o calor insuportável que estava sentindo, a sensação da roupa suada grudando no corpo, e fiquei admirando a peça que havia encontrado. Fiquei muito emocionada, um tanto sem palavras, pois era simplesmente fantástico o fato de poder olhar para baixo e descobrir objetos como este na terra. Certamente algumas coisas, esses objetos são uma delas, têm o poder de deixar pessoas como eu completamente fascinadas.

Quando iniciei na arqueologia, entretanto, não me deparei com coisas tão bonitas. As primeiras peças líticas que analisei eram feias, grosseiras. Tratava-se de artefatos líticos associados aos grupos ceramistas do planalto, ou, como alguns preferem, aos portadores da chamada Tradição Taquara. Após algum tempo pesquisando vestígios como estes, comecei a me dar conta de algumas coisas. Descobri inicialmente que, por não incluírem artefatos do tipo ‘fósseis-guia’ (com elementos de destaque como pontas de projéteis e talhadores bifaciais de grande porte), não eram considerados muito importantes no início das pesquisas. Além disso, como eram encontrados em conjunto com artefatos cerâmicos, os últimos acabavam tendo primazia nas análises, uma vez que apresentavam características diagnósticas bem definidas e, por esta razão, acabaram sendo utilizados para a definição de uma tradição.

Por muito tempo a arqueologia brasileira esteve voltada exclusivamente para o estudo de objetos como estes, que eram considerados diagnósticos da presença de determinadas culturas. Isto ocorreu a partir dos anos de 1960 e 1970, quando da realização dos estudos vinculados ao Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (o Pronapa). Como não se tinha praticamente nenhum conhecimento acerca da ocupação remota no território nacional, este projeto foi planejado e colocado em prática, principalmente para possibilitar o suprimento dessa lacuna. As investigações desenvolvidas pelo Pronapa foram efetuadas com

base em pressupostos teóricos e metodológicos específicos, influenciados em grande parte pelo paradigma evolucionista de desenvolvimento cultural. Assim, na tentativa de elaborar um quadro evolutivo das culturas brasileiras foi dada ênfase ao aspecto temporal referente às ocupações. Procedia-se com a utilização de métodos de cronologia relativa para a criação de seqüências culturais seriadas, as quais eram obtidas a partir da classificação dos artefatos em tradições e fases arqueológicas.

Muitos sítios foram descobertos e pesquisados em tal contexto – entre eles o sítio Morro da Formiga. Eurico Miller, um dos participantes desse projeto, realizou escavações intensivas neste local em meados da década de 1960 e deparou-se com vestígios líticos e cerâmicos em grande quantidade.

Pode-se dizer que o lugar em questão possui uma relevância muito grande para a arqueologia brasileira. Isto se deve por esse ter sido um dos primeiros sítios a ser identificado e estudado no Rio Grande do Sul. Além disso, não apresentava indícios de ter sido habitado pelos grupos que se tinha conhecimento até este momento, os vinculados à Tradição Tupi-Guarani. Os artefatos cerâmicos encontrados, por se mostrarem bastante distintos, foram utilizados como parâmetros para a definição de uma nova cultura pré-colonial, baseada na criação de uma nova tradição – a Tradição Taquara. Apesar da importância histórica que este lugar e os objetos descobertos nele adquiriram, as informações resultantes das investigações realizadas por Miller permaneciam, até este instante, inéditas na bibliografia sobre o assunto.

Em razão de estar efetuando, há algum tempo, exames com artefatos líticos relacionados aos grupos ceramistas do planalto, acabei entrando em contato com os materiais coletados no Morro da Formiga. Assim, optei por efetuar um estudo que enfocasse a sua ocupação remota, partindo do objetivo inicial de resgatar a sua coleção arqueológica. De outro modo tais objetos estariam ainda esquecidos no acervo do Marsul (Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul), assim como as informações que foram elaboradas por Miller e que se encontram espalhadas pelos arquivos documentais daquela instituição. Através de inúmeras visitas à Taquara, consegui ao longo de dois anos reunir informações preciosas para serem divulgadas, principalmente no que diz respeito ao trabalho fantástico realizado pelo arqueólogo a pouco referido na análise das vasilhas cerâmicas. A cada ida ao museu descobria novos documentos e desenhos maravilhosos perdidos no fundo de arquivos e de estantes, amarelados pela ação do tempo.

Os mais de quarenta anos decorridos desde a escavação no local acarretaram, infelizmente, muitos prejuízos aos materiais arqueológicos e aos documentos produzidos em campo. Muitas peças não apresentam mais os seus registros de procedência espacial, pois,

como não foram numeradas, muitas das etiquetas que indicavam estas informações se perderam. Apesar destas limitações que teriam de ser enfrentadas, principalmente na realização de uma análise espacial, muitos dados ainda poderiam ser produzidos a partir dos objetos, mostrando que a pesquisa mostrava-se extremamente válida.

Apesar do fascínio que as coisas sempre me causaram, algum tempo de leituras e de amadurecimento teórico me fizeram compreender que não me levaria à lugar algum analisar aos objetos por si só, como se tivessem essência em si mesmo. Os materiais utilizados como fonte de pesquisas somente existem em razão da ação das pessoas no passado, que as produziram, as usaram, as trocaram de diversas formas. Após perceber isto, comecei a tentar alcançar as pessoas que estavam por detrás das coisas – os únicos sujeitos responsáveis pela presença de objetos, como líticos e cerâmicos, nos registros arqueológicos.

Desta maneira, desenvolvi uma pesquisa focada nesta procura por pessoas, por suas vidas, por suas histórias. Com esta preocupação em mente me voltei para as evidências materiais do sítio Morro da Formiga, perseguindo o objetivo principal de analisá-las, de interpretá-las. Para tanto, evidentemente, mostrou-se necessário cumprir outras metas mais específicas. Como já destaquei, pretendia resgatar os dados referentes à coleção arqueológica deste antigo assentamento, trazendo à tona as informações elaboradas por Eurico Miller durante suas investigações. Além disso, procurava analisar os objetos líticos e cerâmicos tendo em vista os seus contextos de criação e de consumo, através de um exame detalhado das peças. Por fim, desejava estudar a organização interna do espaço através da identificação dos prováveis locais de atividades relacionados a tais situações de criação e de consumo, além da existência de outras áreas mais gerais no interior do assentamento.

A contribuição que pretendo trazer para a arqueologia dos grupos do planalto refere-se, portanto, à caracterização da ocupação remota de um assentamento localizado em uma região específica, mais baixa e quente do que as situadas no planalto sul-brasileiro, onde se encontra a maioria dos sítios. Na medida em que pouco se sabe acerca do estabelecimento destas comunidades nesta área da encosta do planalto, o desenvolvimento de um estudo pontual, voltado à habitação em um local como o Morro da Formiga, só tende a enriquecer o conhecimento existente sobre o tema.

Estruturei o texto da dissertação em três partes, segundo as temáticas gerais que escolhi para abordar. No primeiro capítulo, intitulado “a arqueologia e a produção do conhecimento” apresento algumas reflexões mais amplas que efetuei no que tange o processo de produção do conhecimento arqueológico. Partindo do pressuposto de que todo saber sobre o passado é construído, verso sobre questões mais gerais presentes nesta disciplina, tais como

o papel do arqueólogo, a relação existente entre o passado e o presente e a importância da interpretação.

Além disso, de um modo mais específico, avalio o desenrolar de algumas ações interpretativas presentes nas pesquisas, como os processos de elaboração dos dados e dos discursos arqueológicos. A respeito da construção dos dados, analiso e procuro compreender como foram geradas informações referentes ao sítio Morro da Formiga, as quais foram elaboradas no contexto de desenvolvimento das pesquisas na arqueologia nas décadas de 1960 e 1970. Com relação à construção dos discursos, avalio alguns dos principais trabalhos realizados acerca do tema de pesquisa que estou abordando. Este diz respeito a aspectos da ocupação pré-colonial de parte do território do Rio Grande do Sul pelos grupos ceramistas que se estabeleceram nas regiões do planalto, da encosta e do litoral, e que são conhecidos na literatura arqueológica como os portadores do material identificado como Tradição Taquara.

No segundo capítulo, sobre “as pessoas e as coisas”, verso sobre as relações existentes entre os indivíduos e os objetos, considerando que ocorrem complexos envoltimentos neste sentido. Reflito a respeito de algumas características presentes nestes relacionamentos, como por exemplo o caráter ativo tanto das pessoas quanto das coisas, sendo que as últimas são consideradas como igualmente constitutivas de toda ordem social. Além disso considero a presença de múltiplos significados, que podem ir do terreno mais material ao mais abstrato, e também a inserção destas ligações em contextos. Em seguida, num âmbito mais prático, examino os contextos em que os objetos líticos e cerâmicos foram criados e consumidos, a partir de análises detalhadas das peças que realizei com a aplicação de metodologias de trabalho específicas. Neste momento, faço uso de alguns dados sobre os artefatos cerâmicos elaborados pelos pesquisadores Eurico Miller e João Saldanha, que, por apresentarem informações muito relevantes, não podia deixar de fora deste trabalho.

No último capítulo, o qual denominei “as pessoas, as coisas e um lugar”, trato dos aspectos que ligam as pessoas e as coisas a um lugar em particular – ao Morro da Formiga. Buscando entender as maneiras pelas quais os espaços são ocupados pelas pessoas, trago alguns conceitos utilizados por alguns autores na arqueologia para abordar este assunto. Com a utilização do termo lugar para referir-me ao Morro da Formiga, caracterizo alguns aspectos do meio-ambiente da região na qual este faz parte e, principalmente, apresento a análise intra-sítio que desenvolvi com o estudo das informações espaciais das evidências. Re-insiro as coisas no lugar e avalio a organização interna deste espaço tendo em vista a possível existência de áreas de atividades específicas associadas à criação e ao consumo de artefatos líticos e cerâmicos.

Encerro a escrita deste texto com algumas considerações referentes aos resultados obtidos a partir das interpretações elaboradas.

# I

## A ARQUEOLOGIA E A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Todo e qualquer conhecimento acerca do passado humano remoto é produzido pela arqueologia. É resultado de um processo ativo desempenhado por um sujeito no presente, que através do seu empenho em compreender como viviam os grupos humanos em tempos antigos, constitui uma forma de saber. Este conhecimento, desta maneira, não é dado ou refletido pelos objetos, mas é elaborado a partir do seu resgate e do seu estudo por pesquisadores situados em uma dada sociedade.

Ao compreender a arqueologia enquanto uma prática interpretativa, que constrói socialmente e de forma ativa o passado no presente (e não meramente como um reflexo passivo das coisas que ocorreram em tempo remoto), esta disciplina deixa de tratar apenas de eventos ou de cultura material. Passa a ser compreendida enquanto um evento e uma produção material, pois elabora todo o conhecimento sobre o modo de vida das sociedades antigas. Esta forma de concebê-la está diretamente relacionada com o ponto de vista defendido pelas abordagens pós-processuais, que passaram a ocupar um lugar nesta disciplina a partir dos anos 1980<sup>22</sup> (Hodder, 1986, 1992; Shanks e Hodder, 1995; Shanks e Tilley, 1987; Tilley, 1990, 1998, s./d).

Segundo tal enfoque, presente e passado não são concebidos de uma forma oposta - como uma dicotomia - pois um se constitui em relação ao outro num processo ativo e dialético. O passado não é visto como completado, acabado, pois ainda estaria vivo de alguma forma no presente através da presença física dos vestígios materiais (Hodder, 1992; Shanks e Tilley, 1987; Tilley, s./d). Assim sendo, os arqueólogos devem mediar passado e presente, não estabelecendo uma relação apenas com o primeiro nem muito menos se fechando no último, pois o trabalho arqueológico une estes dois tempos.

---

<sup>22</sup> Ao avaliar o termo 'pós-processual', Shanks e Hodder (1995) colocam que ele não diz nada sobre tais abordagens, a não ser uma posição em relação à arqueologia processual. Da mesma forma, não se refere a uma escola teórica ou a um enfoque específico para o estudo da cultura material, pois abarca uma gama ampla de vertentes e perspectivas de estudo. Hodder (1986) cita algumas, tais como arqueologia feminista, indigenista, de minorias étnicas, estruturalista, pós-estruturalista, marxista, neo-marxista (teoria crítica), cognitiva, contextual, interpretativa, dentre outras. Este movimento iniciou-se entre o final da década de 1970 e o início da de 1980 na Inglaterra, especialmente com os trabalhos de Hodder, tais como *The Present Past, Symbols in Action e Symbolic and Structural Archaeology*, publicados em 1982.

Buscando compreender como este conhecimento é gerado pelos investigadores a partir do estudo da cultura material, procuro analisar como este processo ocorre através das atividades que resultam na constituição de dados e na elaboração de discursos com a escrita dos textos, as quais se encontram relacionadas em toda e qualquer pesquisa. Acredito, portanto, que o arqueólogo é responsável por formar ativamente o saber a partir de suas observações contemporâneas sobre os objetos materiais elaborados no passado. De forma concomitante em todo o desenrolar deste trabalho, tal profissional sempre interpreta o que está encontrando, o que está vendo, o que está analisando, pois procura atribuir-lhe possíveis sentidos. É neste âmbito que concordo com Shanks e Tilley (1987) ao argumentarem em defesa da arqueologia como uma prática social interpretativa e como uma escrita do passado no presente.

Disponho o capítulo introdutório em três partes. Inicialmente levanto algumas observações sobre o papel da interpretação, de um modo geral, e acerca da relação existente entre passado e presente nesta disciplina e algumas de suas implicações. Em seguida, examino o processo de formação dos dados com o trabalho de campo e com o estudo dos objetos resgatados. Em relação ao desenvolvimento da arqueologia no Brasil, traço algumas considerações sobre as formas pelas quais foram gerados os dados arqueológicos com as primeiras investigações desde a década de 1960, com o intuito de inserir neste contexto a fonte de pesquisa que selecionei para a realização deste trabalho: a cultura material do sítio Morro da Formiga. Por fim, procuro avaliar as formações discursivas produzidas a partir daquela época, e que possuem relação com o meu tema de trabalho. Assim busco posicionar-me em relação a alguns trabalhos de modo a apontar alguns questionamentos e explicitar os objetivos que pretendo alcançar com esta pesquisa, repercutindo na elaboração do meu próprio discurso sobre o passado.

## **I.1 A ARQUEOLOGIA COMO UMA PRÁTICA INTERPRETATIVA SOBRE O PASSADO NO PRESENTE**

A partir do início da década de 1980, começaram a surgir na arqueologia linhas teóricas alternativas às da vertente Processual<sup>23</sup> (também denominada Nova Arqueologia), as

---

<sup>23</sup> O Processualismo (ou Nova Arqueologia) surgiu nos anos 1960, especialmente nos Estados Unidos, com o objetivo central de combater as abordagens tradicionais histórico-culturalistas amplamente desenvolvidas na arqueologia até este período. Algumas de suas características fundamentais foram a valorização da explicação

quais passaram a ser conhecidas pelo rótulo geral de Arqueologias Pós-Processuais. Dentro de uma gama ampla de novas perspectivas para o estudo da cultura material surgidas neste período, desenvolveu-se uma abordagem particular denominada de Arqueologias Interpretativas. Este termo diz respeito aos estudos que trabalham com a interpretação a partir de procedimentos hermenêuticos a fim de alcançar os significados contidos na cultura material (Hodder, 1992; Shanks e Hodder, 1995; Shanks e Tilley, 1987).

Entender a arqueologia enquanto um trabalho interpretativo requer que se considere esta ação intelectual como uma atividade tão, ou mais, importante quanto qualquer outra no trabalho do arqueólogo. Ao mesmo tempo, como uma ação que toma lugar em todos os momentos da pesquisa, desde a prospecção e a escavação dos sítios até a escrita dos textos. Baseado em Foucault<sup>24</sup>, Tilley (1990) coloca que não há descrição pura, livre de interpretação, uma vez que descrever, pensar, estudar, escrever é interpretar. Desta forma, mesmo que ocorra de forma não consciente pelo investigador, todo trabalho arqueológico sempre será interpretativo em essência, porque representa o esforço de algum pesquisador em saber o que um dado objeto significa ao colocá-lo diante de seu ponto de vista particular.

O autor deste processo, no caso o arqueólogo, é um sujeito ativo e situado em seu tempo, podendo ser visto como um tradutor, um interlocutor, que almeja uma aproximação interpretativa para compreender o passado de outros. Por conseguinte, esta prática não pode ser, nem nunca será, um relato final e definitivo sobre o passado, mas antes um processo em andamento e sempre aberto a novas leituras. Logo, pode-se esperar uma pluralidade de discursos interpretativos adequados para diferentes propostas, necessidades e desejos (Hodder, 1992; Shanks e Hodder, 1995).

Conforme coloquei anteriormente, presente e passado estão correlacionados, atuando dialeticamente nas práticas da arqueologia. Não quero dizer com isto, entretanto, que estejam tão entrelaçados a ponto de se fundirem e se tornarem um só, de modo que há diferenças entre estes dois contextos que devem ser consideradas. O tempo presente refere-se ao momento em que os vestígios materiais são estudados pelo arqueólogo. A partir do entendimento da arqueologia como uma prática, uma intervenção ativa que dialoga entre dois

---

do passado sobre a descrição, a aplicação de metodologias explícitas moldadas nas ciências duras que garantiriam uma objetividade pretendida, um interesse em leis gerais do comportamento humano e nos processos de formação do registro arqueológico, entre outras (Shanks & Hodder, 1995).

<sup>24</sup> Tilley (1990) buscou em Foucault novos caminhos, novas perspectivas para conceitualizar passado e presente. Tilley, procurando desenvolver uma 'arqueologia da arqueologia' baseou-se neste autor principalmente para tratar da questão do discurso na arqueologia. Identificou nesta disciplina, assim como em outras, a formação de discursos através da escrita sobre os objetos materiais, levando em conta que os conhecimentos estão localizados em 'formações discursivas' e a importância de inserir um discurso em um determinado contexto para concebê-lo.

períodos de tempo distintos, a idéia do tempo remoto fechado passou a ser questionada, especialmente com a utilização do termo ‘Passado Presente’ (*The Present Past*) por Hodder em 1982. Logo, pensar na relação entre estas duas épocas tornou-se fundamental para conceber de outra forma esta disciplina e para dar prosseguimento às pesquisas (Hodder, 1982). Tal forma de compreender as coisas confronta-se com a noção de passado perfeito, acabado que defendiam muitos arqueólogos nas décadas de 1960 e 1970 relacionados às vertentes processuais. E por esse motivo, como este deixou de ser visto por alguns desta forma, tornou-se coerente afirmar que os objetos materiais não pertencem apenas a este período. Eles sobrevivem ao tempo, sofrendo re-significações por diferentes pessoas (Thomas, 1996, 2003; Shanks e Tilley, 1987).

Sendo a arqueologia uma prática situada no presente, é necessário sempre percebê-la dentro de uma dada sociedade, pois os contextos histórico, social e político contemporâneos em que o pesquisador encontra-se influencia no produto final do seu trabalho (Shanks e Tilley, 1987; Tilley 1990, 1998). De acordo com Shanks e Tilley<sup>25</sup>: “A idéia de um conhecimento como produção nos conduz a entender que esta produção sempre toma lugar em um tempo e em um lugar particular e num campo de relações de poder e política” (SHANKS E TILLEY, 1987:114)<sup>26</sup>.

Neste sentido, compartilho a noção de que tais produções sempre dizem respeito a quem as produziu, essencialmente porque o sujeito está invariavelmente imerso no contexto de uma determinada sociedade, da qual as elaborações dos dados e dos discursos não podem ser de forma alguma desvinculadas.

Entretanto, ao mesmo tempo em que concordo com a idéia de que o passado é construído socialmente no presente, ressalto que tal processo somente é possível de ser realizado com base nos objetos materiais, os quais têm uma materialidade empírica que deve ser levada em consideração. Neste sentido, pelo fato de que os arqueólogos realizam suas pesquisas através da cultura material, acredito que não há um idealismo no sentido de que o passado é inventado. Como afirmam alguns autores, este de alguma forma pode resistir às construções modernas, restringindo o que se pode dizer sobre ele e permitindo a determinadas teorias se ajustarem melhor ou não (Hodder, 1992; Shanks e Tilley, 1987; Tilley, s./d). Logo, torna-se perigoso para o arqueólogo defendê-lo somente como tendo sido construído no seu tempo, pois acaba correndo o risco de fechar-se na perspectiva do presente,

---

<sup>25</sup> Todos os trechos citados de obras em língua inglesa foram traduzidos por mim, estando sob minha responsabilidade.

<sup>26</sup> Em inglês: “(...) *the idea of knowledge as production leads us to understand that this production always takes place at a particular time and place in a field of power relations and politics*”.

negando assim, a existência de tudo que aconteceu remotamente e que é comprovado pela presença das evidências materiais.

Certamente é difícil para uma ciência humana, como a arqueologia, afirmar com certeza tudo o que aconteceu no passado. Esta é uma questão que deve incomodar a maioria dos que trabalham nesta área, os quais certamente já se perguntaram se os resultados de seu trabalho condizem com a realidade passada, se conseguiram alcançar os significados contidos nos objetos ou se podem afirmar alguma coisa com grau elevado de certeza sobre os eventos passados. Após refletir bastante sobre esta questão, percebi que este debate gira em torno de dar ou não dar certezas, e é exatamente neste ponto que me parece oportuno que a questão deva ser discutida.

Uma vez que se conceba esta disciplina como uma ciência social produzida por pessoas no presente, que de forma ativa constroem o conhecimento sobre o passado, tais dúvidas parecem ficar mais claras. As certezas que podem ser dadas, a meu ver, são de que pessoas viveram no passado remoto e elaboraram coisas - objetos reais em determinados locais - os quais foram trocados, usados, descartados. Cabe aos estudiosos partir dessas e de outras informações para realizar suas pesquisas e elaborar suas interpretações na tentativa de atribuir significados. Uma perspectiva contextual pode auxiliar nesta tarefa, pelo fato de que, ao estabelecer relações entre os vestígios materiais, o investigador pode aproximar-se das significações contidas nos objetos. Tilley (s./d) propõe que para manter uma posição materialista e defender o passado como uma construção, algo socialmente produzido e feito aqui e agora, no presente, este assunto deve ser abordado a partir de três materialidades que estão intrinsecamente entrelaçadas: a materialidade do passado (a realidade física dos objetos materiais), a materialidade do presente (a partir de onde é produzido o conhecimento sobre o passado pelo arqueólogo) e a materialidade do processo de produzir discursos (a escrita de textos sobre o passado no presente).

Ao considerar estas três instâncias da materialidade, o arqueólogo respeita a existência material dos objetos e a sua relação com o tempo remoto e também situa a sua produção enquanto historicamente e socialmente situada no período em que se encontra. Ainda, ressalta a importância de compreender os textos arqueológicos enquanto formações discursivas, elaboradas pelo investigador no seu contexto atual. Tal forma de ver as coisas permite que a arqueologia seja reconhecida em toda sua complexidade, pois os relatos realizados sob esta abordagem são “construções que não são menos reais, sinceras ou autênticas por serem construídas”, pois são frutos de uma ciência social, nas palavras de Hodder (1992).

Em vista de tudo que coloquei até aqui, destaco mais uma vez, que oriento o meu estudo em função do entendimento da arqueologia como uma prática interpretativa que une tempos distintos e é resultado da atuação do pesquisador, que de forma ativa constrói o saber arqueológico. Desta forma, passo avaliar como este conhecimento é constituído na prática por tal sujeito a partir da elaboração dos dados e da construção dos discursos sobre o passado, que diz respeito a um tempo que não é o seu, mas que é examinado a partir do seu olhar no presente.

## I.2 A PRODUÇÃO DOS DADOS ARQUEOLÓGICOS

Primeiramente, gostaria de salientar o modo pelo qual percebo a natureza dos dados arqueológicos. Entendo que estes não são ‘dados’ no sentido literal do termo, não estão prontos à espera de observadores passivos que apenas os coletam no registro arqueológico. Tratam-se sim de construções contemporâneas fruto da prática interpretativa dos estudiosos ao escavar os sítios e ao examinar os restos materiais obtidos a partir de determinados métodos de análise, sejam objetos, estruturas ou quaisquer outros tipos de vestígios.

Segundo Tomaskova (2003), os pesquisadores esquecem-se frequentemente da essência dos dados como representação dos fatos e de que os métodos da arqueologia produzem tais informações. Isto ocorre, em grande parte porque nesta disciplina procura-se por um “chão mais firme” com prova e metodologia científica para calcar as afirmações sobre o passado. Esta autora também chama a atenção para a existência de um diálogo constante entre a produção dos dados e a interpretação, que está presente desde o início, pois tais formas de leitura da realidade passada são geradas a partir do esforço interpretativo destes estudiosos.

Assim como os objetos materiais têm uma existência real, que não pode ser ignorada na pesquisa arqueológica, os dados produzidos a partir destes vestígios também possuem um caráter empírico<sup>27</sup>, um aspecto material que não pode ser negado. Eles são, sem dúvida, constituídos em grande parte de acordo com a maneira como são vistos por uma lente

---

<sup>27</sup> Este tipo de visão considera o empírico de grande importância, considerando-o em toda sua completude e associações contextuais. Entretanto não pretende dar primazia total aos dados de modo a tornar-se empiricista, esquecendo-se dos demais aspectos que envolvem a prática arqueológica, como a interpretação, por exemplo (Tilley, 1998).

moderna, mas igualmente de acordo com a existência da própria evidência, ou seja, com relação às características materiais dos objetos (Tomaskova, 2003).

Os dados constituídos nos trabalhos arqueológicos caracterizam-se também por ter uma relação próxima com o campo teórico. Vários autores já chamaram a atenção para a necessidade de desfazer a separação entre a teoria e a prática, em razão de estarem extremamente imbricadas na arqueologia (Hodder, 1992; Shanks e Tilley, 1987; Tilley, 1998; Thomas, 1996). Segundo esta idéia, dados e teorias estão fortemente ligados pois cada um destes elementos intervém e auxilia a constituir o outro. Os primeiros podem ser vistos como formas de apropriação teórica do real, enquanto que os últimos trabalham com estes dados através de conceitualização (Shanks e Tilley, 1987). Com isto, há a pretensão por parte de alguns pesquisadores em dismantelar o argumento de que uma investigação pode ter uma base teórica desvinculada da pesquisa prática.

Durante o desenvolvimento das abordagens relacionadas ao processualismo na disciplina arqueológica, havia a preocupação de separar a teoria dos dados. Além disso, era dada preferência aos aspectos práticos que envolvem as pesquisas, tais como a escavação dos sítios. Segundo Hodder (1992), o apego aos dados e aos métodos neste período deve-se à dificuldade por parte dos pesquisadores de dar sentido a dados fragmentados de sociedades há muito tempo desaparecidas.

Destaco esta questão, pois entendo que não há como separar teoria e prática na arqueologia. Mesmo concebendo-os de maneira distanciada, eles de alguma maneira se mostram interligados. Uma teoria arqueológica não tem sentido algum se não estiver ligada à prática. Da mesma forma, os dados são sempre elaborados de acordo com alguma noção teórica. Assim, seria praticamente impossível elaborar uma investigação apenas sobre as informações constituídas sobre artefatos materiais, sem serem abarcadas as teorizações sobre estas. Segundo Hodder,

... nossas práticas sempre necessariamente empregam generalidades para fazer sentido ao que encontramos e fazemos. O que medimos e como medimos são questões teóricas. A afirmação de que os artefatos são os resultados de ação humana é teoria. Os conceitos de um sítio, de um pote, de um machado são teóricos e dependem do desenvolvimento histórico do conhecimento disciplinar [...] A arqueologia, talvez mais do que qualquer outra disciplina, é forçada a usar teoria para construir afirmações na base de evidências altamente fragmentadas e parciais. (HODDER, 1992:5)<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> Em inglês: “(...) *our practices always necessarily employ generalities in order to make sense of what we find and do. What we measure and how we measure it are theoretical. The assumption that artifacts are the result of human action is theory. The concepts of a site, a pot, an axe are theoretical and dependent on the historical*

Logo, mesmo que não concordem com o fato da teoria estar presente basicamente em todos os momentos da prática arqueológica, os arqueólogos freqüentemente fazem uso delas ao procurar dar sentido às coisas do passado. Uma das minhas maiores preocupações ao desenvolver este trabalho era procurar mostrar que tais esferas não podem ser compreendidas separadamente. Não quero afirmar com isto, porém, que as entendo como se fossem um só e não pudessem ser diferenciados. Apenas ressalto o diálogo constante que deve haver entre teoria e dados em toda e qualquer pesquisa arqueológica.

Neste momento da pesquisa arqueológica em que os dados são gerados, como nos outros, deve ser levado em conta a influência dos contextos histórico, social e político específicos, nos quais estão inseridos os pesquisadores e as suas escolhas por determinados métodos de trabalho. De acordo com Tomaskova:

Os contextos históricos da prática científica são revelados no movimento interpretativo do fato pré-histórico para os dados atuais, quando fatos são transformados em representações, e tornam-se dados arqueológicos. A prática embutida nos dados inclui o contexto histórico do trabalho, além de métodos específicos aplicados à reunião dos fatos descobertos. Ambos a armação das questões de pesquisa escolhidas e os métodos aplicados são parte de um contexto cultural local mais amplo, que muda com o passar do tempo (...). (TOMASKOVA, 2003:501)<sup>29</sup>

Na medida em que assinalai de uma forma geral o processo de formação dos dados, que está sempre inserido em um dado contexto, torna-se importante apreender como este trabalho se dá na prática, com a recuperação e estudo de objetos, vestígios materiais resgatados. Assim, desejo avaliar como estas práticas interpretativas, teórico-metodologicamente embasadas, desenvolvem-se na produção do conhecimento e também como se efetuaram num momento específico da história da arqueologia brasileira, no qual está contextualizada a produção das informações acerca do sítio arqueológico Morro da Formiga.

## **I.2.1 O TRABALHO DE CAMPO E A ANÁLISE DOS ARTEFATOS RECUPERADOS**

---

*development of disciplinary knowledge (...) Archaeology, perhaps more than other discipline, is forced to use theory to construct statements on the basis of highly fragmented and partial evidence”.*

<sup>29</sup> Em inglês: “*The historical contexts of scientific practice are revealed in the interpretative move from prehistoric fact to present-day data, when facts are transformed into representations, and become archaeological data (...) the practice embedded in data includes the historical context of the work, in addition to specific methods applied to the assemblage of discovered facts. Both the frame of chosen research questions and the methods applied are part of a larger local cultural context, one that changes over time (...)*”

A meu ver, práticas como o trabalho de campo e a análise dos artefatos mostram-se em grande parte relacionadas no desenvolvimento das pesquisas arqueológicas. Assim, não precisam necessariamente seguir uma ordem durante as investigações podendo ser realizadas de uma forma dialética, em que o desenvolvimento de uma auxilia a desempenhar a outra. O estudo dos artefatos pode ocorrer de modo concomitante à escavação, e o surgimento de informações referentes aos objetos tornaria possível repensar as estratégias adotadas na intervenção de determinado sítio.

A respeito da pesquisa de campo, vários estudos nos últimos anos passaram a destacá-la como um trabalho de construção de dados, rejeitando-a como mera descrição e coleta objetiva de informações (Tomaskova, 2003; Shanks e Hodder, 1995, Hodder, 1999; Berggren e Hodder, 2003; Thomas, 2004). Entretanto, tradicionalmente nesta disciplina houve uma tendência de considerar-se o trabalho de campo arqueológico enquanto um registro objetivo de dados, como uma simples observação de informações na qual o sujeito – o arqueólogo que trabalha em campo – é visto como um fornecedor e não como um produtor dos dados (Hodder, 1999; Berggren e Hodder, 2003). Este tipo de abordagem está em grande parte vinculado à tradição empiricista e positivista<sup>30</sup> da arqueologia, de um modo geral desenvolvida respectivamente pelas vertentes Histórico-Cultural e Processualista em determinados países.

Segundo Shanks e Tilley (1987) um passado observado é um passado problemático, no sentido de que concebe a arqueologia como uma observação de objetos separados do observador. No entanto, como já enfatizei, parece-me claro que as fontes materiais arqueológicas são constituídas na prática, uma vez que os sítios são escavados.

A partir da proposta de Hodder (1999) de ‘escavar de forma contraditória’, de um modo alternativo aos paradigmas amplamente difundidos na arqueologia, sigo minha abordagem por esta linha de pensamento, concordando com o fato de que a interpretação ocorre em toda a prática de campo, pois descrever e medir são atos interpretativos. O próprio registro arqueológico já seria uma leitura, em razão de que diz respeito ao que o pesquisador vê em vez do que simplesmente há (BARKER, 1989: 146 apud HODDER, 1999: 692). Da mesma forma, os métodos selecionados para a escavação dependem do entendimento a priori do sítio, da mesma forma que do conhecimento prévio do arqueólogo ou dos arqueólogos responsáveis. Logo, ambos os métodos de escavação e de registros de dados dependem da forma como as coisas são vistas pelos profissionais.

---

<sup>30</sup> Explico no próximo subitem deste subcapítulo as influências das tradições empiricista e positivista no desenvolvimento das pesquisas arqueológicas no Brasil.

Esta atividade intelectual desenrola-se durante toda a escavação. Por conseguinte, está imbricada com todas as ações práticas que tem lugar no trabalho de campo, tais como a descrição, a observação, o registro dos dados. Acredito, portanto, que como arqueólogos, devemos tentar acabar com as barreiras que opõem interpretação e prática. Ao fazermos isto acabaremos aceitando o papel central da interpretação no real processo de construção dos dados.

O investigador deve ser capaz de afirmar 'isto é a minha forma de compreender as coisas' e não se esconder atrás da descrição objetiva de artefatos. Como a escavação é uma atividade produtiva de dados mas também destrutiva, ela mostra-se como o melhor momento para serem exploradas visões alternativas sobre os dados. Cabe então fazer com que este trabalho seja produtivo e esteja aberto a outras formas de dar sentido ao passado.

Segundo Thomas (2004), as raízes desta separação entre interpretação e prática encontram-se no surgimento do período moderno. Entretanto, este autor argumenta que tais ações não podem ser distintas na escavação e que tal maneira dicotomizada de conceber as coisas não se sustenta mais na arqueologia. Isto não significa apenas afirmar que a descrição da evidência envolve um elemento subjetivo, pois há que ser levado em conta o cenário de pré-entendimento particular no qual a evidência revela-se, que já é interpretativo. Cada pessoa que participa do trabalho já traz certo conhecimento para conduzir sua experiência no sítio. Por conseguinte, a escavação de um sítio arqueológico deve tornar-se um momento de conversação, negociação, contestação e diálogo entre os participantes, que passariam a produzir dados sobre o passado de forma ativa e participativa. Além disso, as contribuições dadas por cada um dos participantes do trabalho de campo estão vinculadas a um contexto mais amplo, onde suas experiências em estudos anteriores influenciam no desenvolvimento da pesquisa e por conseguinte no seu resultado final (Thomas, 2004).

Com o resgate da cultura material encontrada sob determinada orientação metodológica, o pesquisador investiga estes objetos com o intuito de obter um conjunto de dados. Chamo a atenção mais uma vez para o fato de que esta tarefa, assim como o trabalho de campo, irá resultar em formas de representação dos fatos passados e não nos fatos em si, que não são observados diretamente de forma objetiva e passiva.

Para Tomaskova, os vestígios pré-históricos recuperados

...podem somente se tornar dados através da representação por meio de algumas convenções relativamente pertinentes na documentação. Os métodos produzem um produto específico, tangível e muito real - um banco de dados que pode ser

controlado, examinado e comparado por outros investigadores. (TOMASKOVA, 2003:496)

Certamente a classificação é o método mais conhecido e aplicado na arqueologia para o estudo dos artefatos, o qual se baseia em determinadas convenções para guiar a análise. Há várias formas de classificar os objetos, mas todas elas baseiam-se em convenções, atributos escolhidos de acordo com a aplicação de uma metodologia específica, a qual está sempre situada num contexto também particular. Assim, conforme Tomaskova (2003:50), tais convenções “não são regras infinitas, mas acordos bastantes locais baseados numa lógica particular”.

Uma leve variação nos aspectos valorizados, até mesmo num nível básico de tamanho, é capaz de produzir padrões bastante diferentes de dados. Um exemplo disto pode ser encontrado na classificação tipológica de artefatos líticos, que dá primazia aos instrumentos na representação dos fatos pré-históricos. Outros vestígios abarcados em outras formas de estudo representariam uma gama mais ampla de ocorrência de transformações naturais e culturais num sítio, e assim constituiria um banco de dados mais inclusivo para a reconstituição de toda a história da ocupação humana no lugar estudado (Tomaskova, 2003).

Apesar de ter consciência do caráter essencialmente representativo dos dados arqueológicos, esta mesma autora deixa claro que “as semelhanças ou diferenças entre os materiais dependem destas convenções tanto quanto dependem das diferenças pré-históricas efetivas” – ou seja, dos aspectos empíricos que envolvem a sua materialidade física que são reais, observáveis nos artefatos (TOMASKOVA, 2003:501).

No momento seguinte, procuro entender como a formação dos dados - efetivada através de trabalhos de campo e de laboratório - ocorreu na arqueologia brasileira a partir das primeiras investigações sistemáticas, há algumas décadas, com uma caracterização das principais pesquisas tendo em vista as orientações teórico-metodológicas que as embasaram. Ao fazer isto, situo a minha fonte de estudo selecionada e as informações existentes com relação a ela no contexto em que estavam sendo desenvolvidos os trabalhos arqueológicos neste país.

## **I.2.2. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS NA ARQUEOLOGIA BRASILEIRA**

A partir dos anos 1960, tardiamente tiveram início na arqueologia brasileira a profissionalização e a inserção desta disciplina nas instituições universitárias. Principalmente depois de 1961, quando foi aprovada uma lei federal de proteção aos sítios arqueológicos do país. A primeira geração de arqueólogos profissionais foi orientada por pesquisadores estrangeiros, que já estavam realizando investigações empíricas no Brasil havia alguns anos, e que trouxeram teorias européias e norte-americanas para aplicar no estudo da ocupação antiga do território brasileiro (Prous, 2000).

O principal esforço no sentido de desenvolver a arqueologia neste país foi dado pela realização de um programa de pesquisas dirigido pelos arqueólogos norte-americanos Betty Meggers e Clifford Evans – o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa). Este se tratava de um projeto elaborado em colaboração da Smithsonian Institution (representada por estes pesquisadores), com o Conselho Nacional de Pesquisas (o CNPq) e com o Patrimônio Histórico Artístico e Nacional (na época SPHAN). Foi realizado entre os anos de 1965 e 1970 e tinha como principal meta “estabelecer um esquema cronológico do desenvolvimento cultural no Brasil, desde os primeiros indícios de ocupação humana até o desaparecimento dos complexos culturais indígenas, após o contato com o europeu”, com ênfase nos aspectos cronológicos desta ocupação (MEGGERS & EVANS, 1968:2 apud DIAS, 1995:30).

O resultado do desenvolvimento deste projeto para a arqueologia brasileira foi revelar um quadro complexo para a ocupação pré-colonial do país, cuja amplitude espaço-temporal era desconhecida até este momento (DIAS, 1995:25). Anteriormente à realização destas pesquisas não se sabia praticamente nada a respeito das culturas pré-coloniais brasileiras, de sua dispersão no tempo e no espaço. Tal fato por si só já demonstra a grande importância que este programa teve para a arqueologia no Brasil.

Evans, para alcançar o objetivo a que se propôs, mostrava-se animado com a possibilidade de estabelecer um aporte teórico e metodológico padronizado para as pesquisas em todo o país:

O interesse e entusiasmo por nós encontrados, e a probabilidade de um grupo de arqueólogos brasileiros treinados num único sistema de teoria arqueológica, análise e interpretação de dados, especialmente de culturas ceramistas, sugeriram a possibilidade de projetarmos um programa coordenado de pesquisas para todo o Brasil (...) O método de trabalho de cada participante obedece a um sistema padronizado de trabalho de campo, coleta de informações, análise e classificação, a fim de permitir posteriormente a comparação de uma região com outra” (EVANS, 1967: 8 - 9)

Assim, os arqueólogos estrangeiros que orientaram este programa tinham uma grande preocupação em padronizar as informações que iriam ser obtidas com as investigações. Isto seria feito com a adoção e o desenvolvimento de uma metodologia unificada para campo e laboratório, desde a coleta de informações, análise e classificação dos dados até o formato de apresentação dos resultados - todas as atividades a serem efetuadas de modo uniformizado.

A respeito da realização das atividades de campo, foi elaborado o *Guia para a prospecção arqueológica no Brasil*, por Meggers e Evans em 1965, no qual estava explícita a filosofia de trabalho a ser seguida. O principal objetivo destas atividades era de identificar o maior número possível de sítios nas áreas selecionadas para os levantamentos, onde os maiores rios e seus tributários encontravam-se. O intuito era de realizar um panorama geral acerca das culturas remotas do território. Segundo Evans, a escolha pelas áreas a serem investigadas se deu em grande parte pela presença de sítios já trabalhados anteriormente ou ainda não pesquisados, mas também recaíam em regiões totalmente desconhecidas pelo arqueólogo responsável pelo seu estudo (EVANS, 1967).

O método de trabalho aplicado nesta etapa das pesquisas referia-se a coletas sistemáticas de superfície de todos os sítios encontrados nas prospecções ao invés de escavações intensivas. Esta ênfase nas coleções de superfície, além de estar relacionada com o fato de que não se dispunha de muito tempo para a realização do programa, fora adotada em razão das experiências anteriores de alguns pesquisadores que tinham demonstrado que vários sítios cerâmicos e alguns pré-cerâmicos no Brasil não possuíam suficiente espessura de refugo para escavações estratigráficas. Quando um sítio apresentava ‘apreciável espessura de refugo’, procedia-se com a abertura de um ou dois cortes estratigráficos. A vantagem deste tipo de metodologia de campo era a de identificar uma grande quantidade de sítios no tempo previsto. Os dados fornecidos - acreditava-se - dariam uma melhor idéia da área do que aquela proporcionada pelo estudo em um ou poucos sítios. A escavação sistemática dos sítios ficava reservada para o futuro, após a análise de todos os materiais encontrados (Meggers e Evans, 1965; Evans, 1967).

Com relação aos vestígios materiais resgatados a partir das coletas superficiais e dos cortes estratigráficos, tais pesquisadores procuraram, de forma semelhante, padronizar a metodologia para as suas análises e classificações, que acabou gerando tipos de dados particulares sobre os objetos. Para o estudo da cerâmica, os pesquisadores utilizavam em grande parte os manuais *Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica*, de Chmyz (1966) e *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica*, de Meggers e Evans (1970). Tais

manuais apresentavam técnicas de seriação cultural de como construir cronologias relativas para os artefatos cerâmicos obtidos em coletas superficiais sem dados temporais.

Quanto aos artefatos líticos, partiram da idéia pré-concebida de que dificilmente seriam encontrados vestígios pré-cerâmicos e, assim, todo o programa foi orientado para a identificação de culturas horticultoras, produtoras de vasilhas cerâmicas. O estudo destes objetos, por conseguinte, não foi realizado de acordo com uma orientação específica que levasse em conta suas peculiaridades, sendo analisados também de acordo com método de seriação utilizado para a cerâmica. Para Meggers e Evans não existiam restrições ao uso deste método para os complexos culturais não-horticultores, apesar de deixarem claro que a cerâmica era o objeto ideal de uma seriação para definir uma fase (Dias, 1994). É importante ressaltar, portanto, que os artefatos líticos foram, em grande parte, deixados de lado nas investigações, principalmente no que se refere aos contextos de culturas horticultoras, pois o foco estava no exame dos fragmentos cerâmicos e na constituição das seriações culturais.

Assim sendo, com as seriações estabelecidas a partir, principalmente, dos artefatos cerâmicos, eram reunidas as seqüências culturais semelhantes para uma mesma região em fases, que, por sua vez, formariam as tradições. Conforme Dias, os conceitos de fase e tradição<sup>31</sup> marcariam os ritmos da distribuição espaço-temporal das culturas humanas pré-históricas (DIAS, 1995:31), pois os dados arqueológicos obtidos nas pesquisas de campo sempre eram organizados em função destes dois conceitos.

Por detrás da formulação destes conceitos estava presente uma forte influência do enfoque evolucionista, mais especificamente da vertente cultural defendida pelo antropólogo Leslie White na década de 1950 nos Estados Unidos. Tal embasamento teórico foi responsável pela orientação adotada no desenvolvimento das pesquisas no território brasileiro e na América do Sul em geral, onde atuaram os arqueólogos estrangeiros já citados. White explicava a mudança na cultura através do entendimento do evolucionismo como um processo progressivo e uni linear<sup>32</sup>, no qual os homens capturam e usam energia. Defendia como lei básica da evolução a cultura como um mecanismo de aproveitamento de energia, colocada para trabalhar em serviço do homem.

---

<sup>31</sup> Sobre os conceitos de fase e tradição amplamente utilizados pelo Pronapa - o termo fase arqueológica dizia respeito à “qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, em um ou mais sítios” (CHMYZ, 1966:14 apud DIAS, 1994: 1), ao passo que o conceito de tradição arqueológica referia-se a “grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal” (CHMYZ, 1966:20 apud DIAS, 1994:1).

<sup>32</sup> Julian Steward foi um antropólogo defensor do evolucionismo cultural, assim como White, embora se diferencie deste por adotar uma linha multilinear para explicar a evolução das culturas. Steward procurou analisar a evolução de culturas específicas, considerando a importância do particularismo histórico e levando em consideração os seus aspectos ecológicos (O'Brien et al, 2005).

Dentre os alunos de White, dois em especial destacam-se no contexto da arqueologia brasileira - Betty Meggers e James Ford. Meggers, uma das responsáveis pela organização do Pronapa, mostrou interesse em continuar aplicando o evolucionismo cultural de White em seus estudos. Seu principal interesse compreendia tentar descobrir correlações entre a prática de subsistência, especialmente a agricultura, e a organização social. Para ela:

Se a agricultura é uma força significativa da estrutura da cultura e o meio-ambiente é um importante determinante de produtividade agrícola, então deve ser possível encontrar alguma correlação entre o nível de desenvolvimento que uma cultura particular tem alcançado e o potencial agrícola do meio-ambiente que ocupa (O'BRIEN et al, 2005:24; apud MEGGERS, 1960:306).

James Ford, pesquisador também norte-americano, foi um autor que se mostrava impressionado com o evolucionismo de White, e sua obra foi em grande parte tida como base para a formulação das estratégias de campo e de laboratório do Pronapa. O método proposto por Ford visava estabelecer cronologias relativas a partir dos resultados obtidos com as análises de seriação - as quais correspondem a uma forma de interpretação de seqüências tipológicas que procurava situar no tempo as coleções obtidas através de coletas de superfície ou provenientes de escavação sem cronologia<sup>33</sup>. Havia condições para que as seriações fornecessem resultados satisfatórios, que se referem às exigências de que as amostras tipológicas deveriam provir de uma região geográfica limitada, não podendo ser selecionadas e devendo conter no mínimo cem indivíduos (Dias, 1994).

Desta maneira, a partir de pressupostos evolucionistas advindos de uma vertente cultural deram-se início às pesquisas arqueológicas sistemáticas no Brasil. O objetivo principal era caracterizar o processo de evolução cultural através do estudo das manifestações materiais de diferentes culturas. Logo, entende-se a grande ênfase dada à cronologia na realização dos trabalhos, pois com este dado poderia ser traçada uma linha evolutiva das culturas a nível temporal. Cronologias relativas foram estabelecidas pelo método da seriação, o qual estava baseado em grande parte nas análises tipológicas dos artefatos recuperados. Por este motivo, as pesquisas tinham um caráter fortemente classificatório, pois visavam distinguir as culturas a partir da organização dos vestígios materiais recuperados em campo em fases e tradições.

---

<sup>33</sup> Segundo Dias (1994) desde a década de 1950 começaram a surgir nos EUA críticas quanto à validade das cronologias relativas obtidas com a seriação, que passaram a não ser mais realizadas diante do aprimoramento dos métodos de datação absoluta, principalmente com o Carbono 14. Apesar disto, Meggers e Evans mantiveram-se alheios a este debate, e continuaram utilizando as seriações para seus trabalhos na América do sul.

Na tentativa de compreender como estas informações foram geradas na arqueologia brasileira, percebo que as atividades de prospecção e escavação eram orientadas apenas para a coleta de dados, que eram tidos como evidentes, e, desta maneira, observados e registrados de modo objetivo pelos arqueólogos. A principal meta era apenas recolher uma grande quantidade de objetos em um grande número de sítios para posterior descrição e classificação nas fases e tradições, sob uma abordagem evolucionista. Havia neste sentido um enfoque empiricista muito forte em tais trabalhos realizados no Brasil, que dava primazia aos dados empíricos sobre as reflexões teóricas, as quais estavam apenas implícitas e desta forma não eram vistas como necessárias e importantes no trabalho arqueológico.

A partir do surgimento da vertente Processual na arqueologia em alguns países, principalmente nos Estados Unidos, algumas coisas começaram a mudar na elaboração dos dados arqueológicos. Entretanto, permaneceu uma influência evolucionista muito forte nesta corrente teórica - a qual se voltou à caracterização de sociedades e não mais de culturas (O'Brien et al, 2005). Os partidários desta escola advogavam pela existência de um corpo teórico consistente e de critérios metodológicos confiáveis para assegurar o status de ciência a esta disciplina.

O trabalho de campo passou a ser visto como uma atividade bem planejada, com projetos bem definidos e voltados para responder problemas de pesquisa sobre o passado. As coleções começaram a ser obtidas a partir de rigorosos métodos de amostragens regionais, prospecção intensiva e escavação seletiva, tratadas com testes estatísticos para permitir generalizações. Porém, embora aceitando que os dados não eram por si só evidentes e que a teoria era necessária, esta nova abordagem continuava defendendo os dados como objetivos, observados pelo arqueólogo a partir de uma neutralidade científica. Esta forma de ver as coisas foi influenciada pelo enfoque positivista, baseado na objetividade e na neutralidade do profissional na realização das pesquisas. Entretanto, estas novas idéias não tiveram grande impacto na arqueologia brasileira, que continuou por muito tempo desenvolvendo as investigações de acordo com os pressupostos empiricistas presentes nas idéias do Pronapa.

Retomando algumas das idéias que levo em conta no que se refere à produção dos dados na arqueologia, saliento que me oponho a tais tradições empiricista e positivista. A meu ver, a escavação e a análise dos artefatos são em essência atividades de construção de elementos sobre o passado, que embora tenham uma materialidade empírica real, trata-se de formas de representação dos fatos realizadas no presente. Penso também que a prática interpretativa está presente em todos os momentos do trabalho do pesquisador, pois, como salientei, não existem descrições puras e livres de interpretação.

Após perceber como tais produtos do conhecimento foram constituídos no Brasil a partir do início das pesquisas mais sistemáticas, insiro, a seguir, o sítio Morro da Formiga neste contexto mais amplo da arqueologia brasileira. Descrevo as atividades ocorridas neste local e as informações elaboradas a partir delas, procurando conectar tal produção de conhecimento com o momento específico em que foi elaborada.

### **1.2.2.1 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO MORRO DA FORMIGA**

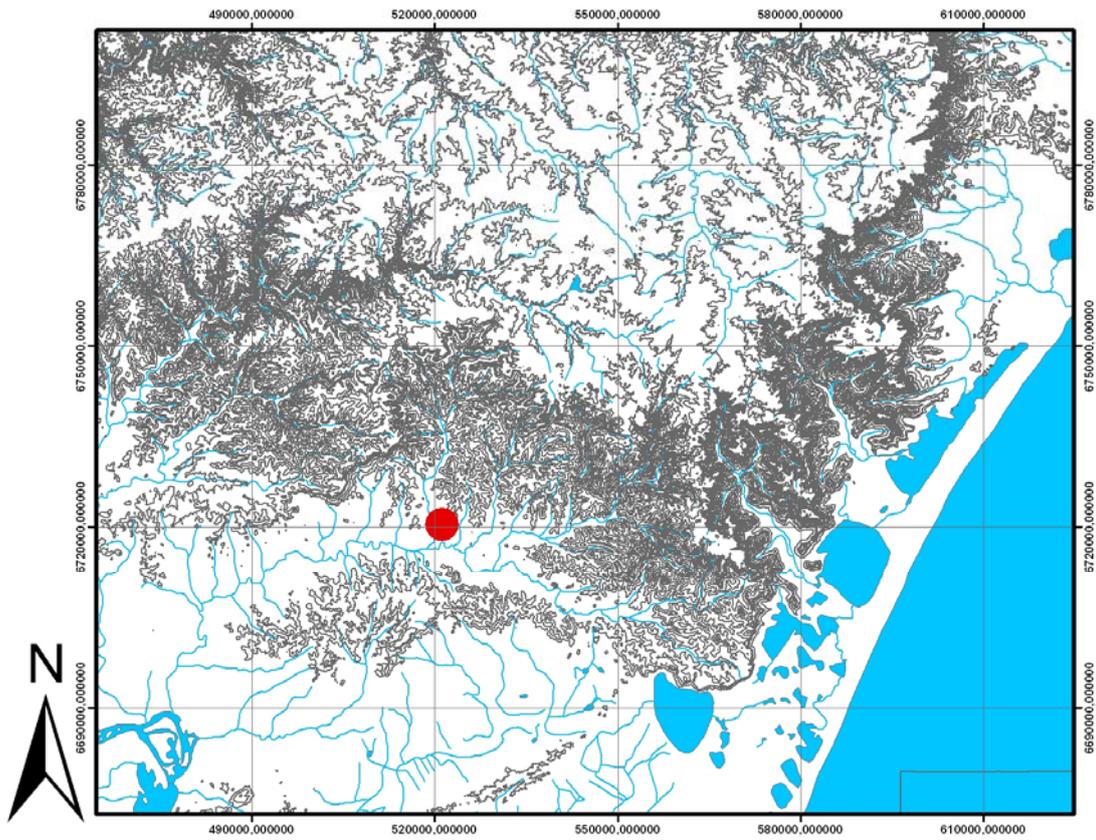
O sítio arqueológico Morro da Formiga (RS-S-61) está situado na cidade de Taquara, em uma zona da sua periferia. Este local encontra-se na encosta inferior da porção nordeste do planalto sul-brasileiro (na área da Depressão Central Gaúcha) e no vale do rio Paranhana -um dos maiores afluentes do rio dos Sinos<sup>34</sup> (figuras 1 e 2). Trata-se de um assentamento do tipo a céu aberto em um topo de morro, em uma área mais baixa e quente do que as encontradas na região do planalto, nas quais estão presentes a maioria dos sítios associados à ocupação feita pelos grupos pré-coloniais do planalto (figura 3).

As pesquisas neste local, realizadas na década de 1960 e coordenadas pelo arqueólogo Eurico Miller, confirmaram com mais subsídios a presença remota de grupos não-guaranis em território do Rio Grande do Sul, o que já havia sido revelado por trabalhos realizados em outras localidades. Foi encontrada uma densidade muito grande de artefatos cerâmicos e líticos em superfície e na camada arqueológica<sup>35</sup>, que não apresentava-se muito espessa. As características identificadas nos artefatos cerâmicos descobertos neste sítio foram utilizados pelos investigadores do Pronapa como os principais parâmetros para a definição da Tradição Taquara.

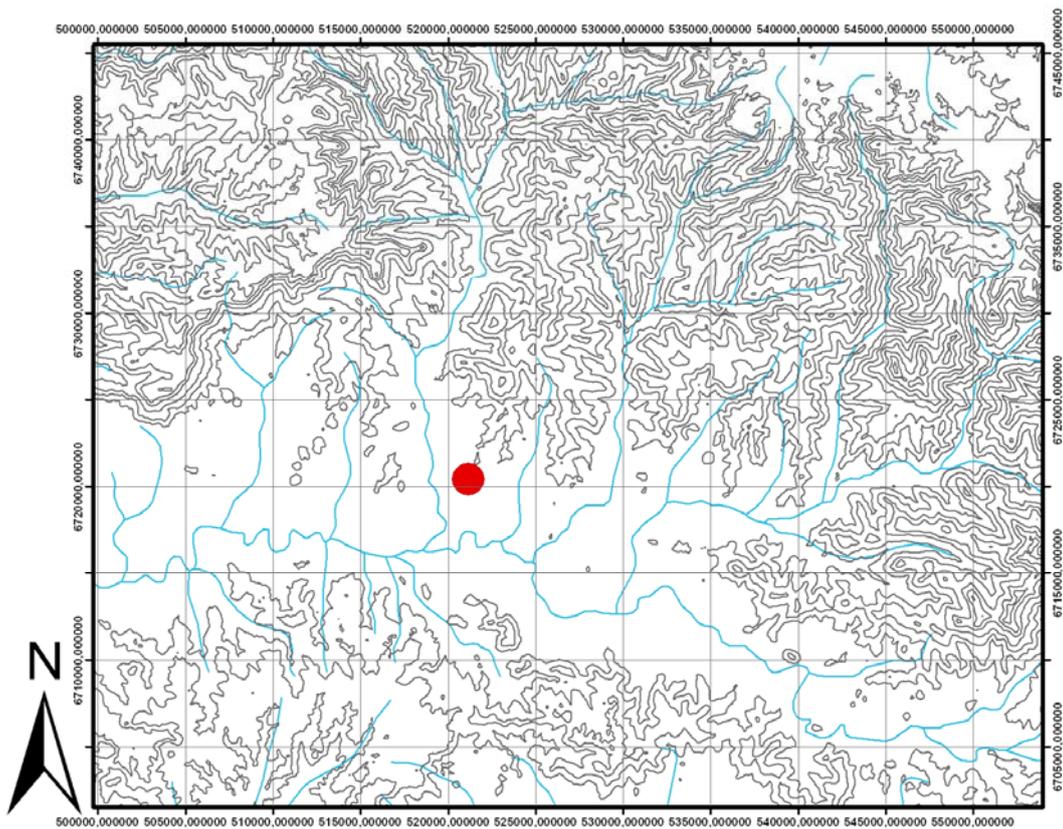
---

<sup>34</sup> Descrevo com maiores detalhes as características ambientais da região na qual o sítio Morro da Formiga está inserido no último capítulo desta dissertação.

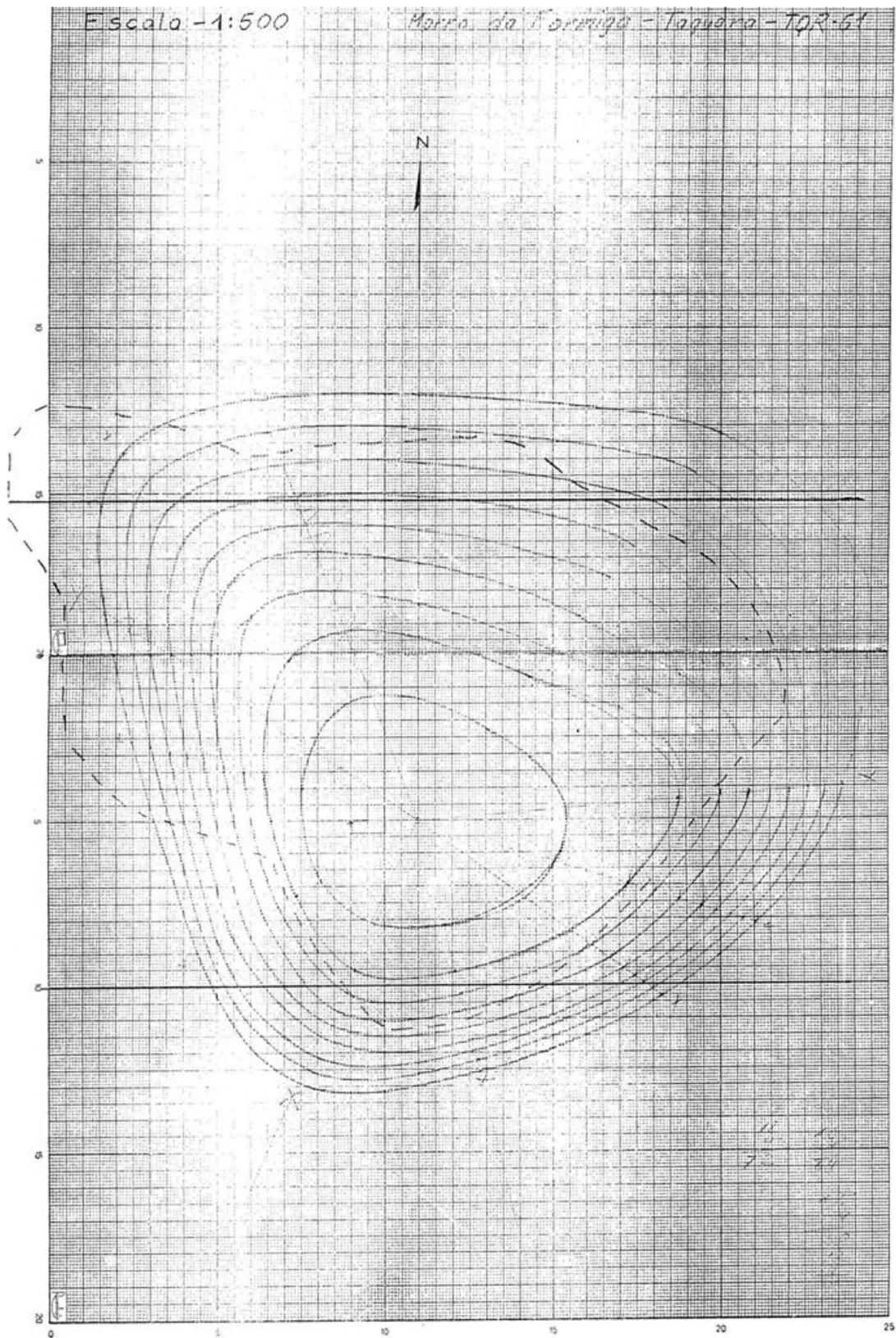
<sup>35</sup> Apresento mais informações sobre a camada arqueológica escavada e sobre influência de processos pós-deposicionais no sítio Morro da Formiga no capítulo três deste estudo, que é quando busco analisar a distribuição espacial dos vestígios materiais encontrados.



**Figura 1: Mapa de localização do sítio Morro da Formiga  
(elaborado por João Saldanha)**



**Figura 2: Mapa de localização do sítio Morro da Formiga, com o Vale do Rio dos Sinos em detalhe (elaborado por João Saldanha)**



**Figura 3: Planta topográfica do sítio Morro da Formiga  
(original de Eurico Miller)**

De acordo com a documentação elaborada por Miller<sup>36</sup> - estudioso que procedeu com as investigações empíricas - o lugar já era conhecido desde 1955 pela comunidade, quando a sua área estava ocupada por plantações de acácia e eucalipto. Em razão disto eram impraticáveis as atividades arqueológicas neste momento. Somente em fins de 1964, quando houve o abate destas árvores, foram iniciados os primeiros testes estratigráficos no local e em 15 de julho de 1965 começou a escavação sistemática da área que delimitava o sítio.

A escavação arqueológica resultou em uma enorme área trabalhada, pois foram abertas 281 quadrículas de 2X2m (4m<sup>2</sup> cada), as quais foram divididas em sub-quadrículas de 1X1m, resultando num total de 1124m<sup>2</sup> de área escavada. Dentro do grande espaço que circundava o sítio, Miller delimitou quinze áreas principais e em cada uma delas selecionou grande parte das quadrículas para serem abertas (figura 4). As quadrículas que não foram escavadas estão localizadas principalmente nas zonas que apresentaram menor densidade de materiais. Estes dados revelam o desenvolvimento de um trabalho de campo muito intenso no local – o que o configura como um dos maiores sítios já escavado em superfície ampla (em quase toda sua totalidade) no sul do Brasil.

---

<sup>36</sup> Documentação referente aos manuscritos de trabalho de campo, que estão localizados no acervo do Museu Arqueológico do Rio Grande do Sul (Marsul), e ao relatório das pesquisas efetuadas na área na qual o sítio está inserido produzido por Miller (MILLER, 1967). Utilizo estes materiais para descrever o sítio e as atividades efetuadas nele.



As evidências encontradas, como já coloquei, referem-se basicamente a artefatos cerâmicos e líticos em grande quantidade. A coleta destes artefatos se deu de forma controlada nas porções selecionadas. Entretanto, apesar da escavação ter sido planejada e executada desta forma, alguns fatores posteriores acabaram por alterar os dados que tinham sido obtidos inicialmente.

Primeiramente, no local onde foram depositados os artefatos depois de serem trazidos de campo - o Marsul - não se procedeu de forma adequada com o seu registro. As peças não foram catalogadas e numeradas, tendo sido apenas acondicionadas em caixas de papel com identificação por quadrícula. Assim, devido ao precário acondicionamento do material, às más condições de conservação e à própria ação do tempo, algumas informações de procedência das quadrículas foram perdidas. Em razão destes problemas, há artefatos líticos sem nenhuma informação espacial, com materiais sem referência e também com informações misturadas.

Além disso, ao estudar os artefatos cerâmicos, Miller procurou reconstituir suas formas colando os cacos que se encaixavam, fato que resultou na perda da informação espacial destes vestígios registrada durante toda a escavação. Portanto, existe uma parte dos artefatos líticos e a maioria dos cerâmicos sem as informações espaciais de origem.

De uma forma bastante breve e descritiva, estas são as informações existentes sobre o sítio arqueológico em questão, resultantes dos trabalhos desempenhados no sítio e posteriormente no Marsul. Tendo em vista a caracterização que fiz anteriormente do período relacionado com este trabalho, torna-se possível conseqüentemente examinar a maneira como este conhecimento foi constituído principalmente por Eurico Miller.

Em primeiro lugar, gostaria de destacar a atividade de escavação realizada no sítio arqueológico. Os trabalhos foram iniciados em dezembro de 1964, período anterior ao começo das primeiras investigações efetuadas pelo Pronapa nesta área, em novembro de 1965. No relatório escrito por este profissional sobre as pesquisas referentes ao primeiro ano do programa, as características deste sítio e de sua cultura material são incluídas na descrição da Fase Taquara, apesar de estar claro no texto que estavam sendo abarcados os estudos efetuados nos períodos anteriores ao início do programa, os quais resultaram na identificação de 365 sítios arqueológicos no vale do rio dos Sinos e, em especial, na cidade de Taquara. Além disso, Evans acrescenta na introdução do relatório destas pesquisas as mesmas colocações, ressaltando que em algumas áreas selecionadas para estudo já havia informações prévias e até mesmo sítios escavados (Evans, 1967). Pude concluir, desta forma, que o sítio

em questão foi trabalhado em momento anterior à realização das pesquisas vinculadas a este projeto, embora tenha ele sido abarcado na descrição dos trabalhos efetuados na área do vale do rio dos Sinos e Maquine.

Assim, foi possível compreender porque a metodologia empregada neste local não condiz em parte com a aplicada pelos arqueólogos do Pronapa. Uma escavação em área ampla, como a que foi realizada neste local, não era prevista, e sim apenas prospecções com coletas superficiais e poucos cortes estratigráficos, conforme já destaquei. Ao perceber que o sítio já era conhecido pela comunidade desde 1955 e que Miller provavelmente encontrava-se em fase inicial de carreira, acredito que a escavação nesta área tenha servido como uma experiência, uma das suas primeiras práticas de campo. Logo, tal lugar representa uma exceção no padrão de desenvolvimento da arqueologia nesta época, pois se trata de um dos poucos exemplos de uma área arqueológica trabalhada em superfície ampla.

A respeito da cultura material obtida na escavação, saliento a preferência pelo estudo da cerâmica sobre os outros tipos de vestígios materiais, pois em razão do que comentei, principalmente através destes fragmentos é que eram estabelecidas as seqüências seriadas na época. Miller, pelo que se pode deduzir, ao analisar os objetos em laboratório, deixou os artefatos líticos de lado e partiu para o estudo da cerâmica, reconstituindo algumas de suas formas ao colar os cacos. Muito provavelmente este investigador tinha como objetivo elaborar uma seqüência seriada a partir destes fragmentos e dos encontrados nos outros locais da região, mas não conseguiu alcançá-lo pois como ele mesmo afirma “devido ao número reduzido de cacos por sítio, não foi possível estabelecer uma seqüência seriada” (MILLER, 1967:20).

Digo isto para esclarecer que, embora este sítio não tenha sido escavado de acordo com a metodologia de campo usualmente aplicada pelo Pronapa, a cultura material encontrada neste local, por sua vez, parece ter sido tratada a partir da adoção do método de seriação. Este fato é ressaltado devido a Miller ter reconstituído alguns potes cerâmicos, embora não tenha conseguido levar a cabo o emprego desta técnica. A explicação para tal acontecimento foi porque em outros assentamentos identificados na área não havia quantidade suficiente de fragmentos cerâmicos.

Apenas para finalizar esta tentativa de contextualização da formação dos dados referentes a este sítio, destaco que a informação espacial referente ao local de procedência de cada objeto certamente não tinha grande relevância nesta época, uma vez que as atenções estavam voltadas para outras abordagens. Assim torna-se perfeitamente compreensível que este pesquisador não tenha conferido importância a este tipo de dado, pois acabou por perdê-

lo ao juntar os fragmentos cerâmicos que não foram numerados. Hoje em dia a abordagem contextual espacial é de grande valia para os arqueólogos, mas no período em questão não deveria possuir sentido algum nas investigações.

Tendo estes apontamentos em vista, percebi que o assentamento em questão foi investigado em grande parte de acordo com as orientações teóricas e metodológicas adotadas pelo Pronapa. Logo, mostrou-se muito importante, para dar prosseguimento à minha pesquisa, situar esta produção de conhecimento em relação ao seu contexto de realização, levando em consideração os aspectos históricos, sociais e até mesmo políticos relacionados ao seu desenvolvimento. Pude compreender, portanto, a partir de que preocupações e interesses ela foi gerada.

Estas informações elaboradas por outro pesquisador são, desta forma, o meu ponto de partida para estudar a ocupação remota no Morro da Formiga.

Acreditando que na arqueologia a escrita seja uma prática muito importante, propus-me a avaliar como se dá a sua construção pelos investigadores. Inicialmente coloco alguns comentários teóricos acerca da forma de pensamento que defende a escrita dos textos como um processo de constituição de discursos arqueológicos. Procuo identificar quais interpretações foram geradas, a partir dos dados obtidos com as pesquisas realizadas, sobretudo pelos estudiosos vinculados ao Pronapa. Finalmente situo a minha proposta de estudo nas problemáticas de pesquisa existentes sobre os grupos ceramistas do planalto. Ao fazer isto manifesto algumas insatisfações de minha parte a respeito das formações discursivas resultantes de tais investigações e apresento alguns dos objetivos que pretendo atingir para contribuir para o conhecimento acerca destas populações no período pré-colonial.

### **I.3 A ELABORAÇÃO DOS DISCURSOS ARQUEOLÓGICOS**

A arqueologia é uma meta-linguagem do passado. Compreende a realização de pesquisas empíricas que resultam na descoberta e no estudo de objetos materiais da mesma forma que resulta na escrita sobre esta cultura material, na sua transcrição em palavras. Estuda as coisas elaboradas pelos seres humanos no passado através da linguagem escrita, tornando-as inteligíveis de outra maneira ao serem transferidas para os textos (Olsen, 1990).

Ao conceber o conhecimento arqueológico enquanto uma forma de discurso sobre o passado através da escrita dos textos, Tilley defende que a arqueologia não é tanto como “ler

os sinais do passado<sup>37</sup>, mas um processo de escrever estes sinais no presente” (Tilley, 1989, Tilley, s./d). Assim, baseado na obra de Foucault, este autor salienta que a arqueologia trata-se de uma prática que vai além de ler o passado, representado pela cultura material, uma vez que o produz ao escrever sobre ele, elaborando os discursos arqueológicos.

Segundo Tilley (s./d) a escrita de textos nesta disciplina não pode ser vista como uma mera descrição de objetos e reflexo do passado, e sim como uma prática construtiva que media passado e presente e que transforma a cultura material, pois a produz de outra forma. Os objetos materiais são modificados com a escrita e tornam-se objetos discursivos nos textos, que compreendem afirmações, conceitos, problemas forjados pelos arqueólogos. Este processo de colocar as coisas nos textos pode ser visto ao mesmo tempo como uma violência a estas coisas e como um exercício produtivo e criativo.

Antes de serem transformados, os artefatos são objetos com uma pluralidade de significados, são coisas com uma materialidade física e real elaboradas pelas pessoas no passado. Depois de transcritos, estes mesmos artefatos tornam-se textos de estrutura argumentativa teórica com conotações materiais (Shanks e Tilley, 1987). No texto escrito, os objetos aparecem na forma pela qual foram entendidos pelo autor, em uma determinada conjuntura. Um exemplo disto pode ser percebido na forma em que os autores vinculados à vertente processual e pós-processual criaram seus próprios objetos discursivos – os primeiros como objeto adaptativo e os últimos enquanto parte de um sistema significativo (Tilley, 1990).

Um texto escrito, do mesmo modo que as outras formas de representação da realidade passada, não deve ser entendido nem como uma expressão direta do real nem como divorciado dele. Da mesma forma nunca abarca todas as relações entre a cultura material e as pessoas que a produziram, pois sempre há seleções e escolhas realizadas pelo autor. É neste sentido que Tilley caracteriza os textos arqueológicos enquanto ‘artefatos contemporâneos’, visto que são ativamente construídos pelo arqueólogo no presente (Tilley, 1998). O leitor, por sua vez, não é um consumidor passivo do conhecimento, pois auxilia a criá-lo dando outros significados ao relato, entendendo-o de uma forma particular (Tilley, s./d).

A elaboração dos discursos, em última análise, pode ser compreendida como uma tentativa de traduzir o outro, embora esta tarefa seja marcada pela utilização de termos

---

<sup>37</sup> Tilley está fazendo claramente uma referência ao estudo da cultura material através da metáfora do texto, inicialmente suscitada pelo trabalho de Hodder “*Reading the Past*”, de 1986. ‘Ler a cultura material’ passou a ser proposto a partir deste momento, na medida em que da mesma forma que um texto escrito, a cultura material poderia ser lida e interpretada de várias maneiras, possuindo não apenas um, mas vários significados.

contemporâneos, porque sempre é realizada no tempo do arqueólogo (Hodder, 1992). Para gerar um discurso, abstrações sobre os objetos materiais são construídas, e estas não precedem a existência humana no mundo – são constituídas pelos sujeitos em determinado contexto e sociedade (Thomas, 1996). Assim, sem dúvida fazemos uso de conceitos que são categorias do presente para nos aproximarmos do passado e escrever sobre ele, e não há como se escapar disto na arqueologia.

Ao olhar para a escrita dos textos desta maneira, como uma forma de discurso sobre o passado, passei a entender os trabalhos elaborados sobre os grupos ceramistas do planalto sob esta ótica de formações discursivas. Considerando o processo de elaboração de dados que caracterizei anteriormente associado ao desenvolvimento das pesquisas vinculadas ao Pronapa, pretendo identificar qual discurso ou discursos foram gerados a partir de tal modo de produzir o conhecimento. Para tanto, assinalo os principais estudos resultantes de mais de quarenta anos de pesquisas na região, na tentativa de identificar as idéias que estão por detrás de suas formações discursivas.

### **I.3.1 SOBRE ALGUNS DISCURSOS ACERCA DOS GRUPOS CERAMISTAS DO PLANALTO**

Nos termos de uma meta-arqueologia (Tilley, s./d; Olsen, 1990), estudando a própria produção escrita dos arqueólogos, analiso textos de alguns pesquisadores a respeito de um assunto específico. Assim, procurei realizar um apanhado geral das principais investigações levadas a cabo no território do Rio Grande do Sul pelos grupos humanos produtores do material arqueológico identificado na literatura arqueológica como Tradição Taquara.

Avalio o desenvolvimento dos estudos efetuados em porções do planalto sul-brasileiro, em suas encostas e no seu litoral adjacente, por diversos profissionais. Ao realizar tais leituras, tento levar em conta os contextos nos quais estas atividades foram sendo efetivadas e destacar os locais a partir dos quais os discursos estão sendo constituídos. Além disso, foco-me na identificação das áreas abrangidas pelas pesquisas, nas temáticas abordadas pelos estudiosos e, especialmente, nos períodos históricos de realização, pois como ressalta Tilley (1990) “toda formação discursiva é historicamente específica”. Faço isto previamente à apresentação do meu próprio trabalho, com as minhas interpretações sobre a ocupação remota no sítio Morro da Formiga, pois sem dúvida o conhecimento não é formulado a partir de uma tábua rasa, seja qual for o assunto abordado.

O primeiro esforço em estudar estas sociedades antigas ocorreu em 1958, quando Pedro Ignácio Schmitz identificou um tipo de cerâmica diferenciada da dos grupos associados à Tradição Tupi-Guarani, no município de Osório no litoral do estado, a qual denominou de cerâmica Osório (Schmitz & Becker, 1991).

Na década seguinte, com a maior parte das investigações nesta e em outras áreas do Brasil vinculadas ao Pronapa, Eurico Miller realizou inúmeros levantamentos, coletas superficiais e algumas escavações em áreas do território do Rio Grande do Sul. Em 1967 são publicados os resultados dos trabalhos em porções do planalto sul-brasileiro, da suas encostas e do litoral referentes ao primeiro ano de trabalho. São descritas diferentes fases arqueológicas dentro da Tradição Taquara, principalmente no município de Taquara, nos vales dos rios dos Sinos e Maquiné. Nestes locais foram encontrados 365 sítios (incluindo os identificados nas pesquisas anteriores) compostos por sítios-habitações em abrigos sob-rocha, em sambaquis, em casas subterrâneas e em locais a céu aberto (Miller, 1967).

Em 1971, este mesmo profissional divulga os estudos referentes a outras partes do planalto, realizadas em 1969, nos municípios de Marcelino Ramos e Bom Jesus. Foram reconhecidos 109 novos sítios do tipo a céu aberto, em casas subterrâneas e em abrigos rochosos (Miller, 1971). Os trabalhos realizados nestes locais resumiam-se a coletas superficiais de material arqueológico e escavação de poucos cortes estratigráficos.

No contexto destas pesquisas, Miller definiu a Tradição Taquara. Antes disto, entretanto, ele criou a Fase Taquara a partir dos vestígios cerâmicos encontrados no sítio Morro da Formiga, a qual posteriormente foi inserida dentro da tradição que levou o mesmo nome e que passou a abranger mais fases arqueológicas. Após percorrer a área próxima ao sítio, encontrar mais áreas de ocupação remota e recolher material arqueológico, especialmente cerâmico, este pesquisador a estabeleceu como sendo representante de uma ocupação pré-colonial de grupos ceramistas em áreas do sul do Brasil entre os séculos II d.C e XVI d.C.

Os assentamentos apresentam material cerâmico com determinadas características (pequena, composta de potes e de tigelas, com decoração impressa variada) e trabalhos de engenharia de terra (como as casas subterrâneas e os montículos). Fica bastante claro que a classificação desta tradição arqueológica foi elaborada principalmente em função da cerâmica, o elemento 'fóssil-guia' definidor desta tradição, a qual se mostrava totalmente diferenciada das tradições Tupi-Guarani e Vieira (Schmitz e Becker, 1991).

Entre os anos de 1966 e 1970, investigadores ligados ao Instituto Anchieta de Pesquisas realizaram levantamentos também em áreas do planalto, nos municípios de Caxias do Sul, Flores da Cunha e São Francisco de Paula. Sob a coordenação de Schmitz, foram identificados mais de 60 novos sítios e escavadas quatro casas subterrâneas e seus montículos adjacentes na cidade de Caxias do Sul. De acordo com este investigador, que participou das escavações, este era um trabalho inovador, uma vez que não havia conhecimento algum das casas subterrâneas (Schmitz, 1988; Schmitz e Becker, 1991).

No fim da década de 1970, o arqueólogo Mentz Ribeiro, vinculado ao Centro de Pesquisas Arqueológicas (CEPA) da Faculdade de Santa Cruz do Sul, efetuou trabalhos de levantamento nos vales do rio Pardo e Taquari. Em áreas do planalto e da encosta, reconheceu 30 sítios arqueológicos e coletou material em superfície (Ribeiro & Silveira, 1979). Além disso, realizou a escavação de duas casas subterrâneas em Santa Cruz do Sul, também localizadas na bacia do rio Pardo (Ribeiro, 1980).

Schmitz procurou reunir os dados alcançados nestes estudos que se encontravam dispersos na bibliografia, classificando-os de acordo com os paradigmas teóricos e metodológicos do Pronapa (Schmitz, 1988; Schmitz & Becker, 1991). Estas primeiras pesquisas, realizadas até o início da década de 1980, foram efetivadas de acordo com a filosofia de trabalho desenvolvida pelo Pronapa, ou seja, de efetuar prospecções com coleta de material em superfície e poucas escavações em cortes estratigráficos e em seguida sistematizar as informações obtidas dentro dos conceitos de tradição e fase. Para Prous (1992), estes estudos, apesar de propiciarem uma visão geral sobre as ocupações pré-coloniais das áreas, mostravam-se ainda superficiais, pois se limitavam a descrever os achados e a enquadrá-los nestas formas de classificação.

Nos anos subsequentes, apesar de muitos profissionais continuarem a utilizar dos conceitos de tradição e fase para orientar seus estudos, surgiram novas abordagens e problemáticas de pesquisa na arqueologia dos grupos do planalto. Kern e outros investigadores (1989) realizaram um trabalho de levantamento na região que seria afetada pela construção da Usina Hidrelétrica de Barra Grande, nos municípios de Vacaria e Bom Jesus, no vale do rio Pelotas. As prospecções foram efetuadas com coleta de material em superfície e também com a abertura de poços de sondagem em alguns sítios. Houve a preocupação por parte destes estudiosos de propor novos temas a serem trabalhados, tais como a questão da inserção dos sítios na paisagem, visto que foi encontrada uma diversidade nas formas de assentamento associadas a estes grupos ceramistas.

Kern, tentando escapar da distinção dos grupos humanos antigos através dos conceitos de tradição e fase, propõe em 1994 uma interpretação para a ocupação pré-colonial do sul do Brasil a partir de diferentes aspectos presentes na organização destas comunidades, e não apenas relacionados à tecnologia de produção dos artefatos e aos ambientes ocupados. Em vez de utilizar termos como tradição arqueológica, este autor denomina os diferentes grupos de acordo com determinadas características de suas sociedades, nomeando de “caçadores-coletores-horticultores do planalto meridional” os grupos comumente associados à Tradição Taquara (Kern, 1994).

Reis (1997) elaborou um trabalho de sínteses, problematizações e propostas para a arqueologia do planalto, especialmente acerca dos sítios identificados como ‘buracos de bugre’ (as casas subterrâneas). Este pesquisador procurou dar um novo rumo para os estudos, trazendo a proposta de analisar os sítios de acordo com a teoria do padrão de assentamento e também levando em conta as possibilidades de analogia entre as evidências arqueológicas e as informações etnográficas disponíveis sobre as tribos Kaingang.

A partir do fim da década de 1990 e do início dos anos 2000 foram intensificadas as pesquisas empíricas em regiões do Rio Grande do Sul, que resultaram na publicação de vários trabalhos, incluindo dissertações de mestrado e teses de doutorado. Isto refletiu o interesse de diversos investigadores vinculados a diferentes instituições de pesquisa em estudar a sua pré-história. O objetivo almejado a partir deste momento era a caracterização com mais detalhes do sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto, pois à medida que os estudos avançavam tomou-se consciência da complexidade que envolvia a ocupação de um vasto território por estas populações.

Não bastava mais afirmar a ocupação de três tipos diferentes de ambientes – o planalto, a encosta e o litoral – pois havia muitas outras questões a serem explicadas. A mais geral delas refere-se ao modo em que os sítios localizados nestas áreas diferentes estavam articulados entre si, pois estariam ligados pela presença de um mesmo grupo étnico representado por uma cultura material peculiar. Questões mais específicas começaram a ser alvo de estudos empíricos, nos quais as atividades de campo foram direcionadas a responder. Dentre os novos problemas podem ser citados o modo pelo qual cada uma destas regiões específicas foi habitada no passado e o período em que estes assentamentos ocorreram.

A maioria destas investigações abarcou a área do planalto - região onde se encontra a maioria dos sítios arqueológicos associados a tais comunidades ceramistas. Nesta área

atuaram basicamente nos últimos anos duas instituições de pesquisa – o Instituto Anchieta de Pesquisas (IAP) e o Núcleo de Pesquisas Arqueológicas da UFRGS (NUPArq).

A equipe do IAP, coordenada por Schmitz, desenvolveu desde 1998 um projeto de pesquisa em Vacaria, no planalto, voltado ao estudo de casas subterrâneas e seus montículos associados dentro da ampla abordagem de sistema de assentamento. Foram feitas intervenções em dois sítios com estruturas deste tipo, onde se procurou identificar suas funções e articulá-las em um sistema de assentamento (Schmitz et al, 2002; Rogge et al, 2003). Beber, pesquisador vinculado a esta instituição, reuniu os dados dispersos na bibliografia e definiu um sistema de assentamento para estes grupos a partir da ocupação de pelo menos cinco tipos diferentes de sítios arqueológicos - casas subterrâneas, abrigos com sepultamentos, áreas com cerâmica dispersa, áreas entaipadas e com montículos - que se encontram dispersos em partes do planalto, da encosta e do litoral do sul do Brasil (Beber, 2004; 2005).

Os municípios de Bom Jesus e Pinhal da Serra, no planalto, foram alvo de estudo pela equipe do NUPArq, coordenado pela arqueóloga Sílvia Copé<sup>38</sup>. As pesquisas em Bom Jesus faziam parte do projeto de pesquisa *Pré-História do Planalto sul-rio-grandense*, realizado entre os anos de 1996 e 2003. Este teve início com a análise das coleções de artefatos cerâmicos de alguns sítios que se encontram no Marsul e, posteriormente foi realizado um estudo nesta área através de saídas a campo que envolveram prospecções e escavação de um sítio composto por estruturas subterrâneas. O objetivo geral dos trabalhos era definir o sistema de assentamento dos grupos ceramistas do planalto, da mesma forma que outros pesquisadores já tinham proposto (Copé, 1999; Copé e Saldanha, 2002). As pesquisas realizadas neste local resultaram na tese de doutorado de Copé, que versa sobre a temática geral o estudo das paisagens arqueológicas encontradas nesta região do planalto e ocupadas por estas comunidades. Estas questões foram desenvolvidas a partir da realização de um estudo de caso representado pela escavação de um sítio composto por estruturas subterrâneas (Copé, 2006).

Entre os anos de 2001 e 2002, esta mesma equipe desenvolveu um trabalho de salvamento arqueológico no município de Pinhal da Serra em razão da construção da Usina Hidrelétrica de Barra Grande. O local onde foi estabelecido o canteiro de obras e a área de inundação (anteriormente levantado por Kern et al, 1989) foram vastamente prospectados e

---

<sup>38</sup> Participei de forma ativa em grande parte das pesquisas arqueológicas realizadas tanto em Bom Jesus quanto em Pinhal da Serra como integrante da equipe do NUPArq/UFRGS.

com isso detectada a existência de mais de trinta sítios arqueológicos. Dentre eles, foram localizados casas subterrâneas, assentamentos a céu aberto e estruturas circulares (conhecidas na literatura arqueológica como anéis). A pesquisa decorrente do resgate arqueológico procurou contribuir para a pré-história do planalto com o estudo da variedade dos sítios arqueológicos neste município (Copé et al, 2002).

Saldanha (2005) aproveitou as informações levantadas com estes trabalhos e desenvolveu uma pesquisa de mestrado acerca da variabilidade dos vestígios materiais encontrados neste local. Sua grande contribuição, penso, foi refletir sobre os conceitos de tradição e fase ao propor explorar a diversidade dos dados empíricos através de três vetores – a paisagem, os lugares e a cultura material.

No litoral atlântico, as pesquisas arqueológicas desenvolveram-se desde meados da década de 1960, com a identificação de diversos sítios em Torres por Eurico Miller, profissional ligado ao Pronapa. Mais recentemente, na faixa litorânea central, a equipe do IAP realizou estudos em Quintão, durante os anos de 1996 e 1997, procurando analisar a ocupação deste local por populações tanto relacionadas à Tradição Taquara quanto da tupi-guarani, além das denominadas sambaquianas. O objetivo deste projeto era de compreender e explicar as diferenças entre esses grupos expressadas na variabilidade dos assentamentos encontrados neste lugar (Rogge et al, 2001).

Muitos outros trabalhos foram concretizados nesta área, os quais foram sintetizados por Wagner (2004). Apesar destes estudos, muitos aspectos associados ao assentamento no litoral ainda estão em aberto, inclusive para saber se trata-se mesmo de uma ocupação por estes grupos vindos do planalto, ou apenas incursões rápidas a fim de estabelecer trocas culturais com os grupos relacionados à Tradição Tupi-Guarani.

Já com relação à região situada na encosta do planalto não foram efetuados muitos trabalhos que envolvessem pesquisas empíricas de campo<sup>39</sup> mais sistemáticas, de modo que restam muitas dúvidas a respeito das características do estabelecimento das comunidades neste lugar. Dentre as várias questões em aberto, pode ser citado o contato com as populações vinculadas à Tradição Tupi-Guarani, o qual é atestado pela presença conjunta da cerâmica produzida por estes grupos em vários sítios arqueológicos nesta região. Além disso, sabe-se

---

<sup>39</sup> Lembrando o que já coloquei previamente, a região da encosta foi pesquisada em momento anterior, com os trabalhos de Miller (1967) nos vales dos rios Sinos e Maquine e de Ribeiro & Silveira (1980) no vale do Rio Pardo. Mais recentemente, no vale do Rio dos Sinos, Dias (2003) realizou levantamentos a fim de caracterizar a ocupação remota desta área por diferentes comunidades, e dentre estes, foram identificados cerca de cinco sítios associados aos grupos ceramistas do planalto, apresentando artefatos materiais vinculados à tradição Taquara.

muito pouco acerca da espacialidade dos sítios arqueológicos, especialmente aqueles implantados a céu aberto e em locais de pequenas elevações, como no caso do sítio Morro da Formiga.

Com a análise de todos estes trabalhos, assinalados aqui de modo geral e sucinto, pude compreender que de fato foi construído um discurso arqueológico específico, principalmente a partir das informações geradas sob os pressupostos teóricos e metodológicos adotados pelos investigadores vinculados ao Pronapa. A principal característica desta formação discursiva foi de correlacionar materialidade com grupos étnicos, uma vez que os elementos tecnológicos presentes nos objetos eram a base para diferenciar as culturas, representadas pelas tradições arqueológicas.

Dentro deste discurso, foi criado um modelo interpretativo para a ocupação dos grupos ceramistas identificados como Tradição Taquara. Tal modelo compreende, segundo a caracterização geral de Saldanha,

(...)datas a partir do 2º milênio [d.C até o século] XIX; existência de várias fases que identificam diferenças regionais no amplo território das tradições; dois tipos de aldeia (casas subterrâneas e a céu aberto); uma origem autóctone advinda da evolução de grupos caçadores e coletores locais; um modelo econômico baseado na coleta do pinhão e complementado pela caça, coleta generalizada e poucos cultivos, que levaria a população a um movimento transitório entre o planalto, as encostas e o litoral atlântico; certo nomadismo e uma filiação étnica com os grupos conhecidos etnograficamente como Kaingang e Xokleng (SALDANHA, 2005:20).

Tal forma de compreender o modo de vida destas comunidades tornou-se comum nas investigações desenvolvidas a partir deste período, podendo ser identificada como uma tradição interpretativa que dominou e ainda domina a abordagem do assunto. Como destaca Saldanha (2005) este modelo é ainda aceito e utilizado por grande parte dos pesquisadores que lidam com o tema, que o utilizam de forma fechada e estática, uma vez que é tido como pronto e não é repensado com o desenvolvimento de novas pesquisas, apenas reproduzido ao ser encaixado em suas investigações.

O que é possível de perceber em grande parte de tais trabalhos é uma herança forte dos conceitos utilizados pelo Pronapa desde as suas criações há décadas atrás, os quais foram utilizados para elaborar um discurso próprio acerca do passado das comunidades que habitaram esta região. Conforme afirma Saldanha (2005), existe um fardo conceitual que ainda domina grande parte das pesquisas, uma tradição interpretativa muito forte

representada pelo modelo de ocupação gerado a partir das orientações teórico-metodológicas vinculadas ao enfoque evolucionista.

Alguns pesquisadores tentaram escapar disto, ao fugir do emprego e da utilização de determinados termos e ao propor outros caminhos para o desenvolvimento dos trabalhos, buscando levantar questões que fossem além de responder onde e quando as pessoas viveram no passado. Enquadrando-me nesta perspectiva de análise, levanto em seguida algumas considerações sobre os problemas que percebo na maneira tradicional de interpretar estas sociedades.

### **I.3.2 NA BUSCA POR ESCREVER DE OUTRO MODO**

Ao me posicionar com relação a este discurso tradicional, aponto algumas das insatisfações que me fizeram buscar outros modos de pensar e de buscar produzir conhecimento sobre estas populações. Trago, para tanto, algumas reflexões que já se fizeram autores como Saldanha (2005) ao identificar alguns dos pensamentos que estão por trás desta formação discursiva. Alguns dos contornos gerais percebidos pelo referido autor que estão por detrás deste modelo dizem respeito à correlação entre materialidade e grupos étnicos específicos, característica que já destaquei anteriormente. Além disso, está presente a afirmação de uma continuidade étnica entre os grupos pré-históricos representados pela Tradição Taquara e as comunidades indígenas conhecidas como Kaingang e Xokleng no período histórico, proferida com base em analogias etnográficas diretas.

Em primeiro lugar gostaria de refletir sobre a principal característica que envolve tal produção discursiva – a correspondência estabelecida entre os vestígios materiais e determinadas identidades étnicas. Segundo esta ótica, existe um elemento concreto que define um grupo cultural, uma “assinatura material de um grupo de pessoas” (THOMAS, 1993:365 apud CABRAL, 2005: 25). O vestígio definidor de cada cultura, o chamado ‘fóssil-guia’ de cada tradição, era destacado de um conjunto maior de artefatos e passava a identificar a existência de certo grupo cultural em um dado lugar. Cada elemento diagnóstico foi incluído na definição de uma tradição diferente, de modo que as pontas de flecha foram associadas à Tradição Umbu, os talhadores de grande porte à Tradição Humaitá, a cerâmica com determinadas características e diferenciada da Tradição Tupi-Guarani foi integrante da Tradição Taquara, e assim por diante. Logo, onde fossem encontrados fragmentos cerâmicos

desta última tradição haveria a ocupação de uma cultura horticultora que se estabeleceu em áreas específicas do território do sul do Brasil.

De forma implícita nesta maneira de pensar a cultura material e os grupos humanos está uma idéia normativa de cultura, a qual se representa através de características definidas e exclusivas em relação à produção de artefatos e à ocupação de um determinado território, que seria apenas utilizado por uma população específica. A cultura material<sup>40</sup>, desta forma, é entendida como um elemento definidor de uma dada cultura que apenas refletiria os indivíduos que viveram no passado. O objeto de estudo da arqueologia é, de acordo com esta visão, o vestígio material, e não o ser humano que o produziu.

Rejeito esta maneira de conceber a cultura material, pois penso que o seu estudo deve ser apenas o meio para alcançar as pessoas, que são sujeitos ativos que criam as coisas e se relacionam com elas dando sentido ao seu mundo. Desta forma, faço uso de tais conceitos, que foram utilizados para definir os grupos humanos, apenas como referência para caracterizar a cultura material produzida por eles, e não como um elemento designador de diferentes culturas. É preciso ter em mente que tais termos referem-se apenas a ‘conjuntos tecnológicos de artefatos’ e não são suficientes para distinguir ‘grupos humanos’.

A definição das culturas horticuloras que ocuparam regiões do Rio Grande do Sul através do emprego do termo Tradição Taquara, privilegiou o estudo dos artefatos cerâmicos de forma a distinguir estas comunidades das outras, que habitavam o território. Isto ocorreu pelo fato de que a cerâmica foi utilizada como o fóssil-guia desta tradição. Os vestígios líticos, como não apresentavam nenhum elemento diagnóstico, não foram inicialmente alvo de pesquisas mais sistemáticas que procurassem assinalar a sua produção específica vinculada a contextos de grupos ceramistas. O que se encontra na maioria dos trabalhos produzidos nesta época são descrições superficiais destes objetos baseadas em análises puramente tipológicas, realizadas sem uma preocupação maior em compreender as atividades que deram origem a estes materiais.

Mais recentemente, alguns pesquisadores procuraram desenvolver pesquisas mais detalhadas sobre estes vestígios, principalmente em relação aos seus processos de produção (por exemplo Saldanha, 2005). No entanto, algumas lacunas ainda existem, principalmente no que se refere à especificidade da produção e do uso de artefatos líticos associados a grupos ceramistas como os do planalto.

---

<sup>40</sup> Apresento a forma como compreendo a cultura material no capítulo dois deste trabalho.

Para finalizar, destaco a analogia etnográfica direta que foi utilizada para afirmar uma continuidade étnica entre as comunidades pré-coloniais ceramistas, representadas pelos vestígios arqueológicos da Tradição Taquara, e os grupos conhecidos no período histórico como Kaingang e Xokleng<sup>41</sup>. Alguns autores chamam a atenção para o fato de esta associação ter sido defendida sob o ponto de vista da epistemologia pronapiana de uma forma não sistematizada, da mesma forma que não analítica e interpretativa (Silva, 2001; Reis, 1997, Silva e Noelli, 1996). Tal analogia foi efetuada apenas com base nos dados arqueológicos, representados pelas classificações nas fases e tradições<sup>42</sup>, que são conceitos ambíguos e imprecisos para diferenciar as populações, como tentei demonstrar anteriormente.

Assim, para fugir dos paradigmas do Pronapa, estes estudiosos propõem estudar a continuidade entre estas sociedades a partir da união de dados interdisciplinares. Informações vindas da arqueologia, da etnografia, da etno-história e da lingüística foram abarcadas na tentativa de comprovar tal continuidade com mais variáveis e subsídios que possam ir além do fato da cultura material, representada pela cerâmica, ser similar nos contextos arqueológico e etnográfico. Neste sentido, estes pesquisadores defendem que a Tradição tecnológica Taquara representa os antecedentes das populações Xokleng e Kaingang, da matriz cultural Macro-Jê, originárias do Centro-Oeste brasileiro, ao apresentarem dados consistentes que são provenientes de diferentes áreas do conhecimento.

Entretanto, apesar de afirmarem uma continuidade histórico-cultural entre estas populações através da união de diferentes tipos de dados, estes pesquisadores deixam claro que certas cautelas devem ser tomadas pelo arqueólogo ao utilizar a analogia etnográfica em seus estudos. Há que se levar em conta, entre outras coisas, a possibilidade de terem ocorrido mudanças culturais ao longo do tempo. No caso destes grupos ceramistas, quase dois mil anos de existência são comprovados pelos dados arqueológicos e etnográficos, que apontam para a presença destas comunidades no sul do Brasil desde o século II d.C até os dias atuais.

---

<sup>41</sup> Ambas as tribos indígenas Kaingang e Xokleng são associadas à Tradição Taquara neste discurso histórico-cultural. A diferenciação entre elas estaria nas áreas ocupadas por cada uma no período histórico que possuem uma relação com as fases desta tradição – os Kaingang teriam se assentado na região do nordeste do Rio Grande do Sul, que diz respeito às fases Taquara, Caí e Erveiras; os Xokleng, por sua vez, estiveram presentes nos territórios norte do Rio Grande do Sul e sul de Santa Catarina, os quais se referem às fases Guatambu e Guabiju (SILVA, 2001).

<sup>42</sup> Sérgio Batista propõe a utilização do termo “Proto-Jê Meridionais para se referir às populações ceramistas pré-coloniais relacionadas às “ditas tradições ceramistas planálticas”, antecedentes das sociedades Xokleng e Kaingang históricas. O prefixo proto está colocado no sentido de primeiro, para as comunidades mais antigas do que as Jê históricas (SILVA, 2001:11).

Neste amplo espaço de tempo muitas mudanças culturais podem ter afetado a organização interna destas sociedades.

Estudos de outras populações já demonstraram que as manifestações culturais tais como: padrão de assentamento, subsistência, mitologia, organização social e territorialidade, podem ser mantidas ou transformadas com o tempo, especialmente durante confrontos entre diferentes etnias. Segundo Roosevelt, os contatos ocorridos desde a pré-história resultam numa complexidade que torna difícil rotular os diferentes grupos culturais (Roosevelt, 1989 apud Silva, 1999).

A respeito das populações Jê do sul do Brasil especialmente, Noelli (1999/2000) sugere que as diferentes informações encontradas nas fontes etnohistóricas e arqueológicas representam o resultado de uma série de mudanças culturais causadas pelo contato com outras sociedades no período histórico. Estas alterações se deram na demografia, na cultura material, na organização sócio-política e nas formas de subsistência e de assentamento. Assim, tendo em vista estes processos de mudança cultural, todo profissional tem de procurar usar as informações etnohistóricas e etnográficas sempre de forma cautelosa e consciente. Em suma, a utilização destes dados deve visar uma aproximação entre dados vindos de diferentes disciplinas, mas nunca uma equivalência.

Tal prudência a ser adotada com o uso da analogia direta não foi levada em conta pelos arqueólogos vinculados ao contexto de atuação do Pronapa. Um modelo econômico foi gerado com base em dados arqueológicos e etnográficos utilizados sem nenhuma reflexão e cuidado – o qual foi aplicado de forma estática à ocupação do território. Este se refere a uma sazonalidade que liga o planalto, as encostas e o litoral visando complementar uma economia de subsistência (Schmitz e Becker, 1991), que se mostra frágil, simples e dependente de movimentos estacionais para cobrir o sustento das comunidades durante o ano (Saldanha, 2005). No entanto, na medida em que as pesquisas avançam, os aspectos econômicos relacionados a estas populações, assim como outros, mostram-se mais complexos do que são capazes de explicar estes modelos formulados dentro dos paradigmas pronapianos.

Gostaria de tornar claro, para finalizar, que considere a formação de um discurso arqueológico situado no seu período de elaboração, mas tenho consciência de que estou produzindo também um discurso, que da mesma forma pode ser compreendido em função do contexto em que me encontro. Certamente o lugar de onde falo, a formação acadêmica que tive, as discussões teóricas de que participei durante o mestrado, o momento histórico do desenvolvimento da arqueologia o qual estou vivenciando e, até mesmo alguns interesses pessoais acabaram influenciando o desenvolvimento deste trabalho. Neste sentido, defendo a

importância de todo arqueólogo elaborar um discurso arqueológico auto-reflexivo e consciente de si mesmo como um discurso, uma forma própria e particular de escrever e contar o passado a partir do seu olhar no presente.

Procurei mostrar até aqui do que estou partindo para a elaboração de um conhecimento sobre um passado – de noções que considero importantes para pensar a ciência arqueológica e o papel do pesquisador, de dados construídos por um investigador em especial, de discursos produzidos sobre a temática que escolhi para tratar. As informações que construí e que coloco a seguir servirão, assim espero, para ampliar o conhecimento existente sobre a vida antiga das populações em questão no período pré-colonial. Irei tratar das pesquisas que realizei sobre a cultura material encontrada neste antigo assentamento, a qual considerei como um meio para me aproximar das pessoas que viveram neste local no passado e que foram responsáveis pelo registro arqueológico em questão.

## II

### AS PESSOAS E AS COISAS

As pessoas relacionam-se constantemente com as coisas. Elaboram, trocam, usam objetos a todo o momento, estabelecendo complexos envolvimento com o mundo material que as cerca. A arqueologia, por não ter acesso direto às pessoas que viveram no passado distante, estuda as coisas como meio para alcançá-las. Muitos investigadores enganam-se ao pensar que o seu objeto de estudo é o artefato material em si, como se este existisse por si só e não fosse resultado da ação humana. É preciso ter em mente, a meu ver, que o objetivo último da pesquisa arqueológica deve sempre ser os seres humanos que estão por detrás dos objetos e não os próprios objetos.

Cultura material é o termo comumente utilizado nesta e em outras disciplinas para se referir aos produtos materiais da ação humana, os quais são as principais fontes que conduzem à presença humana no passado mais remoto. Refere-se à transformação da matéria inerte em um objeto cultural. Desta forma, toda prática de indivíduos é escrita e impressa no mundo com as coisas (Shanks e Tilley, 1987). De acordo com Glassie<sup>43</sup> (1999):

Cultura Material é cultura feita material [...] Começando necessariamente com as coisas, mas não terminando com elas, o estudo da cultura material usa os objetos para abordar o pensamento e a ação humana [...] Na troca com a natureza, homens e mulheres fazem coisas, deixam rastros na terra [...] Estas são as coisas da cultura material [...] (GLASSIE, 1999:41 <sup>44</sup>)

Conforme Hodder (1992) a cultura material é fascinante para muitas pessoas pelo seu caráter dual, uma vez que aproxima elementos de ciências distintas. Abarca as ciências sociais (humanas) e as naturais (exatas) num mesmo conceito, que captura esta dualidade. As primeiras preocupam-se com os significados conceituais que não são puramente abstratos e que existem em relação a uma determinada cultura, enquanto que as últimas ocupam-se de

---

<sup>43</sup> Henry Glassie é um folclorista americano que desenvolve estudos sobre cultura material com comunidades que vivem atualmente. Estou utilizando neste trabalho apenas uma de suas obras, *Material Culture*, na qual Glassie defende o pensamento de que vivemos em cultura material, dependemos dela, e percebemos através dela nossas maiores aspirações. Este autor mantém um diálogo constante com historiadores, arqueólogos e antropólogos durante todo o texto.

<sup>44</sup> Em inglês: “*Material culture is culture made material (...) Beginning necessarily with things, but not ending with them, the study of material culture uses objects to approach human thought and action (...) In exchange with nature, men and woman make things, tracks in the mud (...) Those are the things of material culture*”.

analisar as características físicas dos objetos, suas propriedades materiais observáveis. Logo, o arqueólogo depara-se com uma fonte de estudo que é uma conjunção de elementos abstratos e concretos presentes em todas as culturas, representadas contemporaneamente pelos objetos materiais.

Além disso, diferentemente de outras formas de expressão cultural, os objetos têm uma maneira própria de expressar-se. Entender a cultura material vai além de interpretar uma linguagem, por exemplo, porque relata pensamentos e ações que resistem à formulação verbal (Glassie, 1999). Assim, a significação da cultura material é difícil de ser colocada em palavras, como destaca Glassie,

[...] o artefato tem seu próprio meio de significar, e em apreendê-lo começamos a ouvir vozes nas coisas, gritos dos deuses atrás dos vidros dos museus. Então aceitamos a estranha responsabilidade de colocar em palavras o que não é verbal” (GLASSIE, 1999:47)<sup>45</sup>

Ao procurar ‘colocar em palavras o que não é verbal’, proponho-me a transcrever neste trabalho a cultura material na forma de um texto escrito. Porém, tenho ciência de que esta não é uma tarefa simples de ser realizada, pois ao transferir os objetos para o papel perdem-se muitos elementos da sua significação. Além disso, há o fato de que muitos significados existiram somente na mente do criador ou do usuário de um artefato e, conseqüentemente, não são acessíveis aos pesquisadores.

Neste capítulo foco-me basicamente nas relações desencadeadas entre as pessoas e as coisas no passado. Para me aproximar de tais envolvimento, desenvolvo inicialmente alguns elementos que considero importantes de se pensar, tais como o caráter ativo das ações dos indivíduos e dos artefatos, a constituição da cultura material pelo(s) significado(s) surgido(s) nestas relações e, por fim, a importância do contexto em que estão inseridos os objetos. Em seguida, procuro analisar como estes relacionamentos se deram na prática, através de um estudo de caso representado pelo exame da cultura material do sítio Morro da Formiga.

Da mesma forma que coloquei antes quando caracterizei o processo de produção do conhecimento de um modo geral na arqueologia, penso que teoria e dados não podem ser separados no desenvolvimento de uma pesquisa e, sendo assim, continuo sem esquecer tal perspectiva no decorrer deste estudo.

---

<sup>45</sup> Em inglês: “*the artifact has its own way to meaning, and in learning it we begin to hear voices in things, the screams of the gods prisoned behind glass in the museum. Then we accept the strange responsibility of putting into words that which is not verbal.*”

## II.1 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DAS COISAS E DAS SUAS RELAÇÕES COM AS PESSOAS

### II.1.1. O CARÁTER ATIVO

Os seres humanos são sujeitos ativos. Produzem objetos não apenas para subsistir, mas igualmente para formar, manter e transformar relações sociais complexas. Os artefatos, de forma similar, desempenham um papel ativo na constituição da sociedade, pois também estão envolvidos nas práticas sociais. São necessários para compor as relações entre os indivíduos, bem como para mantê-las sendo de grande relevância, pois podem armazenar e preservar informação de ordem social, formando assim um componente da realidade.

Esta maneira ativa de conceber os artefatos materiais remete aos trabalhos vinculados às abordagens pós-processuais desenvolvidas na arqueologia por vários autores tais como: Shanks e Tilley (1987); Gero (1989); Hodder (1986;1992); Tilley (1989); Thomas (1996; 2004).

Com relação aos trabalhos de Hodder (1986), em especial, a idéia de que os artefatos tinham funções ativas de constituir e de manter as relações sociais foi fortemente defendida já a partir do início dos anos 1980 em suas primeiras obras.<sup>46</sup> Para ele, a produção dos objetos materiais não era em hipótese alguma um processo passivo, na medida em que estes representam e agem ativamente na sociedade.

Este e outros autores contrapõem-se ao enfoque tradicional presente na arqueologia em que os artefatos tinham uma natureza passiva, sendo vistos apenas como conseqüências da ação humana. Esta forma de pensamento fez-se presente desde o início do desenvolvimento da arqueologia no século XIX, quando havia uma clara obsessão pelos objetos enquanto tais, e adentrou o século posterior em correntes teóricas como o Histórico-Culturalismo e o Processualismo.

Julian Thomas (1996; 2004), pesquisador que rejeita esta abordagem, acredita que tal maneira estática de conceber a materialidade separa as coisas da ação social dos indivíduos, vendo-as meramente como coisas - objetos isolados e recipientes passivos do trabalho humano. Os artefatos, neste sentido, são encarados sempre enquanto objetos em relação aos sujeitos, entidades autônomas a partir das quais informação pode ser adquirida. Da mesma forma, o sujeito não intervém no processo, que igualmente é visto como passivo.

---

<sup>46</sup>Apenas para citar um destes trabalhos de Hodder, *Symbolic and Structural Archaeology*, de 1982.

Com a adoção desta perspectiva de análise, segundo este autor, surge sempre uma dicotomia que separa sujeito e objeto, que os coloca em esferas separadas nas relações sociais. Mas conforme o seu modo de pensar, o envolvimento humano no mundo material não seria caracterizado por este tipo de relação, pois as pessoas na antiguidade não viviam como sujeitos desengajados que coletavam informação de objetos abstratos. Elas viviam sim em mundos sensíveis de significado, desejo, sofrimento e trabalho, nos quais desempenhavam um papel ativo nas relações sociais. Thomas, deste modo, alerta para o fato de que se em nossos trabalhos arqueológicos tomarmos os artefatos apenas como objetos analíticos acabaremos perdendo de vista o caráter natural, experimental e envolvente da vida cotidiana passada (Thomas, 1996, 2004).

Saliento por fim que o repúdio ao entendimento da cultura material como um objeto analítico de natureza passiva e a sua concepção como o resultado de complexos envolvimento entre o homem e o mundo material são perspectivas capazes de incluí-la como parte de uma realidade social que é carregada de significância (Shanks e Tilley, 1987). Como reflito a seguir, a cultura material é constituída significativamente num movimento que, ao conectar as pessoas às coisas de diferentes maneiras, originam, mantêm e transformam as relações sociais tanto em contextos passados quanto presentes.

### **II.1.2 A CONSTITUIÇÃO PELO(S) SIGNIFICADO(S)**

A cultura material é constituída por significados. Não é um reflexo direto do comportamento humano, pois existem idéias, crenças e significados interpostos entre as pessoas e as coisas, estruturados em relação a processos sociais (Hodder, 1982 apud Gero, 1989; Hodder, 1986; 1992). Durante o processo de modificação da matéria natural em produto cultural, significações surgem no desencadeamento das relações entre os sujeitos e os objetos.

Os significados podem ser entendidos como a soma dos relacionamentos entre as pessoas e as coisas (Glassie, 1999). Não fornecem um espelho para as condições materiais de existência e para as relações sociais para reprodução social, pois são constitutivos desta existência e, desta maneira, não estão amarrados aos objetos. Por este motivo, como afirma Thomas, os significados abstratos não devem de forma alguma ser separados da materialidade dos objetos, exatamente porque eles são constitutivos deste mundo material (Thomas 1995, 1996).

Os envolvimento entre os seres humanos e os objetos estão constantemente em movimento. Há uma pluralidade de significados presentes na vida cotidiana, na medida em que os artefatos significam diferentes coisas para diferentes pessoas e são comumente reavaliados e repensados com o passar do tempo. Deste modo, não são somente propriedade do passado, em razão de que também tem uma existência significativa no presente (Thomas, 1996). As pessoas geralmente incorporam itens materiais produzidos em outros períodos de tempo estabelecendo significados muitas vezes diferentes daqueles que eles possuíam em outras sociedades, em outras culturas.

Os significados, segundo Hodder (1992), podem ser atribuídos de diferentes formas aos artefatos. De modo não-reconhecido, quando os autores, inconscientes das significações concedidas, agem efetivamente sem acionar conscientemente às suas mentes todos os sentidos das coisas que fazem. Estas são codificações culturais inconscientes. Há também os significados não-intencionais, em que diferentes pessoas podem realizar distintas leituras das ações, associando o mesmo objeto a esquemas conceituais diversos. De tal modo, numerosos sentidos podem ser dados a objetos em contextos diferentes sobre o espaço e o tempo (por exemplo por produtores e usuários). Assim, este autor alerta, tendo em vista esta diferenciação entre significado e intenção, para a necessidade dos significados simbólicos e os esquemas conceituais que os arqueólogos conferem aos objetos sendo sempre relacionados à prática, à ação dos indivíduos que os originaram.

Novamente, o início do desenvolvimento desta idéia remete, em grande parte, à obra de Hodder, que tentou acabar com mais um paradigma existente nesta disciplina ao identificar a cultura material como um sistema significante e de expressão cultural no qual os elementos físicos e externos não esgotam os seus significados. Desta maneira, pode-se ir além dos aspectos físicos imediatos e das restrições materiais dos objetos ao significado simbólico mais abstrato. Tais significações resultantes das relações estabelecidas entre os sujeitos e os objetos são sempre organizadas por regras e códigos que parecem ser diferentes de cultura para cultura, uma vez que todo sistema significativo é sempre dado pelo contexto no qual o sujeito está inserido (Hodder, 1992).

O paradigma questionado por este autor, ao reforçar a presença de significados na cultura material, foi a visão de que esta era um meio extrasomático de adaptação que funcionava meramente em termos utilitários. Prestava-se muita atenção aos aspectos físicos e às restrições materiais dos objetos deixando-se de lado qualquer conteúdo significante que eles pudessem ter, tal como de elementos simbólicos e ideológicos.

Na defesa da cultura material possuindo também um caráter simbólico, alguns autores (adeptos desta postura) buscam dissolver a oposição estabelecida entre os aspectos ideal e material das culturas, tentando identificar os processos dialéticos que ligam estes dois elementos. Não rejeitam as características materiais e as funções utilitárias presentes em todas as sociedades, mas incorporam em suas análises os significados, os valores e os simbolismos igualmente existentes nelas.

Dentro deste debate mais amplo, aqui brevemente citado, entre idealismo e materialismo está inserida outra dicotomia estabelecida entre função e cultura. Acreditava-se que todos os aspectos da cultura possuíam propósitos utilitários e funcionais, sendo todas as atividades resultantes de expediente adaptativo (Hodder, 1992). Assim, havia notadamente uma dependência do conceito de função como explicativo do desenvolvimento cultural. A questão ‘para que serve X?’ invariavelmente demanda uma resposta do tipo funcional. Tal referência ao interesse prático, ao valor utilitário e ao expediente adaptativo leva a uma separação radical entre função e cultura. Uma explicação como esta pressupõe necessidades, interesses e metas, que são aspectos importantes para o desenvolvimento de cada sociedade, mas que não representam todos os seus aspectos envolvidos (Shanks e Tilley, 1987).

Sendo assim, de acordo com Hodder, esta oposição limita o desenvolvimento da teoria arqueológica porque o valor funcional é sempre relativo ao esquema cultural dado (Sahlins, 1976 apud Hodder, 1992). ‘O que é bom para’ sempre é uma escolha cultural, pois todas as decisões tomam um lugar dentro de um esquema que é cultural.

O antropólogo Marshal Sahlins, assim como destacou Hodder, pode ser inserido neste debate desenvolvido nas ciências humanas em geral e na arqueologia. Este autor elaborou uma crítica antropológica à idéia de que as culturas humanas são formuladas a partir de atividades práticas e de interesse utilitário, defendendo a interpretação simbólica ou significativa da cultura acima de qualquer tipo de utilitarismo (gêneros e espécies de razão prática). Segundo ele, a qualidade distintiva do homem não é o fato dele viver num mundo material, mas o fato de fazê-lo de acordo com um esquema significativo criado por si próprio. A cultura conforma-se a pressões materiais sempre a partir de um esquema simbólico definido, que nunca é o único possível. Por isso afirma que “é a cultura que constitui a utilidade” (Sahlins, 1976). Nas suas palavras:

Nenhuma sociedade pode viver de milagres, enganando-se com ilusões. Nenhuma sociedade pode deixar de prover meios para continuação biológica da população ao determiná-la culturalmente – não pode negligenciar a obtenção de abrigo na construção das casas, ou de alimentação ao distinguir comestíveis de não-

comestíveis. No entanto os homens não “sobrevivem” simplesmente. Eles sobrevivem de maneira específica [...] (SAHLINS, 1976:68)

[...] é esse sistema significativo que define toda a funcionalidade, isto é, de acordo com estrutura específica e as finalidades da ordem cultural. Daí decorre que nenhuma explicação funcional é por si só suficiente, já que o valor funcional é sempre relativo a um esquema cultural (...) nenhuma forma cultural pode ser interpretada a partir de um grupo de ‘forças materiais’, como se o cultural fosse a variável dependente de uma inevitável lógica prática (...) Isso não quer dizer que sejamos forçados a adotar uma alternativa idealista, imaginando que a cultura caminha sobre o ar rarefeito dos símbolos”. (SAHLINS, 1976:205)

Em suma, os significados culturais são os elementos que definem a função e a utilidade dos objetos em uma dada sociedade. Esta solução oferecida por Sahlins, categorizada pelos antropólogos dentro da oposição entre o idealismo e o materialismo, deixa para trás, segundo ele, dualismos tão antigos quanto este. Para este autor, a cultura é tanto experiência real do sujeito quanto suas concepções ideais – uma forma de pensamento que coloca um desafio à razão prática (Sahlins, 1976).

Retornando à análise de algumas características das coisas, uma visão como esta considera o fato de que há mais significados para a cultura material do que apenas os funcionais, pois estes são estruturados por expressões de idéias formadas culturalmente (Shanks e Tilley, 1987). Na maioria das vezes, os significados utilitários são colocados de forma oposta aos simbólicos, apesar de alguns autores chamarem a atenção para o fato de que estas duas formas de significância não são antagônicas. Ao contrário, são interdependentes, na medida em que não é possível referir-se a uma sem ao menos pressupor a outra.

Na prática, é muito difícil separar os significados funcionais e utilitários do terreno simbólico, e inversamente símbolos podem ter claramente funções sociais pragmáticas (Hodder, 1986; Shanks e Hodder, 1995). No mundo material, as funções práticas contribuem para a constituição do significado simbólico abstrato e muito simbolismo está arraigado nas práticas cotidianas. Esta oposição, na verdade, é gerada pelos próprios pesquisadores, que ao estudar os objetos separam estas formas de significação. É preciso entender, todavia, que nos períodos remotos estes elementos surgidos nas relações entre as pessoas e as coisas estavam estreitamente correlacionados. Veja o exemplo dado por Glassie:

Vendo uma composição de aço e madeira, vem à mente a nossa idéia de machado. Fazemos isto imaginativamente em uma coisa para o corte de madeira de lei e cessamos de ponderar isto. Uma ferramenta, dizemos. Mas para o homem que o forjou e pôs o cabo, o machado era mais - uma realização de sua tradição e habilidade, uma invenção para honrar seu mestre e servir a seu próximo. E para o

homem que o usou, o machado poderia ter sido um símbolo de status, não para ser reduzido à madeira e à mera utilidade (GLASSIE, 1999:59)<sup>47</sup>

Maquet, a meu ver, ao buscar ler os objetos a partir de duas diferentes perspectivas – como instrumentos e como símbolos – acaba colocando-os em lados opostos. Na sua visão, entender os objetos como instrumentos requer traçá-los por dedução, através do seu design e de sua situação no ambiente social e físico (por exemplo, uma faca é um artefato feito de uma lamina afiada e um cabo, um instrumento cortante em varias culturas, cujo uso só pode ser inferido a partir de sua forma e materiais). Entretanto, para o autor, embora alguns objetos sejam predominantemente instrumentos, eles também expressam significados. Assim, ao estudá-los como símbolos, considera-se o significado cultural atribuído a eles (como em certas sociedades as facas são armas somente para os caçadores e poderiam ser um signo para caça, uma ocupação superior) (Maquet, 1993).

Esta forma de análise, deste modo, apesar de levar em conta que os artefatos possam ser constituídos por significados simbólicos, resulta em uma separação destes valores das significações funcionais. Além disso, tal autor não percebe que os significados são antes de tudo culturais, são específicos para cada cultura, para cada grupo de pessoas.

Para concluir, levanto novamente uma reflexão a respeito das certezas acerca do passado. A respeito dos significados mais especificamente, há autores vinculados à vertente processualista que defendem uma posição radical no sentido de negar a possibilidade de alcançar os significados e, por esta razão nem tentam identificá-los. De outro lado, os pós-estruturalistas<sup>48</sup>, de forma similar, acreditam que os significados originais do passado não podem ser atingidos, e deste modo seriam apenas imposições dos pesquisadores aos objetos.

---

<sup>47</sup> Em inglês: “*Seeing a composition of steel and wood, we pull it into our idea of an axe. We make it imaginatively into a thing for the chopping of timber and cease pondering it. A tool, we say. But for the man who forged and helved it, the axe was more – the realization of his tradition and skill, a device to honor his master and serve his neighbor. And the man who used it, the axe might have been a token of status, not to be lowered into wood and mere utility*”.

<sup>48</sup> O pós-estruturalismo é um movimento desenvolvido nas ciências humanas, sociais e na lingüística e que foi abarcado pela arqueologia. Está associado com um grupo de escritores franceses incluindo Nietzsche, Foucault, Barthes, Derrida e Ricoeur. Trata-se de um movimento da linguagem para o texto. Os significados são apenas acessados através da leitura dos textos. Desta forma, estes autores defendem a impossibilidade de serem alcançados os significados originais dos objetos do passado (HODDER, 1989). Dentre os arqueólogos influenciados por esta corrente de pensamento podem ser citados principalmente Bapty & Yates, 1990; Tilley, 1990 e Hodder, 1989.

Para Hodder, entretanto, todos os arqueólogos tentam reconstituir os significados, procuram chegar às mentes das pessoas que viveram no passado de uma forma ou de outra. A simples afirmação de que certo grupo descartava determinados objetos, por si só já supõe que as pessoas não se importavam mais com eles. Do mesmo modo, denominar uma estrutura de casa pressupõe que os indivíduos a teriam usado e a reconhecido nestes termos (Hodder, 1992). Acreditar que ao estudar objetos todo investigador não está lidando com significados é, portanto, uma falsa consciência ou uma ilusão por parte dos arqueólogos.

E quanto às certezas dos significados conferidos pelos pesquisadores, concordo com Hodder (1992) de que é possível acomodar nossas construções a um entendimento dos seus significados até certo ponto, de acordo com as características materiais dos artefatos. O que realmente significavam os objetos que analisamos contemporaneamente, especialmente a respeito daqueles abstratos e simbólicos, sem dúvida são perguntas difíceis de serem respondidas. Muitas vezes não há como saber o que significava determinado artefato de pedra, certo pote de cerâmica, mas acredito que mesmo que não se saiba com certeza os seus significados, deve sempre ser afirmado que estes existem, ou melhor, existiam em contextos passados.

Um dos maiores desafios encontrados pelo arqueólogo, então, é conferir significado a um mundo de objetos aparentemente sem significância (Tilley, 1998). A grande questão almejada, portanto, é de que maneira inferir os significados culturais a partir de vestígios materiais do passado. Considerando que não é uma tarefa simples de ser efetuada, uma das principais maneiras encontradas pelos pesquisadores para alcançar este objetivo é estudar o artefato contextualmente. Mencionei, em momento anterior, que os significados não são puramente arbitrários, pois estão sempre ligados a um contexto. O estudo deste contexto, por conseguinte, pode ser capaz de aproximar o pesquisador de alguns dos significados relacionados aos objetos.

### II.1.3. A INSERÇÃO NO CONTEXTO

O que, dizemos, significa um solitário motivo em um tapete oriental? A resposta rigorosa é: nada. Nisto, também, a cultura material assemelha-se com a linguagem. Uma palavra solitária não significa nada (...) Coisas e palavra isoladas são vazias, arbitrarias. A arbitrariedade as deixa quando elas obtêm lugares em sistemas de inter-relação[ ...] (GLASSIE, 1999:47)<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> Em inglês: “ *What, say, does a lone motif on an oriental carpet mean? The rigorous answer is: nothing. In this, too, material culture resembles language. A lone word means nothing (...) Things and words are empty in isolation, arbitrary. Arbitrariness leaves them as they gain places in systems of interrelation*”.

A partir do momento em que os contextos dos objetos são conhecidos eles deixam de ser completamente mudos, pois as associações que estabelecem com outros elementos fornecem as chaves para sua significação. Neste sentido, toda interpretação deste tipo de conteúdo se vê restringida pela análise do contexto (Hodder, 1986).

Uma definição de contexto é encontrada na obra de Hodder, desenvolvida nos termos de uma Arqueologia Contextual. Segundo ele, este termo pode ser definido como,

[...] a totalidade do meio-ambiente relevante. O contexto de um ‘objeto’ arqueológico (incluindo um traço, um sítio, uma cultura) é todas aquelas associações que são relevantes para seus significados. Esta totalidade, é claro, não é fixa em nenhum sentido desde que o significado de um objeto depende do que está sendo comparado com, por quem, com qual propósito e assim por diante [...] <sup>50</sup> (HODDER, 1992:14,15)

Contextualizar compreende entrelaçar, conectar as coisas. Um objeto nunca significa nada por si mesmo, mas em uma teia de relações com outras coisas que compõem um contexto, um campo de significações (Thomas, 1996).

A interpretação arqueológica requer que as coisas sejam relacionadas com outras para fazer sentido ao que restou do passado. Desta maneira, um artefato sem proveniência tem valor limitado, visto que os significados somente podem ser abordados se os contextos de uso são considerados, se as diferenças e as semelhanças entre as coisas são levadas em conta (Hodder, 1986).

Para Hodder, a interpretação do significado será alcançada quanto mais ricamente forem tramados os dados, uma vez que uma grande quantidade de informações permite descobrir mais semelhanças e diferenças entre os materiais. Assim, a análise contextual implica movimentos constantes entre teoria e dados, entre objetos e contextos (Hodder, 1992).

Tendo em vista que a arqueologia é uma disciplina histórica, é importante considerar que todas as ações humanas são localizadas em contextos históricos que são específicos para cada cultura. Assim, quando se analisa alguma relação estabelecida entre uma cultura material e um grupo de pessoas, necessariamente deve-se inseri-la dentro do contexto histórico e cultural específico. Apenas para exemplificar, os objetos têm atributos materiais universais, como um machado para cortar árvore necessariamente deve ser elaborado com

---

<sup>50</sup> Em inglês: “(...) *the totality of the relevant environment. The context of an archaeological ‘object’ (including a trait, a site, a culture) is all those associations which are relevant to its meaning. This totality is of course not fixed in any way since the meaning of an object depends on what it is being compared with, by whom, with what purpose and so on (...)*”

uma determinada matéria-prima e deve apresentar marcas de uso específicas com a realização desta atividade. Entretanto, este mesmo machado está ligado a um contexto histórico particular, no qual pode estar associado a esqueletos femininos em um enterramento. Neste sentido, significa mais do que uma ferramenta utilitária, pois remete a outro tipo de significação, vinculada a questões como gênero existentes em determinada sociedade (Hodder, 1992).

Glassie (1999) propõe um modo de esquematizar a variedade contextual e organizar as categorias de informação dentro das quais os artefatos absorvem significância específica. Seu método compreende em considerar as coisas como textos, conjuntos de partes, nos quais os significados são trazidos quando os colocamos de volta aos seus contextos e os analisamos como partes de conjuntos. Um texto, um objeto neste caso, não tem apenas um contexto - têm muitos a cada movimento de associação. Dentro desta metodologia de análise, este autor sugere que os artefatos absorvem significância ao visionar contextos enquanto séries de ocasiões pertencendo a três classes mestres – criação, comunicação e consumo – as quais foram arranjadas por este autor, desta maneira, para contar de forma cumulativa as histórias de vida dos artefatos.

Para analisar os artefatos líticos e cerâmicos do sítio Morro da Formiga utilizo o esquema desenvolvido por este pesquisador, que compreende a inserção das coisas em contextos amplos que auxiliam a contar as histórias de vida dos objetos. Faço isto não apenas porque considero a abordagem contextual de grande valia, mas também em razão de que ao pensar os artefatos dentro destas grandes categorias há margem para considerar outros significados que possam ter surgido nos envolvimento com as pessoas.

Gostaria de salientar que as interpretações que desenvolvi sobre a cultura material do sítio em questão foram baseadas no meu entendimento de que a ligação estabelecida entre o arqueólogo e o artefato material não é uma atividade contemplativa e passiva, na qual as informações são apenas extraídas dos objetos. O conhecimento sobre o passado, logo, é sempre produzido de forma ativa por este pesquisador, um sujeito ativamente interpretante que faz constantemente perguntas de uma forma dinâmica à cultura material. O arqueólogo, portanto, é um sujeito real que escava e pensa sobre um passado que também é real, nas palavras de Shanks e Tilley (1987).

## II.2 OS CONTEXTOS DE CRIAÇÃO E DE CONSUMO DOS OBJETOS

Estudar os artefatos nos seus contextos de criação e de consumo permite recapitular as atividades desencadeadas pelos sujeitos com os objetos no passado. Além disso, pode ser bastante útil para serem alcançadas as significações constituídas nestes eventos, uma vez que parte de um enfoque contextual que procura conectar os dados produzidos sobre os artefatos.

No primeiro momento, o da criação, processos produtivos são desenvolvidos pelas escolhas dos artesãos, sejam homens ou mulheres, as quais são motivadas por fatores de naturezas distintas. Há aqueles mais pragmáticos ligados à busca pela sobrevivência e à satisfação das necessidades básicas das comunidades, referentes às atividades de obtenção, transporte, processamento de alimentos, armazenagem, transporte de materiais, que são possibilitadas pela exploração dos recursos do ambiente.

Por outro lado, existem elementos de ordem simbólica que igualmente intervêm na produção de objetos da cultura material, tais como as concepções religiosas, estéticas e filosóficas das sociedades. Sendo assim, os processos produtivos não são, exclusivamente, um indicador da adaptabilidade ou da eficiência do homem ao resolver problemas gerados do seu relacionamento com o mundo material, mas ao mesmo tempo são uma construção social, um fenômeno com aspectos conceituais e simbólicos relacionados (Vidal e Silva, 1995; Silva, 2000).

Segundo Vidal e Silva, estes fatores de diferentes naturezas se articulam em torno de conhecimentos precisos, compartilhados pelos indivíduos, adquiridos pela observação sistemática, experimentação e pesquisa do meio, da sociedade e do homem, ao longo de muitas gerações que os precederam. Os objetos são, desta maneira, produtos de uma história, e remetem-se às tradições identificadas pelo grupo com marca específica de sua identidade (Vidal e Silva, 1995).

Glassie destaca alguns aspectos que considera relevantes no desenvolvimento da criação, os quais dizem respeito a fatores que influenciam a realização deste ato de diversas formas, como a concentração, o planejamento, o aprendizado, o ensino, a cooperação e a memória. Com a concentração, decisões são tomadas, que dizem respeito ao objeto acabado. No âmbito do planejamento, com uma forma em mente os pensamentos do criador tornam-se materiais. O aprendizado está presente neste contexto, pois todo aprendiz recebe instruções de como fazer algo, de alguém com mais experiência do que ele. Correlacionado a este aspecto está o ensino, que trata da transmissão de instruções para os membros mais novos de uma comunidade. Com a cooperação, há o trabalho conjunto de várias pessoas, que

trabalham juntas e assim materializam seus pensamentos e sentimentos conjuntamente. Aprendizado, ensino e cooperação são essencialmente ações de troca social. Além destes fatores, tal autor destaca a memória, que faz com que associações sociais como fragmentos biográficos venham à mente do artesão quando está elaborando o artefato (Glassie, 1999).

Para este autor, todos estes elementos se unem no instante da criação, que abraça estes distintos conjuntos de relações, dentro dos quais cada objeto adquire significância. Todo objeto é diferente, é fruto de diferentes associações e influências desencadeadas pelas ligações entre os seres humanos e os objetos. Com o desenrolar da criação, os significados, que são a soma das relações entre as pessoas e as coisas, começam a surgir, mas não cessam nos momentos seguintes. As significações podem começar em qualquer lugar da história do artefato, embora Glassie considere que comecem a partir deste momento (Glassie, 1999).

Na proposta de Glassie (1999), além dos contextos de criação e de consumo está incluído o contexto da comunicação entre estes dois momentos. Durante a comunicação, o objeto normalmente vai do seu criador para seu consumidor. Existem algumas formas de isto ocorrer. Em uma delas os objetos são trocados comercialmente, e assim escapam do círculo do grupo em que foram criados ao serem transferidos para outra pessoa que provavelmente nunca entenderá todas as associações envolvidas e que deve ficar comovido apenas com suas propriedades inerentes. Em outra situação possível, os artefatos permanecem no círculo em que foram criados, e muitos dos seus significados atribuídos tem mais chances de serem preservados pela comunidade. Neste caso ainda o produtor pode não ser o mesmo usuário do objeto, embora façam parte do mesmo grupo de pessoas.

Nestas duas circunstâncias ou em outras, a comunicação está ligada ao mesmo tempo com a criação e com o consumo, atuando como um elemento que une estes dois contextos de ações. Estes se mostram assim intimamente conectados, pois na criação o consumo muitas vezes é pensado e planejado, da mesma forma em que no consumo estão presentes ou são lembrados aspectos relacionados à criação.

No consumo dos objetos elaborados na criação e movimentados com a comunicação, os significados consolidam-se e expandem-se. No caso do produtor não ser o próprio usuário do artefato, os significados do primeiro são ofuscados pelos do último. Há alguns contextos de consumo, tais como o uso, a assimilação e a preservação. Durante o uso, a reação do consumidor sobrepõe-se às intenções do criador, que pode fazer outro uso que não o pretendido ao criar o objeto. Com a assimilação, as memórias do criador são substituídas pelas memórias do usuário, que alteram os significados originais dos objetos. Por fim, na preservação, o consumidor reconhece o significado mais profundo do objeto (Glassie, 1999).

Segundo Glassie, todos os artefatos<sup>51</sup> são multifuncionais, e entre as suas funções, algumas são instrumentais porque as coisas são feitas para usar (Glassie, 1999). Como procurei mostrar anteriormente, entretanto, há mais significados ao consumirmos os objetos do que apenas usá-los funcionalmente. Desta forma, consumo pode ser entendido como algo a mais do que a utilização funcional dos objetos materiais, pois como é constituído por complexos envolvimentos entre os indivíduos e as coisas, compreende também outros significados culturais, como os simbólicos, por exemplo.

Com a proposta original de Glassie, que adaptei para a organização dos dados empíricos nos momentos de criação e de consumo dos objetos, insiro os artefatos líticos e cerâmicos dentro destas amplas categorias que cobrem os ciclos de vida dos objetos. Em alguns momentos foi possível identificar elementos para pensar a ligação entre contextos. Levanto algumas considerações sobre os aspectos envolvidos com a comunicação pois acredito que em qualquer sociedade as atividades de criar e de consumir objetos estão amplamente associadas. Procuo ainda considerar os múltiplos significados surgidos nestas ocasiões de complexas ligações ocorridas entre as pessoas e os objetos.

## II.2.1 OS ARTEFATOS LÍTICOS

Os artefatos<sup>52</sup> líticos são objetos bastante abundantes e representativos da pré-história. Isto não se deve por fazerem-se presentes desde os primeiros indícios da existência da espécie humana ou por existirem em maior quantidade, mas pelo fato de que são os vestígios que melhor se preservam como registro arqueológico.

Acerca dos artefatos líticos relacionados aos grupos que habitaram as regiões do planalto sul-brasileiro e de suas regiões adjacentes, gostaria de lembrar que estes vestígios tiveram no início das investigações um papel secundário no estudo da pré-história da região, como destaca Saldanha (2005). Nas publicações da época, por volta dos anos 1960 e 1970, eram elaboradas apenas descrições tipológicas na procura de elaborar um quadro cronológico-cultural, através da identificação dos artefatos ‘fósseis-guias’. Ainda de acordo

---

<sup>51</sup> As palavras que utilizamos para nos referirmos aos objetos por si só já possuem conotações das significações que atribuímos a eles. O uso da palavra artefato sugere somente uma dimensão das coisas – de que foram feitas. A utilização do termo instrumento igualmente indica apenas uma dimensão das coisas – de que foram usadas. E, a adoção da palavra ‘bem’, por outro lado, pode exprimir que além destes significados as coisas são trocadas e possuídas pelas pessoas (Glassie, 1999).

<sup>52</sup> Para ficar mais clara a leitura da parte sobre a análise do lítico que segue, utilizo o termo artefato para me referir a todos os objetos que são resultado da ação humana, podendo ser elaborados ou apenas modificados de alguma forma pelos indivíduos. Sobre o conceito de instrumento, que utilizo posteriormente, explico mais adiante o modo pelo qual o estou compreendendo e o usando.

com este autor, há uma carência de estudos sistemáticos sobre estes materiais líticos. Alguns pesquisadores procuraram ultrapassar o desenvolvimento de exames sucintos e esquemáticos, através da utilização de técnicas de análises quantitativas e qualitativas teóricas e metodologicamente embasadas (Schmitz et al, 2002, Saldanha, 2005).

A fim de contribuir para modificar esta situação, desenvolvo um estudo detalhado sobre os artefatos líticos associados aos grupos ceramistas do planalto, tendo em vista os seus contextos de criação e de consumo<sup>53</sup>. Para tanto, me baseio em alguns aspectos de uma perspectiva teórico-metodológica há bastante tempo utilizada por vários pesquisadores, especialmente na Europa - a abordagem ligada à escola tecnológica francesa.

O foco de tal análise está no exame do processo de produção de artefatos através de um estudo dinâmico da seqüência gestual completa empreendida, com a análise de todos os vestígios, que tem como principal objetivo alcançar o homem que está por detrás das ações e das intenções subjacentes à elaboração dos objetos<sup>54</sup>. Este enfoque considera fundamentalmente a tecnologia como um processo de aquisição, transmissão e conservação de conhecimento através da aprendizagem, na qual o sujeito assume o papel principal nas mudanças culturais. Neste sentido, o lascamento de uma rocha é considerado uma atividade que é aprendida e praticada pelas capacidades cognitivas individuais de julgamento crítico (Fogaça, 2001; Hoeltz, 2005).

No Brasil, pesquisadores como Fogaça e Hoeltz com base em autores franceses como Boëda, Lemonnier, Perlès, Geneste, Tixier, Pelegrin e outros, têm procurado realizar estudos a partir de tal perspectiva teórica e metodológica. Fogaça, que estuda indústrias pré-históricas líticas em Minas Gerais, explora a existência de categorias culturalmente construídas que

---

<sup>53</sup> Analisei a totalidade da coleção lítica encontrada no sítio Morro da Formiga – 2022 peças – individualmente em laboratório.

<sup>54</sup> A leitura tecnológica oferecida por esta abordagem difere em muitos aspectos da tecno-tipológica desenvolvida principalmente nos Estados Unidos. A tecno-tipologia conjuga uma análise de elementos tecnológicos e tipológicos que considera o artefato em sua forma final, pré-concebendo o material lítico com a utilização de listagens previamente selecionadas de atributos a serem encontrados nos objetos. Esta abordagem, além de dificultar a leitura da seqüência operacional levada a cabo na produção destes artefatos, torna difícil visualizar a ação do homem por detrás da organização tecno-tipológica dos conjuntos. As listagens pré-selecionadas de atributos físicos e técnicos negligenciam deste modo a interpretação dinâmica do comportamento técnico do indivíduo e do grupo social e acabam excluindo as pessoas deste processo (HOELTZ, 2005; CABRAL 2005). Assim, após um tempo analisando materiais líticos sob tal perspectiva tecno-tipológica durante a realização de pesquisas acadêmicas, optei neste trabalho em não prosseguir usando-a, principalmente em razão da dificuldade que sentia de identificar a ação humana atrás da organização das indústrias líticas. Procurei não impor uma lista pré-selecionada de atributos que esperava encontrar nos artefatos, e assim comecei identificando inicialmente nos materiais categorias básicas como lascas, núcleos e unifaces e bifaces. Com o desenvolvimento do exame das peças fui elaborando uma listagem classificatória de todos os elementos encontrados, para obter um banco quantitativo de dados e de forma a dialogar constantemente com as informações que iam surgindo. Como procurava compreender todo o processo empreendido pelos indivíduos na elaboração dos artefatos e posteriormente nas suas formas de consumo, tornava-se muito difícil alcançar tal objetivo se considerasse os objetos apenas em suas formas finais.

originaram as indústrias líticas pré-históricas, cuja aquisição depende da aprendizagem<sup>55</sup> e se expressa em normas culturais compartilhadas. Para ele a aprendizagem implica o desenvolvimento gestual preciso e controlado e a progressiva compreensão das regras inerentes, sendo um processo de desenvolvimento de capacidades individuais articulado à aquisição de um universo tecnológico socialmente construído. Trata-se de uma articulação entre o conhecimento disponibilizado pelo indivíduo e o conhecimento disponibilizado pela sociedade (Fogaça, 2001).

A partir do trabalho de Fogaça e de outros pesquisadores que estão seguindo esta ótica, abriram-se novas perspectivas para o estudo dos artefatos líticos, principalmente em razão de que foram levantados outros significados em torno destes objetos. Estes passaram a expressar, além de funções utilitárias e práticas, cognição, ensino e aprendizado.

Seguindo em grande parte os passos deste arqueólogo, Hoeltz realizou uma pesquisa com materiais líticos do sul do Brasil produzidos por diferentes grupos humanos em distintas épocas da pré-história. A principal contribuição desta autora foi de apresentar uma proposta teórica e principalmente metodológica para trabalhar com esta linha de pesquisa, a qual pode vir a tornar-se referência para a aplicação por outros pesquisadores (Hoeltz, 2005).

Em meu estudo abarqueei o conceito de cadeia operatória utilizada em várias abordagens, inclusive na tecnológica francesa, a fim de trabalhar com as seqüências de atividades que podem ocorrer aos objetos, desde sua produção até o seu descarte final. Porém, inseri os elementos presentes na cadeia operatória tradicional (aquisição de matéria-prima, produção, uso e descarte) dentro dos amplos contextos de criação e de consumo. Procedi desta forma por pensar que estes conceitos permitem ao pesquisador sugerir outros significados do que apenas os que são comumente levantados nos trabalhos sobre os vestígios líticos.

Sendo assim, apresento em partes distintas, mas não desconexas, os contextos de criação e de consumo dos materiais líticos. Durante a criação, elementos relacionados ao futuro, ao consumo dos objetos são mentalizados pelas pessoas, ao passo que no consumo os

---

<sup>55</sup> Tal autor desenvolve a questão do aprendizado como muito importante para a criação de artefatos em pedra. Segundo ele, tradições técnicas são transmitidas por treinamento na infância ou adolescência, e acabam sendo fatores limitantes na escolha da técnica e de esquemas conceituais pelo trabalhador de pedra adulto (FOGAÇA, 2001). Para refletir sobre esta idéia, Fogaça baseia-se em grande parte nos trabalhos de Wynn, que tem dedicado seu tempo em compreender como se dá a aquisição da habilidade técnica pelos indivíduos. Conforme Wynn, o lascamento é uma prática mundana, cotidiana, na qual adquirimos conhecimento pela aprendizagem. Inicialmente o 'novato' aprende a encadear ações por meio de memorização e observação, em longas seqüências de repetição. A ação é sempre seqüencial. O aprendizado é essencial não apenas para a produção de instrumentos, como também para o seu uso (WYNN, 1993).

aspectos associados à criação destes materiais são visualizados nos objetos, podendo ser lembrados pelas mesmas pessoas que os elaboraram.

Inicialmente, procuro de um modo geral interpretar os processos desenvolvidos para a produção de artefatos, os quais poderão ou não se tornar instrumentos a partir de distintas formas de utilização. Então, busco interpretar as diferentes formas de modificação sofridas pelos instrumentos intencionalmente elaborados e também utilizados em sua forma bruta no ambiente.

### II.2.1.1 OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO

A criação de artefatos líticos abrange diversas atividades, desde a busca e a aquisição de matérias-primas, a escolha pelas técnicas de produção a serem trabalhadas (como lascamento e polimento) até o desenvolvimento das diversas etapas que envolvem os processos de produção. Durante estas e outras ações, significados começam a surgir pelo desencadear das relações de determinadas pessoas com a elaboração destes objetos. Há que se levar em conta, entretanto, que tal processo de produção é artesanal em essência, pois cada artefato, mesmo que seja elaborado de acordo com normas padronizadas, é uma peça única, significativamente diferente.

No que se refere ao momento de produção, examino apenas os artefatos líticos confeccionados intencionalmente pelos indivíduos. Assim, diferencio estes objetos daqueles que não passaram por uma atividade produtiva propriamente dita, de modo a organizar de uma forma mais clara este texto. Na parte em que trato especificamente do consumo, traço algumas considerações sobre o período inicial da criação, o qual igualmente mostra-se presente nestes últimos tipos de artefatos.

#### *A Disponibilidade e o Aproveitamento de Matérias-Primas*

O sítio Morro da Formiga está situado em uma porção da encosta inferior do nordeste do planalto sul-brasileiro, que compreende altitudes mais baixas que vão aumentando até atingir a encosta superior do nordeste a uma altura de 1000m. Geologicamente, esta área

apresenta duas formações distintas – a Botucatu e a Serra Geral<sup>56</sup> - que respectivamente geraram rochas sedimentares e magmáticas.

Mais especificamente, o local em que foi implantado o assentamento em questão situa-se no topo de uma pequena elevação arenítica situado a 800m da margem esquerda do rio Paranhana. Neste local, em razão de sua formação geológica, havia disponibilidade de rochas areníticas. As outras matérias-primas encontradas no sítio foram adquiridas certamente em outros lugares, possivelmente próximos, como os basaltos provenientes de blocos de afloramentos rochosos (que se encontra de diferentes qualidades e apresentam a superfície natural rugosa - o córtex), os nódulos de calcedônia e de quartzo que foram gerados no interior destes blocos e, além disso, os basaltos e arenitos silicificados na forma de seixos de arraste fluvial. Os blocos na forma de seixos apresentam o córtex liso, em razão da ação dos rios que drenam a região acabarem transportando as matérias-primas desprendidas dos afloramentos até às suas margens.

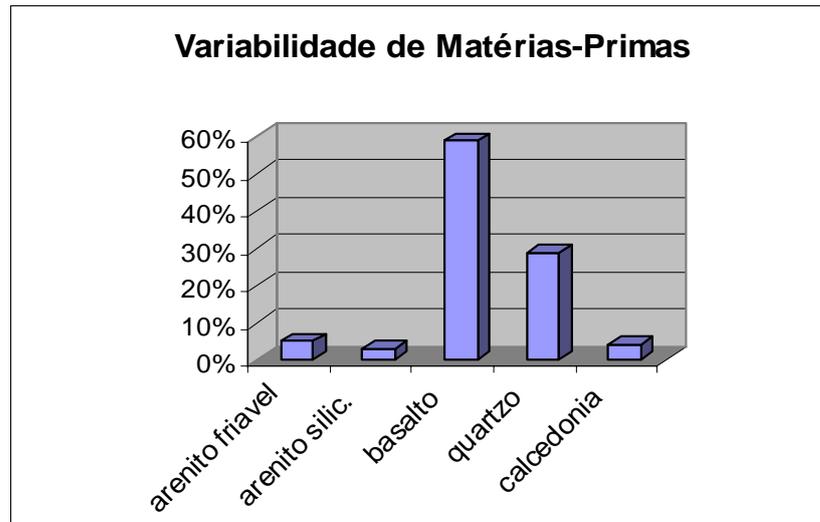
Neste sentido, com as informações disponíveis sobre a composição geológica do lugar em que está situado o sítio arqueológico Morro da Formiga, e com os dados obtidos com as análises das matérias-primas utilizadas, é possível afirmar que havia uma grande disponibilidade de recursos rochosos na região em que foi estabelecida a ocupação de indivíduos.

No estudo da aquisição de matérias-primas para confecção de artefatos e para a realização de outras atividades, segundo Hoeltz, devem ser levadas em conta questões como a abundância local; a acessibilidade (distância de fontes); o modo de aquisição (extração ou coleta); e algumas características como transportabilidade, fragmentação de blocos brutos no local de extração e formas técnicas do transporte, como por exemplo, blocos e lascas (Hoeltz, 2005).

De um modo geral, o conjunto dos artefatos líticos é composto por uma utilização variada de matérias-primas. Estão presentes os seguintes tipos de rochas: sedimentares (arenitos friável e silicificado) e ígneas ou magmáticas (basalto, quartzo hialino e calcedônia) na forma de blocos extraídos ou coletados de afloramentos e de seixos rolados por ação fluvial. O basalto foi o tipo de rocha mais aproveitada, seguido do quartzo (gráfico 1).

---

<sup>56</sup> Explico com mais detalhes no capítulo três a formação geológica da área em que está localizado o sítio em estudo.



**Gráfico 1: Variabilidade de Matérias-Primas Utilizadas**

No que se refere à distância de acesso às fontes de matérias-primas, a única informação mais precisa de que disponho é de que o arenito friável era o único tipo de rocha local disponível. Os seixos encontrados nas margens dos rios poderiam ter sido coletados no rio Paranhana, que estava distante à apenas 800m, enquanto que as matérias-primas provenientes de afloramentos rochosos devem ter sido adquiridas em lugares mais ou menos próximos do assentamento.

As matérias-primas oriundas de afloramentos podem ser adquiridas de dois modos: por extração de parte do afloramento ou por coleta de blocos desprendidos deste. Como não disponho de maiores dados sobre os locais onde poderiam ter sido obtidos tais blocos não tenho meios para responder tal questão. Acredito, no entanto, que as matérias-primas podem ter sido adquiridas sob estas duas formas, se houvesse disponibilidade na natureza.

Após adquirir as matérias-primas necessárias para a produção de artefatos líticos, os artesãos ou as artesãs pré-históricas dão início ao processo de confecção destes objetos através da aplicação de dois métodos de trabalho – o lascamento e o polimento da pedra.

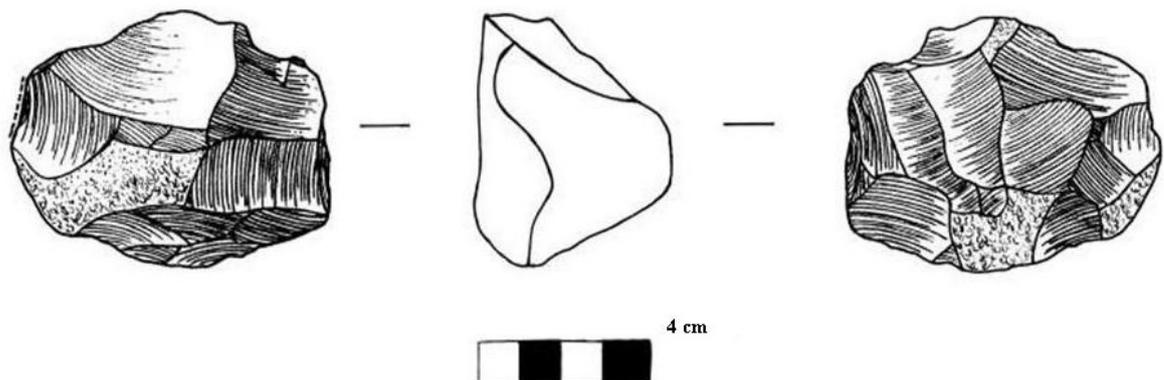
### **O LASCAMENTO POR PERCUSSÃO**

O lascamento por percussão foi amplamente desenvolvido para a elaboração dos artefatos líticos, tendo sido realizado a partir do emprego de duas técnicas distintas - unipolar (direta) e bipolar (indireta).

De acordo com a metodologia de análise tecnológica em que estou me apoiando, há dois conceitos abordados pelos arqueólogos para explicar a leitura da gênese de um artefato a partir do lascamento de um bloco natural – *Debitagem e Façonagem* - os quais dizem respeito a tratamentos particulares da matéria-prima. No sistema de Debitagem o objetivo da ação é primeiramente dividir um volume de material em unidades pequenas usáveis (exemplo: lascas). O núcleo (do nódulo) é essencialmente gasto e as lascas o resultado desejado. Assim, o que interessa ao artesão são as lascas produzidas e não o bloco resultante do lascamento (núcleo), pois a produção do instrumento desejado segue a partir das lascas (suportes) e não do núcleo. No sistema de Façonagem, ou de modelagem, a redução é primeiramente gerada para reduzir uma massa de material e dar ao volume restante a forma desejada. Desta forma o núcleo é o resultado desejado (exemplo: biface) e não as lascas produzidas, pois a produção do instrumento desejado parte do bloco natural selecionado (o suporte) e não das lascas, que nesta operação são rejeitadas (Hoeltz, 2005; White e Ashton, 2003).

A partir da análise dos materiais lascados unipolarmente, tais como lascas, núcleos, unifaces e bifaces, foi possível distinguir a presença destas diferentes maneiras de trabalhar as matérias-primas. Isto foi realizando tanto com a aplicação da técnica de percussão unipolar quanto da bipolar.

#### *A Percussão Unipolar ou Direta*



**Figura 5: Artefato unipolar bifacial (desenho: Carolina Rosa)**

O lascamento por percussão unipolar é uma técnica realizada com a ação sobre um núcleo com um único plano de percussão (Prous, 2004). No conjunto do material lítico

lascado este método de trabalho está bem representado em 52% dos vestígios (figura 5)<sup>57</sup>. Com o emprego deste tipo de técnica, pude apontar para o emprego tanto do sistema de debitage quanto do de façongem para a confecção de artefatos líticos lascados, através da análise do total de 628 peças lascadas unipolarmente.

Através da debitage inicial de blocos naturais, grandes lascas foram obtidas para serem utilizadas (de forma direta sem modificação no gume natural e com a aplicação de retoques para delineamento do gume) e também para servirem como suportes para a fabricação unifaces e de bifaces. Os unifaces foram elaborados principalmente por este tipo de ação, pois dos 10 identificados 8 foram elaborados sobre lascas. Já para os bifaces não se observa a mesma situação, uma vez que apenas 3 dos 11 existentes no total foram confeccionados a partir destes suportes. A partir da obtenção de uma lasca para utilização como suporte, procedeu-se com uma seqüência de retiradas de façongem para modelagem destes objetos.

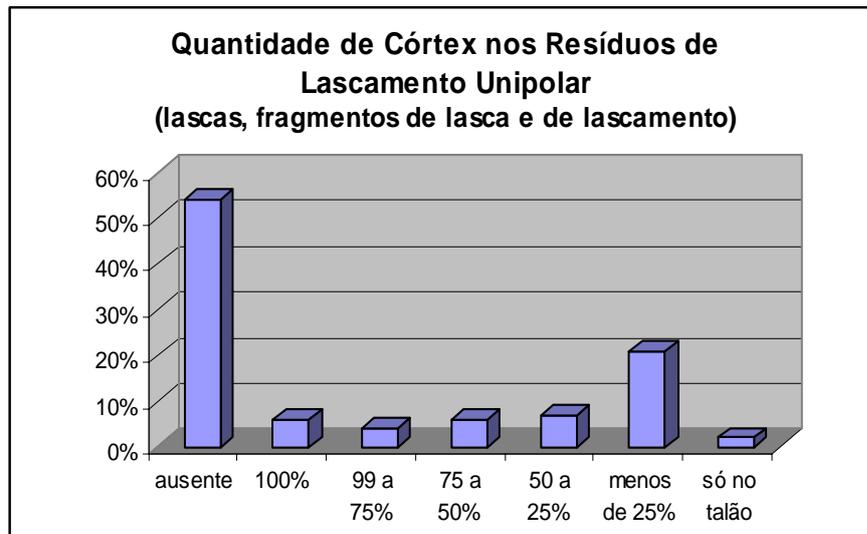
As lascas restantes desta atividade eram rejeitadas. O sistema de debitage para obtenção de suportes e de lascas a serem utilizadas foi desenvolvido em pequena escala se comparada com o de façongem para modelagem de blocos naturais, pois identifiquei apenas quatro núcleos com marcas de poucas lascas retiradas, os quais são resultantes da realização da primeira ação, que, como já coloquei, tratam-se dos seus produtos rejeitados.

A aplicação da façongem de forma direta para o trabalho de blocos naturais foi muito significativa na elaboração de artefatos bifaciais e unifaciais. Isto ocorreu na grande parte dos bifaces e em apenas uma parcela dos unifaces. As muitas lascas produzidas por esta atividade eram deixadas de lado, pois o objetivo era o núcleo que estava sendo trabalhado. Os suportes naturais utilizados para a percussão por façongem eram em maioria provenientes de afloramentos rochosos ou de blocos desprendidos destes e, em menor quantidade, de margens de rios, na forma de seixos rolados por ação fluvial.

Para interpretar esta atividade de lascamento por percussão unipolar que foi desenvolvida de uma forma bastante intensa no local em questão, selecionei alguns atributos para análise de forma a caracterizar com mais detalhes o desenvolvimento desta técnica. Uma primeira questão a ser discutida é se esta atividade foi exclusivamente realizada no local do assentamento. Com a análise da quantidade de superfície cortical presente nos restos de lascamento, núcleos, unifaces e bifaces e pelo tamanho destes vestígios pude traçar algumas considerações a este respeito.

---

<sup>57</sup> Ver outros desenhos de artefatos lascados unipolarmente nos anexos.

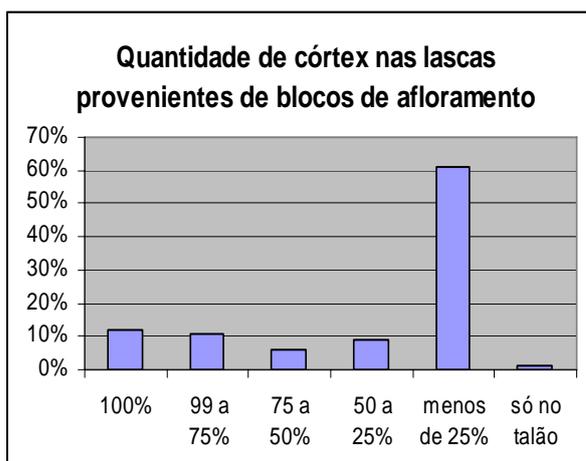


**Gráfico 2: Quantidade de Córtex nos Resíduos de Lascamento Unipolar**

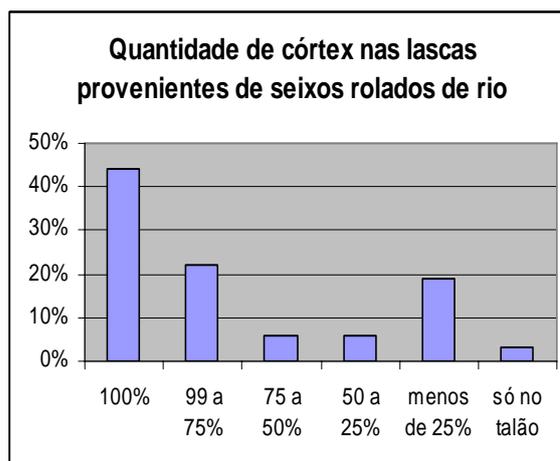
Estão presentes lascas corticais em 6% destes vestígios (contendo 100% de córtex na superfície dorsal e não apresentando assim cicatrizes de retiradas anteriores). Isto por si só já indica pelo menos uma parte do processo inicial de descortiçamento ocorrendo no local do assentamento (gráfico 2).

Todavia, ao levar em conta que tais lascas são provenientes de blocos de afloramento e também de seixos rolados, foi preciso diferenciar a quantidade de superfície natural presente nestas duas formas em que se apresentam as matérias-primas na superfície. Assim, ao considerar separadamente as porcentagens de córtex presentes nas lascas provenientes de blocos de afloramento e de seixos de rio, surgiu uma desproporção relevante. No primeiro caso há 12% de lascas corticais, enquanto que no segundo aparece 44%<sup>58</sup> de lascas deste tipo (gráficos 3 e 4). O que pode estar por trás desta diferença é um lascamento inicial nos locais de afloramentos, talvez para extração de blocos ou para um trabalho inicial de descortiçamento de partes extraídas ou até mesmo coletadas na superfície, ao contrário dos seixos coletados próximos aos rios que parecem claramente terem sido levados inteiros para a área do assentamento.

<sup>58</sup> Esta diferença que pode ser notada entre os 6% de peças no conjunto total de lascas sendo corticais para os 12% de lascas corticais de afloramento e os 44% de lascas corticais de seixo ocorre em razão de que na quantificação realizada para diferenciar as proveniências das lascas (afloramento e seixos) não são abarcadas as lascas com córtex ausente, pois não há como identificar as suas fontes de procedências.



**Gráfico 3: Quantidade de córtex nas lascas provenientes de blocos de afloramento**



**Gráfico 4: Quantidade de córtex nas lascas provenientes de seixos rolados de rios**

Outro aspecto que me pareceu relevante para confirmar uma atividade inicial de lascamento nos locais de afloramentos rochosos, a qual retirou parte do córtex dos blocos que seriam levados para o sítio, é o tamanho das lascas corticais encontradas no sítio. As lascas corticais retiradas de seixos têm em sua maioria entre 1 e 4cm (75%) e em menor quantidade mais de 5cm (25%), enquanto que as de afloramento possuem dimensões menores, com grande parte entre 1 e 4cm (77%) e poucas maiores de 5cm (23%). Estes dados sugerem uma continuação do processo de descorticação das lascas retiradas de blocos de afloramento no local do sítio, em uma etapa posterior, e uma atividade de lascamento dos seixos realizada somente neste lugar.

Desta forma, acredito que seja possível afirmar a ocorrência do processo de lascamento inicial dos blocos de afloramento nos locais de extração ou coleta destes e sua continuação no assentamento e uma atividade inicial de descorticação dos seixos no próprio local do sítio.

Após esta etapa de retirada inicial da superfície natural dos blocos selecionados, os artesãos davam prosseguimento à produção no local habitado. Esta continuação da atividade de produção de artefatos é possível de ser observada com a presença de lascas secundárias (com e sem córtex) de vários tamanhos, inclusive lascas menores de 2cm, que podem estar associadas a retoques vinculados à produção para delineamento dos gumes e também associados ao uso, com o reavivamento dos gumes já utilizados.

Com base nestas informações, acredito que o local escolhido para o assentamento por determinados indivíduos foi o cenário de uma atividade completa de lascamento da pedra, ou seja, a ocorrência de todas as etapas que estão envolvidas nesta técnica, desde o lascamento

primário com a retirada do córtex, passando pelo lascamento secundário e alcançando o refinamento desta ação com o retoque das peças. Isto se confirma também pelo enorme número de vestígios resultantes desta atividade (como lascas, fragmentos de lasca e de lascamento e, até mesmo de percutores, que somam 603 peças), em contraposição à pequena quantia de artefatos obtidos com esta ação (unifaces, bifaces e fragmentos de ambos, que são apenas 21 no total). É possível ainda pensar que pela grande quantidade de restos provenientes do lascamento frente à escassa quantidade de artefatos elaborados, mais peças foram confeccionadas no local e, quem sabe, tenham sido levados para outro lugar, em uma área de atividade externa ao sítio por exemplo<sup>59</sup>.

As matérias-primas utilizadas para o lascamento unipolar são exclusivamente o basalto (com 98%) e o arenito silicificado (2%). O basalto foi obtido na forma de blocos de afloramento (85%) e na forma de seixos rolados de rio (15%). O arenito silicificado está presente igualmente na forma de blocos (18%) e na forma de seixos (82%).

A seguir, procuro mostrar mais detalhes do processo de produção dos artefatos lascados, realizado após a etapa de redução inicial ocorrida principalmente no interior do assentamento em questão.

### *Seqüência de Lascamentos Unipolares para Elaboração de Artefatos Unifaciais e Bifaciais*

Para Hoeltz (2005), a análise das seqüências gestuais empreendidas pelos artesãos é fundamental para decodificar os diferentes estágios de uma seqüência operatória de lascamento, reconstituindo numa ordem consecutiva os gestos técnicos processados na confecção dos artefatos. Uma análise como esta, realizada num plano diacrítico, baseia-se no reconhecimento de inúmeros elementos e caracteres técnicos visíveis no objeto e nos produtos desta ação, realizando uma leitura cuidadosa dos negativos de lascamento através da identificação de cicatrizes e lancetas. O homem, sob esta perspectiva, é considerado o centro das ações desencadeadas na produção dos artefatos líticos.

---

<sup>59</sup> Apenas para tornar esta idéia mais clara, diferentemente do contexto que estou observando, poderia se argumentar que em um local onde o lascamento da pedra não foi efetuado, pelo menos não nesta proporção, deve-se encontrar uma pouca quantidade de lascas frente à outros artefatos, como os unifaces e os bifaces. Neste lugar hipotético, pode ter ocorrido o desenvolvimento de outra atividade, como o uso de instrumentos. Neste caso é possível afirmar que estes objetos foram elaborados em outro local e levados para este a fim de serem utilizados.

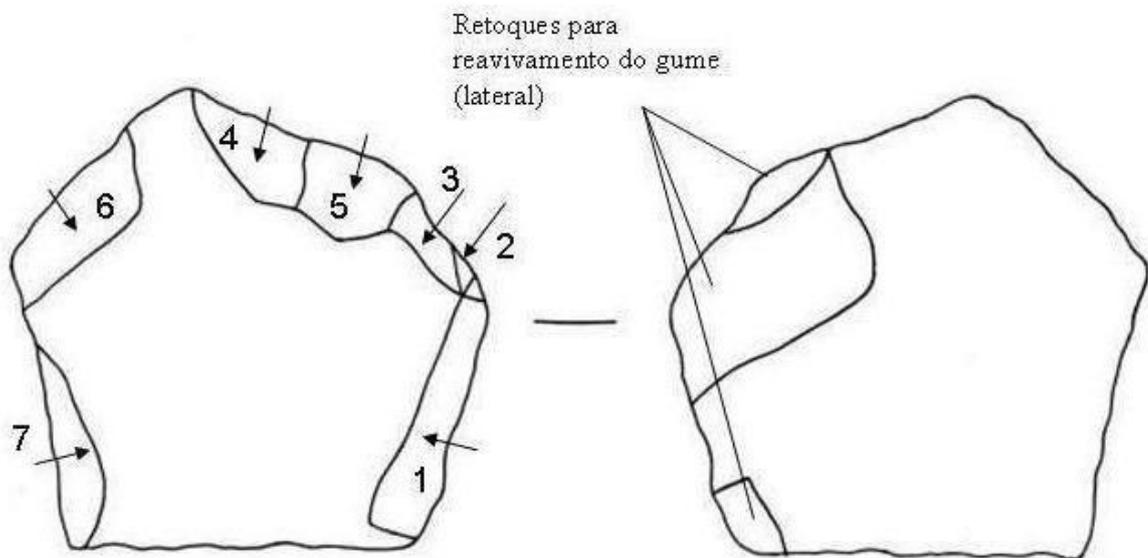
Procurei desenvolver tal leitura dinâmica dos objetos com o intuito de mostrar em detalhes os processos de confecção dos artefatos unifaciais e bifaciais, os quais parecem claramente ter sido fabricados a partir de um planejamento prévio dos seus criadores.

Selecionei para esta análise oito artefatos, sendo três unifaciais e cinco bifaciais, de um total de 8 artefatos unifaciais e de 9 bifaciais. Acredito que, pela intensa atividade de lascamento realizada no local em questão, como já destaquei, estes artefatos muito provavelmente foram elaborados no local que estava sendo habitado.

Dos artefatos unifaciais, dois foram elaborados sobre lascas provenientes de afloramentos e um sobre seixo, todos em basalto. Os unifaces confeccionados com lascas como suportes (resultantes de processo de debitage), passaram por seqüências de façongem empregadas pelos artesãos. Nesta atividade, foi utilizado o lado ventral da lasca como plataforma de percussão para os golpes de lascamento. Estas peças são relativamente bem trabalhadas que possuem retoques que parecem estar ligados tanto aos seus processos de produção quanto aos de uso.

Alguns retoques puderam ser identificados como de reativação dos gumes das peças, pois estão localizados nos mesmos locais onde aparecem marcas de uso. Estes retoques foram efetuados em sentido contrário ao do lascamento das peças, do lado oposto ao plano de percussão, e por este motivo, são bem visíveis nos objetos. Tratam-se de pequenas retiradas que não chegam ao ponto de lascar os objetos bifacialmente e alterar suas formas, mas apenas foram suficientes para reavivar o fio dos gumes.

Um objeto analisado, um uniface sobre seixo, apesar de ter sua superfície muito alterada por fatores pós-deposicionais (dificultando a identificação dos negativos das lascas, dos retoques e das marcas de uso), igualmente sofreu retoques que podem estar relacionados à utilização a partir do lado contrário em que foram efetuadas retiradas na sua produção. Não foi possível identificar marcas de uso nesta peça (figura 6).



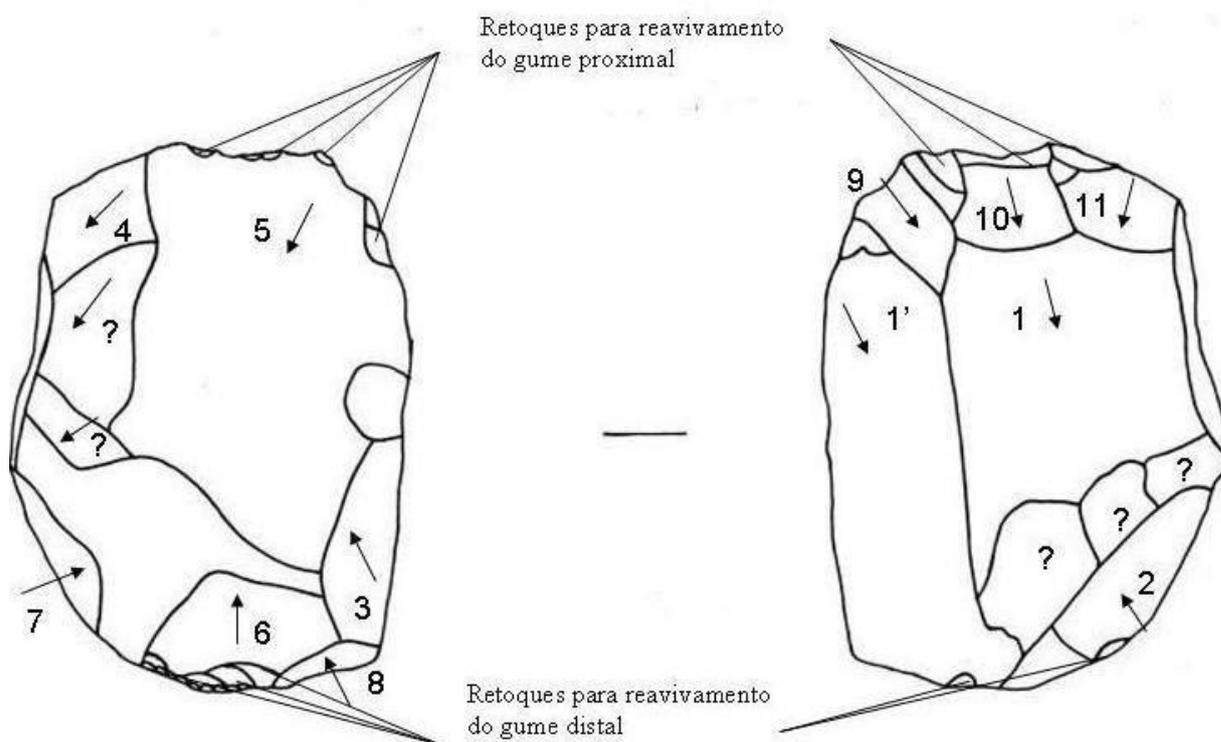
**Figura 6: Reconstituição de seqüência de retiradas unipolares em artefato unifacial (desenho: Carolina Rosa)**

Buscando relacionar as características dos negativos de retiradas existentes nestas peças com as das lascas unipolares encontradas, considerei alguns aspectos comparativos, como o tamanho de ambos. O comprimento da maioria dos negativos é de até 5cm (82%) enquanto que a minoria apresenta mais de 10cm (18%). Assim, os negativos impressos nos núcleos resultantes da façongem parecem compatíveis com as lascas encontradas, pelo menos no que diz respeito às dimensões, pois a maioria destas apresentam até 5cm de comprimento (80%). O que estas informações estão indicando é o fato destes artefatos unificiais terem sido confeccionados no local do assentamento, pois as características que seriam encontradas nos produtos de seus lascamentos fazem-se presentes no conjunto das peças deste tipo analisadas.

Dos cinco bifaces analisados sob esta perspectiva detalhada, três foram elaborados sobre seixos rolados (dois em arenito silicificado e um em basalto) e dois sobre blocos de afloramentos (em basalto). Na maior parte dos casos, as peças foram bem elaboradas a partir de longas seqüências de façongem sobre os blocos utilizados como suportes, as quais foram efetivadas a partir de vários planos de percussão em uma mesma peça. Assim como os unificies, estes objetos sofreram retoques, alguns dos quais parecem igualmente estarem associados tanto à produção quanto ao uso das peças. No segundo caso, novamente percebe-se a tentativa de reciclar os fios dos gumes que já estavam sendo utilizados (figura 7).

Os negativos das lascas retiradas durante a elaboração destes artefatos apresentam em sua maior parte comprimentos de até 5cm (76%) e em menor quantidade de 5 a 10cm de

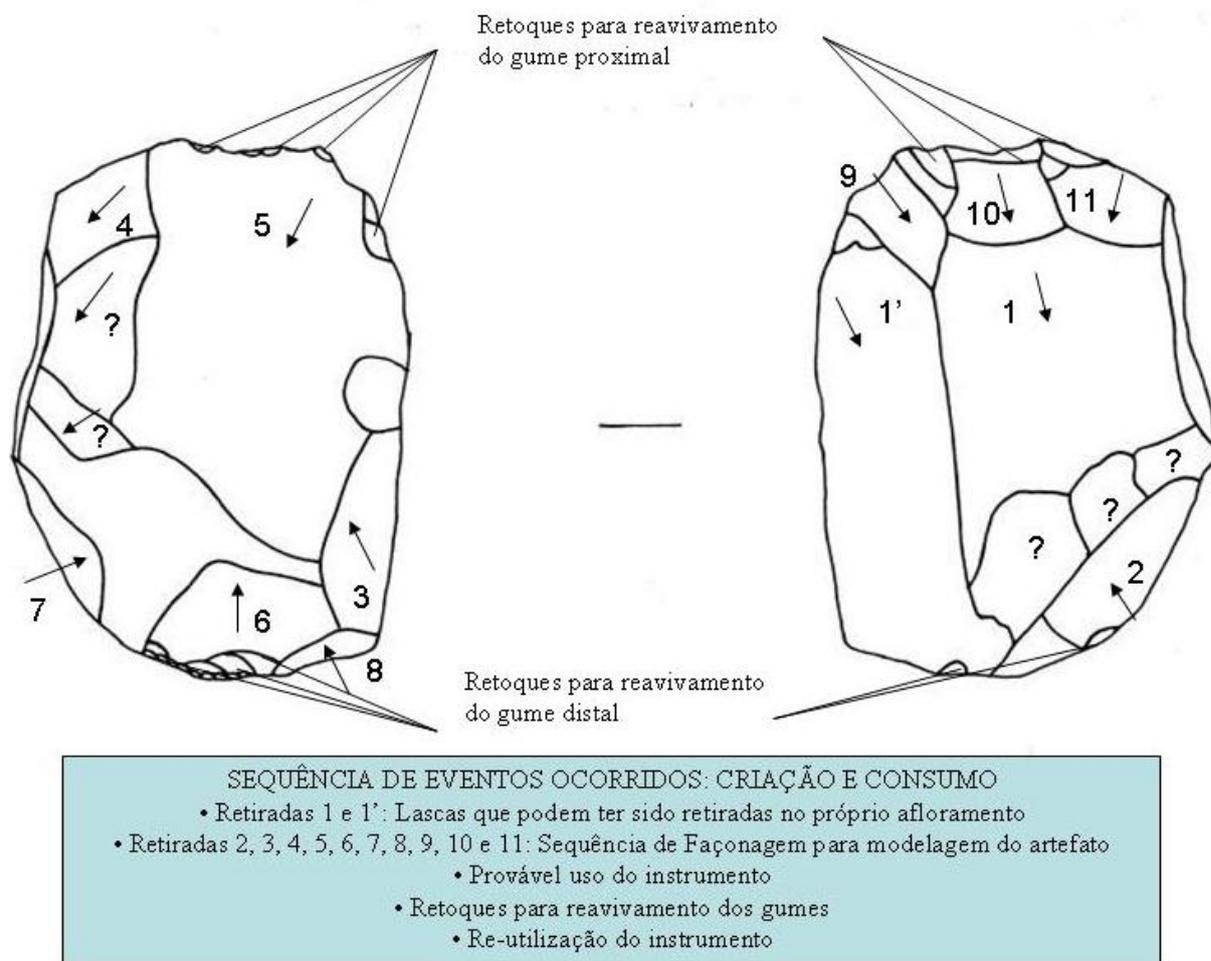
comprimento (24%). Novamente estas informações são compatíveis com as dimensões encontradas nas lascas rejeitadas por este sistema de façongem, que possuem em sua maioria até 5cm de comprimento. Aqui, assim como ocorre com os unifaces, estas peças bifaciais parecem ter sido confeccionadas no mesmo local.



**Figura 7: Reconstituição de seqüência de retiradas unipolares em artefato bifacial (desenho: Carolina Rosa)**

Esta análise permitiu identificar a seqüência de eventos ocorridos com as peças – suas histórias – através de aspectos relacionados tanto à criação quanto ao consumo. Um dos resultados mais interessantes obtidos com este exame foi perceber como os elementos associados à criação dos artefatos mostram-se extremamente ligados aos vinculados ao consumo. Os elementos que ligam estes contextos poderiam ser vistos, desta forma, como pertencentes à comunicação. No primeiro caso, são analisados elementos tecnológicos da produção como negativos e cicatrizes, ondas de percussão e estrias, presença de córtex, entre outros. No último, são considerados itens como marcas de uso, retoques de reativação de gumes, marcas de usos posteriores aos retoques e indícios de alterações térmicas anteriores ou posteriores à produção e à utilização, além de outros. Temos a tendência, enquanto

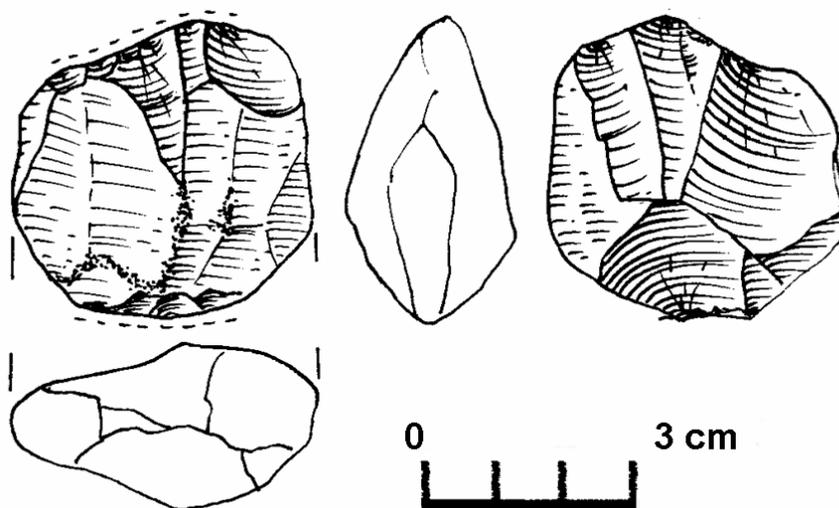
pesquisadores, de separar as coisas, no caso os contextos de ações passadas. Entretanto, atividades como criar e consumir objetos se mostram muito próximas e relacionadas na vida das pessoas, como pode observar com a interpretação destes artefatos (figura 8).



**Figura 8: Reconstituição do ciclo de vida de um artefato bifacial, com eventos relacionados à criação e ao consumo<sup>60</sup> (desenho: Carolina Rosa)**

<sup>60</sup> Ver outras reconstituições nos anexos.

### A Percussão Bipolar ou Indireta



**Figura 9: Artefato Bipolar Bifacial**  
(desenho: Klaus Hilbert)

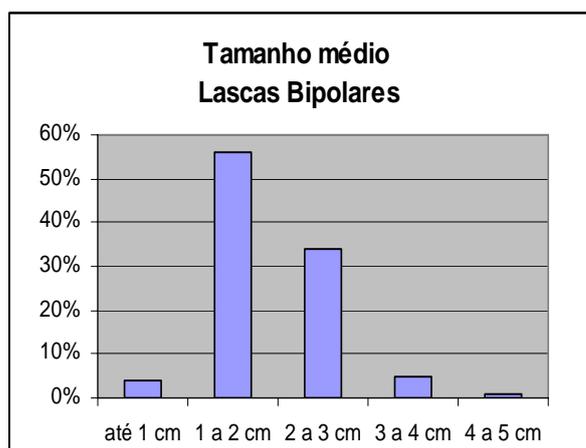
O lascamento por percussão bipolar é uma técnica que proporciona o rompimento de pequenos núcleos de matéria-prima a partir de percussão com apoio. O termo bipolaridade se dá em função de dois pólos de força em ação no processo de produção. O golpe no plano de percussão direta produz uma contra-força no ponto de apoio, o plano de percussão indireto, gerando dois pólos de força em oposição linear, cuja ação acarreta a ruptura do núcleo (DIAS & HOELTZ, 1997: 31).

Esta técnica está, assim como a unipolar, bem representada em 48% dos vestígios desta natureza, que somam um total de 578 vestígios (figura 9)<sup>61</sup>. Mas há que se considerar, no entanto, que este tipo de percussão produz mais vestígios de lascamento do que a percussão unipolar, em razão de que os núcleos se espatifam em mais fragmentos, muitos deles pequeníssimos.

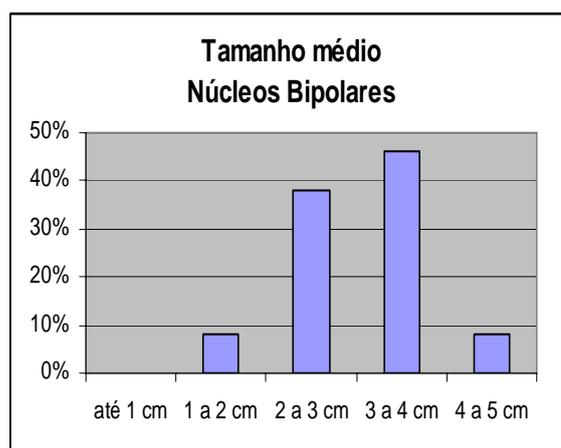
Com a análise das lascas e dos núcleos resultantes da aplicação da técnica bipolar, pude perceber um trabalho de debitage que objetivava exclusivamente a produção de lascas a serem utilizadas posteriormente. Não foram elaborados artefatos unifaciais ou bifaciais a partir dos materiais em razão de que esta técnica era utilizada para abrir pequenos núcleos de quartzo e calcedônia, que de outra forma (unipolar) era difícil. Identifiquei vários núcleos resultantes destes processos, que se apresentam extremamente esgotados, pois foram utilizados de forma maximizada para a retirada de lascas.

<sup>61</sup> Ver outros artefatos lascados bipolarmente nos anexos.

As lascas, de diferentes formatos, têm em sua grande maioria tamanhos médios de 1 a 3 cm. A grande quantidade de lascas pequenas pode ser explicada pelos resultados obtidos com esta técnica de lascamento, uma vez que produz uma quantidade enorme de vestígios muito pequenos, muitas vezes não identificados nas escavações. Os núcleos, de forma similar, possuem não mais do que 5cm de tamanho médio (gráficos 5 e 6).



**Gráfico 5: Tamanho de lascas bipolares**

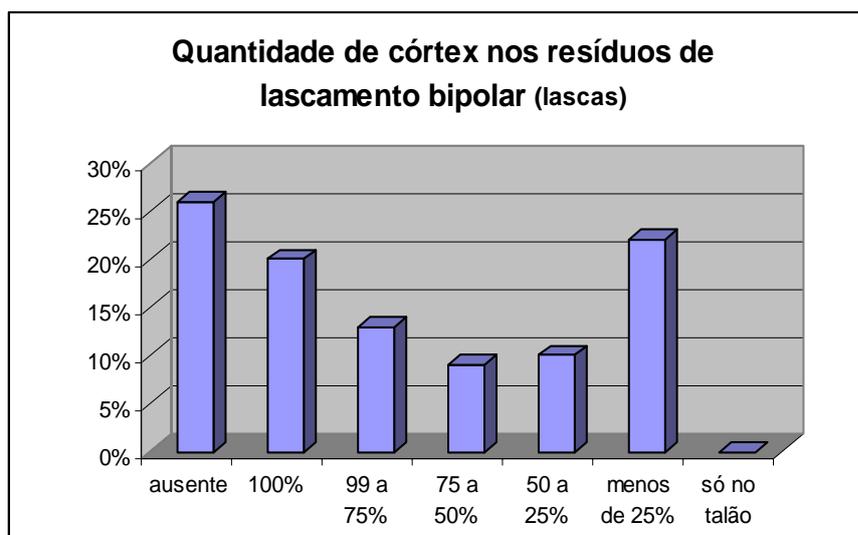


**Gráfico 6: Tamanho de núcleos bipolares**

As matérias-primas utilizadas foram exclusivamente o quartzo hialino, em maior proporção (86%) e a calcedônia, em menor grau (14%). Rochas como estas se encontram normalmente em pequenos nódulos, geodos que são formados dentro do basalto e que por esta razão apresentam tamanhos reduzidos.

Assim como o lascamento por percussão unipolar, a técnica bipolar parece ter sido amplamente desenvolvida no sítio Morro da Formiga. A fim de identificar se este processo desenvolvia-se neste local, da mesma forma que procedi com o estudo da percussão direta, procurei analisar as quantidades de córtex presentes nas peças resultantes desta ação.

A análise da superfície cortical presente nas peças evidenciou a existência significativa de lascas corticais (20%). Levando em conta esta informação e o fato de que os nódulos de quartzo e de calcedônia geralmente são de pequeno porte, é possível afirmar que estes eram levados inteiros para o sítio e, neste lugar, ocorria o processo inteiro de produção a partir da debitage destes pequenos blocos. Neste sentido, o espatifamento inicial dos núcleos muito provavelmente ocorreu no interior do assentamento ocupado (gráfico 7).



**Gráfico 7: Quantidade de córtex nos resíduos de lascamento bipolar**

Outro aspecto interessante da aplicação desta técnica refere-se ao tamanho das lascas e dos núcleos gerados. Como coloquei, os blocos de quartzo e de calcedônia que foram utilizados para o emprego desta ação são encontrados na natureza em pequenos tamanhos. As lascas produzidas possuem até 5cm de comprimento, e no conjunto destas grande parte possui entre 1 e 2 cm de comprimento (56%). Os núcleos, similarmente, não ultrapassam os 5 cm de comprimento, ficando a maioria entre 3 e 4 cm (46%) e boa parte entre 2 e 3 cm de comprimento (38%).

Em razão das características deste tipo de lascamento por percussão, que com poucos golpes gera uma grande quantidade de produtos, não é possível efetuar uma análise da seqüência gestual empregada pelos indivíduos na produção de artefatos.

**Comparando o desenvolvimento das técnicas de percussão unipolar e bipolar e seus possíveis significados**

A fim de comparar os dados resultantes destes dois tipos de técnicas para trabalhar a pedra, que à primeira vista mostram-se bastante distintas, aponto alguns fatores que parecem estar vinculados a tal presença de variabilidade técnica.

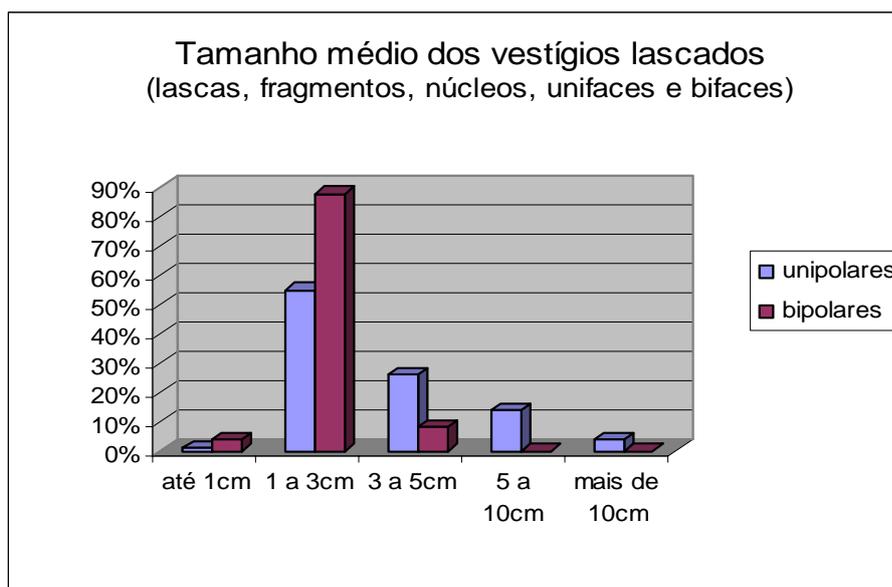
O primeiro deles é a própria diferença que existe na aplicação de uma técnica ou de outra. Tratam-se de duas formas muito distintas de trabalho da pedra, que implicam na execução de gestos bastante específicos. O método de percussão direta exige um alto controle técnico por parte do artesão, uma vez que depende da aplicação de golpes de força precisos e controlados, ao passo que a percussão bipolar exige apenas golpes grandes de força que

atingam o núcleo colocado sobre o apoio. A última técnica não necessita assim da realização de atos técnicos bem efetuados como a primeira.

Para o emprego das percussões unipolar e bipolar notam-se aproveitamentos diferenciados de matérias-primas. A percussão unipolar foi empregada com o basalto (98%) e o arenito silicificado (2%), enquanto que a bipolar foi desenvolvida com o quartzo (86%) e a calcedônia (14%). Tais rochas possuem propriedades físicas próprias. O basalto e o arenito silicificado, disponíveis em vários tamanhos e na forma de blocos de afloramentos e de seixos rolados, prestam-se mais ao lascamento unipolar, pois seus tamanhos favorecem este tipo de trabalho. O quartzo hialino e a calcedônia geralmente são encontrados em pequenos nódulos, formados dentro do basalto podendo estarem presos ou soltos aos blocos ou na margem dos rios, em menor quantidade. Por esta razão adequam-se melhor ao lascamento bipolar. Com base nestes dados, é claramente perceptível uma aquisição e um conseqüente aproveitamento diferenciado de matérias-primas para a aplicação das percussões direta e indireta.

A respeito do processo inicial de lascamento empreendido com o emprego destas duas técnicas, existe uma diferenciação que parece estar ligada ao tamanho e à forma em que as matérias-primas apresentam-se na natureza. Os blocos de basalto e de arenito silicificado (extraídos de afloramentos ou coletados sob a superfície), talvez em razão de seus tamanhos, podem ter sofrido uma atividade de lascamento inicial para extração de parte do afloramento ou mesmo para retirar parte da camada cortical presente nos blocos. Os nódulos de quartzo e de calcedônia, contrariamente, possuem em geral pequenas dimensões, e desta forma, podiam ser facilmente levados ao local do assentamento para neste serem trabalhados.

Em razão do aproveitamento distinto de matérias-primas, há vestígios produzidos com características marcadamente diferentes. A respeito do tamanho, os vestígios resultantes de lascamento bipolar apresentam-se em dimensões de no máximo 5 cm (incluindo lascas e núcleos), enquanto que os produtos de lascamento unipolar possuem maiores tamanhos que chegam a ultrapassar 10 cm de comprimento (gráfico 8). Evidentemente, tal como se pode perceber, a percussão unipolar também produz vestígios muito pequenos de 1 a 3 cm, entretanto comparativamente a técnica bipolar aparece estar mais vinculada à produção de objetos menores. Estes produtos de tamanhos diferenciados estão relacionados com os próprios tamanhos em que são encontradas as matérias-primas utilizadas na natureza.



**Gráfico 8: Tamanho dos vestígios lascados unipolares e bipolares**

A percussão unipolar de blocos de basalto e de arenito silicificado foi aplicada por ambos os sistemas de debitagem e de façongem, diferentemente da percussão bipolar que foi desenvolvida exclusivamente pela debitagem. Este tratamento distinto no trabalho das matérias-primas aponta para a existência de objetivos diferentes na aplicação de tais técnicas.

No primeiro caso o interesse está tanto na obtenção de lascas (para servirem como suportes ou para serem utilizadas) quanto na modelagem de blocos naturais, em maior destaque. Há um trabalho técnico mais apurado que necessita de mais experiência por parte dos criadores. Este envolve o desenvolvimento de mais ações, desde aquelas relacionadas à produção das peças até à curadoria destes artefatos, representada por atividades de reciclagem e de manutenção dos artefatos.

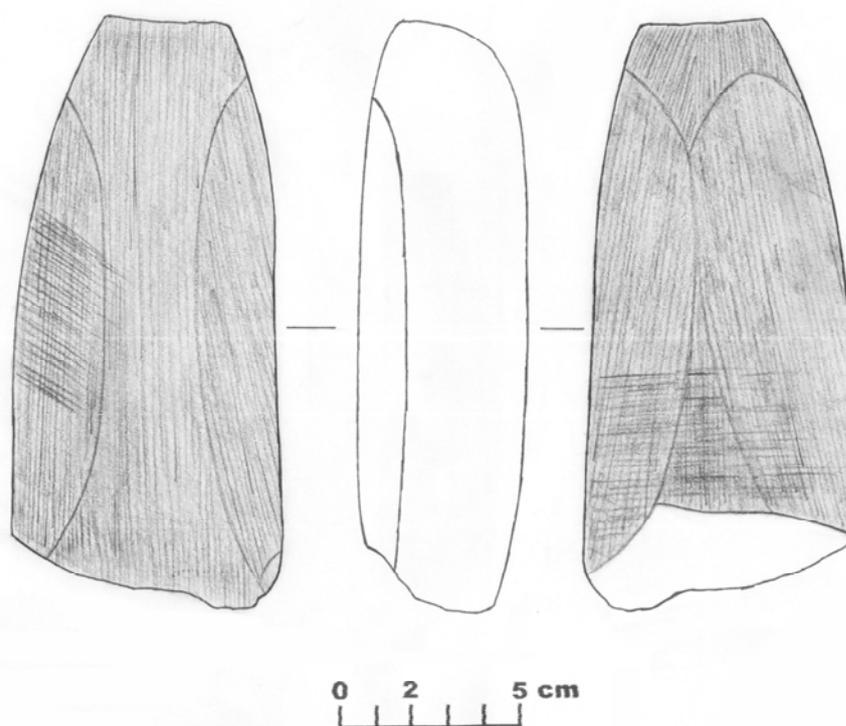
No último caso, entretanto, existe somente o propósito de conseguir lascas a serem utilizadas. Esta atividade não envolve como a percussão unipolar etapas complexas de trabalho, apenas a aplicação de golpes a fim de fragmentar os pequenos blocos. Como o espatifamento de um nódulo apenas produz uma grande quantidade de vestígios, não há razão para que estes, após serem usados, sofram maiores cuidados em termos de reciclagem ou manutenção. Torna-se mais fácil pegar outras lascas que sobraram desta produção bipolar para serem usadas, uma vez que estas não sofrem trabalhos de modificação antes de serem utilizadas.

Assim, de posse de alguns vetores que estão por detrás desta variabilidade técnica - aproveitamento diferenciado de matérias-primas, processo de aquisição e de lascamento inicial destas de maneiras diferentes, tamanhos distintos das peças obtidas, objetivos

almejados e resultados obtidos diferenciados - há indícios para se pensar em dois contextos completamente distintos de produção de artefatos, que provavelmente significavam coisas distintas para aqueles que estiveram por detrás destas ações.

Acredito que estas diferenças devem estar ligadas às formas de consumo pretendidas para cada conjunto de artefatos, pois as pessoas quando estão elaborando artefatos comumente projetam atividades futuras - no caso o consumo dos objetos que estão sendo elaborados.

### **O POLIMENTO**



**Figura 10: Fragmento de Machado Polido**  
(desenho: Carolina Rosa)

O polimento da pedra trata-se basicamente um processo de abrasão de uma rocha por meio de outra, dura e granulosa. Geralmente se dá com a intervenção de uma massa abrasiva intermediária, como areia e água (Prous, 2004).

No conjunto do material lítico analisado estão presentes dois exemplares de peças polidas intencionalmente - dois fragmentos de machados polidos em basalto. Uma destas peças (de dimensões 11,4 x 5,0 cm), é um fragmento maior de um machado. Marcas visíveis neste artefato indicam tanto as direções seguidas quando de seu polimento quanto sinais de

encabamento (exatamente na parte em que este se rompeu). É interessante notar que tais sinais de encabamento estão em sentido contrário à direção do polimento, e, desta forma, mostram-se fáceis de serem visualizados (figura 10).

O outro exemplar, de menores dimensões (6,9 x 3,4 cm), igualmente apresenta marcas que evidenciam as direções seguidas no seu trabalho de polimento. Não são visíveis marcas de encabamento e a sua quebra está relacionada à alteração térmica provavelmente pelo contato com o fogo. Além disso, a sua coloração está mais escura e apresenta até mesmo uma certa fuligem que cobre a sua superfície<sup>62</sup>.

Não há indícios para afirmar se esta atividade ocorreu no local do assentamento. Entretanto, vários estudos sobre materiais polidos indicam que tais peças foram confeccionadas muitas vezes em bases fixas, como grandes pedras, geralmente encontradas na margem dos rios. Sobre estas bases fixas são utilizados os agentes abrasivos como a água e a areia para facilitar o polimento. Estas peças poderiam ter sido confeccionadas desta forma.

### **II.2.1.2 AS FORMAS DE CONSUMO**

Os artefatos líticos, assim como todas as coisas, são consumidos de diferentes maneiras. Além do uso propriamente dito, o qual geralmente é privilegiado pela maior parte das pesquisas, existem outras formas de consumir estes objetos que apontam para a presença de outros significados além dos funcionais. Existem até mesmo significações mais simbólicas e abstratas nesta relação estabelecida entre as pessoas e tais materiais, os quais infelizmente não são tão acessíveis ao arqueólogo em comparação com outros.

Apenas para lembrar, segundo Glassie (1999), durante o contexto de consumo dos objetos há situações diferenciadas que podem ocorrer. Mesmo que este autor esteja percebendo a partir de seu estudo de caso, que o criador e o usuário do artefato não sejam a mesma pessoa, suas considerações servem para pensar nas possibilidades de existirem significados distintos para um mesmo objeto. No contexto de uso, a reação do consumidor normalmente sobrepõe-se às intenções do criador. Com a preservação, o consumidor reconhece o significado mais profundo e original do objeto. Por fim, na assimilação, o objeto é importante para suas conexões com seu proprietário, ou seja, é re-significado pela pessoa que o detém.

---

<sup>62</sup> Ver desenho desta peça polida nos anexos.

Acredito que seja importante considerar, mesmo que não haja forma de saber se o criador e o consumidor eram a mesma pessoa, que os objetos podem ser utilizados para outros fins que não aqueles pretendidos durante a criação. Além disso, os significados podem ser mantidos ou alterados completamente pelas pessoas que os usaram. Estes fatores mostram a complexidade das significações que os objetos adquirem ao serem manipulados pelos seres humanos, pois estes podem envolver uma multiplicidade de sentidos existentes num determinado momento e também através da passagem do tempo.

A análise do contexto de consumo, desta forma, assim como do contexto de criação, possibilita ao pesquisador levantar a presença de significados múltiplos presentes na cultura material. Tendo isto em vista, a partir do estudo de determinadas características dos vestígios, procuro sugerir algumas maneiras de consumir os artefatos líticos, tais como o uso, a reciclagem ou a manutenção, a re-utilização, a não-utilização e o descarte ou abandono.

***O Uso:*** Muitas coisas são usadas de forma instrumental. Relembrando Glassie (1999), dentre as muitas funções existentes na cultura material, algumas são instrumentais, pois as coisas geralmente são feitas para serem utilizadas.

Na tentativa de identificar marcas de uso presentes nas peças, procurei apoio nas análises funcionais desenvolvidas por alguns autores na arqueologia. Segundo Mansur & Alvarez, uma forma completa de desenvolver uma abordagem como esta compreende a identificação das marcas de uso nos objetos, a efetivação de estudos experimentais e a realização de estudos etnoarqueológicos (Mansur & Alvarez, 2006)<sup>63</sup>.

As análises das marcas de uso são baseadas na identificação de macro e de micro-vestígios perceptíveis nos objetos. Os primeiros tipos de traços, estilhaçamentos dos gumes (pequenos micro-lascamentos ocorridos pelo uso das peças), podem ser detectados com a utilização de aparelhos ópticos de baixos aumentos (lupa binocular) ou até mesmo a olho nu. Os últimos, como arredondamentos, alisamentos dos gumes, estrias, micro-polidos e resíduos, entretanto, são somente identificáveis em aparelhos ópticos e eletrônicos de altos aumentos (microscópio de reflexão a 200x de aumento e microscópio eletrônico de varredura a aumentos ainda maiores)<sup>64</sup> (Mansur, 1986/1990).

---

<sup>63</sup> Participei em setembro de 2006 de um curso intitulado “Introdução à Análise Microscópica de Materiais Arqueológicos”, ministrado por Maria Estela Mansur e Mirian Alvarez, na UFRGS. Cito algumas idéias desenvolvidas neste curso (de forma oral) que me auxiliaram a compreender a realização de estudos funcionais de instrumentos líticos na arqueologia.

<sup>64</sup> A utilização de um aparelho ou de outro depende dos objetivos a serem atingidos, uma vez que cada método fornece um tipo de informação sobre o uso dos objetos. O estilhaçamento dos gumes (que ainda pode ser causado por ações involuntárias, acidentais em contextos passados e presente, pós-deposicionais) indica apenas que um objeto foi utilizado ou não, mas não fornece certezas com relação a isto. As estrias microscópicas

Para a realização deste trabalho, realizei apenas a identificação de vestígios macroscópicos (estilhaçamentos dos gumes) com a análise das peças, que se tratam de levantamentos causados por pressão sobre os gumes com o uso. Como salientam Mansur e Alvarez, estes vestígios por si só não são capazes de confirmar se um objeto realmente teve algum uso, pois são necessários estudos conjuntos com os vestígios microscópicos de utilização (Mansur & Alvarez, 2006). Estive consciente, portanto das limitações que possui a análise macroscópica para determinar a função dos artefatos.

Em algumas peças lascadas foi possível identificar outros tipos de marcas de uso, como vestígios de batidas (em percutores) e de maceração, que são resultantes do desenvolvimento de atividades diferenciadas daquelas comumente percebidas nestes objetos, como cortar e raspar determinados materiais.

Torna-se importante, ao falar em utilização, colocar o que estou considerando como instrumento lítico. Sendo assim, parto de uma postura segundo a qual o instrumento é um objeto que estende a capacidade de um agente operar dentro de um meio-ambiente dado, isto é, utilizado efetivamente para o desenvolvimento de alguma atividade (Ingold, 1993). Assim, dentro desta idéia, os instrumentos são todos aqueles objetos intencionalmente fabricados por lascamento (lascas retocadas, unifaces e bifaces) ou polimento, e todos os objetos naturais (como por exemplo seixos brutos utilizados como percutores) e brutos de debitagem (como lascas não retocadas para delineamento do gume) que apresentam marcas de utilização.

Amplamente ligado ao conceito de instrumento está o de multifuncionalidade, uma vez que as pesquisas cada vez mais apontam para a utilização de um mesmo instrumento para diferentes atividades. Além disso, instrumentos com morfologias diferentes podem ter sido utilizados para as mesmas funções, ao passo que instrumentos com formas iguais podem ter sido usados para distintas finalidades, como percebeu Semenov ao analisar as marcas de utilização presentes nas peças (Semenov, 1957).

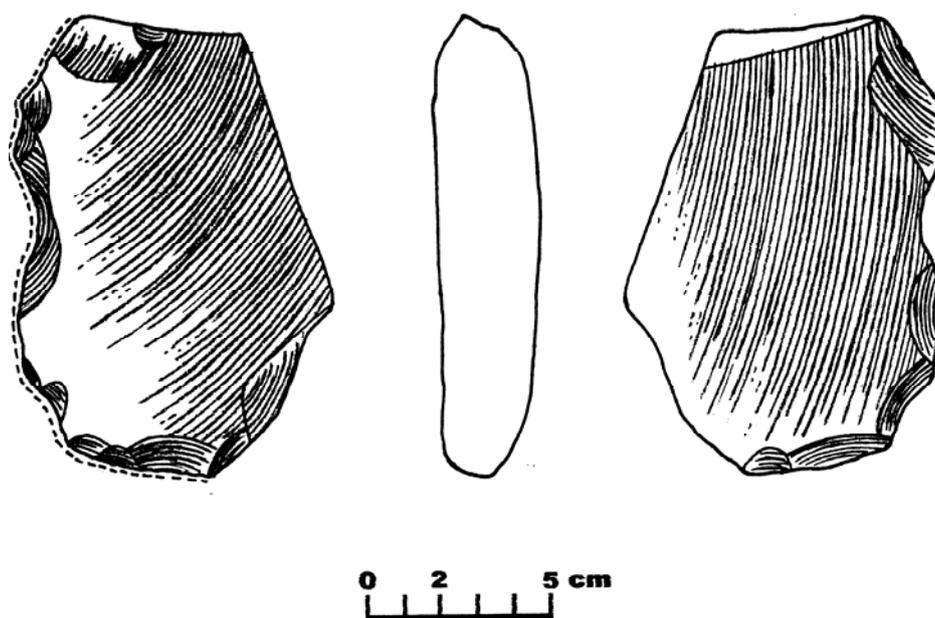
Para apresentar as marcas macroscópicas de utilização que identifiquei nos artefatos, separo as encontradas nos instrumentos elaborados intencionalmente (por lascamento por percussão unipolar e bipolar e por polimento) das identificadas nos instrumentos brutos, pois estas apresentavam diferenças relevantes entre si.

---

indicam o sentido do movimento da ação empregada – paralelo ou perpendicular (e assim se foram utilizados para raspar, cortar, serrar, etc.). Os micro-polidos identificam os materiais que foram trabalhados pelos instrumentos de pedra, como carne, osso, vegetais, madeira e a própria pedra. A análise de resíduos fornece pistas sobre os materiais que ainda se encontram nas peças, como restos orgânicos (MANSUR, 1986/1990; MANSUR & ALVAREZ, 2006).

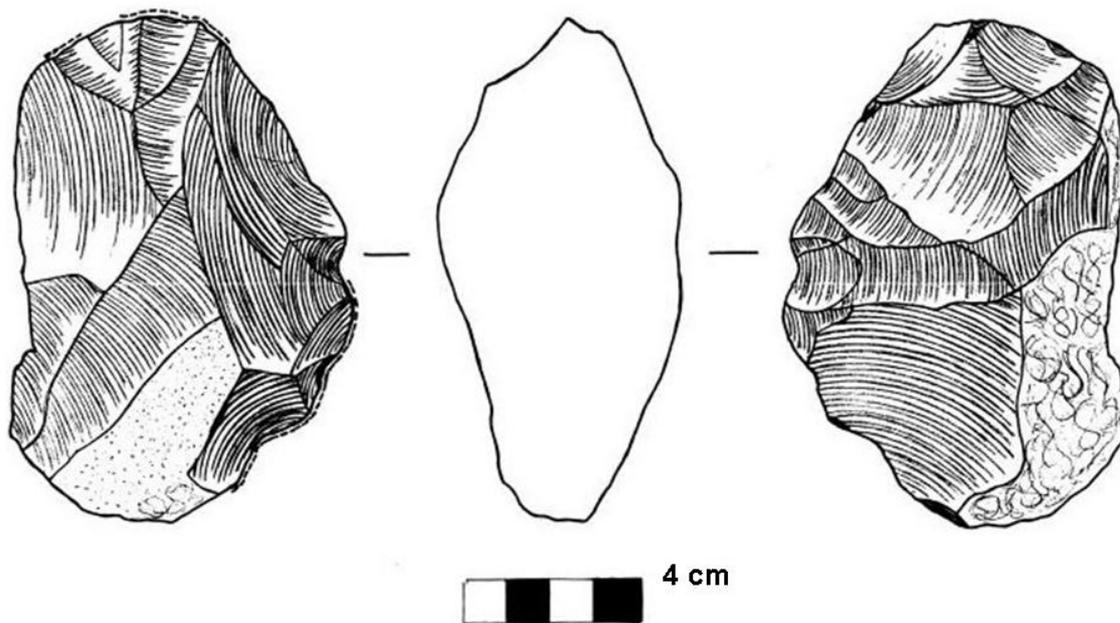
Marcas de utilização em instrumentos elaborados intencionalmente: Os instrumentos confeccionados por lascamento por percussão unipolar, as lascas, os unifaces e os bifaces, foram elaborados pelos sistemas de debitage e de façongem. Estes apresentam marcas de estilhaçamento de gumes (em um ou mais de um gume) que foram identificadas em lupa binocular e a olho nu.

As lascas, resultantes da debitage, em sua maior parte foram usadas em sua forma bruta, pois os gumes resultantes desta ação já se mostravam com fios naturais utilizáveis não necessitando de retoques para seu delineamento (figura 11). Estes instrumentos possuem na maioria tamanhos médios de 5 a 10 cm (59%) e de mais de 10 cm (35%).



**Figura 11: Instrumento em lasca unipolar com marcas de uso**  
(desenho: Carolina Rosa)

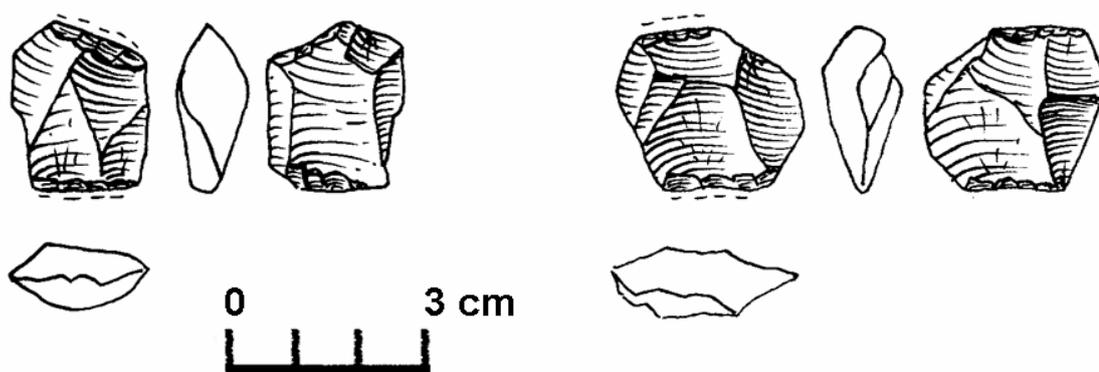
Os instrumentos unifaciais e bifaciais, descritos detalhadamente com a análise da seqüência gestual completa realizada anteriormente, possuem tamanhos equilibrados de 5 a 10 cm (53%) e de mais de 10 cm (47%). As marcas de uso são percebidas em várias peças em mais de um gume, e muitas vezes sobrepostas a retoques que visaram o reavivamento dos gumes que estavam sendo utilizados (indicando a re-utilização dos instrumentos) (figura 12).



**Figura 12: Instrumento unipolar bifacial com marcas de uso**  
(desenho: Carolina Rosa)

Estes instrumentos provavelmente tiveram um papel ativo, pois parecem ter sido utilizados diretamente em outros materiais (como peles, madeiras, ossos e vegetais) a partir de variados movimentos (como cortar, serrar, raspar, macerar, bater). Como já destaquei anteriormente, somente com análise de vestígios microscópicos de utilização seria possível afirmar que materiais foram trabalhados e que movimentos foram aplicados por estes instrumentos. Mas pelos gumes existentes nas peças e pelos seus ângulos (a maior parte menores de  $45^\circ$ ), é muito possível que estes instrumentos tenham sido utilizados para cortar e raspar materiais como peles e madeira, por exemplo.

Os instrumentos produzidos por lascamento por percussão bipolar são principalmente lascas produzidas pela debitagem e alguns núcleos também resultantes desta ação (os quais apresentam tamanhos e morfologias muito semelhantes das identificadas nas lascas, mas que classifiquei desta forma por terem cicatrizes de retiradas de mais de duas lascas). As lascas são peças produzidas em quartzo e em calcedônia, de pequenos comprimentos de 1 a 3 cm em sua grande maioria (92%) e com espessuras não tão finas que variam de 0,5 a 1 cm (figura 13). Os núcleos também se apresentam em pequenos tamanhos que não ultrapassam 4 cm de comprimento.



**Figura 13: Instrumentos bipolares bifaciais com marcas de uso**  
(desenhos: Klaus Hilbert)

Nestas peças há visivelmente marcas de batidas em sua extremidade proximal e marcas de pequenos estilhaçamentos em sua extremidade distal. Isto sugere o uso destes pequenos instrumentos para a realização de pequenas tarefas, como talhar materiais de dimensões reduzidas, como madeira por exemplo. Assim, estes pequenos instrumentos parecem ter sido utilizados de forma passiva para a produção de outros artefatos. Os vestígios de uso na parte proximal devem ter sido causados por batidas por percutores moles (como em madeira), pois de outra forma estes pequenos instrumentos seriam lascados em pequenos fragmentos.

As marcas identificadas na parte distal (que na maioria das peças possui uma superfície plana) podem ter sido causadas para abrir fendas em materiais como madeira ou para cortar pequenos vegetais. Há muitos outros micro-vestígios bipolares em quartzo e em calcedônia com as mesmas características dos instrumentos que apresentam vestígios de utilização e que, desta forma poderiam ter sido utilizados, embora não tenha sido possível identificar marcas de uso macroscopicamente.

Alguns pesquisadores atribuem a utilização de materiais com estes aspectos à contextos de comunidades agricultoras que elaboram artefatos para o processamento de alimentos como tubérculos e raízes. Berman et al (1999) e Perry (2005) estudaram micro-vestígios produzidos por lascamento bipolar na Venezuela e nas Bahamas, respectivamente. Ambos trabalhos foram desenvolvidos através de análises funcionais de micro-vestígios de utilização como traços de uso e resíduos. As peças, que apresentam dimensões por volta de 1cm de comprimento, passaram por tais análises, que indicaram a sua utilização vinculada ao processamento de plantas como mandioca e milho. De acordo com documentações etnográficas existentes, segundo estes autores, tais pequenos instrumentos eram utilizados para confeccionar artefatos em madeira, como os raladores, e também para ralar os alimentos

(pois fragmentos menores eram inseridos em pequenos orifícios talhados nos suportes de madeira, e serviam assim para a tarefa de ralar alimentos vegetais).

Voltando aos dados empíricos do sítio Morro da Formiga, as peças que identifiquei possuem características muito semelhantes às analisadas nas pesquisas citadas, referentes à presença de pequenas lascas bipolares com até 2 cm de comprimento em sua maioria. Além das lascas que possuem marcas de uso nas extremidades, há uma grande quantidade de outras de dimensões mais reduzidas, que poderiam estar da mesma forma associadas às atividades relacionadas com o processamento de vegetais. Assim, tais instrumentos podem ter estado associados tanto à fabricação de artefatos como os raladores, quanto ao seu uso para preparar alimentos. Neste sentido, de forma similar aos instrumentos produzidos por percussão direta, os bipolares parecem também estar associados à efetivação de tarefas bastante peculiares, como o trabalho de artefatos de pequeno porte e o processamento de alimentos vegetais, por exemplo.

Para comparar os contextos de consumo vinculados à utilização de peças lascadas unipolarmente e bipolarmente, que se mostram bastante diferenciados, levanto algumas possíveis causas que podem estar por detrás desta variabilidade.

Retomando o momento da criação, ambos os tipos de instrumentos possuem características específicas advindas de sua produção, como o desenvolvimento de técnicas diferenciadas, os distintos processos de aproveitamento e de aquisição de matérias-primas e os diferentes objetivos e os resultados alcançados com a produção.

Estes fatores podem ter influenciado nas formas de consumo destes objetos, uma vez que durante a elaboração, aspectos associados ao desenvolvimento de atividades futuras devem ter sido planejados. Assim, a meu ver, torna-se claro que estes objetos possuíam significados diferentes em seus momentos de produção e de uso. No consumo, houve certamente a realização de trabalhos artesanais em diferentes materiais a partir de movimentos também distintos, de forma ativa e passiva pelos objetos. Pelas características físicas e pelos tipos de marcas de utilização identificados, a produção de instrumentos unifaciais parece estar relacionada ao trabalho de materiais de maior porte, como corte de madeira de árvores e de peles de animais, por exemplo. Os instrumentos bipolares, por sua vez, também em função de seus aspectos físicos e das suas marcas de uso presentes, podem muito bem terem sido úteis para a efetivação de pequenas tarefas ligadas ao contexto doméstico. Estariam desta maneira, relacionados às atividades de produção de outros artefatos e ao processamento de diversos tipos de alimentos vegetais.

Estas distinções, que pude constatar nos âmbitos tecnológicos de produção e funcionais de utilização, podem estar associadas à ação por diferentes pessoas, talvez por homens, de um lado, e por mulheres, de outro. A diferença em termos de gênero poderia explicar o desenvolvimento de ações e atividades tão peculiares no mesmo espaço. As mulheres estariam por detrás dos atos de elaborar e usar os instrumentos bipolares, em um contexto de tarefas domésticas relacionadas ao processamento de alimentos vegetais. Os homens, por sua vez, seriam os responsáveis por produzirem e utilizarem as peças unipolares, as quais caracterizariam uma situação mais especializada de confecção de implementos líticos para a realização de outros afazeres diários, como a caça, por exemplo. Levanto esta possibilidade como uma hipótese a ser pensada, uma vez que uma afirmação como esta necessita de maiores dados para melhor fundar-se.

Os instrumentos polidos possuem marcas de uso características de materiais polidos intencionalmente, como brilho nos gumes localizados nas laterais das peças. Em ambos os instrumentos deste tipo estas marcas são perceptíveis macroscopicamente. Em uma delas, a de maiores dimensões, há inclusive marcas de encabamento que estão localizadas em sentido contrário ao do polimento da peça.

Marcas de utilização em instrumentos brutos: Os instrumentos brutos, conforme destaquei, são as peças utilizadas em sua forma bruta, sem modificação prévia. Apesar de tais materiais não terem passado por um momento intencional de produção propriamente dito como os artefatos lascados e polidos, estes igualmente, estão ligados à criação no instante em que foram escolhidos por determinadas pessoas, selecionados na natureza por determinadas características que possuíam.

Com a análise das marcas de utilização presentes nos objetos deste tipo pude diferenciar instrumentos usados de forma ativa e passiva. Os primeiros são utilizados de forma direta para a realização de alguma atividade (como cortar e raspar certos materiais), enquanto que os últimos estão vinculados ao desenvolvimento de processos produtivos de outros artefatos (como a fabricação de objetos em madeira, em osso e em pedra).

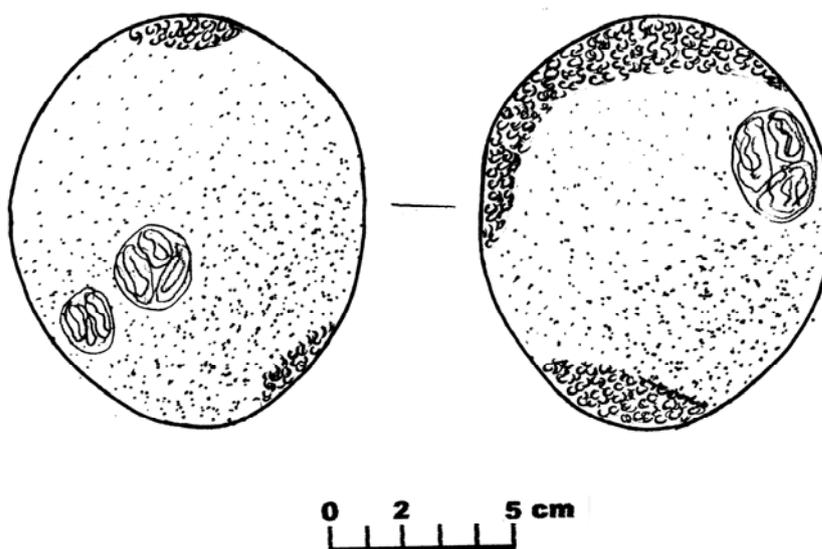
Os instrumentos ativos são principalmente seixos e outros blocos em basalto e um prisma também em basalto. Uma grande quantidade de seixos e de fragmentos de basalto possuem marcas características de fraturas térmicas e, desta forma, foram associados à utilização direta no fogo. Dentro do conjunto destes vestígios identifiquei alguns tipos específicos de materiais térmicos, como fragmentos de seixos rolados de rio em maior quantidade (68%, 380 peças), fragmentos provenientes de blocos de afloramento, em menor proporção (7%, 57 peças) e além disso, seixos naturais sem desprendimentos térmicos (25%,

145 peças) mas que podem estar associados a este contexto de utilização no fogo (pois apresentam colorações diferentes dos seixos naturais e que, desta forma é bem possível que tenham sido alterados termicamente)<sup>65</sup> (ver fotos em anexo).

Um outro tipo de instrumento bruto utilizado de forma ativa para o desempenho de uma atividade é um fragmento de um prisma de basalto, o qual apresenta estilhaçamentos nas laterais (utilizadas como gumes para cortar ou raspar materiais) e retoques para reavivamento dos fios destes gumes.

Com relação aos instrumentos passivos, utilizados para a produção de outros artefatos, destacam-se percutores e batedores em seixos de basalto e um exemplar em quartzo, um apoio para lascamento bipolar em basalto e fragmentos de arenito friável polidos.

Os percutores são encontrados em sua maioria na forma de seixos de basalto, com marcas de percussão sobre outras pedras em suas extremidades (o que indica o lascamento unipolar) e também em seus centros (o que mostra o lascamento bipolar). São marcas características de batidas em outras pedras (figura 14). Os seixos de basalto podem ainda estar relacionados a atividades de triturar, moer grãos, pigmentos e outros vegetais.



**Figura 14: Percutor com marcas uso (desenho: Carolina Rosa)**

Uma peça em quartzo, em uma forma bruta arredondada, apresenta marcas de batidas semelhantes às encontradas nas lascas e nos núcleos bipolares, mas ao contrário destas

<sup>65</sup> A mudança de coloração em rochas alteradas termicamente é um fator difícil de ser considerado, tendo em vista que rochas como o basalto reagem de variadas formas quando são expostas ao fogo, apresentando colorações diferenciadas e não uniformes. Utilizo este dado para sugerir uma possível inclusão destas peças no contexto de utilização no fogo, pois foram encontradas em uma quantidade considerável.

não apresenta sinais de lascamento em suas faces. Deve ter sido por isso utilizado da mesma forma que as lascas e os núcleos bipolares, para o trabalho de outros artefatos.

Um apoio para percussão bipolar na forma de uma placa de basalto, o único encontrado, possui marcas de batidas em seu centro, em ambos os lados. São marcas características de batidas de contra-golpe resultantes da percussão bipolar.

Os fragmentos de arenito friável apresentam suas faces polidas em razão de contato com outros materiais. Podem estar relacionados a trabalhos com madeiras, como a produção de grandes artefatos. Estas peças apresentam tamanhos médios de até 5 cm (41%) e de 5 a 10 cm (47%). Há também uma placa de arenito com uma face polida, que pode ter sido utilizada como um suporte para o trabalho de um material.

**A Reciclagem e a Manutenção:** Outra atividade amplamente vinculada ao uso é a reciclagem visando à manutenção dos instrumentos. Esta ação foi identificada apenas nos instrumentos lascados unipolarmente e utilizados de forma ativa. Os retoques presentes nas peças foram efetuados para reavivar, modificar e delinear novamente um ou mais de um gume existente nos instrumentos.

Na maior parte dos instrumentos unifaciais e bifaciais foram efetuados pequenos retoques que estão relacionados ao contexto de uso destes objetos. Estas pequenas retiradas estão localizadas nos gumes das peças, nos fios já usados anteriormente. Até mesmo nos fragmentos destes instrumentos (nas peças quebradas) há marcas de retoques desta natureza. Na maior parte das lascas unipolares com vestígios de utilização também são encontrados retoques para reavivamento dos gumes que estavam sendo utilizados.

Nas lascas produzidas por esta atividade de reciclagem dos instrumentos são perceptíveis características de retiradas causadas por pequenos retoques. Em algumas, denominadas lascas de reativação de gume, há indícios diretos da realização destas ações, pois são encontrados vestígios do gume utilizado, muitas vezes inclusive com marcas de uso. Estas apresentam tamanhos variados, de até 2cm (25%), de 2 a 5 cm (60%) e com mais de 5 cm (15%). Outras lascas geralmente associadas a esta atividade, embora de forma indireta, são as menores de 2cm que não apresentam córtex (27% no conjunto das lascas unipolares).

A reciclagem de instrumentos que estão sendo utilizados permite a sua manutenção a fim de que estes possam continuar sendo usados. Este cuidado somente foi realizado com os instrumentos fabricados intencionalmente, pela percussão direta, e que demandaram um trabalho técnico maior na sua confecção por parte dos artesãos. Neste sentido, é possível entender que reciclar, neste contexto, significa manter em condições de uso determinados instrumentos para que seja possível a sua re-utilização com o passar do tempo.

**A Re-Utilização:** Utilizar as coisas novamente constitui outra forma de consumi-las. Diferentemente da utilização primeira de um instrumento, a re-utilização possui características particulares e, muito provavelmente, significados próprios para as pessoas envolvidas.

Assim como a reciclagem, a re-utilização foi possível de ser detectada nos instrumentos lascados unipolarmente, tais como lascas, unifaces e bifaces. A maioria das lascas utilizadas e quase todos os unifaces e bifaces apresentam indícios de terem sido utilizados novamente, pois possuem marcas de uso sobrepostas aos retoques de reativamento dos gumes. No entanto, como não realizei análises funcionais de elementos microscópicos nas peças, não é possível saber se as re-utilizações dos instrumentos estão relacionadas a novos usos, à utilização em outros materiais ou a partir de movimentos diferentes.

Os objetos, ao serem re-utilizados, podem adquirir sentidos distintos dos que possuíam antes. Ao surgirem novos significados, os objetos passam por um processo de re-significação, comumente ocorrido com o passar do tempo.

**A Não-Utilização:** os artefatos, da mesma forma que podem ser usados instrumentalmente, podem não ser utilizados para alguma função ou propósito prático. No conjunto dos artefatos analisados, há muitos que não possuem indícios de utilização, como as lascas unipolares e bipolares (pelo menos macroscopicamente). Não entrarei aqui em detalhes sobre estas peças, mas destaco esta questão apenas para chamar a atenção de que existem, em muitos sítios arqueológicos, peças com características semelhantes àquelas que foram usadas que não apresentam vestígios neste sentido.

Normalmente estes materiais não são citados, entretanto, ao tratar o consumo como um contexto de ações mais amplo, que não abarca apenas o uso funcional dos objetos materiais, torna-se importante considerar a presença de tais artefatos. Mesmo que não se tratem de instrumentos, estes artefatos são consumidos de outra maneira, exatamente ao não serem escolhidos para o uso.

**O Descarte ou Abandono:** uma das formas finais de consumo dos artefatos é o descarte ou abandono. Quando os objetos, que antes foram consumidos de outras maneiras são deixados de lado, passam a adquirir um outro significado – o de não serem mais importantes para as pessoas, que deixam de se importar com eles.

Com a análise do conjunto dos artefatos líticos pude perceber um contexto bastante relevante de descarte intencional realizado no próprio local do assentamento. Este abandono pode ser caracterizado de duas formas: pelo descarte de peças quebradas (provavelmente por uso) em determinados locais e pelo descarte de outras peças no fogo.

Relacionado ao primeiro contexto de abandono, existem algumas peças com marcas de quebra, tais como os instrumentos lascados unifaciais e bifaciais e um machado polido. Tais peças apresentam marcas de uso, o que sugere suas fraturas como decorrentes da sua utilização na prática.

Acerca do abandono no fogo, fazem-se presentes muitos vestígios que apresentam marcas de alteração térmica, como quebras e alteração em sua coloração. Apenas para citar alguns destes, alguns instrumentos unifaciais e bifaciais, um machado polido, um apoio bipolar e muitas lascas. Muitas destas peças apresentam inclusive fuligem ao seu redor. Alguns destes objetos, como os instrumentos lascados, foram anteriormente usados, reciclados e re-utilizados, possuindo um largo ciclo de vida que foi provavelmente finalizado com o abandono no fogo.

Com base nestes dados que indicam claramente uma situação final de abandono de instrumentos utilizados anteriormente e considerando a pouca quantidade de instrumentos lascados unipolarmente que foram encontrados no espaço escavado, sugiro a possibilidade de que o assentamento no sítio Morro da Formiga também tenha sido um local de descarte de peças que não tinham mais utilidade prática, seja no fogo ou em outra área. Assim, muitos instrumentos podem ter sido usados fora dele, em áreas externas de atividades específicas, e, quando fraturados ou esgotados, eram levados para este local a fim de serem abandonados.

## **II.2.2 OS ARTEFATOS CERÂMICOS**

Os artefatos cerâmicos são objetos elaborados intencionalmente através de um processo específico de produção. Possuem vantagens tecnológicas tais como a exposição ao fogo, a transformação de alimentos tornando-os mais digestivos e gostosos, a manutenção de líquidos frescos, uma maior durabilidade que outros recipientes, e ainda, um maior tempo de estocagem de líquidos (Wüst, 1996).

A cerâmica associada aos grupos ceramistas do planalto foi, sem dúvida, o vestígio material privilegiado nas pesquisas que abrangem esta temática. Como afirmei anteriormente, isto ocorreu em razão da cerâmica ter sido o vestígio material considerado chave para a definição das tradições de populações portadoras destes objetos e, especificamente, da Tradição Taquara.

Torna-se fundamental neste momento ressaltar, tendo em vista o enquadramento dos artefatos em tradições e em fases, que os vestígios cerâmicos encontrados no sítio Morro da Formiga tiveram um papel fundamental no desenvolvimento da arqueologia brasileira a partir

de meados dos anos 1960. A cerâmica encontrada neste local foi utilizada para definir a Tradição Taquara, sendo a partir das suas características materiais criados parâmetros para a classificação dos artefatos que seriam descobertos a partir deste momento.

Para o estudo destes objetos cerâmicos, parti de alguns dados já existentes provenientes de pesquisas efetuadas por outros profissionais. Primeiramente faço uso do trabalho realizado por Eurico Miller ao reconstituir alguns potes com a colagem dos fragmentos e ao desenhar a forma de todas as vasilhas encontradas no local em questão. Além disso, utilizo as informações produzidas por João Saldanha em uma análise quantitativa efetuada acerca dos aspectos tecnológicos de produção presentes nas peças<sup>66</sup> (Saldanha, 2005b).

Tendo em vista o resultado de tais trabalhos, que apresento a seguir, defini uma estratégia teórica e metodológica a ser aplicada para o exame dos vestígios cerâmicos. Assim, diferentemente da maneira pela qual procedi com o material lítico, que optei por analisar individualmente cada peça, não realizei um estudo detalhado de cada fragmento cerâmico. Como dispunha de desenhos de todas as formas dos vasos e de alguns potes reconstituídos, utilizei como unidade de análise as próprias vasilhas, em vez das peças fragmentadas. Isto somente tornou-se possível, evidentemente, em razão da boa preservação destes materiais, as quais puderam ser em parte remontados pois não se encontravam muito quebrados.

Seguindo a perspectiva adotada por Saldanha (2005) em sua dissertação de mestrado, a unidade de análise selecionada para o estudo de artefatos cerâmicos são as relações de diversos atributos existentes em um determinado pote cerâmico. A metodologia de estudo aplicada por este pesquisador, a qual estou adotando aqui, toma como unidade básica de análise o vasilhame cerâmico enquanto artefato, considerando as relações que os atributos mantém entre si em uma forma particular de pote. É dada prioridade à forma dos vasilhames, considerada a unidade mais útil neste tipo de análise. Além disso, de um modo geral, os artefatos cerâmicos são considerados enquanto o resultado final de uma série de escolhas envolvidas na sua manufatura e no seu uso e que possuem significados específicos para cada comunidade.

Com o foco voltado para as vasilhas inteiras, procuro relacionar os aspectos tecnológicos, morfológicos e as evidências diretas de utilização presentes nas peças com o intuito maior de inferir os mais prováveis ou possíveis usos dos recipientes. Os estudos

---

<sup>66</sup> Evidentemente cada um destes investigadores utilizou teorias e metodologias específicas na construção dos seus dados, e em épocas distintas. Como quaisquer informações arqueológicas construídas e interpretadas, estes dados estão inseridos em contextos específicos de produção. Neste sentido, me apóio em dados construídos por outros autores, que em essência já são interpretações e que irão ser reinterpretadas sob o meu olhar.

morfológicos partem da premissa de que, segundo Saldanha, cada categoria de uso na qual o vasilhame toma parte requer diferentes combinações de atributos de forma e composição deste vasilhame a fim de que ele possa ter um desempenho satisfatório na sua função. Estas “características de desempenho” (HALLY, 1986 apud SALDANHA, 2005) ajudam a determinar quão apropriada é uma vasilha para determinada função. Hally identificou critérios específicos para avaliar o desempenho de vasilhames, como a estabilidade das vasilhas, sua capacidade e tamanho, a facilidade de alcançar o conteúdo, a eficiência na absorção e retenção do calor, e sua resistência ao choque térmico (HALLY, 1986 apud SALDANHA, 2005).

Conforme Sinopoli, os artesãos geralmente fazem potes de certas formas para certos usos. Vasos de pescoço estreito são comumente fabricados para transportar água, porque derramam menos o conteúdo. Bases arredondadas nas vasilhas são vantajosas para cozinhar porque transmitem facilmente o calor e são menos suscetíveis à quebra por estresses térmicos. Fatores como tamanho da abertura e facilidade de acesso ao conteúdo são vistos como sendo parcialmente determinados pela função pretendida de um vaso. Isto não significa, entretanto, que todos os vasos são idealmente adequados para seu uso pretendido, pois a forma de um vaso também é determinada por idéias, significados (Sinopoli,1991).

Logo, segundo esta autora, não é possível afirmar que todos os vasos foram usados para os propósitos pelos quais se acredita que eles foram originalmente pretendidos. Um pote para cozinhar pode às vezes ser tomado para trazer água ou pode ser usado para armazenar sobras de comida, ou para colocar plantas, por exemplo. O uso de um pote também pode mudar com o tempo, como no caso de um vaso usado primeiro para cozinhar e depois como uma garrafa para conter líquidos. Entretanto, em geral espera-se que a forma esteja ligada ao uso e que algumas relações gerais possam existir entre a forma de um vaso e a sua função primária (Sinopoli,1991).

A respeito das evidências diretas de utilização, Skibo identificou três tipos de evidência a serem levadas em conta numa análise funcional: marcas de desgaste, presença de fuligem e de resíduos absorvidos. As marcas de desgaste geralmente são frutos do atrito direto de algum instrumento no interior do vasilhame durante as atividades de transformação, como mexer, raspar, triturar, etc. Feitas de forma repetida, estas atividades vão deixar um padrão de desgaste visível nas paredes dos potes. A presença de fuligem, por outro lado é uma clara indicação de uso na transformação de alimentos no fogo, enquanto a análise de resíduos pode nos indicar que tipo de alimento ou bebida foi estocado ou transformado em um vasilhame (SKIBO, 1992 apud SALDANHA, 2005).

A vinculação de características como a morfologia dos vasilhames e as suas marcas diretas de uso, aponta para amplas categorias de função prática nas quais os recipientes tomam parte, tais como a estocagem, a transformação ou o processamento, e a transferência, transporte ou serviço, podendo estas categorias serem subdivididas em funções mais específicas (Saldanha, 2005).

Prosseguindo com a proposta de analisar os contextos de criação e de consumo dos objetos, apresento a seguir as informações elaboradas pelos autores citados e as análises e as interpretações que construí a partir disto. Utilizo os dados de Miller e de Saldanha para contar o processo de criação dos artefatos cerâmicos no sítio Morro da Formiga e, posteriormente, desenvolvo um exame tipológico baseado em aspectos morfológicos e funcionais de tais objetos a fim de caracterizar as suas formas de consumo.

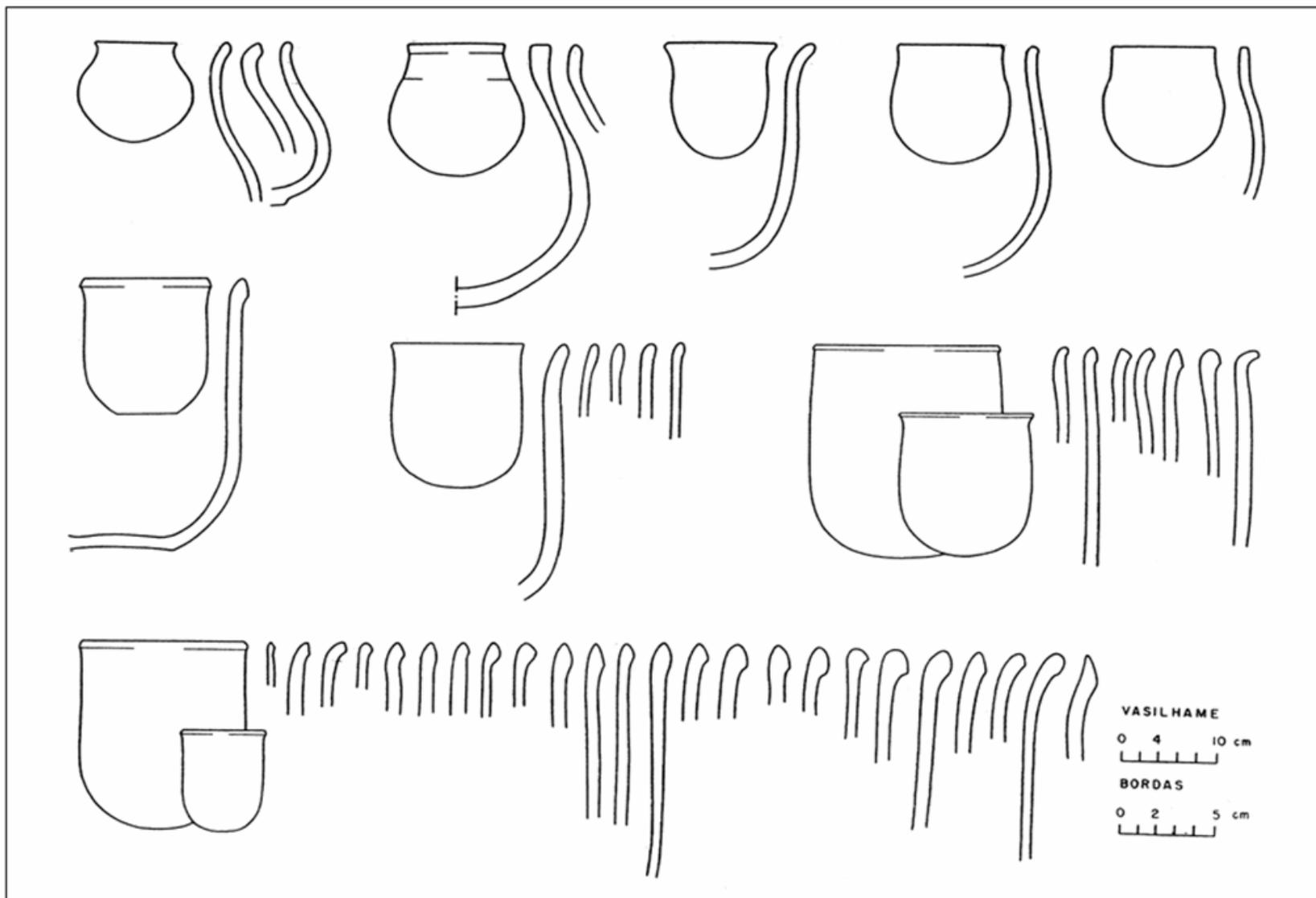
### *A Reconstituição das Vasilhas*

O arqueólogo Eurico Miller, após escavar o sítio Morro da Formiga, procedeu a reconstituição das formas das vasilhas cerâmicas. Tal tarefa foi enormemente facilitada porque ele conseguiu reconstituir muitos perfis das vasilhas ao juntar as peças, que como afirmei antes, não se encontravam muito fragmentadas. Em alguns casos foi possível reconstituir perfis completos e até mesmo potes inteiros.

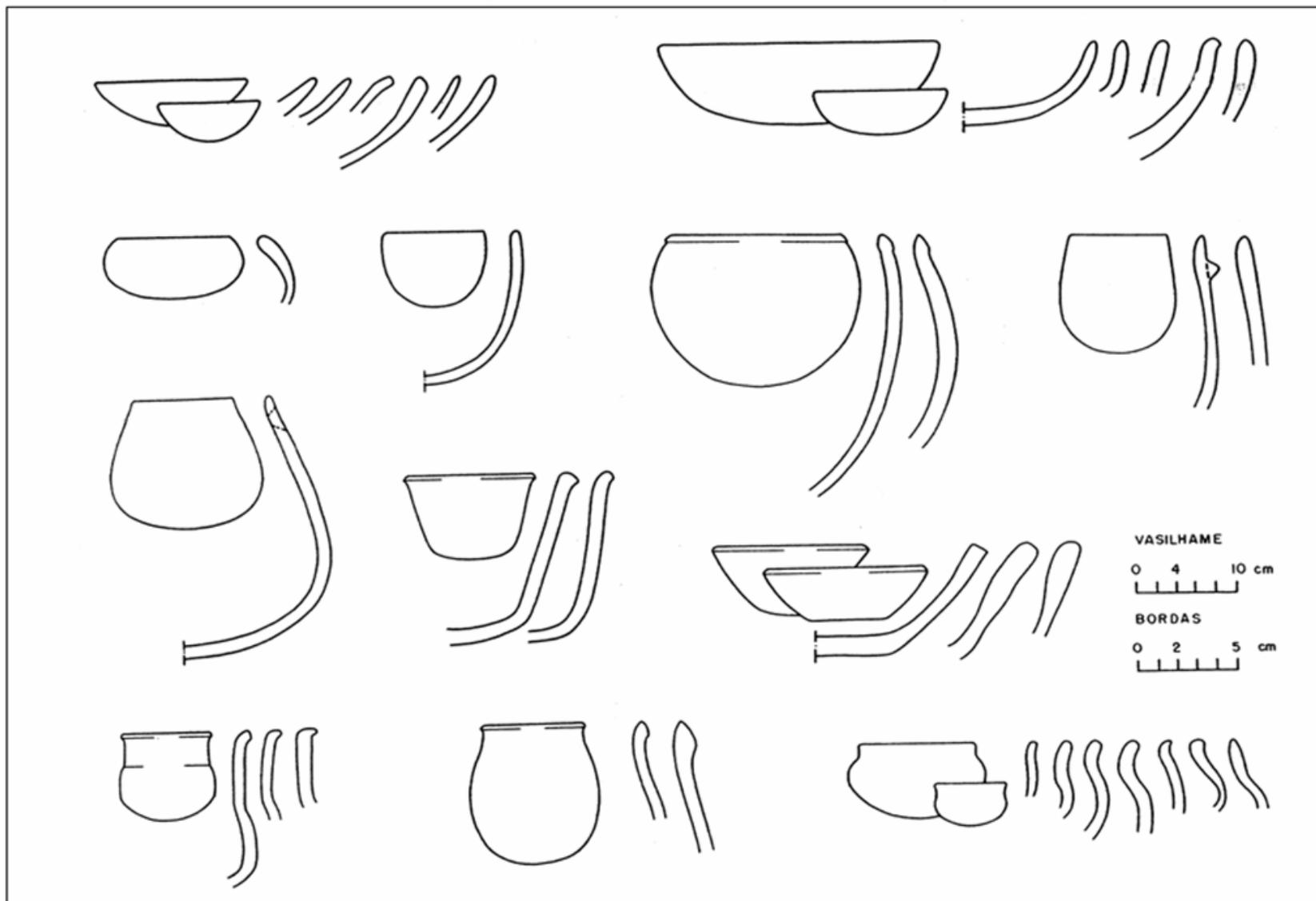
Com o conhecimento dos contornos dos potes cerâmicos, Miller elaborou painéis<sup>67</sup> com desenhos primorosos com as formas de mais de cem vasilhas reconstituídas. Há painéis com todas as vasilhas reconstituídas e agrupadas em formas semelhantes (figuras 15, 16 e 17), e também com todas estas distribuídas por tratamento de superfície (figuras 18, 19, 20, 21 e 22). As decorações mais encontradas são do tipo pinçado, ponteadado, ungulado, simples (sem decoração), e diversos (outros). Além disso, este pesquisador desenhou vários potes individualmente, com destaque para a forma e para a decoração (desenhos nos anexos).

---

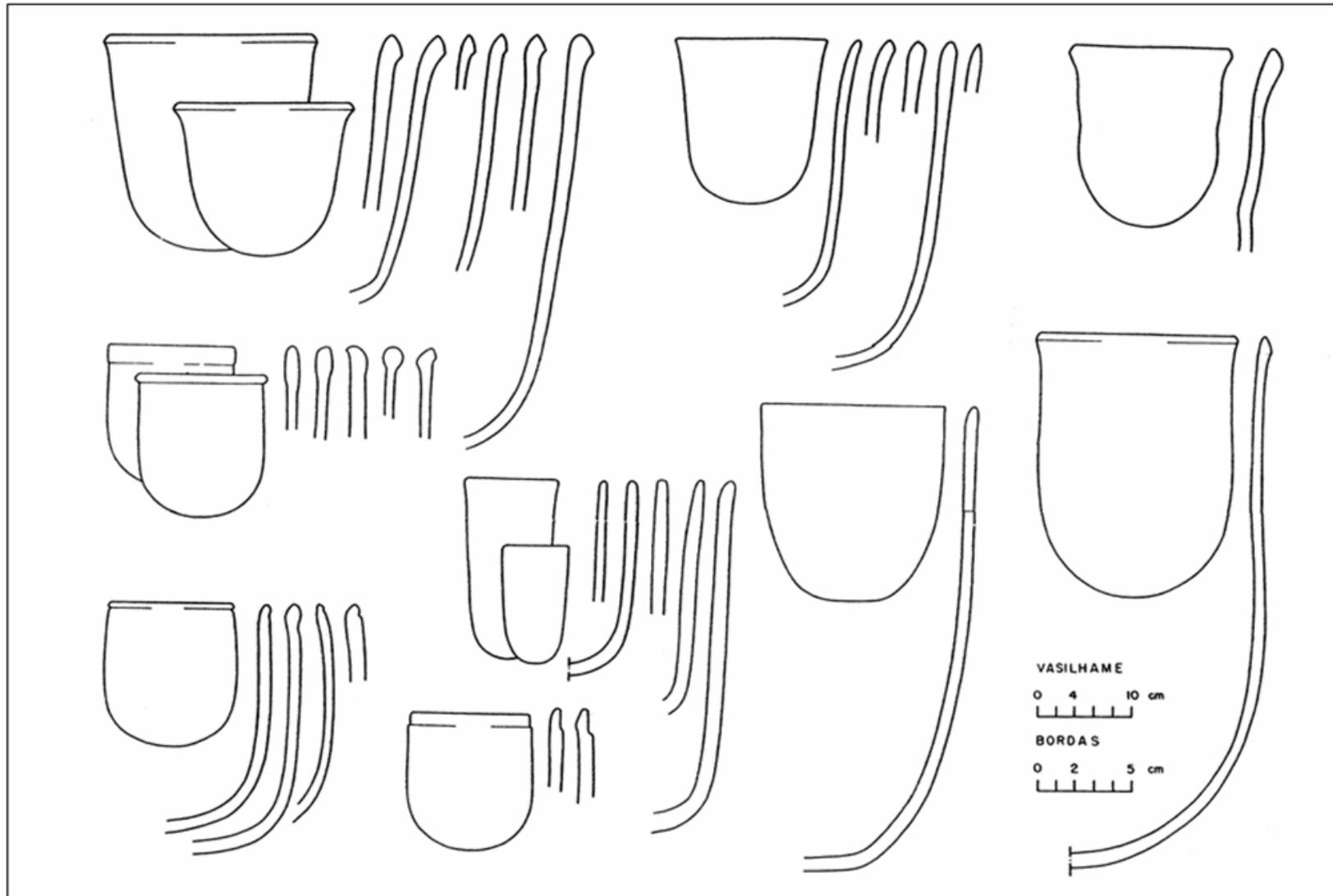
<sup>67</sup> Estes painéis encontram-se no acervo documental do Marsul, em Taquara. Eles foram identificados por Miller como formas classificadas na Fase Taquara, a qual é representada basicamente pelo sítio Morro da Formiga. Com exceção de duas ou três formas cerâmicas, que foram encontradas em outros sítios, todas as outras desenhadas por este pesquisador são pertencentes ao sítio em questão.



**Figura 15: Formas das vasilhas reconstituídas (desenhos: Eurico Miller)**



**Figura 16 : Formas das vasilhas reconstituídas (desenhos: Eurico Miller)**



**Figura 17 : Formas das vasilhas reconstituídas (desenhos: Eurico Miller)**

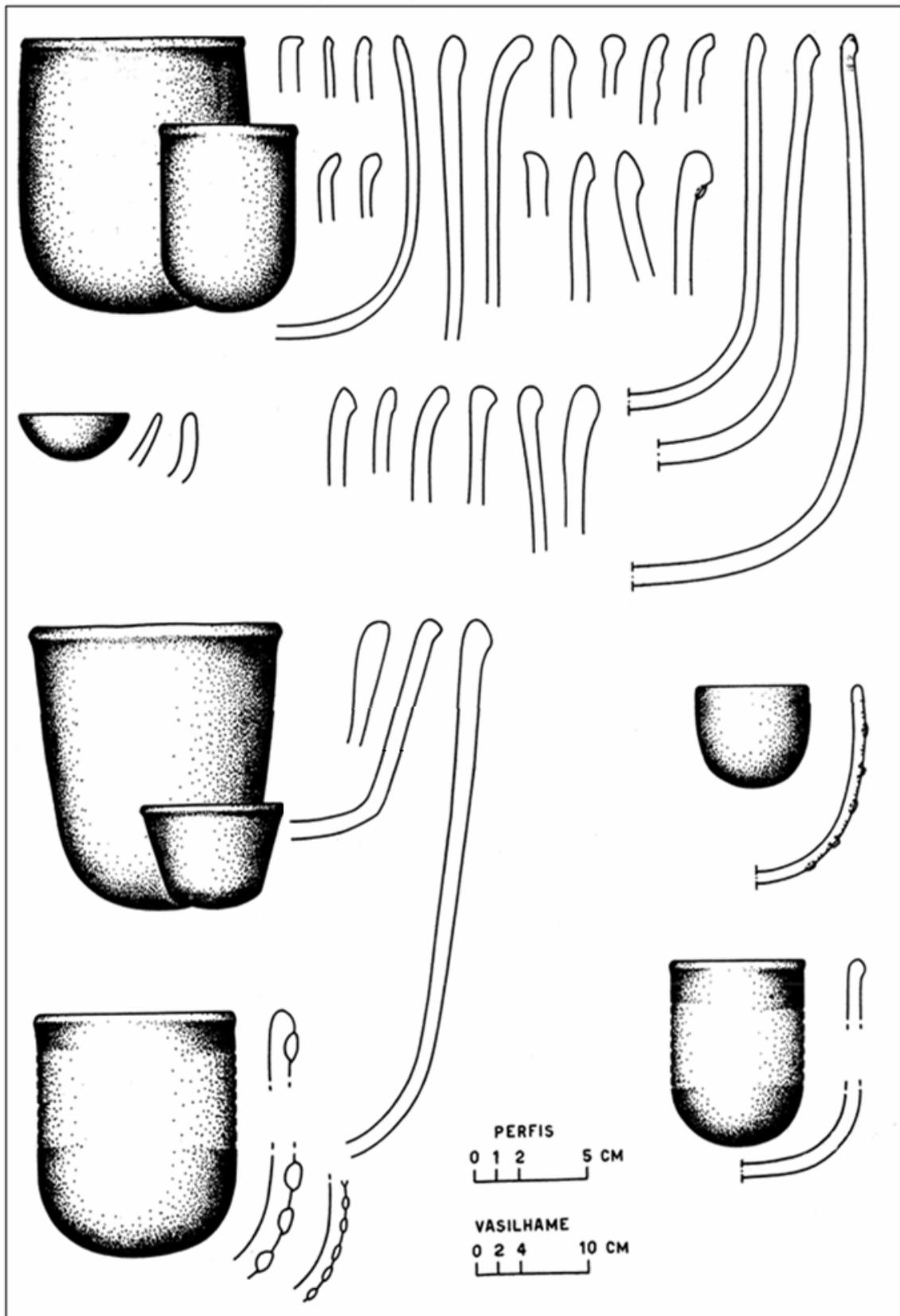
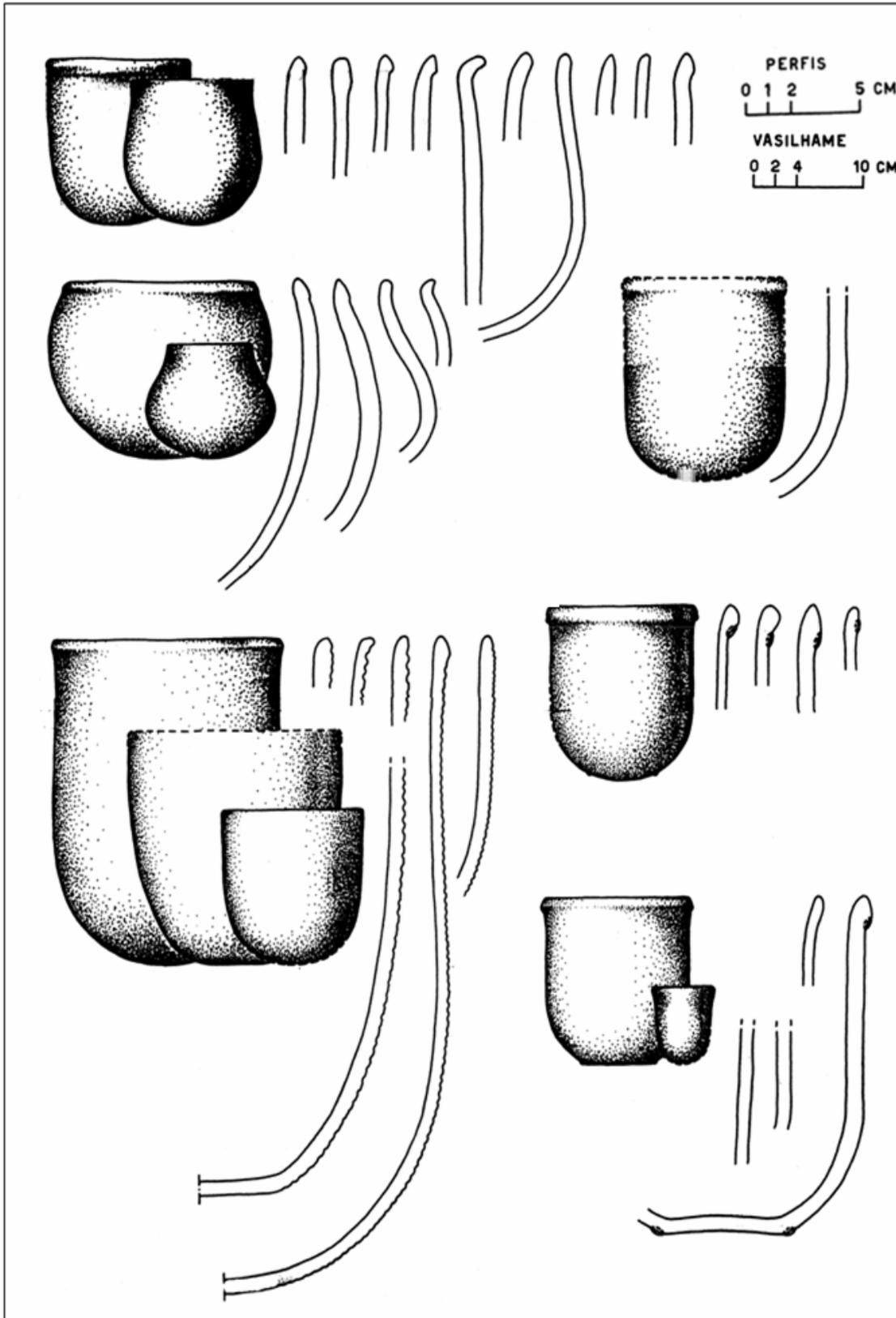
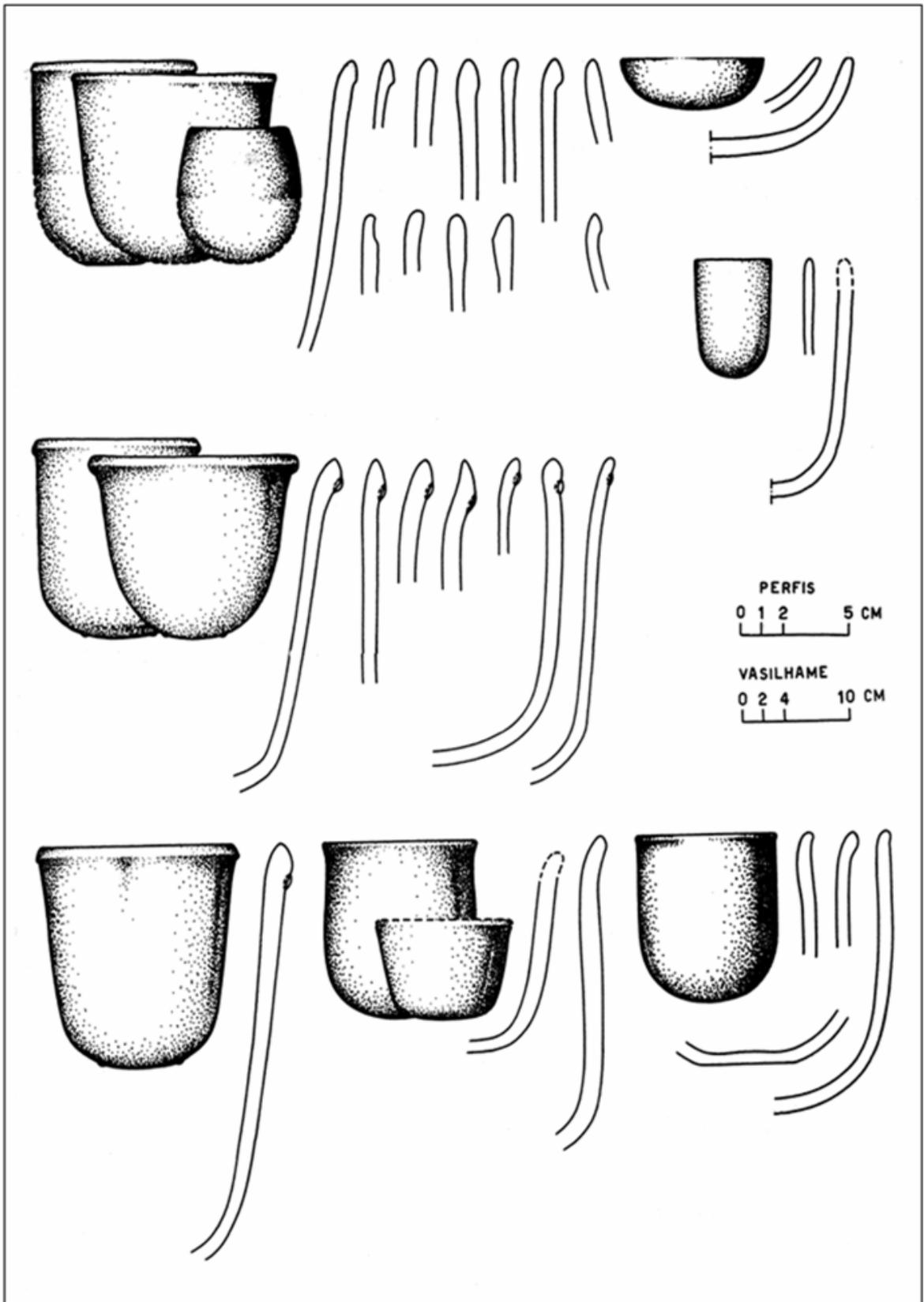


Figura 18: Vasilhas com decoração pinçada (desenhos: Eurico Miller)



**Figura 19: Vasilhas com decoração ponteadada (desenhos: Eurico Miller)**



**Figura 20: Vasilhas com decoração ungulada (desenhos: Eurico Miller)**

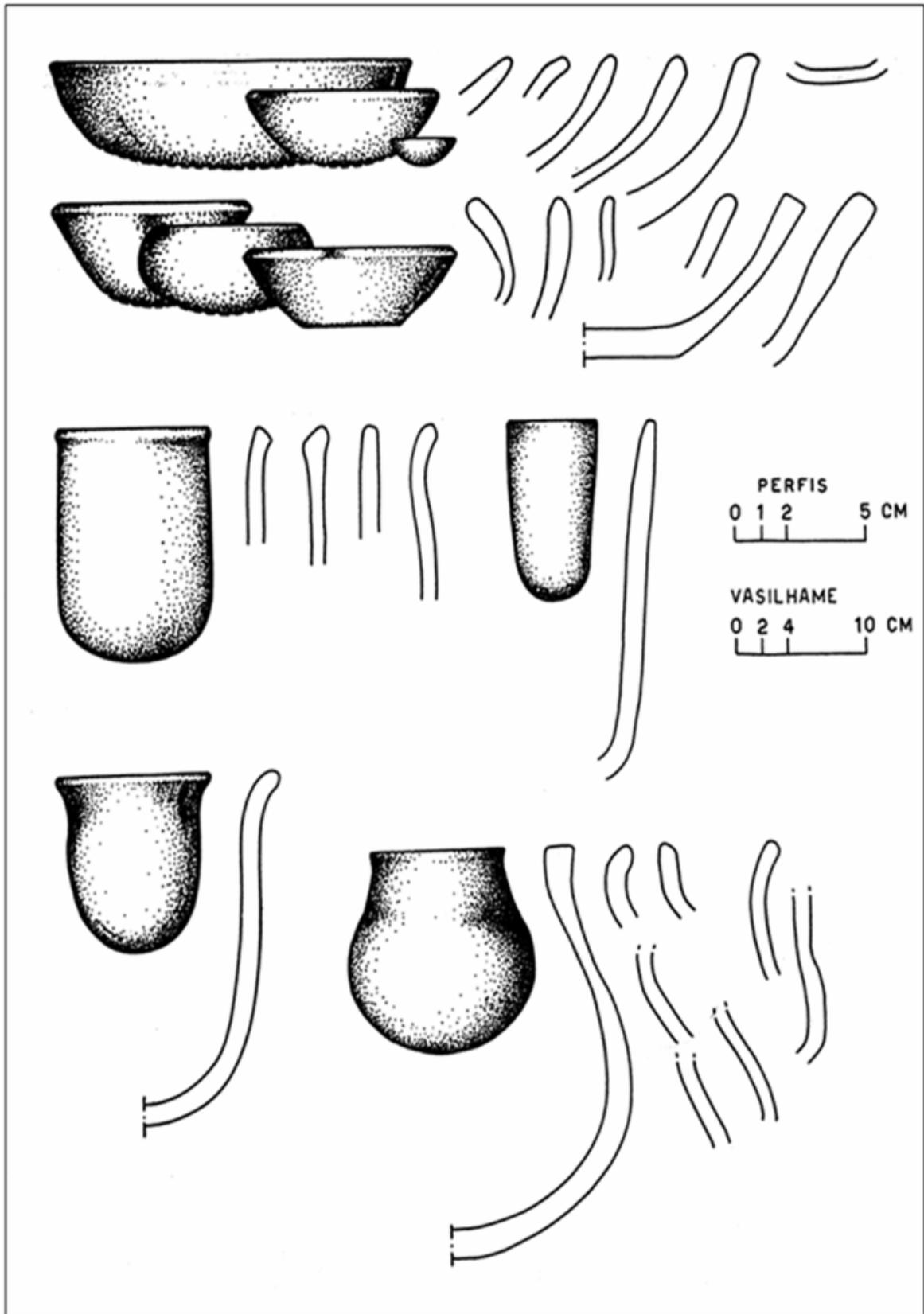
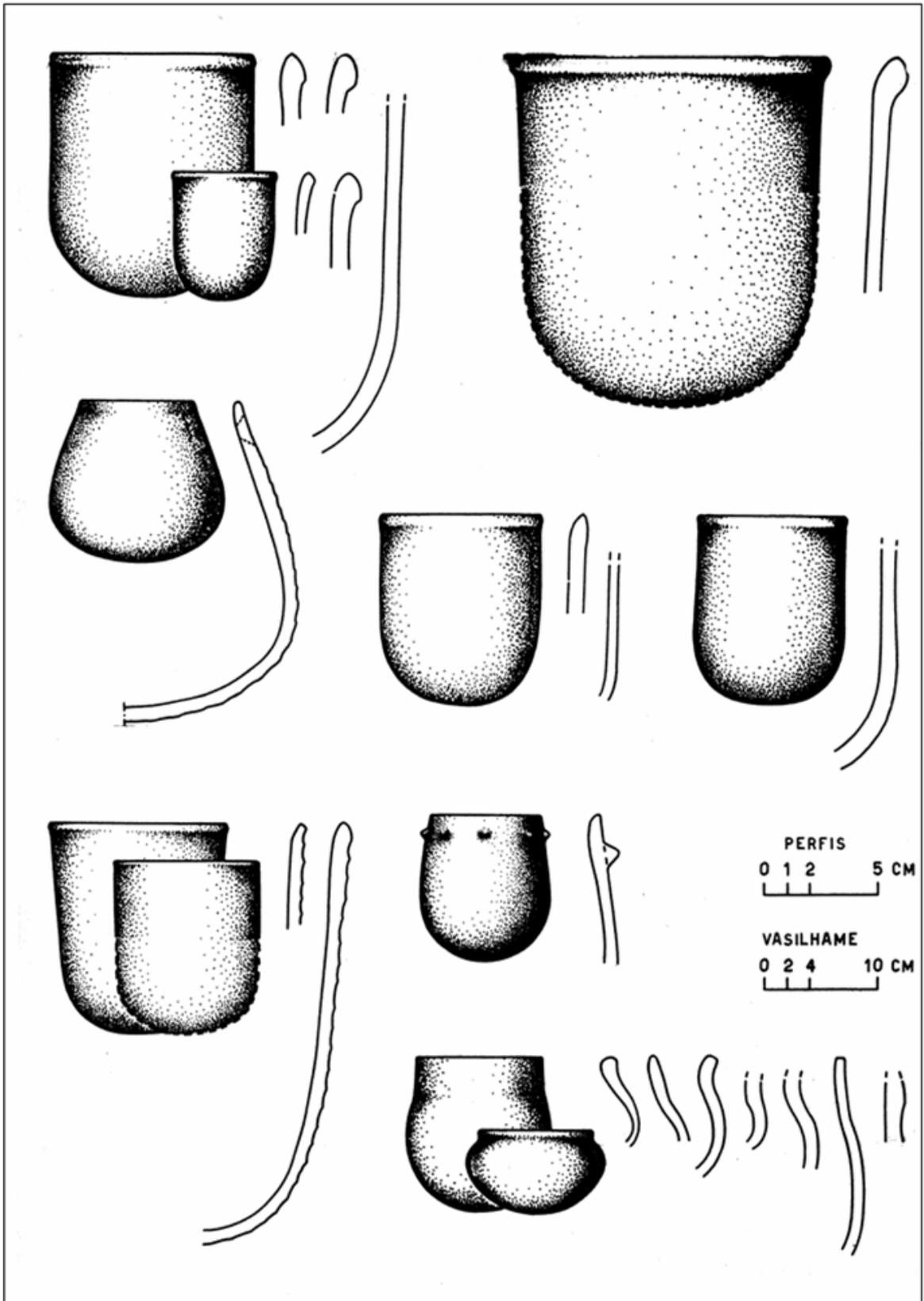


Figura 21 : Vasilhas com decoração simples (desenhos: Eurico Miller)



**Figura 22: Vasilhas com decorações diversas (desenhos: Eurico Miller)**

### II.2.2.1 OS PROCESSOS DE CRIAÇÃO

A criação de artefatos cerâmicos é desencadeada por ações intencionais como a procura de matérias-primas e a produção de vasilhas. Durante a procura de matérias-primas como argilas, temperos e combustíveis, as pessoas exploram o território que as cerca e transportam tais materiais até o local onde os recipientes serão confeccionados. No momento da produção, várias escolhas são feitas e decisões são tomadas pelos artesãos tais como as referentes às técnicas de confecção (escolha da argila e dos temperos, construção dos recipientes, acabamento, secagem, queima, e tratamento pós-queima), à organização social da produção, às condições ambientais que afetam a produção, entre outros (Wüst, 1996).

Segundo Sinopoli, a produção de cerâmica, assim como outros objetos culturais, sempre se dá em contextos sociais. Os indivíduos aprendem técnicas de produção cerâmica de pais ou outros parentes, e tendem a replicar as técnicas de produção e os produtos de seus professores. Entretanto, os artesãos não apenas reproduzem técnicas aprendidas, mas absorvem influências de várias fontes e aprendem de muitos indivíduos. Embora certos aspectos da manufatura e da decoração possam ser condicionados por contextos de aprendizado, os artesãos são conscientes das formas que seus produtos tomam e são controladores de seus produtos. São, desta maneira, transmissores ativos e transformadores da sua técnica em vez de recipientes passivos de conhecimento tradicional (Sinopoli, 1991).

Bens como os objetos cerâmicos, portanto, são produzidos em um sistema de significado que governa as definições das formas apropriadas, das técnicas e igualmente do uso, assim como de valor. Neste sentido, são sempre elaborados por autores conscientes trabalhando em contextos sociais e simbólicos específicos (Sinopoli, 1991).

Para contar alguns aspectos da atividade de manufatura da cerâmica no sítio Morro da Formiga, utilizo os dados empíricos elaborados por Saldanha ao analisar uma amostragem da coleção dos artefatos cerâmicos. Ainda, acrescento algumas informações referentes à decoração identificada nas vasilhas por Miller. Tratam-se basicamente de aspectos relacionados à tecnologia de confecção dos artefatos cerâmicos.

#### **Aspectos Quantitativos das Tecnologias de Produção**

Saldanha, ao analisar os aspectos tecnológicos quantitativos das vasilhas cerâmicas, procurou traçar um perfil inicial deste processo tecnológico envolvido na manufatura da cerâmica. Ele analisou uma amostragem de 2024 fragmentos, considerando aspectos como o

anti-plástico, a técnica de manufatura, a espessura dos fragmentos, o tratamento anterior à queima (decoreção), a queima e o tratamento pós-queima (Saldanha, 2005b).

### **Anti-plástico**

O principal anti-plástico utilizado nos vasilhames cerâmicos do sítio RS-S-61 foi o mineral, composto por diferentes proporções de quartzo hialino e branco, mica e hematita, denominado por Saldanha de areia fina (98,9%). Apenas em uma pequena quantidade dos vasilhames (1,1%) foi possível identificar uma areia mais grosseira como anti-plástico. Os diferentes tamanhos destas inclusões, algumas medindo até 3 mm, permitem supor, conforme Saldanha, que a argila para construção dos vasilhames não foi peneirada, e que ela foi selecionada de forma a já conter inclusões não-plásticas, devido à alta heterogeneidade dos minerais (Saldanha, 2005b).

### **Técnica de manufatura**

O método de manufatura identificado na construção dos vasilhames foi, em sua maior parte, a adição sucessiva de roletes (97,7%). Na pequena minoria dos casos (2,3%) não foi possível identificar a técnica de manufatura, geralmente em casos de paredes de espessura fina. Isto pode ocorrer quando há uma mistura de técnicas, segundo Saldanha, como a construção das paredes através de roletes, seguido de formatização das vasilhas através da técnica de “paddle and anvil” (Saldanha, 2005b).

### **Espessura dos fragmentos**

Os vasilhames cerâmicos analisados possuem espessuras de parede variáveis entre 0,4 e 1,1 cm. Conforme Saldanha (2005b), uma observação do gráfico de frequência, indicamos as espessuras mais recorrentes, com um pico entre 0,6 e 0,7 cm, caracterizando uma curva uni modal.

### **Tratamento de superfície anterior à queima (Decoreção)**

Para Saldanha, os elementos decorativos possuem um papel fundamental na compreensão de aspectos associados a negociação de identidades sociais. No caso específico dos grupos das terras altas do sul do Brasil, Silva (2001) trouxe importantes contribuições para compreendermos o que ele denominou “grafismos Proto-Jê meridionais” (Saldanha, 2005b).

Diferentemente de outras dimensões da variabilidade cerâmica, pode-se dizer que a decoração pertence ao terreno de tratamento expressivo dado pelas pessoas às coisas. Segundo Sinopoli, o significado que o artesão designa a motivos, a símbolos específicos, a cores, é muito difícil de ser alcançado. Na maioria das vezes é difícil precisar por que alguns símbolos foram escolhidos sobre outros, ou o que eles significavam para seus produtores e usuários (Sinopoli, 1991).

Saldanha classifica os elementos decorativos presentes nos conjuntos cerâmicos analisados segundo suas técnicas (impressão, incisão, apliques) e instrumentos (unhas, bastões, cordas, cestas, etc.). As técnicas decorativas mais encontradas na superfície das vasilhas são o pinçado (26%), o ungulado (22%), o ponteadado (20%), sendo que a decoração simples (a ausência de decoração) igualmente está bem representada nos artefatos (17%). Além disso, há em menor quantidade objetos com outras decorações, como o inciso e o digitado, além de combinações entre dois ou mais tipos decorativos, como pinçado e ponteadado, pinçado e ungulado, entre outros (15%) (gráfico 9).

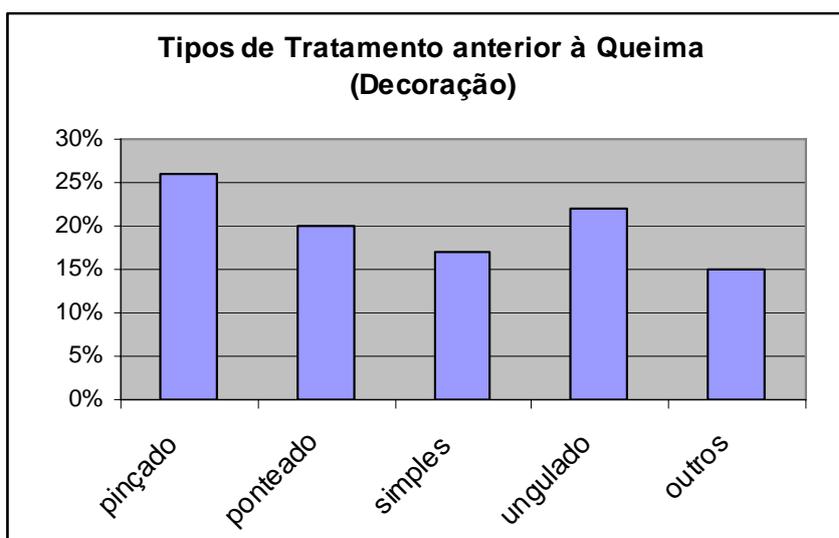


Gráfico 9: Tipos de tratamento anterior à queima (Decoração)

### Queima

A queima, atividade que pode ser o último momento ocorrido na criação, retira o ar e a água que existe na argila e torna-a irreversivelmente rígida. Foram observadas por Saldanha quatro tipos de queima para os vasilhames. O tipo mais freqüente foi a queima oxidante incompleta, com presença de núcleo no meio da parede (56,8%). Este tipo de queima ocorre em fogueiras abertas, com as vasilhas colocadas de forma que as paredes tivessem acesso de ar, tanto no interior quanto no exterior, mas cujo tempo no fogo não

permitiu a eliminação total de materiais orgânicos naturalmente presentes na argila, permanecendo estes no interior da parede (RYE, 1987 apud SALDANHA, 2005b). Em 28,4% dos vasilhames foi observada a queima oxidante completa.

O processo de queima oxidante completa é semelhante à anterior, com a diferença de que os vasilhames permaneceram mais tempo sob altas temperaturas, o que eliminou totalmente os resíduos orgânicos da argila. Em 12,5% foi observada a queima oxidante com núcleo interno. Neste tipo de queima a vasilha é submetida ao fogo com acesso de ar livre à parede externa apenas, resultando em uma cor negra para o interior das vasilhas. A outra queima observada foi a redutora completa (2,3%), obtida quando a vasilha é queimada em ambiente sem entrada de ar, ocasionando uma cor escura para a cerâmica (Saldanha, 2005b) (gráfico 10).

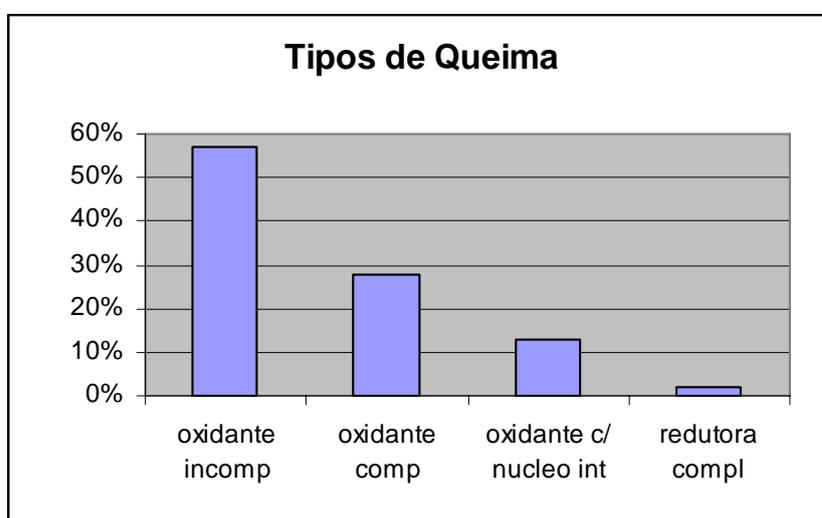


Gráfico 10: Tipos de Queima

### Tratamento pós-queima

Em 11,4% dos fragmentos cerâmicos, de acordo com Saldanha, foi identificada a brunidura como tratamento pós-queima. Este tipo de tratamento se caracteriza pela redução da atmosfera após a queima da cerâmica, quando esta ainda está incandescente. A atmosfera é reduzida com a colocação de resíduos vegetais sobre a vasilha, que são imediatamente carbonizados e absorvidos pela parede externa da cerâmica, ocasionando uma superfície negra e brilhante (RYE, 1987 apud SALDANHA, 2005b).

Muitos atos e escolhas da criação das vasilhas cerâmicas são tomados pelos indivíduos tendo em vista o consumo que estes objetos irão ter posteriormente. Os elementos que ligam a criação ao consumo podem ser pensados, tendo em vista a proposta de Glassie,

como pertencentes à comunicação, pois congregam características de ambos os contextos de ações.

### **II.2.2.2 AS FORMAS DE CONSUMO**

Os artefatos cerâmicos, como os líticos, após serem confeccionados são consumidos de diferentes formas, sendo comumente usados, muitas vezes reciclados e re-utilizados e por fim descartados. Assim como na criação, o consumo destes materiais também ocorre sempre em contextos sociais, como salienta Sinopoli. Os ceramistas produzem para consumidores e fazem vasos em concordância com as demandas de seus usuários, demandas por funcionalidade efetiva e formas apropriadas (Sinopoli, 1991). Além destes significados utilitários e funcionais, tais objetos podem adquirir conotações que ultrapassam estas dimensões, atingindo esferas mais abstratas.

#### **Estudo Tipológico e Funcional das Vasilhas**

Para trabalhar com as formas de uso utilitário à que foram submetidos os recipientes cerâmicos, realizei uma análise tipológica e funcional das vasilhas, a qual objetiva relacionar os aspectos morfológicos às marcas de utilização diretas<sup>47</sup> encontradas nas peças. Além disso, considere o tipo de decoração aplicado nos potes, uma vez que será muito útil para a realização da análise espacial no próximo capítulo<sup>48</sup>. De posse das informações sobre a morfologia das vasilhas e acerca das evidências diretas de utilização, agrupei as vasilhas que apresentaram tais informações semelhantes em categorias tipológicas funcionais, me baseando em grande parte na proposta de Saldanha (2005).

#### **Tipo 1: Não-Restringida, Cilíndrica**

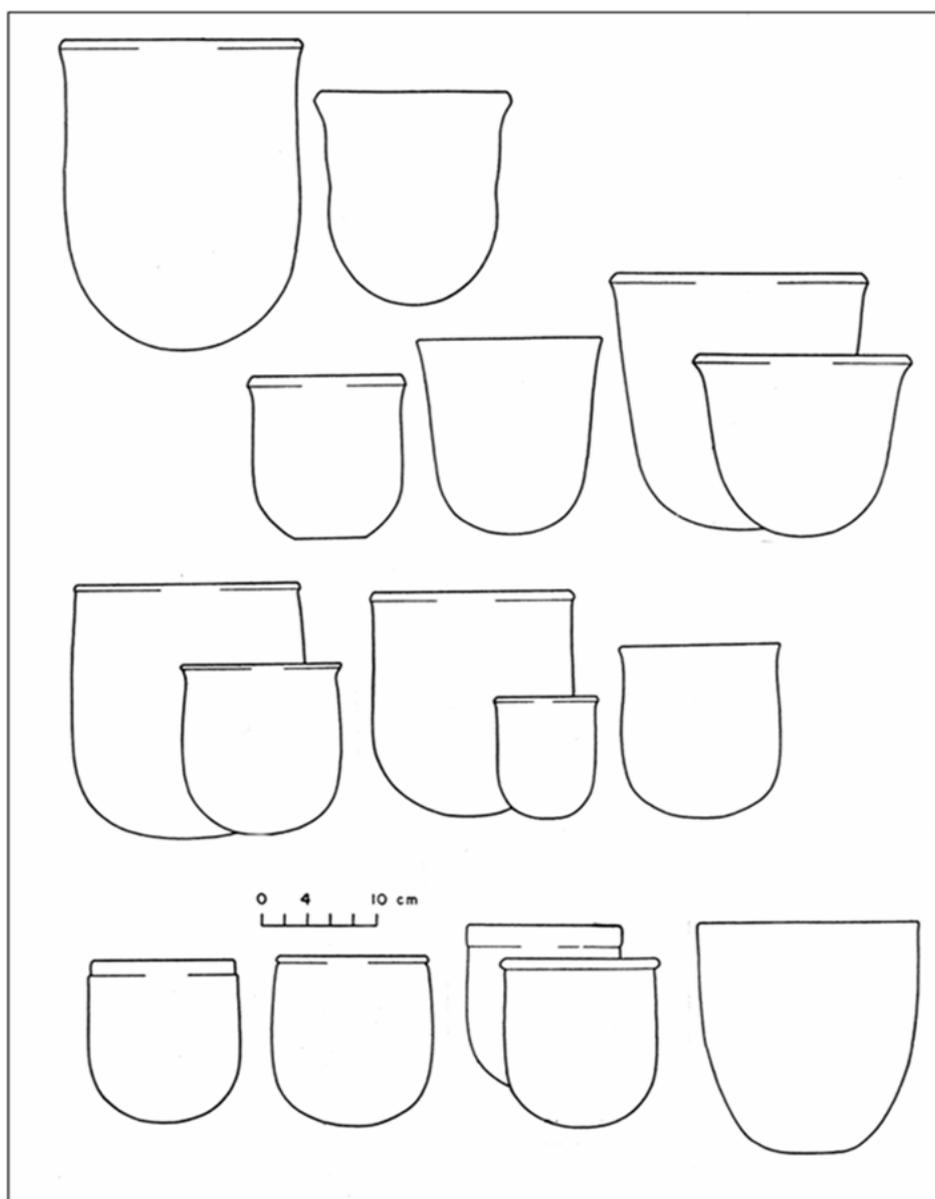
As vasilhas cerâmicas do tipo 1 são caracterizadas por serem não-restringidas, com forma aproximadamente cilíndrica e relação altura x diâmetro de 3:2. São as mais frequentes no conjunto das formas reconstituídas, com 58% de representatividade. Seus diâmetros

---

<sup>47</sup> Realizei a identificação de marcas de uso como fuligem, restos carbonizados de alimentos e vestígios de desgaste em apenas uma parcela dos materiais cerâmicos, mais exatamente nos potes e nos perfis reconstituídos por Miller com a colagem dos fragmentos.

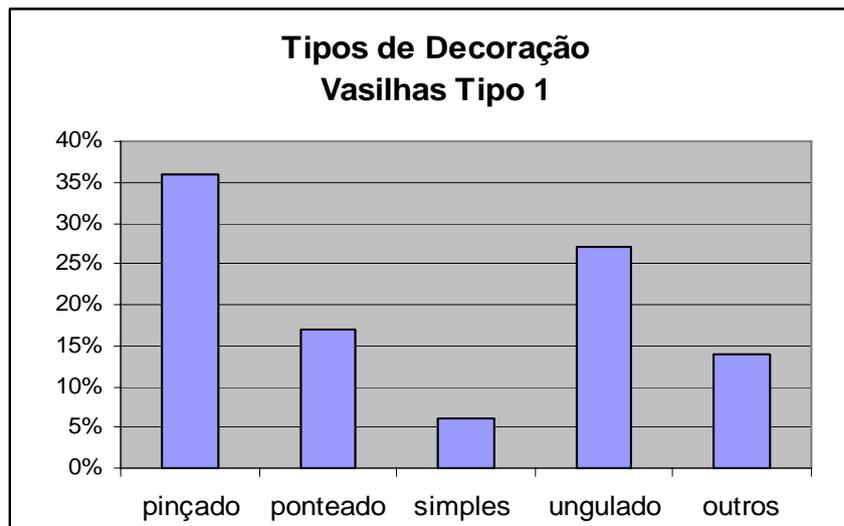
<sup>48</sup> A decoração das vasilhas é um aspecto muito importante neste estudo pois, como explico melhor no próximo capítulo, é a única informação que remete ao registro espacial de origem dos fragmentos no sítio.

variam de 8 a 20 cm e a suas alturas de 10 a 24 cm. As bases são na maioria dos casos arredondadas, mas há também algumas côncavas (figura 23).



**Figura 23: Vasilhas Tipo 1  
(desenhos: Eurico Miller)**

A decoração utilizada nos recipientes deste tipo são, o pinçado (36%), o unglado (27%), o ponteadado (17%), além de potes com outras decorações diversas (14%). Há somente uma vasilha deste tipo com decoração simples (6%) (gráfico 11).



**Gráfico 11: Decoração das Vasilhas Tipo 1**

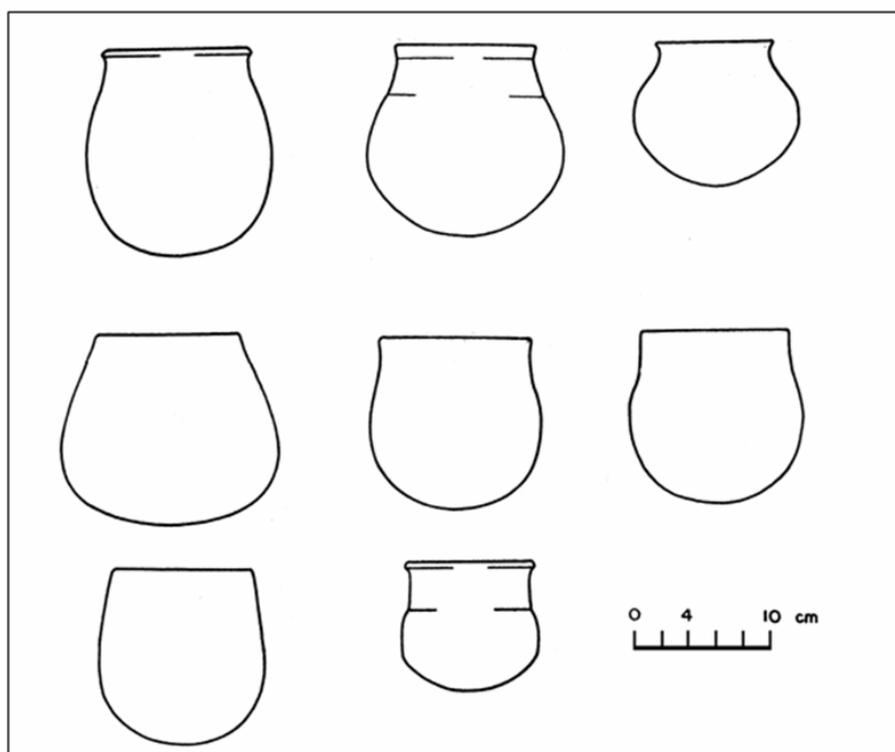
O atributo da forma de recipientes não-restringidos facilita no alcance do conteúdo. Além disso, as características de paredes altas, de espessura fina e de bases arredondadas permitem, segundo Saldanha (2005a), a maior circulação do ar, o que favorece a capacidade de absorção térmica e diminui a possibilidade de quebras por estresses térmicos. Algumas marcas de uso, tais como restos carbonizados de alimentos e marcas de fuligem na superfície externa, puderam ser identificadas em cinco vasilhas que foram reconstituídas. E em uma delas foi possível visualizar até mesmo marcas de desgaste provocadas por atrito direto de algum instrumento no interior do recipiente.

Desta forma, os elementos morfológicos em conjunto com as marcas de utilização estão apontando para a utilização destas vasilhas enquanto recipientes para cocção de alimentos. Assim, tais recipientes mostram-se vinculados às atividades de transformar e preparar o alimento no fogo e, por esta razão, os seus significados podem estar relacionados aos envolvimento das pessoas com o alimento e também com o fogo.

Estes potes classificados como tipo 1 podem também ter sido usados para armazenar líquidos e/ou sólidos, pois não há formas típicas do tipo restringidas para isto no conjunto das formas cerâmicas identificadas. Pelo seu tamanho, estas vasilhas podem ter sido confeccionadas para o cozimento de alimentos e também para o armazenamento de líquidos e alimentos sólidos, ou podem terem sido reaproveitadas para esta outra finalidade em momento posterior ao seu uso primeiro. Como a atividade de armazenamento normalmente não produz vestígios de utilização direta nas peças, trago esta idéia como uma hipótese a ser pensada.

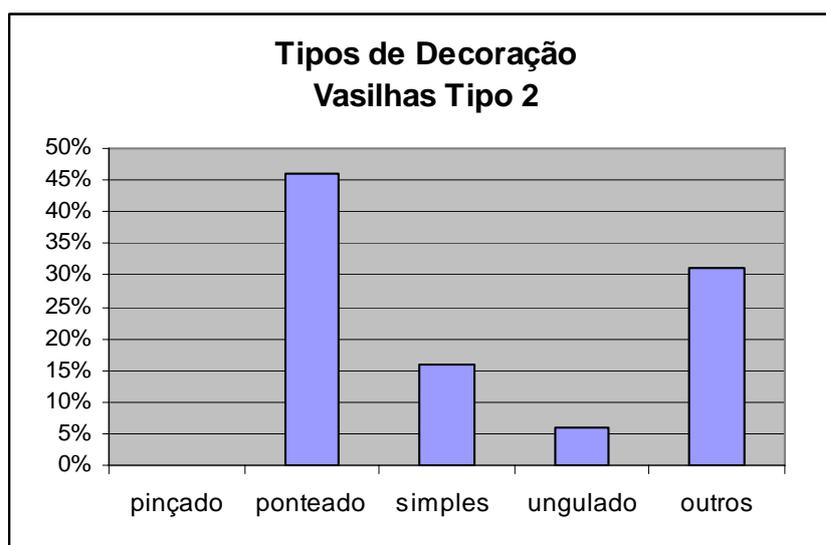
**Tipo 2: Restringida, Esférica**

Os recipientes classificados como tipo 2 caracterizam-se por serem restringidos, com forma ligeiramente esférica e relação altura x diâmetro de 3:2. Estão presentes em 21% do total das vasilhas cerâmicas. Os diâmetros variam de 8 a 12 cm e as alturas de 8 a 18 cm. As bases são arredondadas, na maioria dos casos, e também côncavas (figura 24).



**Figura 24 : Vasilhas Tipo 2  
(desenhos: Eurico Miller)**

Os elementos decorativos identificados nos vasos cerâmicos deste tipo são o ponteadado em maior quantidade (46%), o ungulado (6%), o simples (16%) e outras decorações diversas (31%).



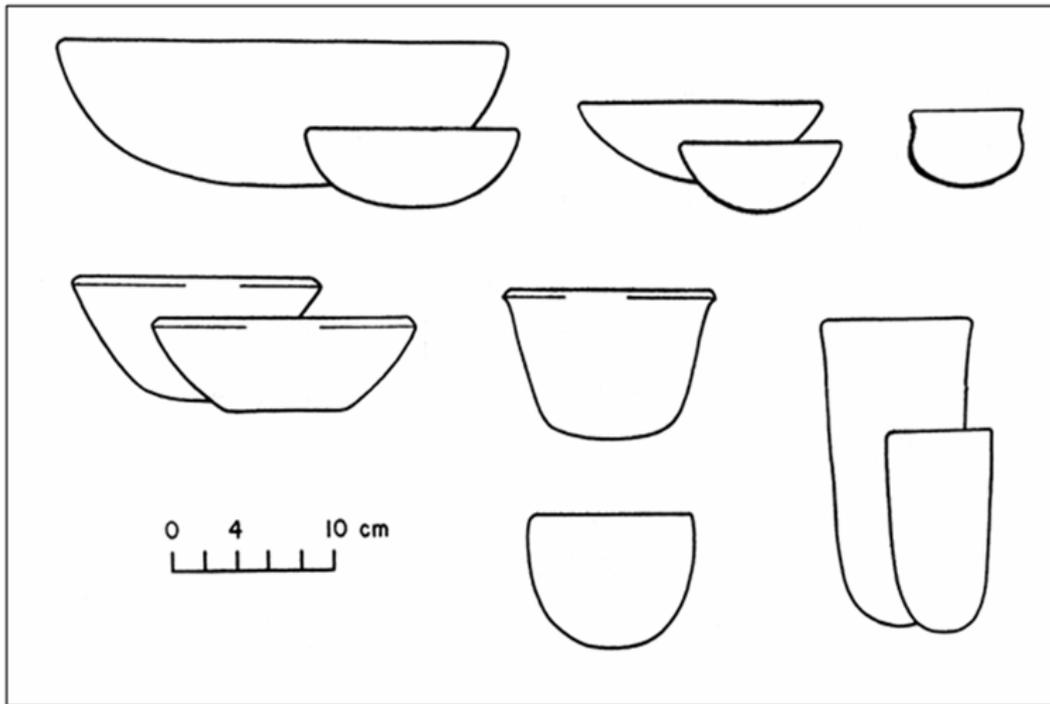
**Gráfico 12: Decoração das Vasilhas Tipo 2**

Morfologicamente, a restrição da abertura da boca, que define estes recipientes, indica a contenção e a redução de perdas de conteúdo devido a derrames ou evaporação, conforme Saldanha (2005a). Além disso, as bases das vasilhas na maioria dos casos arredondadas, como no caso dos vasilhames do tipo 1, são vantajosas porque transmitem facilmente o calor e são menos suscetíveis à quebra por estresses térmicos. As marcas de uso que puderam ser identificadas em quatro vasos reconstituídos deste tipo são as mesmas percebidas nos recipientes do tipo 1, ou seja, marcas de fuligem externa e restos carbonizados de alimentos.

Assim, as características morfológicas aliadas às marcas de uso indicam a utilização destes recipientes também para a transformação de alimentos sobre o fogo, com o cozimento. Em uma das vasilhas podem ser observados até mesmo furos de suspensão, provavelmente para o seu uso sobre o fogo. Novamente, os significados atribuídos a estes artefatos cerâmicos devem estar associados às atividades de preparar o alimento por algumas pessoas da comunidade que viveu no local.

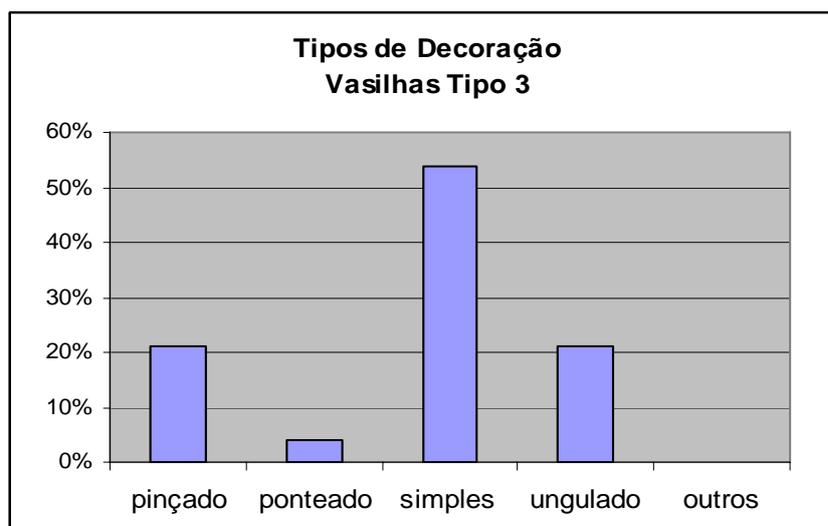
### **Tipo 3: Não-Restringida, Hemisférica**

As vasilhas definidas como tipo 3 são vasilhas não-restringidas, com forma aproximadamente hemisférica e relação altura x diâmetro de 1:2. Elas compreendem 21% de representatividade entre o conjunto dos recipientes cerâmicos (figura 25).



**Figura 25: Vasilhas Tipo 3  
(desenhos: Eurico Miller)**

Os diâmetros observados variam de 6 a 26 cm e as alturas de 6 a 18 cm. As bases são na maioria côncavas. Os elementos decorativos presentes são o simples (56%), o pinçado (22%), o ungulado (22%) e o ponteadado (4%), em menor quantidade (gráfico 13).



**Gráfico 13: Decoração das Vasilhas Tipo 3**

As características morfológicas percebidas na maioria das formas são: boca não-restringida e ampla, o que permite fácil acesso ao conteúdo, maioria das bases côncavas e tamanhos pequenos e médios com pouca capacidade de volume. As exceções às estas características são representadas pelas duas formas que apresentam relação altura x diâmetro de 2:1 (na figura 25: à direita e abaixo). Com respeito às marcas de uso, em cinco vasilhas reconstituídas percebi apenas pouca quantidade de fuligem externa.

Logo, as características das formas aliadas às marcas de uso sugerem as atividades de ingestão de alimentos líquidos e sólidos e também de servir alimentos. A pequena quantidade de fuligem em algumas peças pode representar uma utilização sobre o fogo, embora de forma não contínua e intensa, como no caso das vasilhas utilizadas para cozinhar. As diferenças nos tamanhos podem estar relacionadas a formas para ingerir (menores) e para servir alimentos (maiores). Estes recipientes, de acordo com sua função utilitária, provavelmente estiveram associados aos significados relacionados ao consumo de alimentos.

Como procurei mostrar, existiram diferentes usos postos em prática com os recipientes cerâmicos no local estudado. De modo similar, distintos devem ter sido atribuídos a estes objetos pelas pessoas. As significações dos potes que transformam os alimentos sobre o fogo certamente não são as mesmas daquelas vinculadas aos vasilhames que são utilizados para servir e para ingerir. Além disso, os significados podem ser uns para aqueles que preparam o alimento e outros para aqueles que apenas o recebem para o seu consumo.

De um modo geral, segundo Sinopoli, os vasos podem servir a diferentes utilidades, mas seu maior uso envolve o alimento – atividades relacionadas ao seu armazenamento, ao seu cozimento, ao ato de servi-lo e de ingeri-lo. Cada tipo de forma cerâmica pode estar associado significativamente a tipos específicos de alimentos usados por membros de uma sociedade. Assim, para esta autora, os significados da preparação do alimento e a significância cultural do consumo e da partilha do alimento devem ser considerados quando são estudados os usos e também os locais de usos das vasilhas cerâmicas (Sinopoli, 1991).

Normalmente as pesquisas na arqueologia destacam a função utilitária das vasilhas, pois certamente elas foram confeccionadas principalmente para este fim. As pessoas não confeccionam recipientes cerâmicos para não serem usados. Entretanto, esquece-se que estas mesmas funções utilitárias denotam significações muitas vezes abstratas para as pessoas, até mesmo nos momentos em que estas estão sendo usadas na prática.

Quando há a reutilização das vasilhas para as mesmas ou para outras funções, assim como em outros artefatos materiais, as significações podem ser alteradas. Trazendo

novamente as idéias de Glassie (1999), estas podem ser preservadas, da mesma forma que podem ser completamente modificadas pelos indivíduos, quando atribuírem outros sentidos às coisas.

Com relação ao descarte das vasilhas cerâmicas no contexto do sítio Morro da Formiga, as evidências apontam para a presença destes objetos em locais de refugio primário, ou seja, em seu próprio contexto de uso. Entretanto, esta questão somente será melhor explicada com a análise da distribuição espacial destes vestígios e da influência dos processos pós-deposicionais na preservação das informações contextuais arqueológicas.

Penso que o arqueólogo, mesmo possuindo limitações sobre como o conhecimento prático diário (representado pelo saber-fazer e saber-usar) é organizado e relacionado a níveis mais complexos de pensamento simbólico abstrato, é capaz de sugerir a existência de significados que poderiam estar presentes no cotidiano das pessoas que viveram no passado. Assim, ao partirmos das características materiais dos objetos, temos meios para tentar nos aproximar das suas significações atribuídas pelos indivíduos no passado, ainda que não possamos afirmar com certeza o que representavam.

Na próxima e última parte deste trabalho, procuro apresentar as análises e as interpretações que elaborei acerca de como estas coisas foram inseridas pelas pessoas em um espaço específico – o lugar Morro da Formiga.

### III

## AS PESSOAS, AS COISAS E UM LUGAR

Toda existência humana envolve existência em algum lugar. As relações estabelecidas entre as pessoas e as coisas sempre ocorrem em um determinado local. Os indivíduos, de um modo geral, ligam-se aos espaços de diferentes formas, de diversos sentidos, tornando-os significativos em virtude de seu envolvimento humano com eles.

Como os seres humanos que viveram no passado não habitam mais os lugares, é preciso colocá-los de volta através das análises arqueológicas, incluindo-os nas interpretações, como afirma Thomas (1996). Há bastante tempo os espaços relacionados à presença humana em tempos remotos ocupam um lugar nas pesquisas dos arqueólogos, que tentam responder a questões como: Por que determinado local fora escolhido ao contrário de outros? Como um lugar foi ocupado, organizado e transformado? Quais atividades cotidianas eram realizadas nele?

A meu ver, porém, é importante ter claro que tais estudos devem focar-se sempre nas pessoas que estão por detrás dos locais, que possuíram alguma ligação com eles. Tendo esta preocupação em vista, volto-me neste capítulo basicamente para o estudo dos relacionamentos entre as pessoas e as coisas em relação a um local específico - o sítio arqueológico Morro da Formiga. De modo similar ao qual procedi previamente, busco compreender as formas pelas quais se deram estes envolvimento em tal lugar e, na medida do possível, aproximar-me dos possíveis significados atribuídos a ele pelos indivíduos que o habitaram. Para tanto, prossigo adotando uma abordagem contextual, a qual neste momento está voltada especialmente ao âmbito espacial vinculado a tais questões.

Início a abordagem ao assunto deste capítulo com uma reflexão que considere importante sobre dois conceitos a serem trabalhados: os de espaço e de lugar. A partir da adoção do termo lugar para me referir a um local relacionado a um mundo humano, passo a denominar e a considerar o sítio Morro da Formiga desta forma - enquanto um lugar. Em seguida, analiso de forma breve as características ambientais da região em que este sítio faz parte, abarcando aspectos como relevo, hidrografia, clima e vegetação.

Por fim, através da adoção de uma perspectiva espacial e contextual, apresento uma tentativa de re-inserir as coisas no espaço através do desenvolvimento de uma análise intra-sítio. Com a utilização de aportes teóricos e metodológicos específicos para a realização de um exame neste sentido, procuro mostrar o potencial de um estudo como este, na medida em que permite a compreensão sobre alguns aspectos da organização do espaço interno através da identificação dos locais em que ocorreram atividades. Estas ações foram consideradas em relação a possíveis áreas de criação e de consumo dos artefatos líticos e cerâmicos, estudados de forma detalhada no capítulo anterior.

### **III.1 ALGUNS CONCEITOS PARA ABORDAR A ESPACIALIDADE DA EXPERIÊNCIA HUMANA**

Os arqueólogos tradicionalmente dirigem atenção aos espaços, aos lugares, às paisagens que possuem alguma relação com a vida das pessoas que existiram remotamente. Para o desenvolvimento deste trabalho, sobre a ocupação de um local específico como o sítio Morro da Formiga, levo em consideração os conceitos de espaço e de lugar.

Espaço é um termo comumente utilizado na arqueologia para se referir de um modo geral aos locais relacionados à habitação humana. Segundo autores associados às abordagens pós-processuais como Tilley (1994) e Thomas (1996), o espaço não é um pano de fundo passivo, mas sim uma entidade ativa e complexa em relação às vidas humanas. É formado por relações sociais estabelecidas entre os indivíduos e entre os indivíduos e os objetos culturais. Neste sentido, pode ser visto como socialmente produzido pelas pessoas, estando sempre centrado em relação à atividade humana.

Assim, o espaço não tem essência em si mesmo, mas somente em associação com alguma coisa. Logo, não há espaço que não seja relacional. Conforme Thomas (1996), o espaço pode existir no círculo de relações entre coisas e lugares. A própria identificação de um local como um ‘lugar de’ alguma coisa já demonstra o caráter relacional do espaço.

Os arqueólogos, na procura da resposta para questões como ‘Por que determinados lugares foram escolhidos para habitação ao contrário de outros?’; adotam diferentes abordagens. A mais tradicional refere-se à explicação através de fatores racionais, tais como a consideração das características do meio-ambiente (relacionadas à relevo, clima, vegetação, hidrografia), da disponibilidade de recursos exploráveis e, ainda, de fatores como padrões demográficos, tecnologias, transumância, territorialidade, entre outros.

Por outro lado, há uma explanação distinta, a da lógica cultural ou simbólica, que abarca aspectos mais abstratos como o simbolismo da percepção do espaço. Este enfoque opõe-se diretamente à perspectiva cartesiana, a qual defende que o mundo físico é caracterizado apenas por sua extensão espacial, composta por forma e movimento. Desta forma, não leva em conta a substancialidade, a significação que os espaços possuem. Os entendimentos cartesianos de espaço, neste sentido, reduzem o mundo ao acontecimento, rejeitando qualquer preocupação com o significado. Os espaços que contém seres humanos não são vistos como diferentes dos espaços em que nenhum ser humano pisou (Thomas, 1996).

Normalmente estes dois modos de posicionamento em relação ao entendimento da ocupação de um espaço são percebidos como opostos. Entretanto, no meu ponto de vista, tratam-se de abordagens complementares, pois se torna radical levar em conta somente aspectos pragmáticos da vida humana ou apenas mitos e simbologias. As pessoas não ocupam locais inóspitos, sem recursos, mas lugares que apresentam condições de sobrevivência e, ao mesmo tempo, que possuem e que passarão a adquirir significados particulares e conotações específicas (Tilley, 1994). Esta separação estabelecida entre o que seria um espaço geométrico (racional, material) e um espaço significante (irracional, ideal) é mais uma das dicotomias que se fazem presentes nas teorias e nas pesquisas arqueológicas.

Um outro autor, Felipe Boado (1999), ao pensar sobre o espaço como um produto de séries de mecanismos de representação, distingue três diferentes dimensões em que este pode ser percebido. Há o espaço enquanto entorno físico (matriz meio-ambiental na ação humana), o espaço enquanto entorno social (meio construído pelo ser humano e sobre o que se produzem as relações entre os indivíduos e os grupos) e o espaço enquanto entorno pensado (meio simbólico). Além disso, salienta que um espaço nunca é independente dos sistemas de representação que o monitoram, sendo elementos básicos deste sistema de representações a forma de conceber a natureza, o espaço, o tempo, a temporalidade, e as relações entre os seres humanos e o seu ambiente.

Estas formas de conceber um espaço, embora partam de pontos de vista distintos, são complementares. Quando é realizada a análise de um local, deve-se tentar levar em conta todos estes âmbitos pelos quais os espaços podem ser percebidos. Um enfoque como este só tende a enriquecer o trabalho arqueológico, pois mostra a complexidade das experiências humanas que são sempre espacialmente situadas.

Thomas (1996) sugere a utilização do termo lugar para referir-se aos locais relacionados a um mundo humano. Para ele, o espaço pode ser transformado em um lugar

pela ação humana, ao serem usados e consumidos e, igualmente, por envolvimento em estruturas de pensamento. Não é necessário, todavia, que este seja alterado fisicamente para que isso aconteça. Um lugar, então, pode emergir de qualquer lugar - a partir do momento em que nos damos conta de que estamos em algum lugar, esse se torna um lugar.

Para Thomas (1996), significado e significação são diagnósticos da existência humana. Um espaço, percebido dessa maneira, torna-se significativo em virtude do seu envolvimento em mundos humanos. Os lugares envolvem uma paisagem específica, um conjunto de atividades sociais, teias de significados e rituais – todos inseparavelmente entrelaçados.

Ainda segundo este autor, o corpo humano é o meio através do qual as pessoas obtêm seu entendimento do mundo, uma vez que o espaço vivido só pode ser vivido através do corpo humano. Assim, quando conhecemos uma coisa ou lugar profundamente, deixa de ser nossa preocupação explícita para ser um problema de entendimento corporal. Tal forma íntima de proximidade é o resultado da habitação de um espaço. Nossa percepção de espaço se baseia, portanto, na habilidade humana de viver experiências, e é exatamente esta ação que constitui a ordem espacial do espaço vivido, experimentado (Thomas, 1996).

Tal postura, a qual defende que através do corpo humano o homem vivencia o lugar, aproxima-se muito do enfoque também adotado em parte por Tilley nos seus estudos. Para este autor, os lugares não são somente vistos, mas experimentados através do corpo humano em todos os sentidos. Uma perspectiva como esta permite considerar como as pessoas movem-se ao seu redor, como designam significados a lugares, como os entrelaçam com suas memórias, histórias e estórias, e criam o sentido de pertencimento (Tilley, 1994).

Através do entendimento corporal as pessoas vivenciam os lugares e acabam criando laços de familiaridade com estes. Neste sentido, a habitação do espaço contribui para a identidade humana, a partir do momento em que a identidade de um grupo pode ser descoberta através desta relação com um lugar. A relação de ‘habitar em’ contribui para a identidade do lugar (Thomas, 1996).

Os lugares, em última análise, constituem locais com significados humanos, com sua singularidade da existência manifestada e expressada no dia-a-dia da vida e na consciência das pessoas com modos de vida particulares. Assim, seus significados giram em torno da sua percepção existentes ou vividas neles (Thomas, 1996).

Utilizo o termo lugar a partir deste momento para me referir ao sítio arqueológico Morro da Formiga. A seguir caracterizo o estabelecimento de indivíduos nele através de um breve estudo sobre as condições ambientais da área dentro da qual o sítio faz parte e,

principalmente, de uma análise espacial intra-sítio com as evidências materiais disponíveis. Com a adoção de um enfoque contextual para a análise espacial dos elementos inseridos no espaço, busco aproximar-me dos significados surgidos entre as pessoas e as coisas neste antigo local.

### **III.2 O LUGAR MORRO DA FORMIGA**

O Lugar Morro da Formiga, assim como tantos outros ocupados em períodos antigos, possuiu uma relação com um mundo humano. Além de ter sido ocupado fisicamente, certamente foi pensado, imaginado e simbolizado pelas pessoas que o ocuparam, as quais devem ter atribuído múltiplos significados a ele com o passar do tempo.

Este sítio recebeu este nome, pois está situado em uma área conhecida pela comunidade de Taquara como o Morro da Formiga (figuras 26, 27 e 28). Atualmente no local há uma antena de televisão. Assim, trata-se de uma área que sofreu diferentes ocupações, em diferentes épocas, por diferentes pessoas. Detenho-me, a seguir, na ocupação mais remota deste local, por grupos humanos estabelecidos nesta e em outras regiões do atual estado do Rio Grande do Sul no período pré-colonial.



**Figura 26: Vista geral do Lugar Morro da Formiga**  
(foto: Carolina Rosa)



**Figura 27: Vista do Lugar Morro da Formiga**  
(foto: Carolina Rosa)

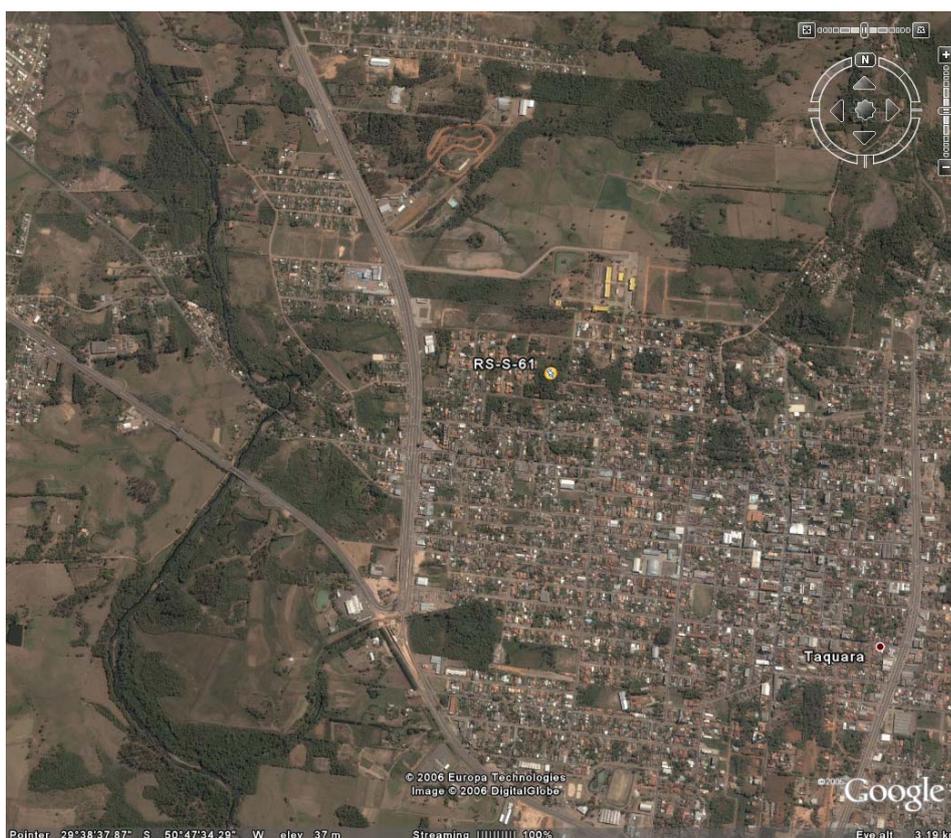


**Figura 28: Vista a partir do Lugar Morro da Formiga para o norte**  
(foto: Carolina Rosa)

### III.2.1 CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DO VALE DO RIO PARANHANA

O sítio arqueológico RS-S-61 está situado dentro da zona suburbana da cidade de Taquara, a noroeste do seu centro, no topo do morro que lhe dá o nome. Encontra-se no vale do rio Paranhana (na Bacia Hidrográfica do rio dos Sinos), estando à 800m da margem esquerda deste rio, à 69m de altitude do seu nível normal e à 75m de altitude acima do nível do mar (figuras 29 e 30).

Com relação ao relevo do lugar, o sítio está situado na extremidade leste da Depressão Central Gaúcha, em uma área da encosta inferior do planalto do nordeste do Rio Grande do Sul (das Araucárias), área que possui altitudes baixas máximas de 250 a 300 m, que vão aumentando até atingir a encosta superior do planalto, à 1000m de altitude.



**Figura 29: Imagem do Google Earth com localização do sítio Morro da Formiga (rio Paranhana à esquerda)**



**Figura 30: Imagem do Google Earth com localização do sítio Morro da Formiga (relevo em detalhe)**

A geologia da região no nordeste do Rio Grande do Sul, na qual está localizado o sítio em questão, é caracterizada, de um modo geral, por duas unidades distintas – as Formações Botucatu e a Serra Geral.

A Formação Botucatu foi constituída por arenitos típicos de formação eólica. Esta unidade constitui-se maciçamente de sedimentos eólicos, arenitos com seleção regular e boa, classe modal dominante de areia fina, com tamanho médio entre 0,25 e 0,125 mm, pouca matriz, estratificação cruzada de porte médio a grande, tangencial na base, formada pela deposição de areia por acreção ou avalanche na frente das dunas. Os arenitos apresentam coloração vermelha, rosa e esbranquiçada, sendo finos a médios, normalmente bimodais, quartzosos, friáveis devido à matriz reduzida, apresentando grãos foscos e geralmente bem arredondados (IBGE, 1986). Os arenitos desta unidade às vezes apresentam-se silicificados devido à processos secundários recentes, que produziram a dissolução dos grãos detríticos de quartzo, re-precipitando calcedônia devido à variação nas condições físico-químicas do meio, pela variação do nível freático (IBGE, 1986). Os arenitos silicificados possuem coloração avermelhada, grande dureza, brilho. Esta variação do arenito ocorre geralmente em porções ou faixas encaixadas no basalto – rochas características da Formação Serra Geral

(DIAS, 2003: 56). O início da atividade eólica ocorreu entre os períodos Triássico e Jurássico (IBGE, 1986).

A Formação Serra Geral, por sua vez, foi formada por derrames eruptivos que repousaram sobre os depósitos eólicos da Formação Botucatu. Os basaltos são rochas vulcânicas que, quando frescas, apresentam uma variedade de cores que vão do cinza-escuro ao negro, com tonalidades esverdeadas. Como características texturais, os basaltos geralmente apresentam-se afaníticos, e menos comumente faneríticos, finos a médios, mostrando-se, muito raramente porfiróides. São comuns nestas rochas, agregados intersticiais constituídos por quartzo, calcedônia, plagioclásio mais sódico, feldspato potássico e clorita (IBGE, 1986). O quartzo é considerado a principal formação secundária do basalto, sendo gerado a partir da infiltração e deposição de água saturada de sílica (SiO<sub>2</sub>) nas áreas vesiculares. O quartzo no interior das drusas pode acabar se individualizando de forma micro-cristalina, nas calcedônias e ágatas, ou macro-cristalina, na forma de quartzo hialino. As calcedônias são formadas por fibras de quartzo, podendo possuir coloração diversificada, de acordo com a combinação dos minerais (DIAS, 2003: 55).

O índice médio de pluviosidade anual é de 1200 a 1750 mm, com temperatura média anual maior de 18°, e com temperatura máxima em janeiro de 32,5° e mínima em julho de 8°. Essas características enquadram esta região em um clima do tipo úmido a subúmido, com um forte grau de umidade (IBGE, 1986).

A vegetação que cobre o local está inserida na área da floresta estacional semidecidual, na sub-formação da floresta submontana. Com altitudes que variam de 30m até 400m de altitude, na floresta submontana existem algumas espécies predominantes como: mata-olho (*pachystroma longifolium*), talheiro (*alchornea triplinervea*), maria-mole (*guapira opposita*), camboatá (*cupania versalis*), e outras. Entretanto, hoje em dia conta com raros agrupamentos florestais originais resultantes do intenso desmatamento para fins agrícolas, industriais e urbanos que neste local se verificou (IBGE, 1986).

### **III.2.2 ANÁLISE ESPACIAL INTRA-SÍTIO: RE-INSERINDO AS COISAS NO ESPAÇO**

#### **III.2.2.1 A ABORDAGEM ESPACIAL INTRA-SÍTIO NA ARQUEOLOGIA**

Trago algumas noções teóricas e metodológicas a respeito das análises espaciais na arqueologia e, mais especificamente a respeito do enfoque espacial intra-sítio para introduzir o assunto que trato a partir deste instante.

A análise Espacial na arqueologia, em um âmbito geral, é uma abordagem teórico-metodológica de grande valia para o estudo de diversos aspectos relacionados às sociedades passadas. Permite focar a estruturação espacial da evidência arqueológica, a fim de evidenciar as relações e as caracterizações espaciais que possibilitem uma interpretação sobre a organização social de determinado espaço (Hodder & Orton, 1976). Assim, proporciona maior clareza sobre as relações e os padrões espaciais, uma vez que parte de uma perspectiva contextual dos vestígios materiais.

Conforme enfatizei em momento anterior, uma perspectiva contextual de estudo das evidências mostra-se muito frutífera para os arqueólogos, na medida em que os seus conteúdos significativos mais abstratos podem ser alcançados quando analisados dentro de contextos específicos. No caso de um enfoque contextual voltado à espacialidade dos vestígios, como busco desenvolver nesta parte do trabalho, há a possibilidade de pensar nas dimensões do espaço que vão além dos significados pragmáticos (ligados por exemplo à satisfação das necessidades tais como recursos naturais) e atingem as esferas simbólicas presentes em toda sociedade.

Uma parte integrante dos estudos espaciais levados a cabo na arqueologia é representada pelas análises espaciais intra-sítio, as quais se dirigem ao nível mais específico de exame – o espaço interno de um sítio arqueológico. Ao trabalhar com a distribuição de artefatos no interior de um local habitado, busca-se identificar agrupamentos não aleatórios de artefatos, os quais são resultantes do desenvolvimento de atividades humanas em determinado espaço (Hodder & Orton, 1976). Segundo Wüst, o pressuposto básico de qualquer estudo intra-sítio é de que o espaço de um assentamento não pode ser tratado de uma forma homogênea, pois a deposição e a distribuição de artefatos comumente dão-se de forma diferencial nos assentamentos<sup>49</sup> (Wüst, 1990; Wüst & Carvalho, 1996).

Para Irmhild Wüst, pesquisadora que se dedica a estudar a organização espacial interna dos sítios arqueológicos em um nível regional há bastante tempo, a análise espacial intra-sítio permite ao arqueólogo focar-se em questões relativas à organização sócio-política e ideológica das sociedades antigas. Neste sentido, possibilita interpretações relativas à

---

<sup>49</sup> Wüst e Carvalho salientam a necessidade de preencher algumas condições para a realização de um estudo do tipo espacial intra-sítio. Esta autora destaca principalmente a escavação de toda ou quase toda a área do sítio arqueológico a ser pesquisado e o estudo de todas as classes de artefatos presentes, tais como artefatos líticos, cerâmicos e outros que tenham sido descobertos com o trabalho de campo (Wüst & Carvalho, 1996).

divisão de trabalho, a estruturas de poder, à utilização de recursos, à natureza de redes de troca, pois os dados sobre a variação espacial da cultura material permitem encaminhar questões de relevância sobre a natureza da hierarquização interna das sociedades. Ao concentrar-se nas diferenças espaciais percebidas na cultura material a fim de entender as sociedades passadas, esta autora não utiliza como unidades de investigação as tradições e fases arqueológicas, e sim as unidades residenciais e as áreas de atividade específicas em nível de assentamentos humanos (Wüst, 2000).

Para a realização de qualquer estudo sobre a distribuição espacial dos artefatos exige-se do investigador um maior aprofundamento das questões relacionadas à formação do refugio arqueológico, pois este pode ser resultado de processos secundários<sup>50</sup> de deposição. Além disso, a localização original das evidências materiais pode ter sido alterada por influência de fatores pós-deposicionais causados por diversos tipos de ações humanas, como por exemplo a utilização dos locais para o desenvolvimento de atividades como a agricultura.

São considerados contextos de deposição primária de vestígios materiais os locais onde foram desenvolvidas ações como a produção e o uso de artefatos. Os contextos de deposição secundária, por sua vez, referem-se às áreas onde houve o deslocamento dos artefatos de sua localização original, as quais são comumente resultantes de limpezas destes locais.

Segundo Sinopoli (1991), refugos primários de objetos arqueológicos não são muito comuns no registro arqueológico, pois tais materiais são geralmente descartados de seus locais originais de produção e uso. Há exceções a este fato e as áreas de atividades originais são preservadas quando um local é repentinamente abandonado ou destruído por desastres naturais ou culturais como incêndios, inundações ou erupções vulcânicas. Em tais contextos, além de termos de levar em conta as perturbações pós-deposicionais, os materiais podem ser encontrados nas áreas nas quais foram elaboradas ou utilizadas por último.

Espera-se, conforme Wüst, que espaços domésticos configurem áreas de deposição primária de refugio, embora no interior destas áreas alguns objetos possam ter sido deslocados em razão da limpeza ou da reestruturação espacial do lugar (Wüst, 2000). Em

---

<sup>50</sup> Schiffer foi um dos primeiros investigadores a se preocupar com a questão do processo de formação da deposição arqueológica, tendo criado categorias de formas pelas quais os refugos podem ser encontrados no solo. Assim, há o refugio primário, o qual resulta do descarte dos artefatos no seu local de uso; o refugio secundário, quando este é transportado e depositado em local diverso; e ainda, o refugio de fato, que é produzido por ocasiões como o abandono do sitio e, desta forma, não é descartado durante a operação normal do sistema cultural (Schiffer, 1972).

tais locais incidem normalmente uma grande diversidade de atividades, podendo ser encontradas evidências de ações cotidianas ligadas tanto à criação e à utilização de utensílios (como artefatos líticos e cerâmicos), quanto a processos de transformação, estocagem e ingestão de alimentos (podendo estas últimas estar vinculadas à utilização dos utensílios).

Grande parte dos pesquisadores que trabalham com a abordagem espacial intra-sítio considera a área de atividade enquanto a unidade de análise básica para entender a espacialidade no interior dos sítios. Esta pode ser entendida como o local em que um evento humano particular ocorreu e deixou seu vestígio, ou seja, uma área onde atividades específicas passadas aconteceram e que podem ser identificadas no registro arqueológico (Sinopoli, 1991; Kent, 1984 apud Assis, 2000). Entretanto, como já foi destacado, comportamentos como varrer ou limpar o refúgio das atividades e depositá-los em outros locais destrói a maior parte dos traços de áreas de atividade passada. Da mesma forma, os processos pós-deposicionais podem igualmente afetar a dispersão dos artefatos de seus locais originais (Sinopoli, 1991).

Tendo em vista que atividades específicas podem ocorrer no interior de um espaço construído, selecionei duas classes de objetos que podem estar relacionados a tais eventos – os artefatos líticos e cerâmicos. Antes de apresentar os dados resultantes do exame de tais elementos empíricos e de outros, levanto alguns pontos a serem considerados para a identificação de áreas de atividade líticas e cerâmicas associadas aos locais de criação e de consumo destes objetos.

Com relação aos lugares em que ocorreram atividades com os artefatos líticos, existem alguns aspectos que devem ser levados em conta na análise destes materiais. De acordo com Koymann, a amostragem de tipos particulares de vestígios líticos pode fornecer informação sobre como diferentes atividades são segregadas em um sítio, como diferentes estágios de um processo estão juntos ou isolados, e se certas atividades ou processos são empreendidos em conjunto ou separados (Koymann, 2000).

A respeito da manufatura destes objetos, é possível identificar as áreas em que tal atividade aconteceu e, além disso, reconstituir nesses locais as etapas de produção dos artefatos. Resíduos como lascas, núcleos e outros detritos normalmente refletem ações específicas relacionadas ao trabalho de percussão e são vistas como um bom indicador dos locais onde esta ação teve lugar. Aliado a isto, a presença de lascas corticais é um aspecto que pode auxiliar na identificação do local onde ocorreu o descortçamento inicial de matéria-prima. Além disso, as lascas secundárias (resultantes da continuação do processo de

lascamento, apresentando menor quantidade de córtex) podem apontar para as zonas onde a atividade em questão teve prosseguimento.

Outra informação fundamental que pode ser obtida com a análise dos vestígios líticos baseia-se na presença de micro-lascas (menores de 2cm de comprimento). Estas, por serem muito pequenas para serem deslocadas, podem permanecer no local de refugio primário e assim indicar um possível local de refugio primário associado ao lascamento (Koymann, 2000).

No que tange o consumo destes objetos, outros aspectos são comumente avaliados. A localização espacial de instrumentos que possuem marcas de utilização pode apontar para os locais de uso destes. Ao mesmo tempo, outras formas de consumo como a manutenção e a reciclagem dos implementos pode ser observada espacialmente na medida em que são descobertos vestígios como lascas de reativação e de retoque dos gumes que estão sendo usados. Um padrão na localização destas peças pode representar até mesmo zonas particulares para a realização destes eventos, conforme destaca Koymann (2000). Por fim, quanto ao descarte das peças, instrumentos líticos que possuem fraturas ou marcas como alterações térmicas podem indicar os espaços em que estas peças são abandonadas, como nas estruturas de fogueiras, por exemplo.

Com respeito à identificação dos locais de ações particulares relacionadas aos artefatos cerâmicos, existem também vários indícios que podem assinalar os locais específicos de produção e uso das vasilhas. No que diz respeito aos eventos relacionados à criação destes objetos, podem ser identificados traços diretos da produção de potes em zonas que apresentam vestígios relacionados aos fornos para a queima e também produtos rejeitados da modelagem de vasos, como no caso das bolas de argila.

A partir da realização de estudos que abordem a funcionalidade dos recipientes cerâmicos, é possível traçar alguns comentários sobre as zonas de atividades específicas associadas ao consumo destes artefatos. São passíveis de serem identificadas áreas de uso onde ocorreu a transformação e a cocção dos alimentos quando são encontrados vasos com estas funções - os quais normalmente estão vinculados à locais com presença de fogueiras. De forma similar, espaços para o consumo alimentar podem ser observados a partir da distribuição dos recipientes de servir e de ingerir conteúdos líquidos e sólidos, e áreas de estocagem de alimentos podem estar representadas por frequências de vasilhas utilizadas para esta finalidade. Ainda, outros lugares como zonas de refugio ou de depósito de potes quebrados ou mesmo inteiros devem possuir diferentes tipos de vasilhames, em uma grande variedade de formas.

De posse de tais informações acerca dos locais nos quais os eventos de criação e consumo podem ter ocorrido aos artefatos líticos e cerâmicos, é possível apontar para as áreas de atividades específicas passíveis de serem encontradas em qualquer registro arqueológico. Entre eles podem ser citados os espaços utilizados para o armazenamento de alimentos, para a criação de implementos líticos e cerâmicos, para a utilização, re-utilização e descarte destes objetos, para a preparação e a transformação de alimentos, e igualmente para a ingestão destes alimentos. Da mesma forma, podem ser observadas zonas onde não aconteceram atos como estes ou que são constantemente mantidas limpas, tais como os locais de descanso e de circulação de pessoas. Apenas para finalizar esta breve introdução necessária à análise espacial dos vestígios selecionados, é importante considerar que os artefatos podem ter sido usados nos mesmos locais ou em lugares distintos dos que foram confeccionados pelos indivíduos.

### **III.2.2.2 INFLUÊNCIA DE PROCESSOS PÓS-DEPOSICIONAIS E PROBLEMAS DO REGISTRO ESPACIAL DAS EVIDÊNCIAS**

Para a realização de um estudo sobre a localização espacial de evidências arqueológicas em um sítio são necessárias algumas considerações sobre a influência de processos pós-deposicionais e de outros fatores na formação do refugo a ser pesquisado.

O sítio arqueológico Morro da Formiga, conforme mencionado anteriormente, está localizado dentro do município de Taquara, na periferia de sua malha urbana. Segundo Miller, o local era conhecido pela comunidade com relação à presença de vestígios arqueológicos desde 1955, em um momento impróprio para a sua escavação em razão do domínio do lugar por plantações de acácia e de eucalipto. Somente com o abate destas árvores em 1964 foi possível dar início aos trabalhos de campo, que começaram em julho de 1965. Este pesquisador não forneceu maiores informações sobre o grau de preservação do sítio, que pode ter sido alterado com o crescimento da cidade.

Quanto ao grau de preservação da informação espacial das evidências há maiores dados disponíveis. Além da atividade vinculada à plantação de árvores no local, ocorreram outros tipos de cultivo, como feijão, milho, batata doce, aipim, etc. Apesar disto, tais interferências posteriores no solo não resultaram em uma grande perturbação do registro arqueológico. De acordo com Miller:

Como é evidente, as evidências arqueológicas sofreram a ação destruidora das árvores e das lavrações sem, contudo, perturbar profundamente o estrato arqueológico. Os maiores estragos são testemunhados pela ausência de espécimes cerâmicas íntegras. Quanto ao mais, a situação horizontal e vertical pouco sofreu abaixo de 12 cm, permitindo mesmo localizar com relativa precisão a primitiva situação dos artefatos cerâmicos [...] Desde 19.. (*Miller não coloca o ano*) com a derrubada da mata a área do sítio tem suportado as mais diversas culturas tais como feijão, milho, batata doce, aipim, eucalipto e acácia e, campo de gado. Contudo, tais ocorrências não prejudicaram, a ponto de não permitir uma pesquisa sistemática, a qual nos revela que TQR-61 se constituirá num sítio de real importância para o estudo desta cultura não guarani, conforme se poderá verificar pela pequena parte de seu contexto cultural aqui representado. (MILLER, s./d)<sup>51</sup>

Tendo estas informações em vista e considerando que o material cerâmico foi encontrado em estado não muito fragmentado e em focos distintos, ou seja, agrupados em diferentes áreas, levo em conta a possibilidade da informação espacial nos âmbitos horizontal e vertical ter em grande parte se preservado. Além disso, se parte da camada arqueológica estava pouco alterada abaixo dos 12cm, conforme Miller afirma, dos 12 aos 30cm de profundidade (no limite da camada de ocupação) o registro arqueológico teria realmente se preservado.

Além destes fatores, há ocorrências de outra ordem que acabaram por alterar e prejudicar as informações espaciais que foram obtidas inicialmente. Como destaquei no primeiro capítulo, alguns fatos acarretaram a perda de parte das informações de registro contextual das evidências. Para os artefatos cerâmicos as perdas foram maiores, pois como as peças não foram numeradas e procedeu-se a colagem dos cacos para reconstituir os potes, perdeu-se praticamente toda a informação espacial de procedência de cada fragmento cerâmico<sup>52</sup>. O que restou de dados a serem trabalhados sobre estes objetos refere-se a uma quantificação geral de peças por quadrícula e discriminadas por tipo de decoração, conforme mostro com mais detalhes adiante.

Com o material lítico os prejuízos foram menores, pois em razão de não terem sido alvo de estudo, restaram separados por quadrícula. Entretanto, alguns problemas ocorreram com os registros espaciais destas evidências devido às péssimas condições de conservação das etiquetas de identificação das quadrículas. Muitas delas com o passar do tempo se perderam, se desmancharam e até mesmo acabaram se misturando com outras, e

---

<sup>51</sup> Citação retirada de manuscrito de Eurico Miller “Nota Prévia sobre o sítio arqueológico TQR-61 Morro da Formiga – Taquara – RGS”, que se encontra no acervo documental do Marsul, em Taquara.

<sup>52</sup> Apenas uma pequena parcela dos dados de procedência dos artefatos cerâmicos se preservaram depois de Miller ter reconstituído alguns potes - cerca de 10% do conjunto do material. Não considerei para a análise espacial estes materiais em razão da sua pequena representatividade em relação ao conjunto das peças existentes, tendo preferido utilizar os dados acerca da quantificação geral de peças cerâmicas por quadrícula e por tipo de decoração.

consequentemente as peças também se misturaram. Assim, há uma quantidade de vestígios sem informação contextual que tive de desconsiderar para a realização da análise espacial, mas que foram contempladas na pesquisa e apresentadas em boa parte no capítulo anterior.

### **III.2.2.3 EXPERIMENTANDO O LUGAR ATRAVÉS DAS COISAS**

Penso que o lugar Morro da Formiga foi vivenciado pelas pessoas que o ocuparam de diferentes modos, mas especialmente através das coisas. Ao inseri-las no espaço, as pessoas o experimentam não apenas fisicamente, mas também de modo abstrato, pois designam a ele sentidos muitas vezes simbólicos com o desenrolar da vida cotidiana.

Conforme destaquei em momento anterior, as coisas são objetos ativos, constituintes da ordem social, uma vez que são usadas pelas pessoas para agir no mundo. A seguir busco compreender como os indivíduos utilizaram coisas específicas como (possíveis) esteios para a sustentação de cabanas, estruturas de fogueiras, e artefatos líticos e cerâmicos ao experimentar e viver no Morro da Formiga. Estes elementos empíricos são os fundamentos da minha análise sobre o espaço interno deste sítio arqueológico e para todas as interpretações que construí sobre a ocupação remota em tal lugar. Assim como certas pessoas experimentaram viver neste espaço, de certa forma, estou também realizando esta ação, a partir do momento em que me proponho a re-inserir as coisas neste local.

#### **Evidências de Esteios**

O arqueólogo Miller, durante as escavações, identificou manchas escuras no contato entre a camada de ocupação e o solo estéril. Ele as descreve como sendo manchas de terra escura, de forma aproximadamente circular (sendo algumas elípticas) e na maioria dos casos contendo carvões (em maiores e em menores porções). Cada vestígio como este foi descrito e registrado espacialmente nas anotações de campo deste pesquisador. Com o carvão recolhido em uma destas manchas, a uma profundidade de 20 a 30 cm, Miller realizou uma datação por Carbono 14 e obteve uma data de 1190+-100 AP<sup>53</sup> para a ocupação do sítio Morro da Formiga.

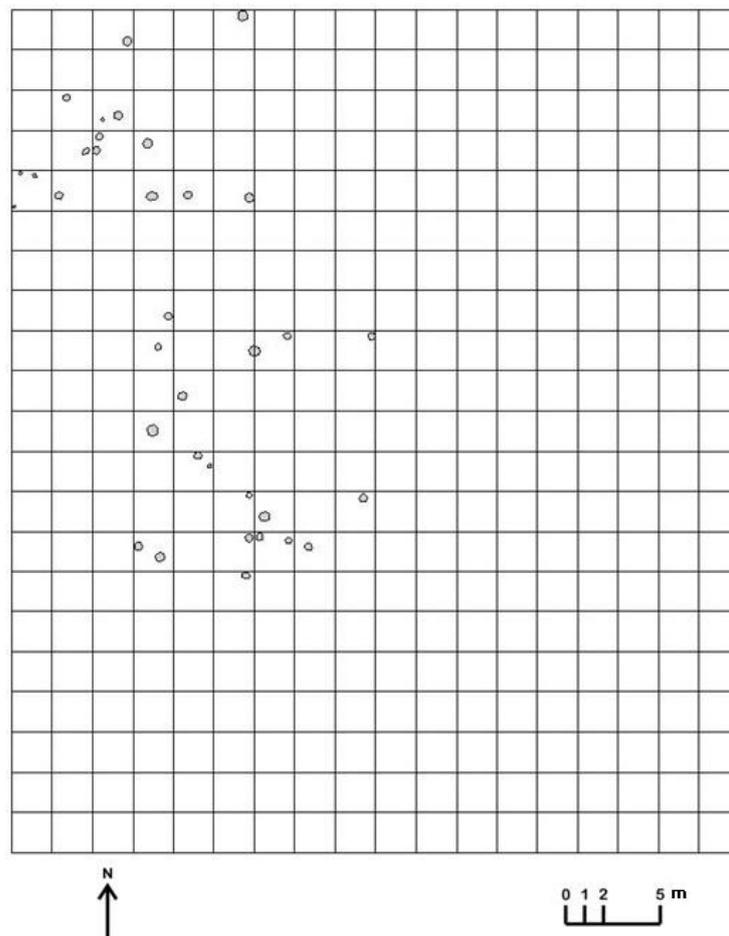
Através da leitura destes manuscritos foi possível traçar um perfil das características destas manchas. A maioria dos seus tamanhos possui entre 20 e 40cm de diâmetro, e em

---

<sup>53</sup> A amostra de carvão enviada para datação foi coletada na quadrícula P-22, de 2x2m, bem no seu centro.

alguns casos chegando aos 60cm de diâmetro. Todas ultrapassam a camada de ocupação e aprofundam-se no solo estéril, na maioria das vezes entre 10 a 20 cm de profundidade além de onde se encontrava a camada estéril. Como a camada de ocupação possuía cerca de 30cm de profundidade, grande parte das manchas alcançavam e ultrapassavam os 50 cm de profundidade.

Tais manchas podem ser interpretadas como negativos de marcas de postes, ou seja, esteios para a sustentação de telhados e de paredes. Através da visualização da distribuição destas evidências no espaço é possível perceber a presença de duas áreas semicirculares delimitadas por estas marcas, as quais poderiam, por sua vez, representar a existência de duas estruturas de cabanas (figura 31). Schmitz refere-se a este tipo de construção nas áreas baixas da encosta do planalto como sendo taperas de choças de palha (Schmitz & Becker, 1991). A forma destas poderia ser caracterizada de semicircular, e pode-se inferir que as suas aberturas apontavam para o leste.



**Figura 31: Localização das possíveis marcas de esteios<sup>54</sup>**

<sup>54</sup> Esta e as outras figuras que apresentam a localização espacial dos vestígios analisados foram elaboradas no programa Map Maker, versão Pro.

As únicas evidências de carvão descritas por Miller no sítio referem-se às concentrações encontradas na maioria destas manchas. Uma explicação possível para esta ocorrência seria a de que as cabanas teriam incendiado, fato que poderia ter causado o abandono do local pela comunidade. Apenas uma datação foi obtida com a análise destes carvões, que foram coletados em uma quadrícula localizada na zona delimitada por evidências de esteios, situada mais ao sul do espaço escavado. A datação de 1190 +/-100 AP, representaria, nesta situação, o momento em que uma das estruturas pegou fogo.

Evidências similares foram identificadas por João Saldanha (2005) em um dos sítios que pesquisou no planalto, os quais são também associados à ocupação pelos mesmos grupos ceramistas. Este arqueólogo descreve também a presença de manchas escuras no solo, com formas aproximadamente circulares que se aprofundam cerca de 3cm abaixo do terreno estéril. Pelos diâmetros reduzidos destas marcas e pela pequena espessura da camada arqueológica, tal autor sugere para este caso a hipótese de um acampamento temporário e não um local de moradia permanente. Além disso, sugere que as possíveis cabanas, por possuírem pequenos diâmetros de 4m, possivelmente abrigavam apenas uma família nuclear.

Ao comparar esta situação com a deparada por mim no sítio Morro da Formiga, percebi algumas diferenças. As manchas identificadas neste local possuem diâmetros relativamente grandes de cerca de 40cm e uma profundidade além do terreno em torno dos 20 cm, além de alguns casos que chega aos 30 cm de profundidade. Se as concentrações destes negativos representarem os vestígios de duas estruturas semicirculares, então estas teriam diâmetros totais de mais de 10 m cada uma. Com estes dados é possível levantar uma hipótese inicial de este assentamento ter sido um local de moradia mais permanente, que poderia ter abrigado uma família mais extensa de indivíduos.

Até o momento, não disponho de indícios para saber se todo o espaço que delimitava o sítio, incluindo as possíveis cabanas limitadas por estruturas de postes, foram ocupadas ao mesmo tempo ou em ocasiões distintas, através da re-ocupação do local. Talvez a avaliação de outros elementos, como a disposição dos materiais líticos e cerâmicos, possa auxiliar no esclarecimento desta importante questão que envolve a diacronia e a sincronia da ocupação de um lugar. Apenas para tornar claro, as interpretações que elaborei e que apresento a seguir acerca da organização do espaço foram baseadas na suposição de que este espaço foi habitado sincronicamente por uma comunidade. No final deste capítulo volto a discutir este assunto.

Na busca dos possíveis significados relacionados à construção e à convivência das pessoas com estruturas erguidas sobre o solo, encontrei em uma obra de Kent (1990)

algumas considerações interessantes. De acordo com esta autora, as divisões arquiteturais usualmente são manipulações conscientes dos humanos para criar limites onde eles não existem na natureza. Assim, a arquitetura e o uso do espaço podem ser vistos como um significado de organizar o espaço não-limitado, e nesta relação interagem variáveis de diferentes matrizes como tecnologia, simbolismo, visão de mundo, economia, estrutura social.

As idéias que levantei até aqui, ainda muito iniciais, somente podem ser fundamentadas com mais indícios, com a análise dos outros elementos empíricos existentes. Sendo assim, procuro avaliar os demais vestígios materiais descobertos com a escavação do local e, na medida do possível, relacionar as suas distribuições espaciais com as áreas que apresentam os negativos de esteios. Em suma, o objetivo que busco atingir a partir de agora é compreender como estas estruturas reconhecidas no solo estão relacionadas a outros aspectos da organização do espaço habitado. Apenas para tornar clara a leitura, passo a me referir aos locais que apresentam as suas áreas delimitadas pelas possíveis marcas de esteios como áreas internas, e os lugares que não apresentam estas evidências como áreas externas.

### **Estruturas de Combustão: Fogueiras**

Como se poderá perceber, os próximos aspectos considerados para a análise intra-sítio referem-se a elementos que possuem informação contextual, entretanto não foram coletados em relação aos locais exatos em que foram descobertos. Assim, faço uso para o estudo espacial das demais evidências os registros de procedência das peças coletadas por quadrículas de 1x1m.

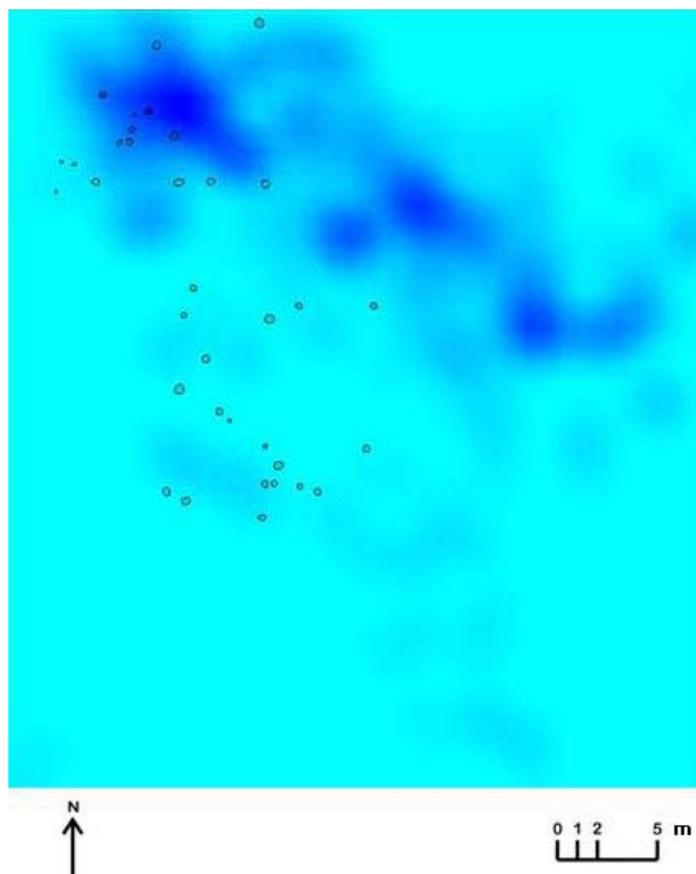
Um primeiro conjunto de evidências a serem consideradas são os indícios que apontam para a presença de estruturas de combustão no local do assentamento. Estes se referem a uma grande quantidade de fragmentos diretos de ação térmica - inúmeros fragmentos de seixos e de blocos de basalto, sendo que os primeiros encontram-se em maior quantidade. Estas pedras podem ter sido utilizadas para estruturar as fogueiras, assim como servir como combustíveis para alimentá-las.

Além desta categoria de artefatos, há outras peças como os materiais líticos lascados e polidos, que além das características que os fizeram ser classificados como tais, apresentam marcas de alteração térmica. Estes objetos, diferentemente dos seixos e dos blocos de basalto, configuram-se apenas como produtos indiretos da realização desta

atividade. Podem ser citados um fragmento de machado polido, um apoio bipolar, alguns instrumentos unifaciais e bifaciais e inúmeras lascas, principalmente as bipolares. Muitos destes materiais, além das quebras pela ação do fogo, possuem também fuligem ao seu redor.

Com respeito aos outros indicadores que conduzem à identificação de zonas de combustão, como carvão e manchas escuras de terra associadas, não há informações deixadas por Miller. Há referência à presença de carvão apenas nos locais das manchas escuras de terra, interpretadas como negativos de esteios, e assim parecem estar associados apenas a estes vestígios.

A partir da distribuição espacial das concentrações das peças fraturadas pelo calor do fogo é possível ter uma idéia dos espaços em que poderiam estar localizadas as estruturas de fogueiras no contexto passado. Estão presentes dois grandes agrupamentos no interior do espaço (figura 32). Um deles, com maior densidade de vestígios, está inserido em uma das áreas internas limitadas por esteios. O outro, por sua vez, situa-se em uma zona externa, que não possui estruturas reconhecidas como estas.



**Figura 32: Densidade dos fragmentos térmicos<sup>55</sup>**

<sup>55</sup> A maior concentração de fragmentos térmicos encontrados em uma quadrícula de 1x1m foi de 9 peças.

Tais concentrações de fragmentos térmicos em prováveis zonas de fogueiras podem estar relacionadas com estruturas utilizadas em momentos distintos durante uma mesma ocupação do sítio arqueológico. As fogueiras, em alguns casos, podem ser deslocadas de seus locais originais, através de processos de re-estruturação do espaço interno. Neste sentido, as distribuições dos vestígios que apontam para a realização desta atividade cotidiana podem estar representando as estruturas mantidas em funcionamento durante todo o período da ocupação do assentamento.

Considerando a interpretação de haver fogueiras dentro e fora de espaços delimitados por postes, há que se pensar na possibilidade de terem ocorrido diversas atividades em tais lugares. Cabe então, através do exame das tarefas desempenhadas com os artefatos líticos e cerâmicos, procurar identificar-se as ações efetivadas nestas e em outras áreas do espaço intra-sítio.

Sabe-se, através das pesquisas arqueológicas e antropológicas, que as comunidades pré-coloniais, assim como outras tantas, possuíam uma relação próxima com o fogo. Provavelmente faziam uso deste elemento da natureza para diversos fins, desde a satisfação das necessidades aos empregos de ordem mais abstrata, simbólicos. No caso das pessoas que habitaram o Morro da Formiga, as fogueiras certamente estavam presentes em seu cotidiano. Eram os locais nos quais eram colocadas as pedras trazidas do rio, que eram então tiradas da água para serem postas no fogo. Representavam também os lugares escolhidos para abandonar artefatos que não tinham mais vida útil. Faziam parte da vida comunitária das pessoas que escolheram viver à volta. Os indivíduos, neste sentido, estabelecem diferentes relações com o fogo, experimentando as coisas e o lugar que habitavam ao seu redor.

Tais aparentes estruturas de fogueiras podem estar vinculadas a atividades comumente relacionadas com o fogo, que podem envolver tanto o manejo de artefatos líticos quanto o de cerâmicos. Entre estas podem ser mencionadas a preparação, o consumo e o armazenamento de alimentos e a produção e a utilização de objetos, entre outras. Prosseguindo com a busca por indícios de uma ocupação diferencial do espaço, procuro ligar a presença de ações que poderiam envolver a cerâmica, de um lado e o lítico de outro, com as estruturas de fogueiras e igualmente com as estruturas internas representadas pelas cabanas.

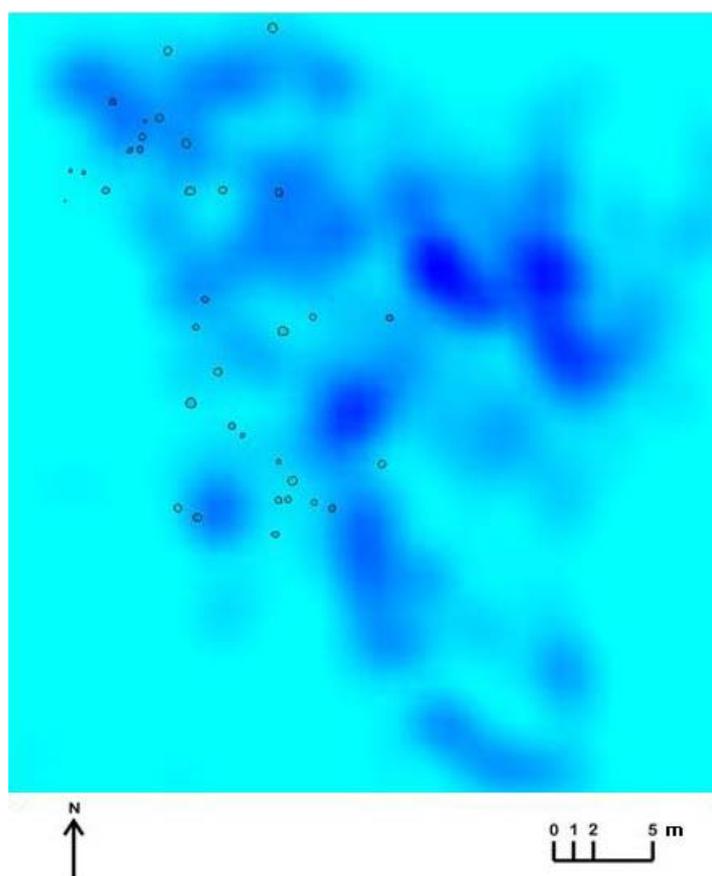
Antes de apresentar a distribuição espacial dos vestígios líticos e cerâmicos, gostaria de levar em conta uma última questão levantada por Wüst. Segundo esta autora, as estruturas de fogueiras são categorias de artefatos em grande parte imóveis durante os processos de desenvolvimento de atividades. As evidências encontradas próximas a estes locais permitem

supor, desta forma, que grande parte do refugio encontrado em tais áreas foi abandonado nas proximidades de seu local de uso (Wüst, 1990).

### *Distribuição Espacial de Artefatos Líticos*

Para a realização do exame espacial dos materiais líticos tive de considerar os problemas já citados a respeito da perda de parte das informações de procedência de parte de alguns objetos. Nos mapas de densidade que serão mostrados a seguir, além dos espaços em que não foram abertas quadrículas (que podem ser visualizadas na planta da escavação colocada no capítulo 1) existem alguns pequenos vazios que se referem aos dados contextuais de algumas peças que se perderam.

Com a contagem dos objetos que tinham identificação de procedência espacial pude observar a densidade dos artefatos líticos na área escavada (figura 33). A maior concentração de objetos encontra-se à direita, em uma área externa que não coincide com as evidências de esteios. Além desta reunião de vestígios, há agrupamentos menores mais ao norte e ao sul do espaço, igualmente significativos.



**Figura 33: Densidade geral dos artefatos líticos<sup>56</sup>**

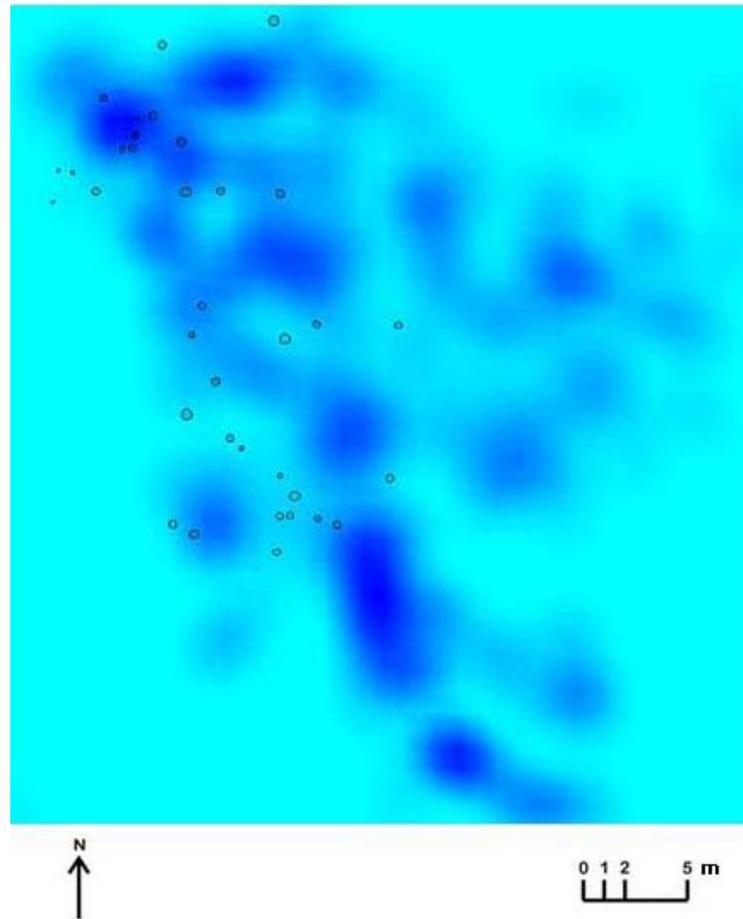
<sup>56</sup> A maior concentração de artefatos líticos encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 15 peças.

Na busca pela identificação de áreas de atividades específicas associadas à criação e ao consumo dos artefatos líticos, procedi com a análise das categorias de artefatos lascados (lascas, núcleos, outros detritos, unifaces, bifaces e outros) e polidos (machados), tendo em vista as zonas nas quais tais classes de objetos aparecem mais concentradas.

### **Locais de criação**

Comumente, como já salientei, os locais de produção dos objetos líticos lascados são marcados pela presença dos produtos desta ação que são rejeitados, ou seja, das lascas, dos núcleos e de outros detritos provenientes do ato da percussão da pedra. Tendo em vista os processos distintos de elaboração de artefatos que caracterizei, representados pela efetuação das técnicas unipolar e bipolar, busco identificar possíveis diferenças relacionadas à produção destas peças em âmbito espacial. Além disso, mostra-se interessante analisar as áreas nas quais se encontram os artefatos polidos, na tentativa de inferir aspectos referentes aos locais de produção destas peças.

A percussão direta pode ser avaliada a partir da distribuição espacial dos vestígios como lascas, núcleos e outros produtos desta ação. Há produtos de lascamento unipolar em quase todos os locais, mas em intensidades distintas (figura 34). As maiores concentrações fazem-se presentes na zona situada a noroeste, na área interna de uma possível cabana, e mais ao sul, em uma região externa de estruturas erguidas no solo. Pode-se dizer que há o desenvolvimento desta atividade em todo o espaço do assentamento, mas em proporções diferenciadas.



**Figura 34: Densidade dos produtos de lascamento unipolar<sup>57</sup>**

A percussão direta pode ainda ser avaliada com respeito a locais particulares para a efetivação das diferentes etapas de criação dos artefatos. Com a análise das lascas rejeitadas neste processo, podem ser identificadas zonas específicas, tais como para a retirada inicial do córtex com a remoção de lascas corticais, para a continuação desta atividade através da extração de lascas secundárias (com e sem córtex) e até mesmo para o refino da produção com a retirada de pequenas lascas de retoque dos gumes (as quais podem igualmente assinalar os locais de consumo referentes à reciclagem das peças).

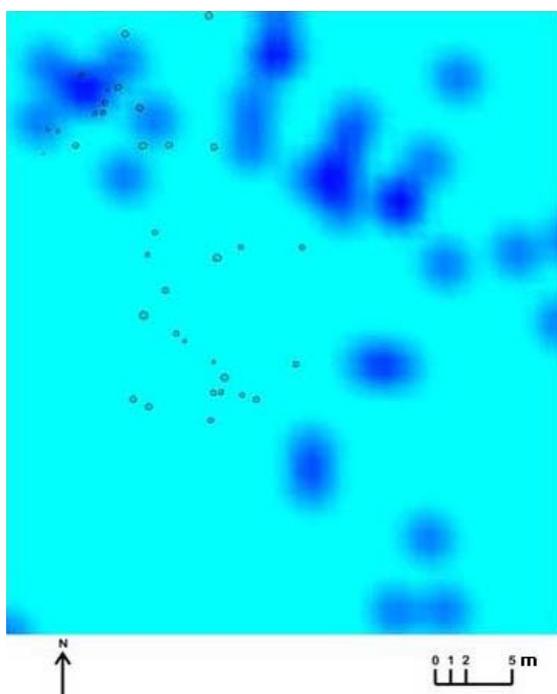
De acordo com as distribuições espaciais destes tipos de lascas percebem-se situações diferenciadas. As peças resultantes do descortiçamento inicial dos núcleos estão reunidas mais ao norte (figura 35). As lascas secundárias que apresentam variadas quantidades de superfície cortical concentram-se mais nos locais situados nos setores noroeste e sudeste, embora apareçam também nos outros espaços do assentamento (figuras

<sup>57</sup> O maior agrupamento descoberto de produtos de lascamento unipolar em uma quadrícula de 1x1m foi de 9 peças.

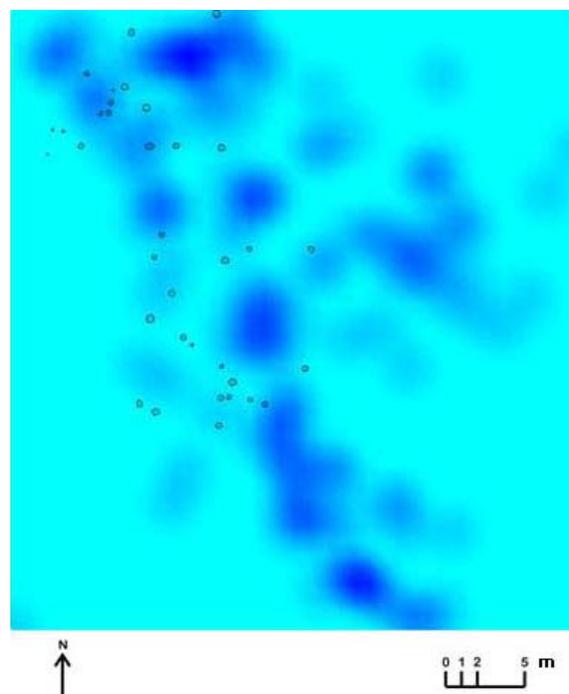
36 e 37). Já as lascas com córtex ausente estão visivelmente mais agrupadas à sudeste, mais ao sul do lugar escavado.

Uma possível interpretação para estes dados pode ser colocada nos seguintes termos – a efetuação da primeira etapa do processo de lascamento unipolar teria ocorrido em locais em parte distintos daqueles observados para o desenvolvimento dos seguintes passos produtivos. As lascas corticais encontram-se espalhadas pelas áreas de atividade no interior do assentamento, mas com uma concentração mais significativa na zona externa situada à nordeste. Estes vestígios, encontrados em pouca quantidade (apenas 35 peças) podem ter sido produzidos nestes locais ou igualmente terem sido deslocados de seus locais originais de elaboração a fim de serem utilizados. Algumas destas lascas apresentam marcas de uso e estariam, desta maneira, localizadas possivelmente nos seus locais de uso.

As etapas sucessivas de produção dos artefatos, representadas pelas lascas secundárias, parecem ter sido desempenhadas nas regiões de maiores concentrações de vestígios de lascamento unipolar, ou seja, a noroeste e a sudeste do espaço interno. Esta localização identificada para as lascas secundárias coincide com os locais de maior agrupamento de materiais observado pela distribuição geral dos produtos de percussão direta.

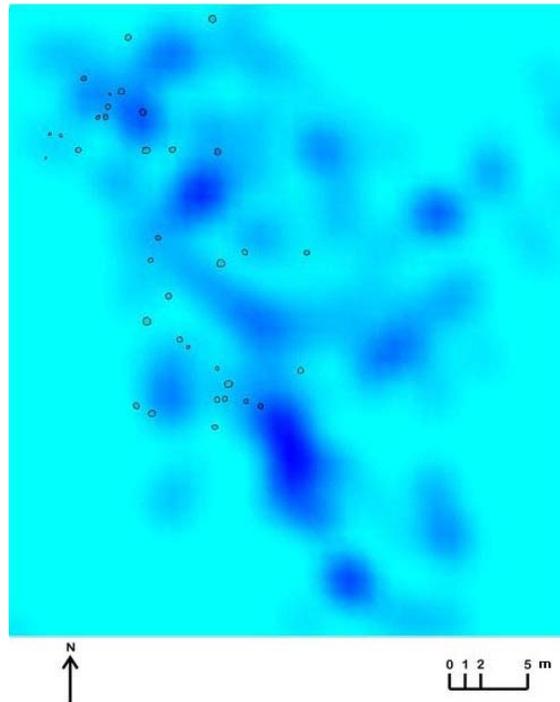


**Figura 35: Densidade de lascas unipolares primárias (corticais)** <sup>58</sup>



**Figura 36: Densidade de lascas unipolares secundárias (com córtex)** <sup>59</sup>

<sup>58</sup> A maior quantidade de lascas corticais encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 1 única peça.



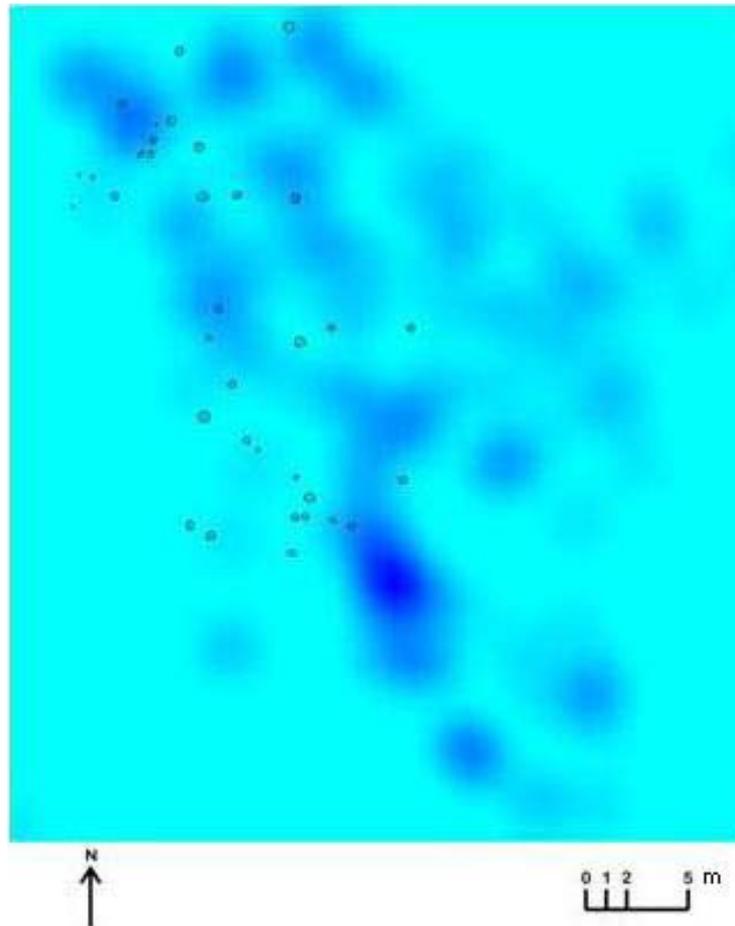
**Figura 37: Densidade de lascas unipolares secundárias (sem córtex)** <sup>60</sup>

A fim de tomar conhecimento se a localização dos vestígios de percussão unipolar representa um local de refugio primário ou secundário de deposição, avaliei a distribuição espacial dos micro-vestígios de lascamento. A presença de micro-lascas, conforme explicam alguns autores, é um fator muito relevante para responder a tal tipo de questão sobre a formação do refugio arqueológico nos contextos passados, uma vez que estes vestígios tendem a permanecer no local em que foram produzidos em razão do seu tamanho reduzido (Koymann, 2000).

As micro-lascas unipolares (com dimensões menores de 2 cm) mostram-se mais reunidas na área de percussão intensa localizada ao sul do espaço escavado, além de estarem também presentes, embora em menores quantidades, nas outras áreas do assentamento (figura 38). Assim, coincidem espacialmente com os locais identificados para a produção de artefatos. Este dado revela, desta forma, que estas peças permaneceram nos lugares em que foram produzidas, ou seja, no espaço que pode ser reconhecido como de refugio primário associadas às atividades de percussão direta para a produção de implementos líticos.

<sup>59</sup> O maior agrupamento de lascas secundárias com córtex encontrado em uma quadrícula de 1x1m foi de 2 peças.

<sup>60</sup> A maior concentração de lascas secundárias sem córtex encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 5 peças.

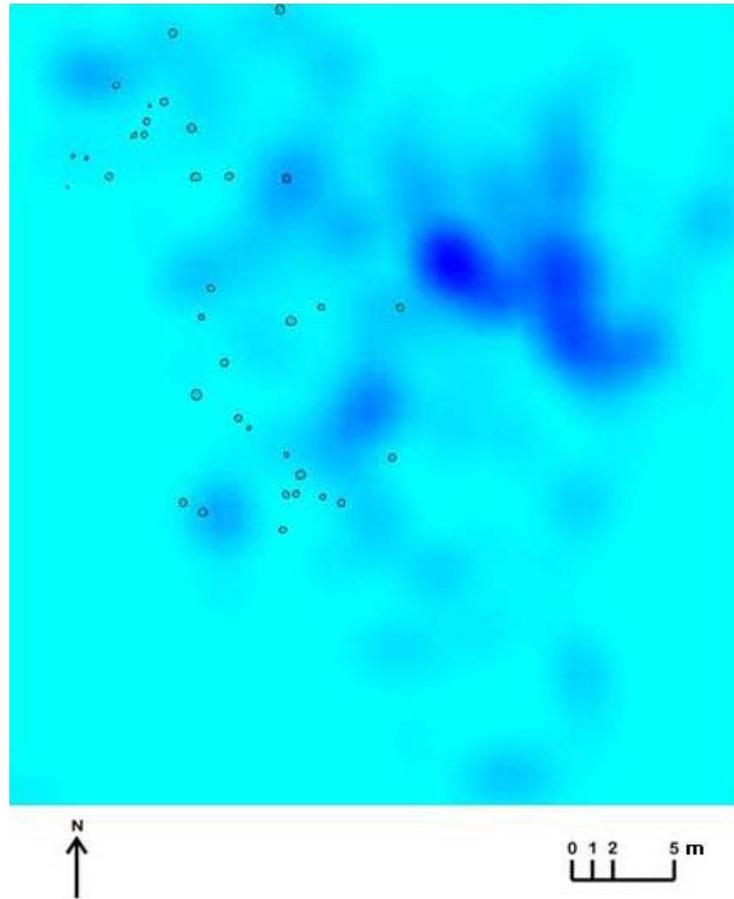


**Figura 38: Densidade de micro-lascas unipolares<sup>61</sup>**

Do mesmo modo pelo qual procedi com os vestígios unipolares, analisei a criação dos artefatos bipolares em termos espaciais. Ao observar a localização da distribuição dos produtos desta atividade (as lascas e os núcleos) foi possível traçar algumas considerações a respeito desta tarefa produtiva. A grande concentração dos objetos resultantes desta atividade está situada em uma zona nordeste do espaço, em uma região externa não limitada por postes. Além disso, há agrupamentos menos intensos em outros locais espalhados pelo assentamento (figura 39).

---

<sup>61</sup> A maior quantidade de micro-lascas unipolares encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 4 peças.

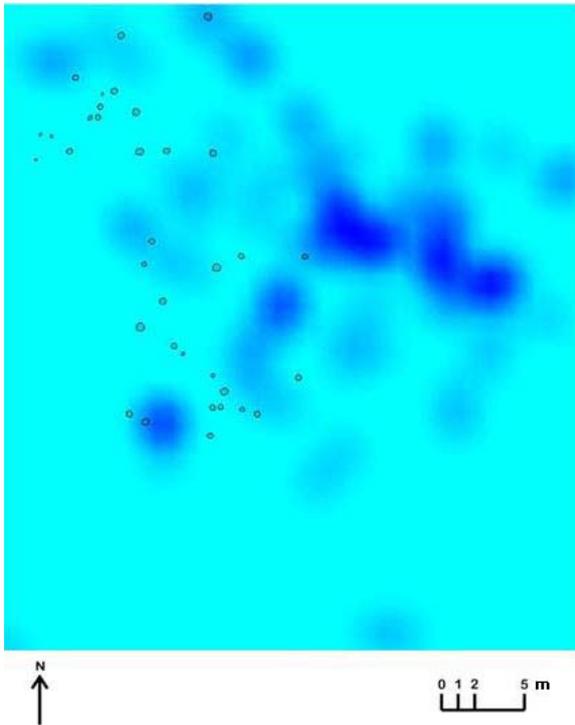


**Figura 39: Densidade dos produtos de lascamento bipolar**<sup>62</sup>

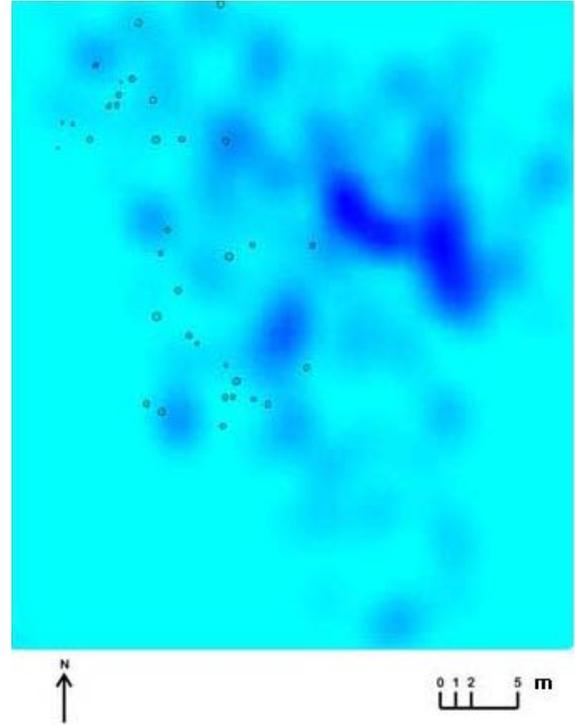
A partir da visualização do local em que foram achadas as lascas bipolares corticais, pude perceber a zona em que ocorreu o espatifamento inicial dos núcleos de quartzo e de calcedônia (figura 40). Esta área coincide com a mesma localização da principal concentração do conjunto das peças deste tipo, à nordeste, o que provavelmente indica o prosseguimento do trabalho de percussão indireta tendo sido efetivado no mesmo lugar.

Ao mesmo tempo, a densidade espacial das micro-lascas bipolares na mesma região, confirma, assim como no caso dos refugos de lascamento unipolar, a existência de outra área de refugio primário no interior do espaço ocupado, associada à produção de artefatos bipolares (figura 41). Estes vestígios, na sua grande maioria, certamente não foram deslocados dos seus locais de origem. Para a realização da percussão indireta, portanto, a área escolhida para a realização mais intensa desta atividade, em todas as etapas do seu processo, foi um dos locais externos sem estruturas de postes situado na região nordeste do sítio.

<sup>62</sup> A maior concentração de produtos de lascamento bipolar encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 19 peças.



**Figura 40: Densidade de lascas bipolares corticais**<sup>63</sup>



**Figura 41: Densidade de micro-lascas bipolares**<sup>64</sup>

Para finalizar este exame acerca dos espaços voltados para a criação de objetos líticos, resta avaliar em termos espaciais a ação de polir a pedra visando à produção de artefatos. Esta técnica de trabalho foi efetuada em escala muito ínfima se comparada com a percussão. Apenas dois exemplares de artefatos polidos foram encontrados no local escavado. Sem dados suficientes para dizer se estas peças foram elaboradas neste lugar, acabam restando poucas formas de identificar o possível ou os possíveis locais de elaboração destes objetos. O que posso afirmar sobre os instrumentos polidos é que foram descobertos provavelmente em seus locais de uso ou de descarte, pois ambas as peças apresentam-se fraturadas. Uma delas inclusive apresenta quebra por alteração térmica, e foi descoberta em uma área com presença de fogueira.

### **Locais de Consumo**

Dando prosseguimento à busca por zonas de atividades particulares no espaço intra-sítio, procuro neste instante inferir os prováveis locais de consumo dos objetos líticos. Lembro que considero o consumo como um amplo contexto de ações ocorridas, que abrange o uso propriamente dito, a reciclagem, a re-utilização, a não-utilização e o descarte. No que

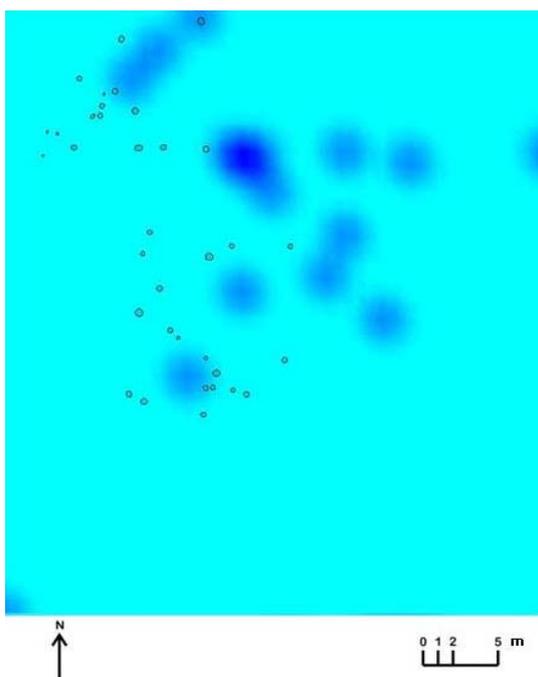
<sup>63</sup> A maior concentração de lascas bipolares corticais encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 6 peças.

<sup>64</sup> O maior agrupamento de micro-lascas bipolares encontrado em uma quadrícula de 1x1m foi de 13 peças.

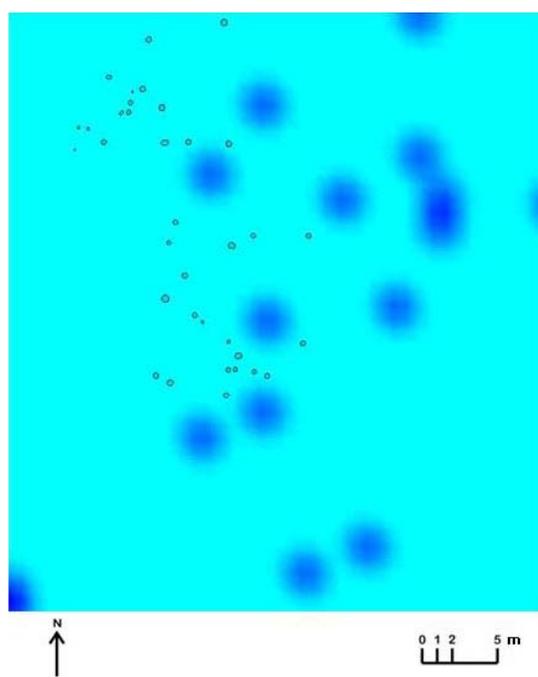
tange o uso funcional, busco identificar possíveis diferenças nos lugares de utilização dos instrumentos elaborados pelas técnicas de produção unipolar e bipolar. Além disso, considero espacialmente aqueles instrumentos utilizados em suas formas brutas.

Os instrumentos unipolares (unifaces, bifaces e fragmentos destes) estão distribuídos por alguns locais situados ao norte, embora se mostrem mais reunidos na zona que coincide com as estruturas reconhecidas de esteios (figura 42). Algumas destas peças podem estar presentes não nos seus locais de uso, mas nos de descarte, pois possuem características como fraturas e quebras por alterações térmicas. Os outros instrumentos, as lascas com marcas de utilização, por sua vez, estão em locais mais esparsos, embora haja uma tendência maior para uma concentração na região externa situada a nordeste (figura 43).

Lembrando uma consideração que tracei na parte anterior deste trabalho, acredito que outros instrumentos confeccionados no assentamento, principalmente bifaces e unifaces, devem estar localizados em áreas externas a este lugar, as quais poderiam representar outros locais de uso para as peças elaboradas unipolarmente.



**Figura 42: Densidade de instrumentos unipolares inteiros e fraturados<sup>65</sup>**



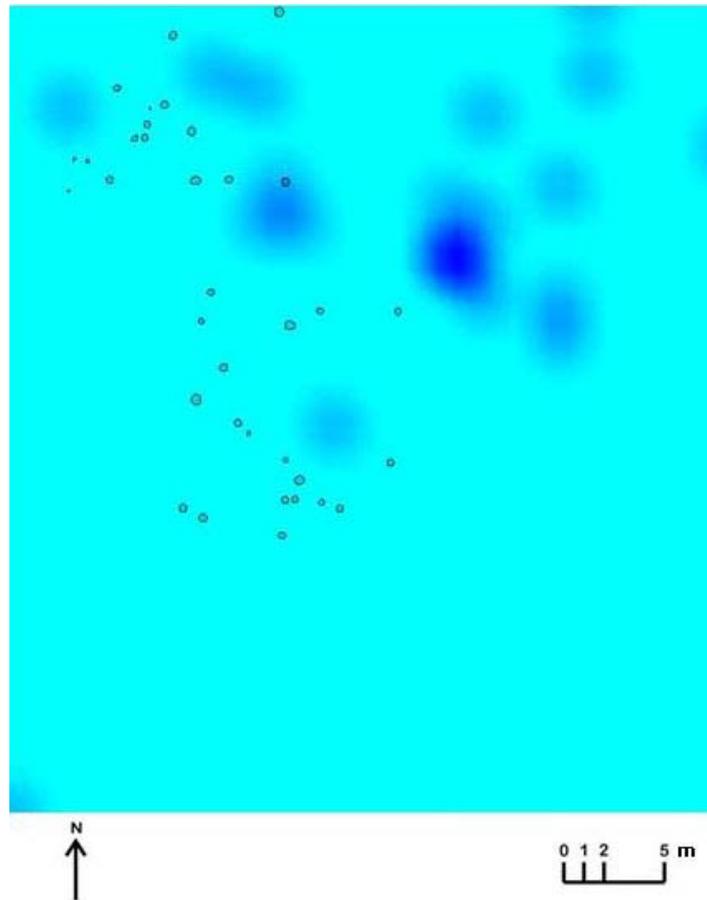
**Figura 43: Densidade de lascas unipolares com marcas de uso<sup>66</sup>**

Os instrumentos bipolares (as lascas e os núcleos com marcas de utilização), por outro lado, apresentam-se concentrados na mesma zona em que foram produzidos, que está localizada na área externa situada a nordeste (figura 44). Com relação aos vestígios bipolares

<sup>65</sup> A maior concentração de instrumentos unipolares inteiros e fragmentados encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 2 peças.

<sup>66</sup> A maior densidade de lascas unipolares com marcas de uso encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de apenas 1 peça.

usados, portanto, é possível afirmar que foram criados e consumidos de forma mais intensa no mesmo local.

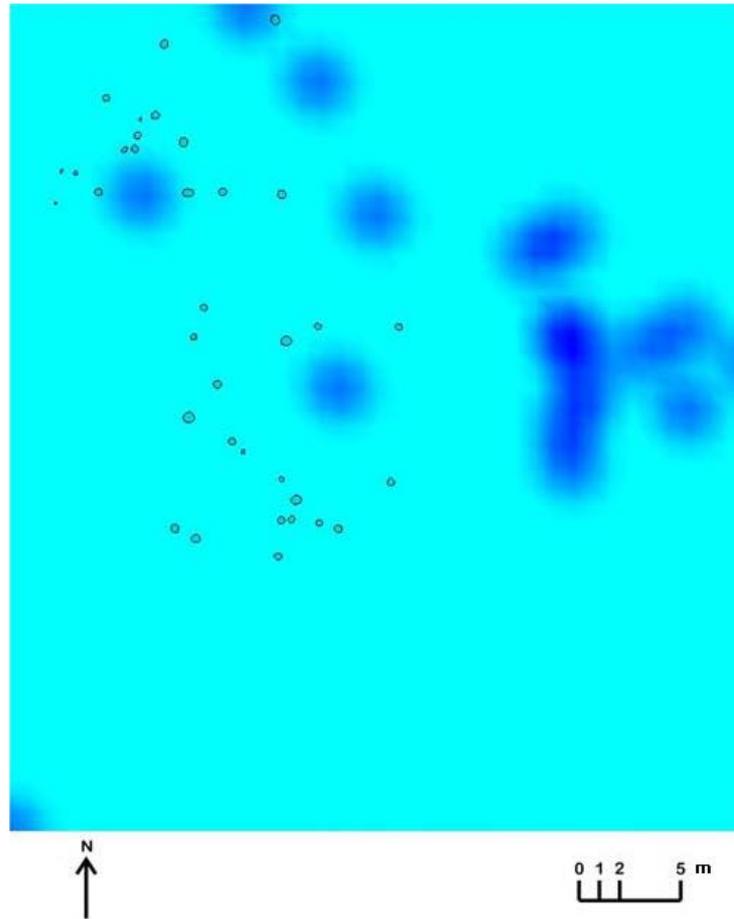


**Figura 44: Densidade de instrumentos bipolares<sup>67</sup>**

As outras peças que possuem indícios de uso, como os instrumentos brutos em arenito friável, que apresentam as suas faces polidas em razão da utilização direta sobre outros materiais, estão agrupadas em uma concentração mais intensa na área externa situada a nordeste, na mesma provável região de uso dos instrumentos bipolares (figura 45).

---

<sup>67</sup> A maior concentração de instrumentos bipolares encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 3 peças.



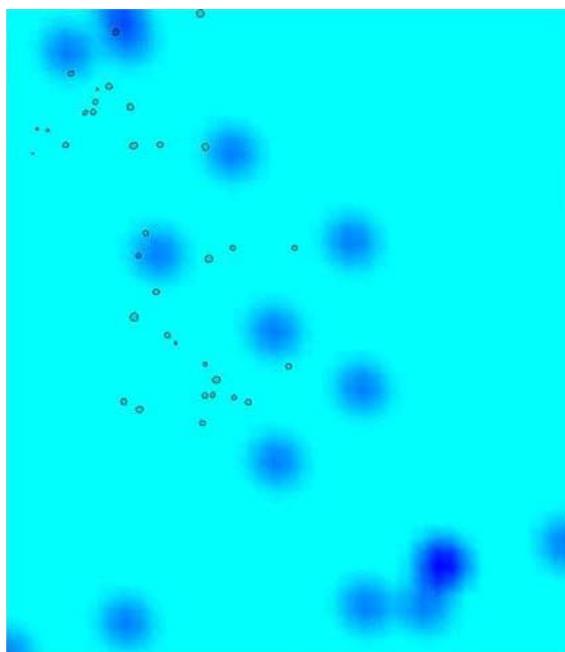
**Figura 45: Densidade de instrumentos brutos (arenitos)** <sup>68</sup>

Os demais instrumentos utilizados em suas formas brutas e analisados espacialmente são os percutores, o apoio bipolar e fragmento de prisma em basalto. Tais peças, por existirem em pequena quantidade e por, em alguns casos, apresentarem indícios de estarem localizados em contexto de abandono (com marcas de alteração térmica e fraturas) não foram analisados tendo em vista seus possíveis contextos de uso. Encontram-se espalhados pelas zonas interna e externa relacionadas às áreas de presença de fogueiras.

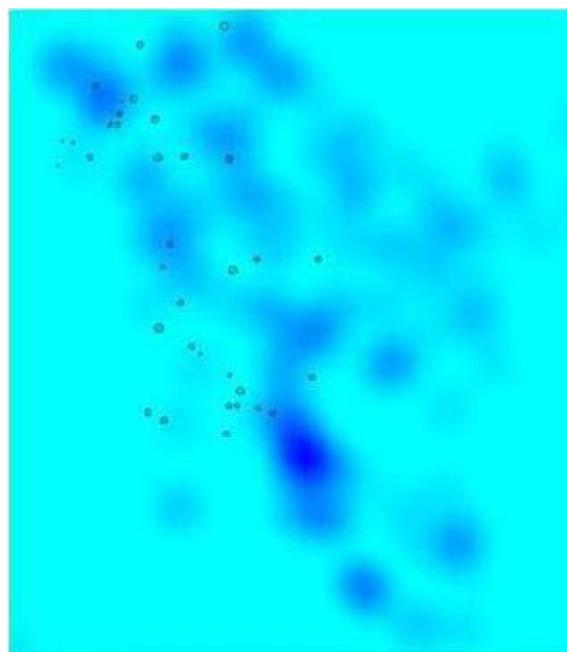
No que diz respeito ao trabalho de reciclar os instrumentos unipolares para tornar possível a sua manutenção, há alguns indícios que podem conduzir a locais voltados especificamente para este fim. Através da distribuição das lascas unipolares de reativação de gume (que possuem pequenos vestígios dos instrumentos de que foram retiradas, com vestígios de marcas de uso em alguns casos) e das micro-lascas unipolares (que podem ser associadas indiretamente com esta atividade) é possível apontar para zonas do desempenho desta função.

<sup>68</sup> A maior quantidade de instrumentos brutos (arenitos) encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de apenas 1 peça.

Estes vestígios aparecem no espaço interno reunidos em basicamente duas regiões. Uma delas localiza-se a noroeste e apresenta evidências de esteios de possíveis cabanas, enquanto que a outra, mais intensa, está situada a sudeste (figuras 46 e 47).



**Figura 46: Densidade de lascas de reativação de gume<sup>69</sup>**



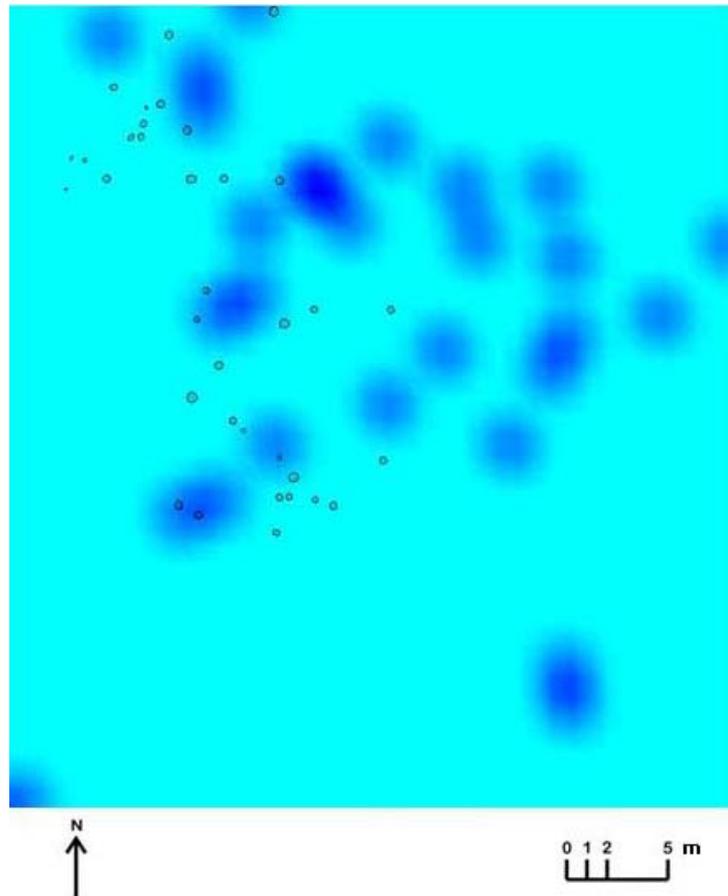
**Figura 47: Densidade de micro-lascas unipolares**

Por fim, levanto algumas considerações acerca da forma final comum de consumo dos objetos líticos, representada pela ação de descartar, abandonar determinados objetos. Tais ações são passíveis de serem identificados através da distribuição espacial dos vestígios que estão relacionados com este contexto de descarte. Tratam de peças fraturadas, com suas superfícies alteradas por choques térmicos em locais onde há fogo, enfim, objetos que apresentam características de terem sido abandonados. A partir da densidade espacial destes vestígios, nota-se uma tendência a estarem espalhadas pelo interior do assentamento, nas duas áreas que coincidem com as estruturas delimitadas por marcas de postes e na zona de atividade externa localizada à nordeste (figura 48).

Acredito que o local do assentamento era em grande parte uma área de produção de artefatos unipolares e bipolares e de descarte de instrumentos unipolares. Entretanto não seria o local mais intenso no qual estes objetos foram utilizados.

---

<sup>69</sup> O maior agrupamento de lascas de reativação de gume encontrado em uma quadrícula de 1x1m foi de 2 peças.



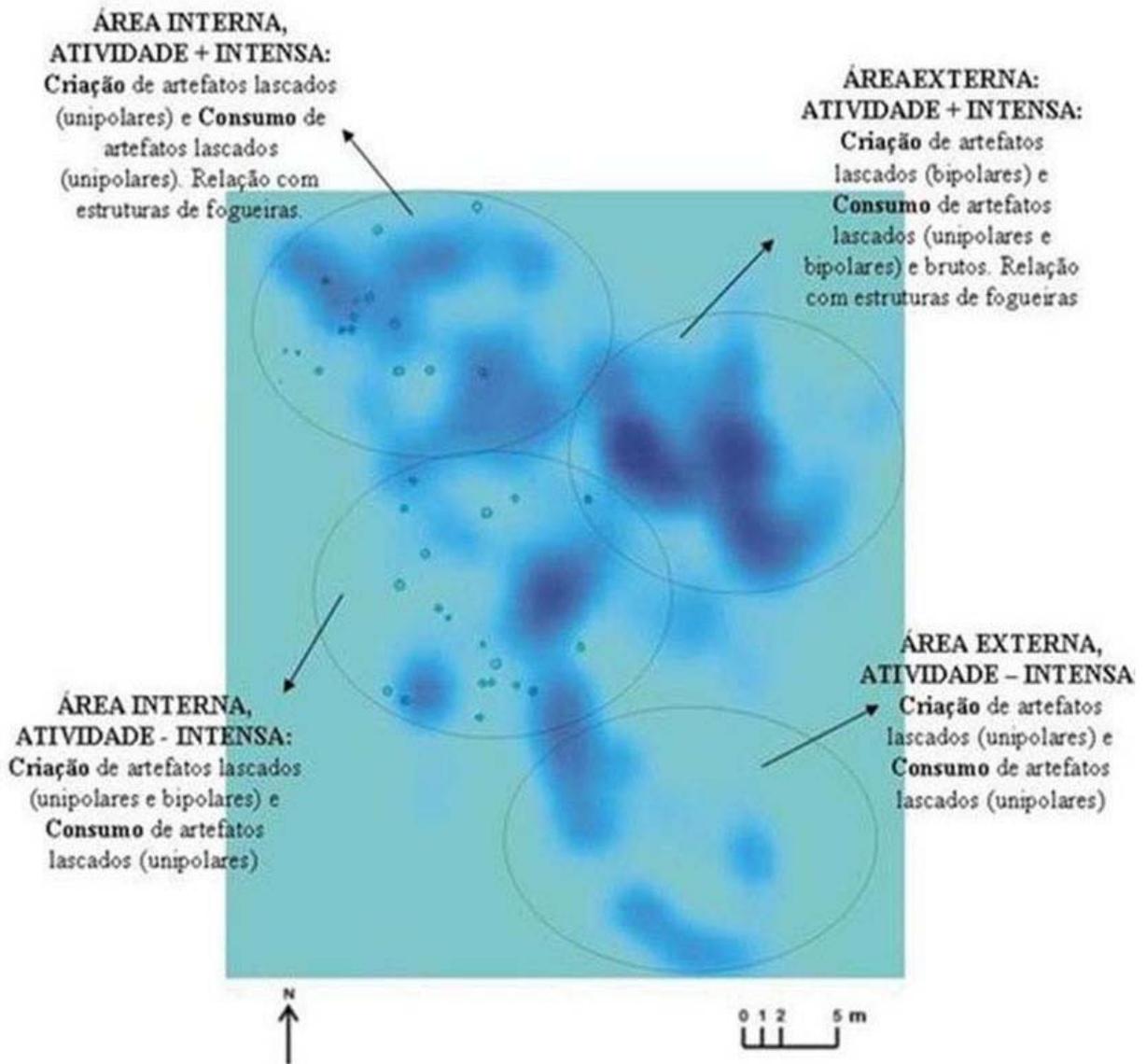
**Figura 48: Densidade de peças descartadas<sup>70</sup>**

Com base nos dados que elaborei, acredito que grande parte dos artefatos líticos estavam situados em seus locais de deposição primária, ou seja, nas áreas em que foram produzidos e também utilizados pelas pessoas. Vários elementos me conduziram a pensar desta forma – concentrações bem definidas da maior parte dos vestígios, diferenças significativas em relação aos locais em que se encontram classes distintas de objetos, e, principalmente, presença de agrupamentos bem marcantes de micro-lascas, tanto unipolares quanto bipolares. Aliado a estes aspectos, considerei o fato das informações contextuais fornecidas com a escavação do sítio terem se preservado em boa parte.

Tendo isso em vista, elaborei um modelo para a realização das atividades com respeito à criação e ao consumo dos artefatos líticos no espaço intra-sítio. Para organizá-lo, relacionei a localização de tais ações às distribuições espaciais das evidências de postes e das estruturas de fogueiras também identificados.

<sup>70</sup> A maior quantidade de peças descartadas encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 2 peças.

Como pode ser observado na figura colocada abaixo, as zonas com desenvolvimento mais intenso de atividades encontram-se ao norte do espaço interno, ao passo que nas áreas mais periféricas há indícios de realização de poucas ações relacionadas aos artefatos líticos.



**Figura 49: Locais de atividades específicas relacionadas à criação e ao consumo (uso, reciclagem e descarte) dos artefatos líticos**

Nas regiões de atividade intensa, há ocorrência de atividades em um local interno delimitado por postes, e em outro externo que não apresenta estas estruturas. Na área interna aconteceram principalmente a criação de objetos através do lascamento unipolar e o

consumo dos artefatos lascados unipolarmente, representados pelas ações de uso, reciclagem e descarte de peças. Em uma região externa, foi desenvolvida sobretudo a criação de peças a partir da técnica bipolar, além do consumo de instrumentos bipolares, unipolares e brutos, com as atividades voltadas à utilização prática destes objetos.

Nas zonas de ações pouco intensas, existem igualmente atividades que foram realizadas em uma área interna e em outra externa. Na primeira destas, há indícios para pensar na criação de objetos, tanto através da aplicação da técnica unipolar quanto da bipolar, e também no consumo de instrumentos lascados por percussão direta, com o uso destes. Na última das áreas, puderam ser identificadas igualmente atividades relacionadas tanto à criação, especialmente de artefatos unipolares, quanto ao consumo, representado basicamente pela ação de reciclagem de instrumentos.

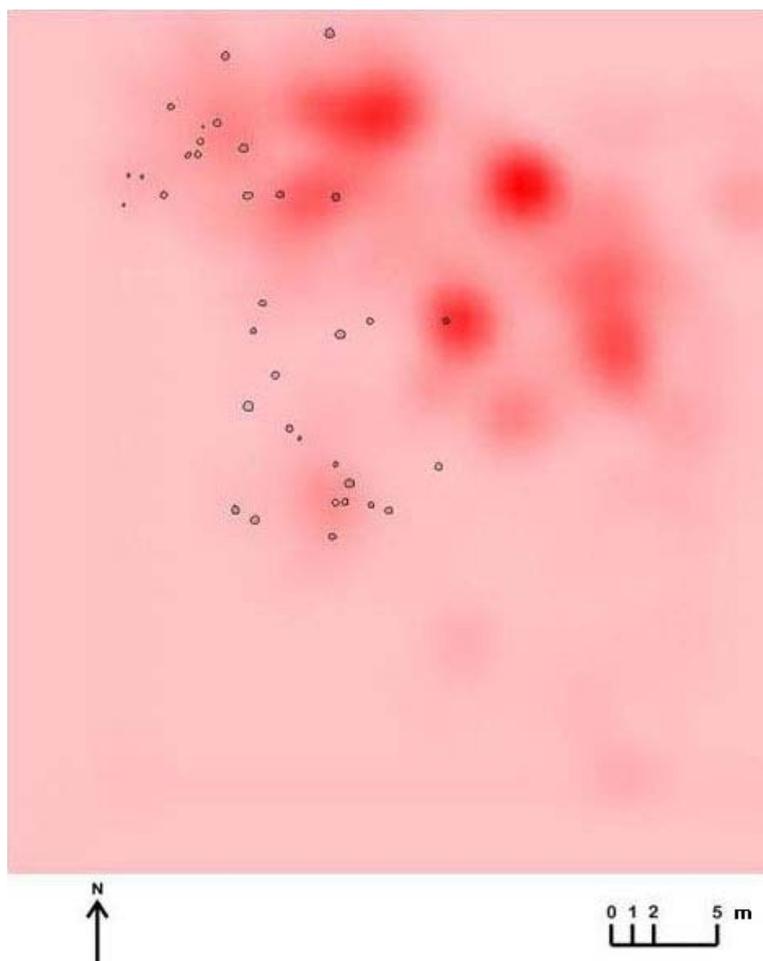
### *Distribuição Espacial de Artefatos Cerâmicos*

Os problemas resultantes da perda dos registros de procedência dos fragmentos cerâmicos afetam diretamente qualquer tentativa de analisar espacialmente estes vestígios. Entretanto, de posse de algumas informações, tornou-se possível realizar algumas considerações sobre a distribuição espacial destes materiais, embora de forma limitada. Tais dados dizem respeito à quantificação geral que Miller realizou de todos os fragmentos cerâmicos encontrados por quadrícula e também à uma contagem destes vestígios por tipo de decoração<sup>71</sup>. Assim, as interpretações que apresento a seguir foram exclusivamente baseadas nestes dados escassos, porém reveladoras de aspectos, muito interessantes, acerca das atividades levadas a cabo com as vasilhas cerâmicas no espaço interno do sítio.

Através da contagem geral dos fragmentos cerâmicos encontrados por quadrícula foi possível observar a densidade destes vestígios no local escavado. De uma forma geral os fragmentos estão reunidos ao norte, com agrupamentos bem menores nas outras regiões.

---

<sup>71</sup> Apenas a fim de esclarecimentos, os tipos de decorações identificadas por Miller nos fragmentos cerâmicos foram designados por abreviações. Após consultar alguns outros documentos escritos por este pesquisador, alguns desenhos individuais de vasilhas com referências às suas decorações, pude distinguir alguns dos tipos decorativos. Assim, Pi refere-se aos fragmentos pinçados, Po aos ponteados, U aos unguilados e S aos simples sem decoração. Não abarqueei na pesquisa as demais abreviações, em razão de não conseguir relacionar com outros elementos decorativos presentes nas peças. Estas denominei outras decorações ou decorações diversas, assim como fez Miller para referir-se aos desenhos que reuniu em um dos seus painéis (apresentado no capítulo anterior).



**Figura 50: Densidade geral dos artefatos cerâmicos**<sup>72</sup>

Assim como os artefatos líticos, os objetos cerâmicos podem ser estudados tendo em vista a ocorrência de áreas de atividades específicas no interior de um assentamento. Na tentativa de observar prováveis zonas relacionadas à criação e ao consumo destes materiais, procedi com a análise das informações que dispunha sobre estes processos e procurei relacioná-las com os dados contextuais existentes.

### **Locais de Criação**

Sobre os locais de produção das vasilhas cerâmicas no sítio Morro da Formiga, infelizmente poucas considerações podem ser feitas. Comumente os lugares de confecção são difíceis de serem identificados no registro arqueológico, a não ser em casos em que

---

<sup>72</sup> Como se poderá notar, os mapas da densidade geral dos fragmentos cerâmicos e da densidade de fragmentos com decoração pinçada são muito semelhantes. Isto se deve ao fato de que os fragmentos pinçados encontram-se em maior quantidade em relação às peças que apresentam as demais decorações. A maior concentração de fragmentos cerâmicos encontrados em uma quadrícula de 1x1m foi de 89 peças.

sejam encontrados vestígios de fornos para a queima dos vasilhames ou restos da fabricação dos potes, tais como bolotas ou roletes de argila. Primeiramente, não há informações disponíveis sobre a existência de fornos ou locais de queima no local escavado. E com relação à presença de restos de fabricação dos potes, tenho o conhecimento da presença de algumas bolas de argila no conjunto dos materiais dessa natureza, entretanto estes vestígios não possuem informação contextual de origem (ver foto de bolas de argila em anexo). Assim, face a estas questões, somente cabe-me afirmar que a criação de vasilhas cerâmicas provavelmente teve lugar neste espaço, embora eu não tenha subsídios para apontar a área ou as áreas onde este ato se efetivou.

### **Locais de Consumo**

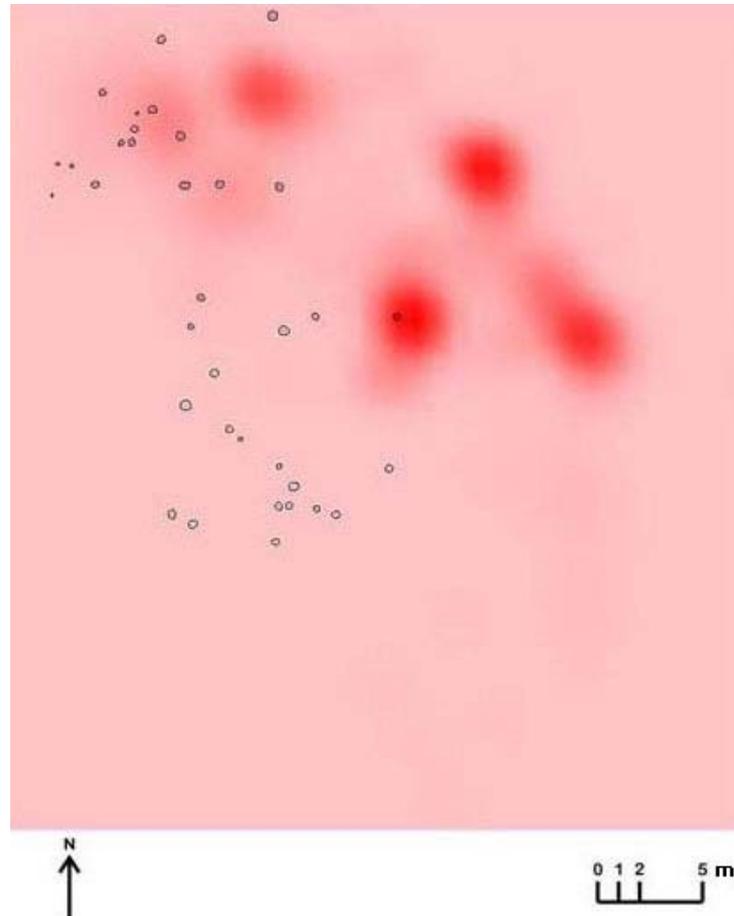
Já a respeito dos locais de consumo relacionados a tais objetos, mais interpretações podem ser elaboradas com base nas informações existentes. Neste sentido, a quantificação dos fragmentos por tipo de decoração, realizada por Miller, mostra-se muito útil para tal esforço explicativo. Lembro novamente que o consumo está sendo considerado um amplo contexto de ações nas quais estes objetos tomaram parte, tais como o uso, a re-utilização e o abandono das vasilhas.

Para a análise dos locais de uso das vasilhas, trago à luz os dados de registro espacial dos fragmentos para cada elemento decorativo com as categorias funcionais que criei anteriormente com determinadas formas e marcas de utilização diretas. Com as informações resultantes do cruzamento destes dados talvez seja possível indicar a localização de áreas particulares para o consumo de diferentes tipos de recipientes cerâmicos. Apenas para relembrar, podem ser identificadas diferenças espaciais associadas às atividades ligadas à preparação e à transformação dos alimentos, bem como para o seu consumo e armazenamento. Estas funções podem ou não estar relacionadas com o contato com o fogo.

As vasilhas com decoração pinçada enquadram-se funcionalmente nas formas e nas funções atribuídas ao tipo 1, em 88% das vasilhas, e ao tipo 3, em apenas 12% delas. Tais elementos decorativos não estão associados às vasilhas do tipo 2. Desta maneira, é possível afirmar que os potes pinçados foram utilizados principalmente para a atividade de transformar e preparar os alimentos no fogo e, em menor dimensão, para as ações de servir e de ingerir os alimentos.

A partir da visualização da distribuição espacial dos fragmentos com este tipo de decoração, percebe-se que estes estão situados em maior concentração em uma área externa

das estruturas, a nordeste. Em menor proporção, são encontradas evidências de frações de potes pinçados na zona localizada mais ao norte, a qual coincide com a presença de estruturas de postes no solo.



**Figura 51: Densidade dos fragmentos com decoração pinçada**<sup>73</sup>

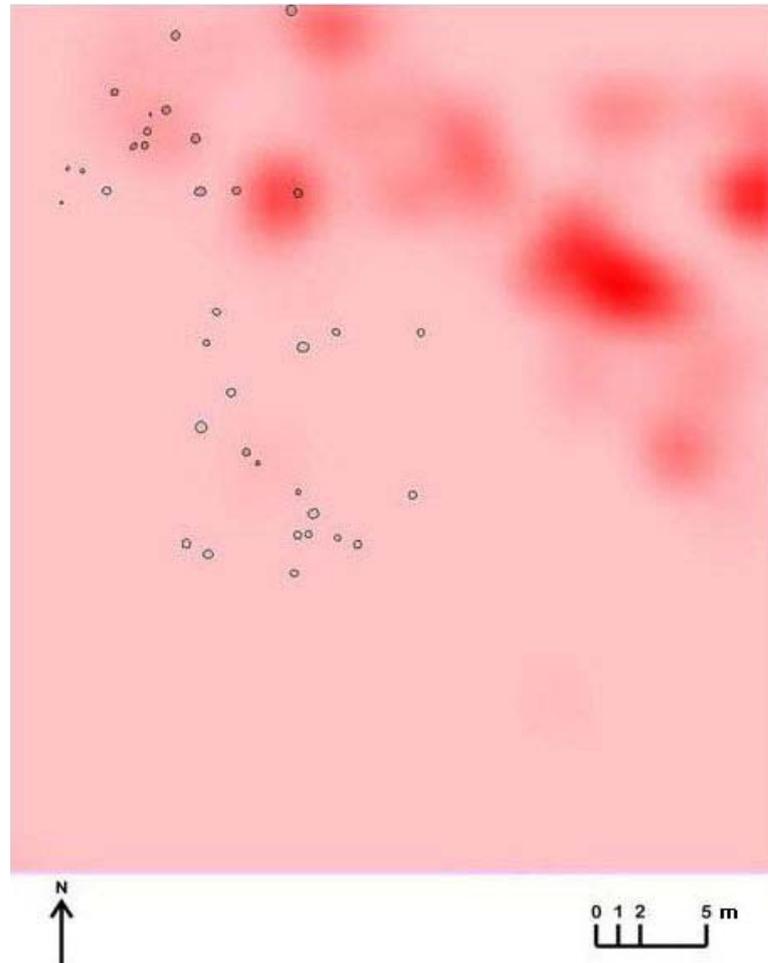
Os recipientes que apresentam tratamento de superfície do tipo ponteados estão relacionados com as formas e as funções apontadas para os tipos 1 em 46% dos casos e para o tipo 2, em 50% destes. Além disso, existem na proporção de apenas 4% nos potes cerâmicos classificados como tipo 3. Por conseguinte, torna-se claro que as vasilhas com esta decoração estão associadas às tarefas de transformação e de preparação dos alimentos no fogo.

De acordo com a densidade espacial destes vestígios, pode visualizar um agrupamento mais intenso de fragmentos na área externa localizada a nordeste do espaço

---

<sup>73</sup> A concentração maior de fragmentos pinçados encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 87 peças. Esta grande quantidade de fragmentos encontrados neste e em outras quadrículas pode estar relacionados a o fato de que há mais de potes do tipo pinçados (que pode ser observada no painel com as formas pinçadas desenhadas por Miller, colocado no capítulo 2) e também talvez em decorrência destas vasilhas terem se quebrado mais, em maior quantidade de fragmentos.

interno, com concentrações menos significativas à volta. As peças com decoração ponteadada também se encontra, porém em menor quantidade, em lugar próximo ao local interno com presenças de evidências de esteios, no sentido noroeste.



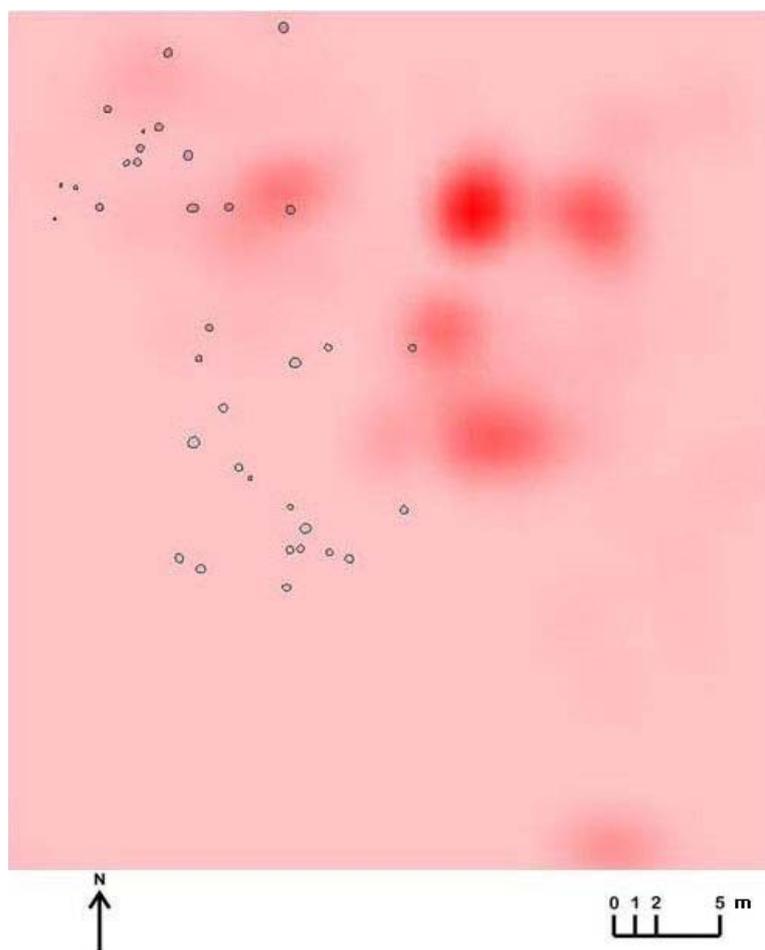
**Figura 52: Densidade dos fragmentos com decoração ponteadada**<sup>74</sup>

Os potes cerâmicos com decoração unglada estão vinculados, sobretudo às vasilhas enquadradas como tipo 1, em 76% dos casos. Em menores quantidades, os recipientes com este tipo de tratamento de superfície também se fazem presentes nas categorias dos tipos 3, com 17% de ocorrências e 2, com apenas 7% de representatividade. Logo, os objetos com estas características foram utilizados especialmente para cozinhar os alimentos junto ao fogo, embora tenham sido usados para outras atividades como a ingestão destes alimentos.

De acordo com a distribuição no espaço escavado deste tipo de decoração presentes nos fragmentos cerâmicos, observa-se uma concentração maior de vestígios na área situada a nordeste do sítio e, além disso, agrupamentos de menores intensidades em outros locais

<sup>74</sup> A maior concentração de fragmentos ponteados encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 14 peças.

diversos, como próximo ao local com estruturas (noroeste) e mais ao sul, em um local mais afastado dos focos principais de cerâmica.



**Figura 53: Densidade dos fragmentos com decoração unglada**<sup>75</sup>

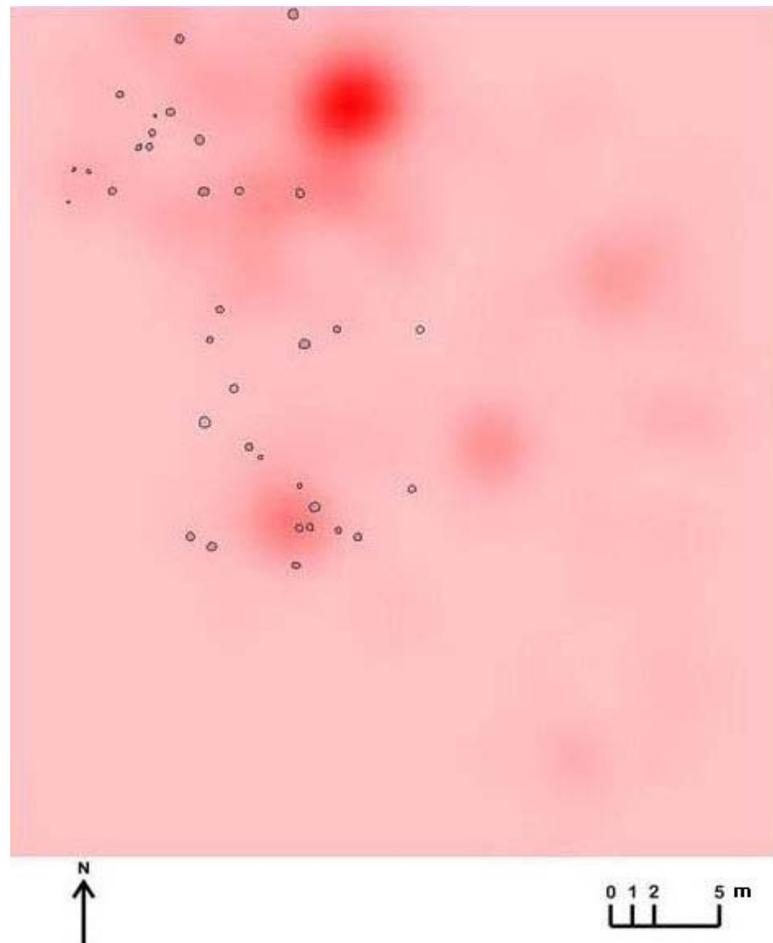
Os recipientes que não apresentam elementos decorativos (com decoração simples), ao contrário dos outros vistos até aqui, estão relacionados principalmente às funções de servir e de ingerir os alimentos, em vasilhas do tipo 3 que normalmente não vão ao fogo e que representam 56% dos vestígios. As funções de cozinhar e de transformar a comida também eram desenvolvidas em vasilhames sem decoração, classificadas como tipos 2 e 3 embora em menores proporções (22% dos casos para cada categoria funcional).

Como se podem observar na distribuição quantitativa e espacial dos fragmentos (sem decoração na superfície) do local escavado, eles estão agrupados basicamente em um grande foco, em local situado mais ao norte. Este local, como já destaquei, coincide com uma das áreas de concentração das estruturas interpretadas aqui como buracos de poste. É possível

---

<sup>75</sup> A maior quantidade de fragmentos unglados encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 16 peças.

notar focos menos intensos em outros locais, inclusive na outra área que é delimitada pela presença de marcas de esteios.



**Figura 54: Densidade dos fragmentos com decoração simples<sup>76</sup>**

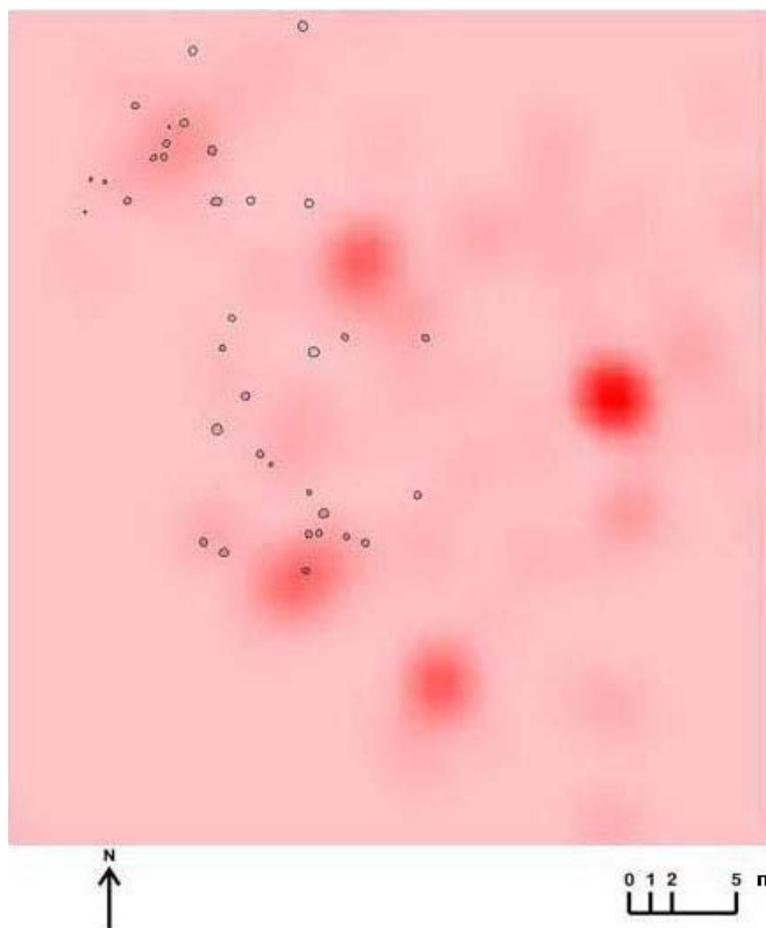
Existem outras vasilhas cerâmicas reconstituídas por Miller que possuem outros tipos de decoração em superfície, mas que aparecem em menor quantidade se comparadas com as apresentadas anteriormente. São potes com motivos decorativos como o digitado, o inciso, o aplicado mamiloforme e outros. Suas formas e funções atribuídas relacionam-se apenas com as classes dos tipos 1 e 2, com respectivamente 55% e 45% de representatividade, não havendo exemplares associados ao tipo 3. Neste sentido, tais vasilhames cerâmicos foram utilizados exclusivamente para as funções de preparação e transformação dos alimentos junto ao fogo.

Com base na distribuição espacial dos fragmentos com decorações diversas, nota-se um maior agrupamento em uma área próxima das maiores concentrações dos fragmentos

---

<sup>76</sup> A maior quantidade de fragmentos simples encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 30 peças.

pinçados, ponteados e ungulados, mais ao sul. Há entretanto focos menos intensos destes vestígios em outras regiões, espalhados por quase todo espaço interno do sítio.



**Figura 55: Densidade dos fragmentos com outras decorações<sup>77</sup>**

Tendo em vista os dados elaborados a partir de interpretações, estou inclinada a inferir as áreas em que os objetos cerâmicos foram encontrados como locais de refugio primário, relacionadas ao consumo destes materiais. A deposição dos potes, neste caso, ter-se-ia dado principalmente no próprio contexto em que estavam sendo usados. Esta interpretação mostra-se ainda mais relevante se Miller estiver certo ao afirmar que não foram encontradas espécimes cerâmicas íntegras em razão dos estragos provocados pelos cultivos e pelas plantações de árvores no local. Os potes inteiros foram, desta forma, depositados nos próprios locais de uso.

Isto parece ter todo sentido quando se observa a distribuição espacial dos fragmentos por tipo de decoração – em focos bem definidos e distintos, representando a localização dos

---

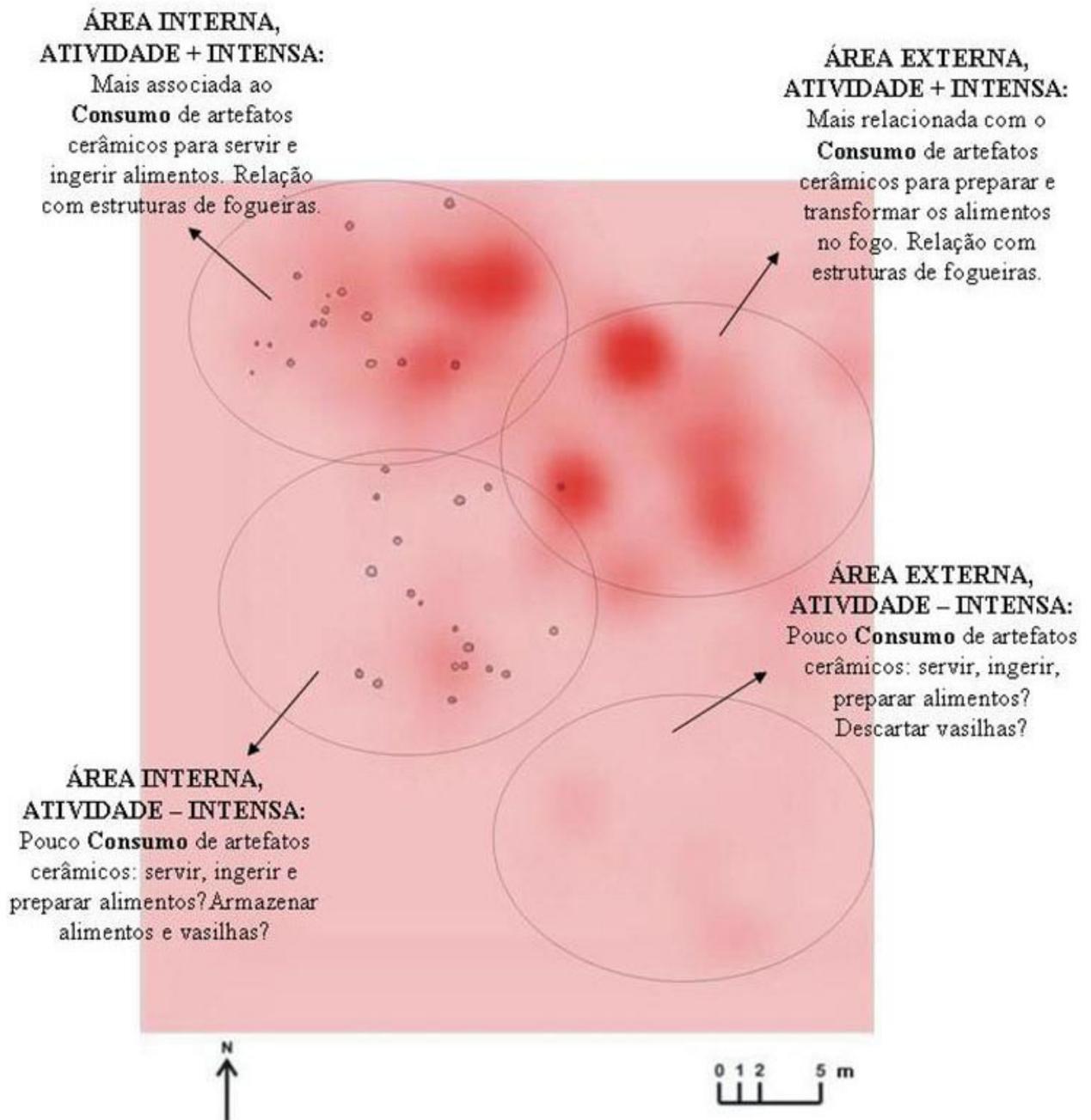
<sup>77</sup> A maior concentração de fragmentos com decorações diversas encontrada em uma quadrícula de 1x1m foi de 31 peças.

potes com diferentes elementos decorativos. As boas condições de preservação espacial do refugio arqueológico a nível vertical e horizontal parecem se confirmar com estes dados. Embora possam ter sido responsáveis pela quebra das vasilhas, os cultivos e as plantações não acarretaram, entretanto, uma fragmentação muito grande destes objetos.

De posse dos dados elaborados acerca dos locais de atividades específicas relacionadas ao consumo dos artefatos cerâmicos, é possível elaborar um modelo para a organização e utilização diferencial do espaço intra-sítio com relação a estes materiais. As ações efetivadas com estes instrumentos foram relacionadas com as outras coisas inseridas no espaço – os postes e as estruturas de fogueiras. A partir da figura colocada abaixo, identifique no espaço interno do sítio áreas mais intensas e menos intensas da realização de atividades vinculadas ao consumo dos artefatos cerâmicos.

Há duas principais áreas de atividades intensas localizadas mais ao norte, além de outros locais com indícios de poucas atividades, situadas ao sul. Com relação às zonas mais efetivas de consumo da cerâmica, há uma região que coincide com um dos lugares limitado por estruturas de postes e uma outra situada em local externo. A primeira destas pode ser caracterizada pela presença de vasilhas associadas ao consumo de alimentos, com as ações de servir e de ingerir indicadas pela maior densidade de fragmentos com decoração simples. Neste local estão presentes indícios da presença de fogueiras, e, deste modo, é coerente imaginar que as pessoas consumiam os alimentos em volta do fogo.

A outra zona bastante intensa de utilização de utensílios cerâmicos, localizada fora das áreas delimitadas por esteios, pode ser considerada como uma região de preparo e de transformação dos alimentos no fogo em razão de que são encontrados, neste lugar, fragmentos com decorações dos tipos pinçada, ponteadas, unculadas e diversas em maior quantidade. Estes fragmentos remetem às formas e às marcas de uso que os vinculam ao desenvolvimento destas funções. Além disso, há vestígios da existência de fogueiras neste local, de onde sugiro que provavelmente eram cozidos e transformados os alimentos nos potes cerâmicos.



**Figura 56: Locais de atividades específicas relacionadas ao consumo (utilização e descarte) dos artefatos cerâmicos**

As zonas com menos ocorrência de atividades, mas igualmente consideradas, apresentam pequenas concentrações de fragmentos, que estão visivelmente associados com potes de decorações simples, ungladas e diversas. Há duas áreas com estas características, sendo uma delas delimitada por marcas de estruturas de postes e a outra situada em uma região externa. Na primeira destas há vestígios da presença de vasilhas associadas às atividades de servir, ingerir e preparar alimentos. Mas em decorrência da localização em que se encontram - uma zona interna - os vasilhames podem estar associados também às

atividades de armazenar alimentos (local com pouca circulação de pessoas) ou igualmente para abrigar as vasilhas, que podiam ser pertences estimados das pessoas. Na área externa há agrupamentos de artefatos menores ainda, e pela sua localização mais afastada poderia representar uma área de descarte, onde teriam sido depositadas poucos potes quebrados.

#### **III.2.2.4 SUGERINDO UM MODELO PARA A OCUPAÇÃO DO LUGAR MORRO DA FORMIGA**

Através da análise dos elementos que foram inseridos pelos seres humanos no lugar que habitaram, elaborei uma proposta interpretativa mais ampla para explicar alguns aspectos da ocupação, organização e da transformação de tal espaço.

Antes de apresentar tal proposta, gostaria de retornar à discussão que iniciei acerca da sincronia da ocupação deste espaço. De acordo com alguns aspectos identificados, acredito que esta questão possa ser melhor abordada neste momento. Alguns fatores podem apontar para a possibilidade do sítio ter sido habitado de uma forma conjunta, mesmo que isto não possa ser afirmado com certeza.

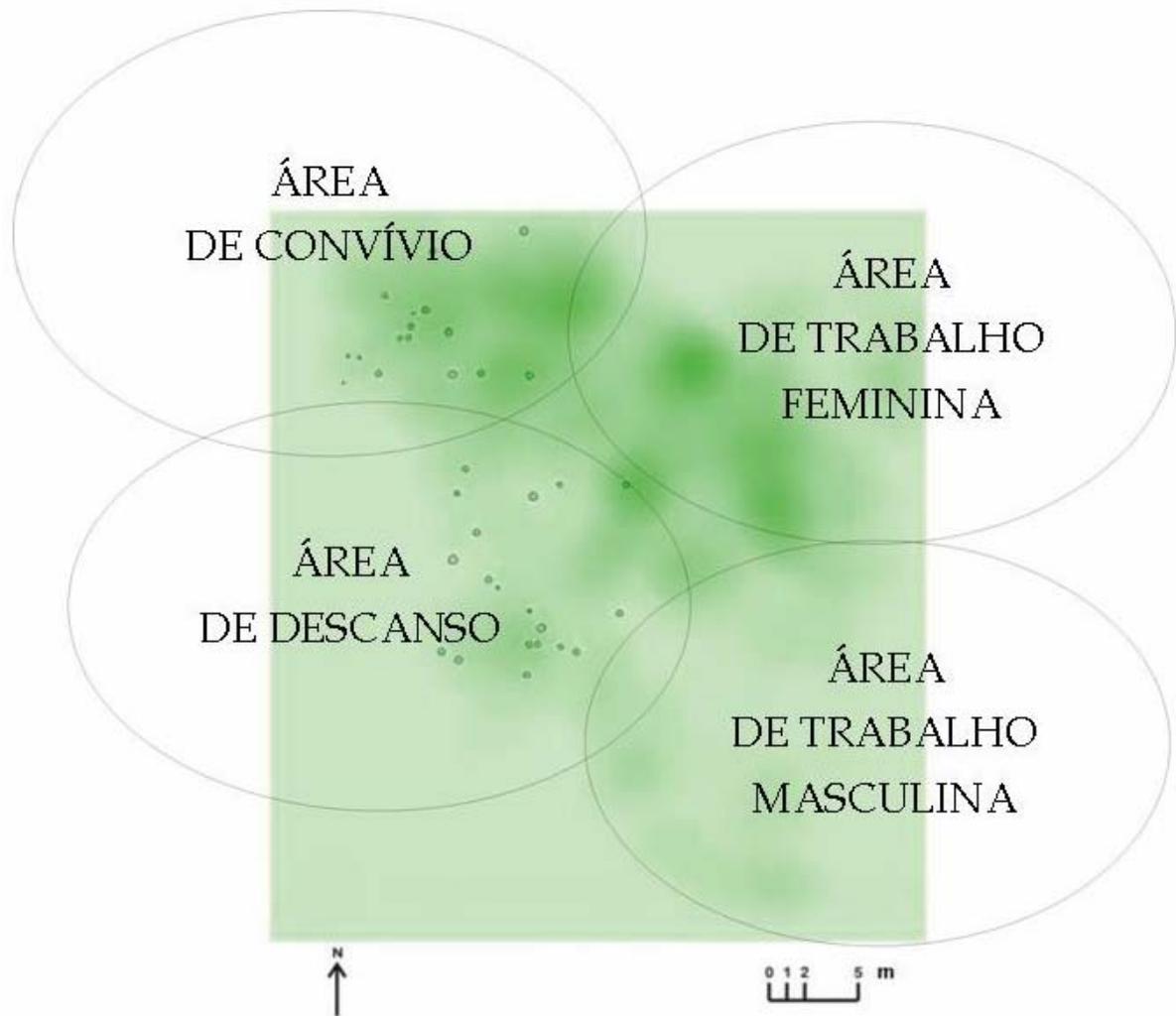
O primeiro que destaco é o refugio arqueológico mostrando indícios de estar depositado em contexto primário, em locais de produção e uso – que pôde ser observado pela boa preservação das informações contextuais dos vestígios. Um outro elemento seria a presença de carvão em quase todas as manchas escuras que foram interpretadas como marcas de esteios, nas duas áreas delimitadas por estas evidências. Isto leva a pensar que se as cabanas pegaram fogo, possivelmente isto ocorreu no mesmo momento, o que poderia indicar a habitação destas estruturas ter sido realizada de forma conjunta. Uma última questão a ser avaliada refere-se à organização interna do espaço identificada com a análise espacial dos materiais. Quando se observa os agrupamentos de artefatos e de possíveis atividades a eles associados, a disposição interna do espaço parece ter todo sentido, com áreas bem definidas estruturadas espacialmente.

Com base nestas informações, fico inclinada a pensar que o sítio e as áreas que o compõe foram ocupados num mesmo período de tempo, que pode ter sido bastante longo. Infelizmente a existência de uma única datação para todo o espaço escavado impossibilita que esta questão seja melhor esclarecida.

Visto isto, o modelo que proponho acerca da ocupação interna do espaço abrange a localização de áreas de atividades gerais que apresentam indícios de terem existido no passado. Ressalto que esta interpretação foi construída com base apenas nos vestígios que

restaram no registro arqueológico, os quais certamente não representam todos os materiais produzidos e utilizados por esta e por outras sociedades no passado. Estas zonas não envolvem apenas contextos de ações específicas, e sim de diversos atos cotidianos efetuados possivelmente de modo concomitante pelos indivíduos.

O espaço interno do sítio Morro da Formiga, a meu ver, foi palco de quatro áreas principais de atividades - de convívio, de descanso, de trabalho feminino e de trabalho masculino – com cada uma destas abrangendo a realização de várias ações.



**Figura 57: Possíveis áreas de atividades gerais no interior do espaço habitado**

A área de convívio, localizada ao norte, está inserida em uma possível área interna de uma cabana e apresenta uma ou mais estruturas de fogueiras. Neste local há indicações do desempenho de uma grande intensidade de atividades, como por exemplo a alta densidade de artefatos líticos e cerâmicos existente. Com a análise dos objetos localizados nesta região,

pude identificar o desempenho de tarefas como o consumo alimentar e criação e o consumo de utensílios líticos. A primeira está ligada à utilização de potes cerâmicos com as funções de servir e de ingerir alimentos, enquanto que as últimas dizem respeito apenas a trabalhos manuais efetivados principalmente a partir da técnica de percussão unipolar.

Neste lugar, as pessoas tinham a possibilidade de reunirem-se em torno do fogo para partilhar e consumir os alimentos. Os homens aproveitavam este espaço para realizar trabalhos artesanais, confeccionando e reparando utensílios, além de descartá-los. Em tal local, desta forma, os indivíduos podiam desfrutar de momentos de convívio social, estabelecendo relações entre si, além de apenas com as coisas. Certamente muitos significados surgiam nestas complexas interações, os quais provavelmente tinham sentidos diferentes para aqueles que faziam uso desse espaço.

Na possível área de descanso, em outro local limitado pela presença de esteios e situado mais ao sul, acredito que ocorriam poucas atividades. Como o próprio termo que designei já indica, as pessoas poderiam ter aproveitado este lugar como um refúgio para o repouso. Inicialmente cheguei a considerar a possibilidade de esta área sofrer limpezas constantes por parte dos indivíduos, a fim de a manterem mais limpa do que outros lugares. Entretanto, após observar a densidade de vestígios no local, sobretudo de micro-lascas (unipolares e bipolares) fico bastante inclinada a afirmar que as ações efetivadas em seu interior deram-se em menor intensidade, pois a presença destes micro-vestígios aponta para a permanência de refugio em local primário de produção. Assim, a realização de atividades de modo menos intenso explicaria o fato de este espaço mostrar-se mais livre de refugos materiais.

Apesar da pouca densidade de materiais líticos e cerâmicos, estes assinalam o desenvolvimento de algumas tarefas. Podem ser citados os trabalhos de produção de utensílios unipolares e bipolares, assim como da utilização de vasilhas cerâmicas associadas à preparação e à ingestão de alimentos, embora desenvolvidos em proporção muito mais ínfima em relação à outros locais. As vasilhas deixadas neste local, todavia, podem ainda representar possíveis atos de armazenamento de alimentos líquidos ou sólidos e de abrigo de pertences cerâmicos. Nesta região interna ao assentamento, as pessoas podiam aproveitar momentos de descanso, perto dos seus familiares. Ao mesmo tempo utilizavam tal espaço para efetuarem algumas de suas tarefas como a produção de objetos, embora mantivessem sua área interior mais vazia para dormirem nela.

A provável área de trabalho feminino estaria localizada ao norte, em um local externo sem presença de estruturas construídas no solo. Assim como a área de convívio, apresenta

indícios de ter sido uma zona com atividades efetivadas de forma intensa, mas, sob meu ponto de vista, especificamente pelas mulheres. Em uma região marcada por vestígios da presença de fogueiras, as mulheres criavam e consumiam artefatos lascados bipolarmente, além de possivelmente usarem instrumentos unipolares, produzidos pelos homens (como as lascas) e igualmente peças brutas (como fragmentos de arenito friável polidos). Por outro lado, as ações que envolvem o uso de potes cerâmicos compreendem sobretudo a preparação e a transformação dos alimentos junto ao fogo, tarefas estas que também podem ser sido facilitadas pelo auxílio dos instrumentos líticos citados, tanto unipolares quanto bipolares.

Neste espaço particular, as mulheres cumpriam seus afazeres diários, preparando em vasilhas cerâmicas parte da comida que alimentaria a comunidade. Os homens também podiam desempenhar funções neste sentido, como com a atividade da caça, por exemplo, entretanto as desempenhavam em outros locais. Além disso, as mulheres faziam trabalhos manuais e artesanais como o lascamento da pedra, porém, a partir da aplicação de uma técnica um tanto diferente. Desse modo, esse lugar possivelmente era configurado como uma região de domínio feminino, na qual os homens não realizavam as suas tarefas.

A última área que sugiro, a de trabalho masculino, está localizada na zona mais periférica do espaço ocupado, em um local sem evidência de estruturas de habitação e de fogueiras. Da mesma maneira que na área de descanso, há indícios de atividades menos intensas, embora estejam presentes e devam ser consideradas. Em tal lugar ocorreram ações especialmente ligadas à criação e ao consumo de implementos líticos, lascados unipolarmente e, por este motivo estariam associadas à trabalhos efetuados pelos homens. Além da produção, pode ser destacada a reciclagem de instrumentos, representada pela presença das lascas de reativação de gume e das micro-lascas de retoque. Além disso, foram encontrados escassos fragmentos cerâmicos, que por estarem em uma zona muito afastada de onde se localizam as concentrações principais destes materiais podem ter sido descartados em razão da quebra de alguns potes.

Com base nestes argumentos, considero a possibilidade deste local representar uma zona de trabalhos predominantemente masculinos. Neste espaço, os homens procediam com algumas de suas tarefas, nos momentos em que se encontravam na área do assentamento. Não possuo informações para afirmar se existiam outros locais nos quais estes indivíduos realizavam atividades fora do sítio. No entanto, muito provavelmente no lugar em questão eles podiam exercer suas atividades e papéis masculinos, não permitindo a presença constante das mulheres.

Produzi tal proposta de interpretação para a organização interna do espaço habitado no Morro da Formiga, como salientei, com base nas análises que efetuei com os artefatos líticos e cerâmicos de uma forma geral e com a inserção destes objetos nos seus contextos espaciais. O que pode ser claramente percebido é uma ocupação diferencial do espaço em termos de atividades – com diferentes ações desenvolvidas no mesmo lugar e também com as mesmas ações efetuadas em locais distintos.

A distinção espacial da localização das atividades pode muito bem estar ligada à realização por grupos masculinos e femininos. Considerando que homens e mulheres desempenhem tarefas dentro de um assentamento, é fundamental pensar de que forma isto pode aparecer no registro arqueológico - no caso que apresentei, na forma da realização de distintas tarefas e conseqüentemente em localizações diferentes no espaço intra-sítio.

Mesmo que sejam tratadas enquanto hipóteses a serem pensadas, as diferenciações em relação ao gênero, etnograficamente conhecidas para a maioria das populações antigas, precisam ser consideradas no desenvolvimento das pesquisas arqueológicas. Saldanha e Copé realizaram interpretações neste sentido ao partirem da distribuição diferencial dos objetos líticos e cerâmicos para sugerir a presença de zonas de atividades específicas para homens e mulheres. As ações masculinas estariam representadas pela produção intensa de objetos líticos, enquanto que as femininas ligadas ao preparo e ao tratamento dos alimentos, com a utilização de artefatos cerâmicos e líticos. Mesmo que estes autores refiram-se a possíveis áreas feminina e masculina, não deixam de considerar a presença destes tipos de diferenciações nas sociedades pré-coloniais (Saldanha e Copé, 2001 apud Copé, 2006).

Outra questão interessante que surgiu com esta análise foi pensar nas relações estabelecidas entre os indivíduos e o fogo. As pessoas parecem ter realizado inúmeras atividades ao redor das fogueiras, como o consumo dos alimentos e a produção de objetos com os trabalhos manuais de lascamento. Além disso, realizavam o descarte de alguns objetos, que não possuíam mais valor. Podiam utilizar este local como uma área de convívio nos momentos em que estivessem reunidos.

O fogo pode representar um elemento fundamental da ordem social e simbólica da comunidade. As fogueiras deveriam ser alimentadas e re-alimentadas com o passar do tempo, com a colocação de mais pedras trazidas dos rios e de outros materiais, assim como os significados atribuídos a elas podiam igualmente ser alterados e re-significados através do tempo.

Com relação às atividades vinculadas à criação e ao consumo de artefatos líticos e cerâmicos, pude perceber zonas em que estas ocorreram de forma conjunta. No mesmo local

coisas eram criadas e consumidas pelos indivíduos, por homens e mulheres. Além disso, nestas áreas também se davam os atos de produzir, de servir e de ingerir os alimentos. Estas zonas, interpretadas em termos mais gerais, não parecem, deste modo, configurar locais de desenvolvimento apenas de atividades específicas. Parecem se tratar, a meu ver, de zonas fluidas e conectadas, relacionadas no dia-a-dia das pessoas que viviam neste lugar.

Antes de concluir as minhas análises sobre a habitação deste lugar, gostaria de retomar de modo breve uma discussão sobre o processo de deposição do refugo arqueológico no sítio em questão. Segundo Saldanha, sítios lito-cerâmicos a céu aberto, que apresentam as características de alta densidade de material em superfície e em camada arqueológica não muito espessa, devido à natureza do seu refugo e presença de estruturas de fogueiras, parecem corresponder à depósitos primários de artefatos, os quais configuram unidades domésticas. Para este autor, estes refugos primários de artefatos em seus contextos de uso podem ser explicados por descarte das peças nos próprios contextos de uso, e não em locais de deposição secundária produzidos pelo deslocamento dos vestígios (Saldanha, 2005). Além disso, salienta que este é um padrão já identificado em sítios pré-coloniais do estado, ocupados pelos grupos ceramistas do planalto (Schmitz et alii 2002, Copé e Saldanha, 2002).

Conforme Wüst (1996), esperam-se encontrar em áreas de refugos primários, vestígios da efetuação de atividades diversificadas, que por sua disposição espacial deverão indicar a presença de atividades especificamente domésticas. Assim, nestas categorias de espaço podem ser identificadas evidências ligadas ao processo de transformação, estocagem, e consumo de alimentos, bem como indícios de confecção de utensílios pertinentes.

Com base nestas inferências, o lugar Morro da Formiga configura-se como local de deposição primária e, conseqüentemente como uma unidade doméstica com função residencial. Nele são encontrados traços da realização de atividades cotidianas de transformação, estocagem e consumo de alimentos além da confecção de artefatos representada por uma grande densidade de artefatos líticos e cerâmicos. Além disso, há a presença de estruturas construídas no solo, com as marcas de negativos de esteios para a sustentação de cabanas, além de estruturas de fogueiras. A reunião destes dados seria capaz de apontar, portanto, para um local doméstico de moradia mais permanente.

Destaco que outros sítios associados à ocupação pelos grupos ceramistas do planalto já foram interpretados desta forma por outros autores. Apenas para mencionar um destes casos, Saldanha atribuiu a alguns assentamentos localizados no planalto a função de unidades domésticas. Estes locais, assim como o Morro da Formiga, são sítios lito-

cerâmicos que apresentam alta densidade de material em superfície e em estratigrafia, microestruturas de fogueiras e negativos de estacas para sustentação de telhados (Saldanha, 2005).

## CONCLUSÃO

Escrever é sempre um ato solitário. Após meses redigindo este texto, sozinha em frente ao computador, esperei ansiosamente o instante de concluir ao colocar um ponto final neste trabalho. Chegando o momento, não sinto, entretanto, a sensação de ter finalizado algo, mas sim de apenas ter iniciado uma longa caminhada na arqueologia.

Pela primeira vez realizei um esforço muito grande no sentido de alcançar as pessoas através do estudo das coisas, me aventurando por caminhos que não conhecia. Nos dois anos passados, realizei leituras e participei de discussões que me fizeram pensar de uma forma diferente, me fizeram perceber que outras questões podiam ser abordadas com a realização de uma pesquisa arqueológica.

De uma forma ativa procurei me relacionar com os objetos, fazendo perguntas constantemente a eles. Pode-se dizer, neste sentido, que os arqueólogos também consomem coisas, pois fazem igualmente uso delas. No tempo presente, estes sujeitos estudam, descrevem, desenham, fotografam, colocam em caixas de papelão e algumas vezes expõem os objetos nas vitrines dos museus. Estas relações estabelecidas entre o investigador e as suas fontes de pesquisa são desencadeadas, em grande parte, em razão do fascínio que as coisas são capazes de exercer nos seres humanos.

Na busca pelas pessoas, produzi um discurso arqueológico, uma forma de escrever e contar alguns aspectos da vida daqueles que viveram no passado. Este discurso versou basicamente sobre certas pessoas, determinadas coisas e um lugar. A partir de uma análise pontual realizada com os vestígios materiais encontrados do Morro da Formiga, procurei de um modo geral perceber como os indivíduos relacionaram-se com os objetos no local que escolheram para habitar.

Com grande felicidade e satisfação cumpri o objetivo inicial que desejava alcançar – o resgate de uma coleção arqueológica muito importante para a arqueologia brasileira e, mais especificamente, para a arqueologia desenvolvida no sul do país. Com algum empenho, trouxe à luz dados e informações que, sem dúvida, serão muito úteis aos pesquisadores que se dedicam a estudar a temática da ocupação remota dos grupos ceramistas do planalto em parte do território do Rio Grande do Sul.

Para alcançar os outros objetivos a que me propus, dei início à reflexões teóricas acerca de como a arqueologia produz o conhecimento sobre o passado. Ficou muito claro

para mim que os arqueólogos constroem este saber invariavelmente de uma forma ativa no presente, sendo os principais sujeitos envolvidos neste processo. Além disso, pude perceber que todo conhecimento arqueológico é gerado a partir da construção de dados, os quais são resultados de atividades como o trabalho de campo e o exame dos objetos recuperados, e da elaboração de discursos, que são resultantes da escrita dos textos.

Com o desenrolar da pesquisa, como pôde ser visto, procurei relacionar pessoas, coisas e um lugar. O exame dos objetos me permitiu entender que entre as pessoas e as coisas ocorreram envolvimento complexos, e a partir dos quais surgem múltiplos significados. Ao criar e consumir objetos, os indivíduos relacionavam-se com o que estava à sua volta, usando-os para agir no e sobre o mundo.

O estudo do contexto de criação possibilitou a consideração de diferentes aspectos que estariam envolvidos em tais atividades. Assim, avalei momentos em que teriam ocorrido planejamento, ensino, aprendizado, cooperação e concentração, pois acreditava que estas ações faziam parte do cotidiano das pessoas.

Em ocasiões como estas, artefatos líticos e cerâmicos foram elaborados através de distintos processos de produção. Com o lascamento da pedra, artefatos unipolares e bipolares foram confeccionados, além de peças produzidas por polimento. Por detrás do desenvolvimento de trabalhos manuais como estes, poderia estar presente uma questão pouco levantada nas pesquisas arqueológicas, que diz respeito às diferenças no âmbito do gênero. Conforme interpretei ao analisar as características presentes dos artefatos, a variabilidade tecnológica existente nos objetos lascados poderia ser explicada nos termos do desenvolvimento da técnica de percussão direta por homens, e da realização do modo de lascas indireto pelas mulheres.

Além dos artefatos líticos, foram confeccionadas vasilhas cerâmicas a partir da aplicação de processos intencionais de produção. A partir das formas reconstituídas por Miller e das análises realizadas por Saldanha, procurei contar alguns aspectos envolvidos na criação destas peças. Percebi a realização de um processo específico de produção, que deu origem à modelagem de determinadas formas através do emprego de certos temperos, de uma técnica particular, da aplicação de variados elementos decorativos e de diferentes tipos de queima.

A análise do contexto de consumo me fez ponderar outras interessantes questões. Ao procurar sugerir outras formas possíveis destes serem consumidos além do uso propriamente dito, avalei os contextos de reciclagem, de re-utilização, de não-utilização (em alguns casos) e de descarte dos instrumentos. Como considerei o consumo enquanto um conjunto de atos

ocorridos com os artefatos após serem confeccionados, levantar estas e outras formas de consumo tornou-se muito interessante. Através da concretização destes eventos, os significados dos objetos poderiam ter sido mantidos, através da preservação, ou alterados, com a assimilação. Percebi, deste modo, que os objetos podiam ser utilizados para outros fins que não apenas aqueles pretendidos na criação.

Especificamente sobre os objetos líticos, identifiquei diferenças consistentes também no que refere às formas de consumo destes materiais, que apresentavam marcas e indícios de utilização relacionados com a realização de atividades bastante distintas. Assim, estes objetos possuiriam significados distintos não apenas com o desenrolar da produção, mas igualmente nos momentos em que eram usados na prática. Enquanto que os homens deveriam aproveitar seus implementos e suas armas para desenvolver atividades como a caça de animais em locais externos, as mulheres poderiam utilizar seus pequenos instrumentos para o auxílio de suas tarefas domésticas, como no caso do preparo dos alimentos vegetais. Ao utilizarem os objetos que elaboraram para distintas atividades, certamente estes indivíduos estabeleciam relações significativas com eles também de maneiras diferenciadas.

Os recipientes cerâmicos, por sua vez, provavelmente foram empregados pelas mulheres para a efetivação do preparo e da transformação da comida junto ao fogo. Além disso, em outros momentos poderiam ser de uso comum da comunidade, na medida em que eram usados para facilitar o consumo dos alimentos, representado pelas ações de servi-los e de ingerí-los. Sugeri ainda, um emprego das vasilhas para a efetivação de atividades como o armazenamento de alimentos. Lembrando o que afirma Sinopoli (1991) não é possível afirmar que todos os vasos foram usados para os propósitos pelos quais se acredita que foram originalmente pretendidos, na medida em que podem ser re-utilizados de acordo com a demanda da população.

Como afirmei, acredito que todo arqueólogo é capaz de sugerir a existência de significados que poderiam estar presentes no cotidiano das pessoas que viveram no passado. Infelizmente as significações simbólicas não são tão acessíveis em comparação com outras, como as instrumentais, por exemplo. Entretanto, mesmo que não haja como saber o que determinado objeto significava, penso que devemos sempre afirmar que significava alguma coisa.

As ações de criar e de consumir os objetos materiais mostraram-se extremamente interligadas, uma vez que na criação provavelmente muitos elementos ligados ao futuro eram projetados e, da mesma forma no consumo muitos aspectos presentes nas peças acabavam remetendo os indivíduos aos momentos que os confeccionaram. Os elementos que

me fizeram refletir sobre a ligação entre estes contextos, considere como pertencentes à comunicação, momento no qual o objeto comumente vai do seu criador ao seu usuário, que pode ou não ser a mesma pessoa.

Esta forma de compreender as histórias de vida que ocorreram aos objetos e que estão sempre ligadas às ações desencadeadas pelos indivíduos, não foi encarada neste trabalho como um esquema pronto, no qual os artefatos podiam ser facilmente encaixados. Como não poderia deixar de ser, criação e consumo tratam-se de categorias construídas pelos pesquisadores para classificar os objetos que se dedicam a estudar, construções modernas que são utilizadas para interpretação e aproximação ao passado de outros.

Ao pensar nos relacionamentos das pessoas com as coisas, percebi que estas ocorrem sempre em algum lugar. Assim, efetuei uma análise espacial intra-sítio no espaço do sítio Morro da Formiga de modo a caracterizar a sua ocupação pelos indivíduos.

Através da re-inserção das coisas no lugar, identifiquei uma clara forma de organização diferencial do espaço, baseada na localização das atividades levadas à cabo. Sendo assim, defendo que o local em questão foi experimentado pelas pessoas que o habitaram, especialmente através das coisas – os elementos que inseriram no espaço.

O primeiro contexto de evidências consideradas foram as marcas que apontavam para a presença de postes de possíveis cabanas, os quais serviriam para a sustentação de telhados e de paredes. Através da visualização espacial destes vestígios, identifiquei duas áreas semicirculares com aberturas para leste, que poderiam configurar, desta forma, duas cabanas de diâmetro considerável. Destaquei que construções como estas são sempre manipulações utilizadas pelos indivíduos de uma forma consciente para estabelecer limites no espaço, onde estes originalmente não existem na natureza.

Os outros elementos analisados foram os indícios que conduziram à presença de fogueiras no interior do espaço ocupado. Nestas áreas de combustão e em locais próximos, os indivíduos efetuavam diversas atividades, demonstrando uma relação próxima que deveriam possuir com o fogo.

Com relação à distribuição espacial dos artefatos líticos e cerâmicos, foram possíveis de serem indicadas áreas de criação e de consumo destes objetos, inclusive nos mesmos locais. Os artefatos líticos unipolares e bipolares mostraram claramente terem sido elaborados em zonas distintas do espaço. Os locais de uso, reciclagem e descarte destes objetos, por sua vez, coincidem em grande parte com os lugares em que foram criados. Com base em alguns aspectos, associei a localização destes objetos à deposição em contextos primários, ligados a ambos os contextos de produção e de uso destes materiais.

Os utensílios cerâmicos somente puderam ser considerados em relação aos possíveis locais de consumo, uma vez que a falta de informações espaciais a respeito de vestígios diretos da produção destes potes, como as bolas de argila, não permitiu maiores inferências a este respeito. Acerca dos locais de utilização, inferi distintas regiões em que ocorreram o emprego das vasilhas – como os lugares de preparação e de transformação dos alimentos e do seu consumo (com os atos de servir e ingerir). Além disso, sugeri a presença de áreas para o abrigo de pertences cerâmicos, assim como para o armazenamento de alimentos e para o próprio descarte das vasilhas quebradas. De modo similar que ocorreu com os artefatos líticos, observei um possível contexto de deposição do refugo destes artefatos em zonas primárias de uso.

Com base em todas estas informações, aqui brevemente retomadas, elaborei uma proposta para a ocupação interna do espaço a partir da reunião dos elementos inseridos neste local – as estruturas construídas, as estruturas de fogueiras, e os artefatos líticos e cerâmicos. Como resultado, sugeri a presença de áreas gerais de atividades no interior do espaço habitado, nas quais teriam ocorrido distintas ações, provavelmente de forma concomitante. Assim, aponte para a localização no espaço intra-sítio de áreas de convívio, de descanso, de trabalho feminino e de trabalho masculino. Na zona caracterizada como de convívio, proponho a reunião das pessoas em diversas ocasiões com propósitos como de consumir os alimentos (através da utilização das vasilhas cerâmicas) em um local delimitado por uma estrutura construída e próximo ao fogo. Neste lugar, teriam se dado também as atividades de lascamento, de reciclagem e de descarte de objetos líticos, preferencialmente unipolares e, por esta razão, mais voltados à realização por parte dos homens. Na região de descanso, igualmente localizada em uma região interna, acredito que tenham ocorrido atividades em menor intensidade, de modo a manter este local limpo para o repouso dos indivíduos.

Na área que denominei de trabalho feminino, as mulheres realizavam suas tarefas cotidianas, tais como o preparo de alimentos junto ao fogo. Estas atividades poderiam ter sido facilitadas pela utilização de vasilhas cerâmicas e de instrumentos líticos (como os lascados bipolarmente). No último lugar, o de trabalho masculino, os homens podiam desempenhar suas ações de produção e de reparo de utensílios e de armas líticas, sobretudo pela técnica unipolar, em uma região mais afastada dos locais em que ocorriam as atividades mais intensas.

A partir da identificação de possíveis locais de refugo primários de objetos, tanto líticos quanto cerâmicos, interpretei o sítio Morro da Formiga como uma unidade doméstica de moradia mais permanente. Alguns indícios me levaram a pensar desta maneira – a

realização de atividades domésticas (transformação, consumo, estocagem de alimentos, e confecção de utensílios), a presença de estruturas erguidas no solo e de vestígios de fogueiras construídas e mantidas no espaço interno. Por fim, levantei a hipótese de neste local ter ocorrido um incêndio, com base na presença de carvão nos locais das manchas de esteios. Este local, habitado talvez durante um período longo de tempo, teria assim sido abandonado pelas pessoas que viveram nele, as quais teriam deixado assim as suas coisas para trás e procurado outro lugar para viver.

Para finalizar, acredito que as interpretações elaboradas, como as que apresentei ao longo deste texto, não são nem nunca poderão ser uma reconstrução ou uma redescoberta do significado original do passado, mas antes um relato produzido no e para o presente, conforme salienta Thomas (1996). Neste sentido, o discurso que elaborei como resultado do empenho em trazer à tona as pessoas que viveram no Morro da Formiga, não pretende ser um relato definitivo sobre alguns aspectos do seu passado. É apenas uma forma possível de contar a história destas pessoas, destas coisas e deste lugar, pois foi realizado a partir da visão de um pesquisador, situado em seu momento presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSIS, V.** 2000. Algumas possibilidades de análise espacial em testemunhos arqueológicos de grupos agricultores-ceramistas. **Anais do IX Congresso da SAB.** Edição em Hiper-texto. Rio de Janeiro.
- BARRETO, C.** 1999-2000. A construção de um passado pré-colonial: Uma breve história da arqueologia no Brasil. **Revista da USP.** N. 44. São Paulo, dezembro/fevereiro. pp: 32-51
- BEBER, M. V.** 2004. **O Sistema de Assentamento dos Grupos Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro: O Caso da Tradição Taquara/Itararé.** Tese de Doutorado. São Leopoldo. PPGH/Unisinos.
- BERGGREN, A. & HODDER, I.** 2003. Social Practice, Method, and some Problems of Field Archaeology. **American Antiquity**, 68, pp. 421-434
- BERMAN, M. J. et al.** 1999. Form and Function of Bipolar Lithic Artifacts from the Three Dog Site, San Salvador, Bahamas. **Latin American Antiquity**, 10 (4), pp. 415-432
- BOADO, Felipe Criado.** 1999. **Del Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivas para la Arqueología del Paisaje.** CAPA 6: Criterios y Convenciones en Arqueología del Paisaje. Santiago de Compostela: Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje.
- CABRAL, M. P.** 2005. **Sobre Coisas, Lugares e Pessoas: Uma prática Interpretativa na Arqueologia de Caçadores Coletores do Sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/IFCH/PPGH.
- CHMYZ, I.** 1966. Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica. **Manuais de Arqueologia** N° 1. Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas. Curitiba:UFPR.

- COPÉ, S. M.** 1999. Arqueologia pré-histórica do planalto: os grupos ceramistas da tradição taquara. **Revista do CEPA**. V.23. N. 29. Santa Cruz do Sul, jan./jun. pp: 180-188
- \_\_\_\_\_. 2006. **Les Grands Constructeurs Précoloniaux du Plateau du Sud du Brésil: Étude de Paysages Archaéologiques à Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brésil.** Tese de Doutorado. Université de Paris I – Panthéon, Sorbonne, Paris.
- COPÉ, S. M. & SALDANHA, J. D.** 2002. Em Busca de um Sistema de Assentamento para o Planalto Sul Riograndense: Escavações no sítio RS-AN –03, Bom Jesus, RS. In: **Pesquisas Antropologia**, IAP/Unisinos. pp. 107-120.
- COPÉ, S. M.; et al.** 2002. Contribuições para a Pré-História do Planalto: Estudo da variabilidade de sítios arqueológicos de Pinhal da Serra, RS. In: **Pesquisas Antropologia**, IAP/Unisinos. pp. 121-138.
- DIAS, A. S.** 1994. **Repensando a Tradição Umbu a partir de um Estudo de Caso.** Dissertação de Mestrado. PUCRS/IFCH/PPGH.
- \_\_\_\_\_. 1995. Um Projeto para a Arqueologia Brasileira: Breve Histórico da Implementação do Pronapa. **Revista do CEPA**, V. 19, N. 22. Santa Cruz do Sul. pp. 25-39.
- \_\_\_\_\_. 2003. **Sistemas de Assentamento e Estilo Tecnológico: Uma Proposta Interpretativa para a Ocupação Pré-Colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul.** Tese de Doutorado. São Paulo: FFLCH/USP.
- DIAS, J. L. Z.** 2005. **A Tradição Taquara e sua ligação com o índio Kaingang.** Dissertação de Mestrado. São Leopoldo. PPGH Unisinos.
- DIAS, A.S., HOELTZ, S.** 1997. Proposta metodológica para o Estudo das Indústrias Líticas no Sul do Brasil. **Revista do CEPA**, Vol., 21, 25. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, pp. 21-62

- EVANS, C.** 1967. Introdução. Resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966. **Publicações avulsas**, 6. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. pp: 7-13
- FOGAÇA, E.** 2001. **Mãos para o Pensamento: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000;10.500 B.P.)** Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS/IFCH/PPGH.
- GERO, J. M.** 1989. Assessing social information in material objects: How well do lithics measure up? In: TORRENCE, Robin (ed.) **Time, Energy and Stone Tools**. Cambridge: Cambridge University Press.
- GLASSIE, H.** 1999. **Material Culture**. Indianapolis: Indiana University Press.
- HODDER, I. & ORTON, C.** 1990 [1976]. **Analisis espacial en arqueología**. Barcelona: Editora Crítica.
- HODDER, I.** 1983 [1982]. **The Present Past**. Nova Iorque: Pica Press.
- \_\_\_\_\_. 1989. Post-Modernism, Post-Structuralism and Post-Processual Archaeology. In: HODDER, Ian (ed). 1989. **The Meanings of Things – Material Culture and Symbolic Expression**. Cambridge: Harper Collins Academic. pp. 64-78
- \_\_\_\_\_. 1994 [1986]. **Interpretación en Arqueología – Corrientes Actuales**. Tradução Castelhana de M. José Aubet e J.A. Barceló. Barcelona: Crítica
- \_\_\_\_\_. 1992. **Theory and Practice in Archaeology**. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 1997. 'Always momentary, fluid and flexible': Towards a reflexive excavation methodology. **Antiquity**. 71, pp. 691-700
- HOELTZ, S. E.** 2005. **Tecnologia Lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias líticas do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: PUCRS/IFCH/PPGH.

- IBGE.** 1986. **Levantamento de recursos naturais: geologia, geomorfologia, pedologia, vegetação e uso potencial da terra (V. 33, folha SH 22, Porto Alegre e parte das folhas SH 21, Uruguaiana, e SI 22, Lagoa Mirim).** Rio de Janeiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 791pp.
- INGOLD, T.** 1993. Tool-use, sociality and intelligence. In: GIBSON, Kathleen R. & INGOLD, Tim (eds.) **Tools, Language and Cognition in Human Evolution.** Cambridge: Cambridge University Press, pp. 429-446
- KENT, S.** 1990. Activity areas and architecture: an interdisciplinary view of the relationship between use of space and domestic built environments. In: KENT, S (ed.) **Domestic architecture and the use of space – an interdisciplinary cross-cultural study.** Cambridge: Cambridge University Press.
- KERN, A. A.** 1994. **Antecedentes Indígenas.** Porto Alegre, Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- KERN, A. A. et al.** 1989. Arqueologia de Salvamento e a Ocupação Pré-Histórica do Vale do Rio Pelotas (Municípios de Bom Jesus e Vacaria, RS). **Veritas.** Porto Alegre, V. 35, março 1989, pp.99-127.
- KOYMANN, B.** 2000. **Understanding Stone Tools and Archaeological Sites.** Arbuquerque: University of New México Press.
- MANSUR, M. E.** 1986/1990. Instrumentos líticos: Aspectos da análise funcional. **Arquivos do Museu de História Natural,** V. 11 Belo Horizonte: UFMG, pp. 115-169
- MAQUET, J.** 1993. Objects as Instruments, Objects as Signs. In: LUBAR, Steven & KINGERY, David (eds.) **History from Things. Essays on Material Culture.** Washington: Smithsonian Institution Press, pp. 30-40
- MEGGERS, B. & EVANS, C.** 1965. **Guia para a Prospeção Arqueológica no Brasil.** Série “Guias” N.2. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

- MEGGERS, B. & EVANS, C.** 1970. **Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica – Manual para Arqueólogos.** Tradução portuguesa de Alroino B. Eble. Washington DC: Smithsonian Institution.
- MILLER, E. T.** 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. **Publicações Avulsas**, 6. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. pp. 15-38
- \_\_\_\_\_. 1971. Pesquisas Arqueológicas efetuadas no Planalto Meridional, Rio Grande do Sul (Rios Uruguai, Pelotas e das Antas) **Publicações Avulsas**, 15. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp. 37-70.
- NOELLI, F.** 1999/2000. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debate e perspectivas – 1872-2000. **Revista da USP**, 44 (2), pp. 218-269.
- OLSEN, B.** 1990. Roland Barthes: From Sign to Text. In: **Reading Material Culture: Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism.** . Oxford: Basil Blackwell. pp. 163-205
- O'BRIEN, et al.** 2005. The “Old” Archaeology. In: **Processual as a Process: Processualism and its Progeny.** Utah: University of Utah Press. pp.8-35
- PERRY, L.** 2005. Reassessing the Traditional Interpretation of “Manioc” Artifacts in the Orinoco Valley of Venezuela. **Latin American Antiquity**, V. 16 i4, pp. 409-418
- PROUS, A. P.** 1992. **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. 2000. Arqueologia, Pré-História e História. In: **Pré-História da Terra Brasilis.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. pp.19-32
- \_\_\_\_\_. 2004. **Apuntes para Análisis de Industrias Líticas.** Ortigueira: Fundação Federico Maciñeira.
- REIS, J. A.** 1997. **Para uma Arqueologia dos Buracos de Bugre: do Sintetizar, do Problematizar, do Propor.** Dissertação de Mestrado. PUCRS/IFCH/PPGH.

- RIBEIRO, P. A. M.** 1980. Casas Subterrâneas no Planalto Meridional – Município de Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista do CEPA**, N.9. Santa Cruz do Sul. pp. 2-52.
- RIBEIRO, P. A. M. & SILVEIRA, Í.** 1979. Sítios Arqueológicos da Tradição Taquara, Fase Erveiras, no Vale do Rio Pardo, RS, Brasil. **Revista do CEPA**, N.8. Santa Cruz do Sul. pp.3-57.
- ROGGE, J. H.** 2004. **Fenômenos de Fronteira: Um Estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado.** São Leopoldo, PPGH/Unisinos.
- ROGGE, J. H. et al.** 2001. Assentamentos pré-coloniais no litoral central do Rio Grande do Sul: Projeto Quintão. **Anais do IX Congresso da SAB.** Rio de Janeiro.
- ROGGE, J. H. et al.** 2003. Projeto Vacaria: Processos Depositionais e Pós-Depositionais em duas estruturas subterrâneas da tradição taquara. **Anais do XII Congresso da SAB.** São Paulo.
- RYE, O. S.** 1981. **Pottery Technology: Principles and Reconstruction.** Washington: Taraxucum Washington.
- SAHLINS, M.** 2003 [1976]. **Cultura e Razão Prática.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- SALDANHA, J. D.** 2005. **Paisagem, Lugares e Cultura Material: Uma Arqueologia Espacial das Terras Altas do Sul do Brasil.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre. PUCRS/IFCH/PPGH.
- \_\_\_\_\_. 2005b. **O Sítio RS-S-61: Morro da Formiga, Taquara, RS.** Relatório de Pesquisa. Datiloscrito. Porto Alegre. 21p.
- SCHIFFER, M.** 1995 [1972]. Archaeological context and systemic context. In: **SCHIFFER, M. Behavioral Archaeology: firts principles.** Salt Lake City, University of Utah Press. pp. 201-218.

- SCHMITZ, P. I.** 1988. As Tradições Ceramistas do Planalto Sul-Brasileiro. **Documentos**, 02. São Leopoldo, IAP. pp. 75-130.
- SCHMITZ, P. I.** (coord) 1988. Pesquisas sobre a Tradição Taquara no Nordeste do Rio Grande do Sul. **Documentos**, 02. São Leopoldo, IAP. pp. 05-74.
- SCHMITZ, P. I. & BECKER, Í.** 1991. Os Primitivos Engenheiros do Planalto e suas Estruturas Subterrâneas: a Tradição Taquara. In: **Pré-História do Rio Grande do Sul**. IAP, São Leopoldo. pp.251-289.
- SCHMITZ, P. I. et al.** 2002. O Projeto Vacaria: Casas Subterrâneas no Planalto Rio-Grandense. In: **Pesquisas Antropologia**, IAP/ Unisinos. pp. 11-105.
- SHANKS, M. & HODDER, I.** 1995. Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. In: HODDER et al (eds.) **Interpreting Archaeology: Finding Meaning in the Past**. Nova Iorque: Routledge. pp. 3-33
- SHANKS, M. & TILLEY, C.** 1992 [1987]. **Re-Constructing Archaeology – Theory and Practice**. Londres, Nova Iorque: Routledge.
- SILVA, F. A.** 1999. As cerâmicas dos Jê do Sul do Brasil e os seus estilos tecnológicos: Elementos para uma etnoarqueologia Kaingang e Xokleng. **Revista do CEPA**, V. 23, N° 30. Santa Cruz do Sul. pp- 57-73.
- \_\_\_\_\_. 2000. **As Tecnologias e seus Significados: Um estudo da cerâmica dos Asuriní do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP/FFLCH/PPGAS.
- SILVA, F. A. & NOELLI, F. S.** 1996. Para uma síntese dos Jê do Sul: Igualdades, diferenças e dúvidas para a etnografia, etno-história e arqueologia. **Estudos Ibero-Americanos**. V. XXII, N° 1. Porto Alegre: PUCRS. pp- 5-12.

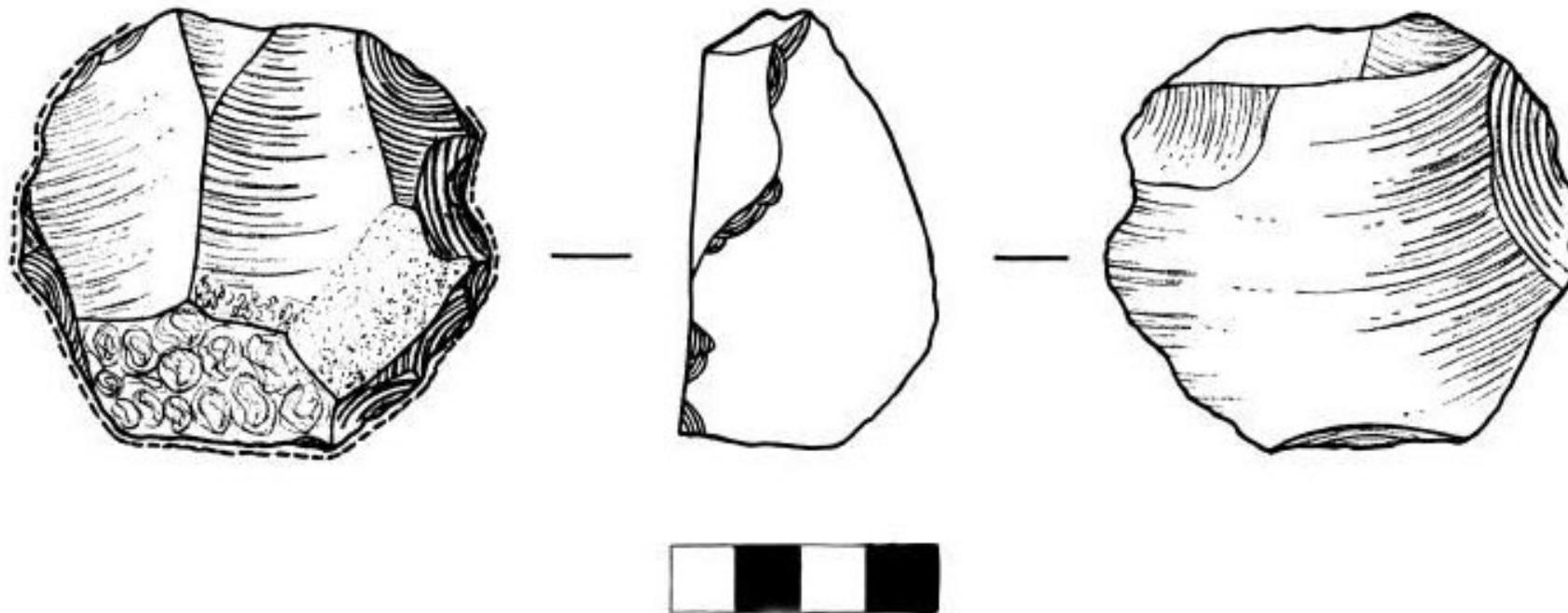
- SILVA, S. B.** 2001. **Etnoarqueologia dos grafismos Kaigang: Um modelo para a compreensão das sociedades Proto-Jê Meridionais.** Tese de Doutorado. São Paulo: USP/FFLCH/PPGAS.
- SINOPOLI, C. M.** 1991. **Approaches to Archaeological Ceramics.** Nova Iorque: Plenum Press.
- THOMAS, J.** 1995. Reconciling Symbolic Significance. In: HODDER et al (eds.) **Interpreting Archaeology: Finding Meaning in the Past.** Nova Iorque: Routledge. pp. 210-211
- \_\_\_\_\_. 1996. **Time, Culture and Identity – An Interpretative Archaeology.** Londres, Nova Iorque: Routledge.
- \_\_\_\_\_. 2004. **Archaeology and Modernity.** Londres, Nova Iorque: Routledge.
- TILLEY, C.** 1989. Interpreting Material Culture. In: HODDER, Ian (ed). **The Meanings of Things – Material Culture and Symbolic Expression.** Cambridge: Harper Collins Academic. pp. 185-194.
- \_\_\_\_\_. 1990. Michel Foucault: Towards an Archaeology of Archaeology. In: TILLEY, Christopher (ed). **Reading Material Culture: Structuralism, Hermeneutics and Post-Structuralism.** Oxford: Basil Blackwell. pp. 281-347
- \_\_\_\_\_. 1994. **A Phenomenology of Landscape: Places, Paths and Monuments.** Oxford: Berg Publishers, 1994.
- \_\_\_\_\_. 1998. Archaeology as Socio-Political Action in the Present. In: WHITLEY, David (ed). **Reader in Archaeological Theory: Post-Processual and Cognitive Approaches.** Londres e Nova Iorque: Routledge. pp. 305-330
- \_\_\_\_\_. s./d. **Meta Archaeology Project – On Modernity and Archaeological Discourse.** <http://www.archaeology.kiev.ua/meta/tilley.html>

- TOMASKOVA, S.** 2003. Nationalism, Local Histories and the making of data in Archaeology. **Journal of the Royal Anthropological Institute**. V. 9, N. 3. pp-485-507.
- VIDAL, L. & SILVA, A.** 1995. O sistema de objetos nas sociedades indígenas: Arte e Cultura Material. In: SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donizete Benzi (orgs.). **A Temática Indígena na Escola – Novos Subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, pp. 369-402
- WAGNER, G. P.** 2004. **Ceramistas pré-coloniais do litoral norte**. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUCRS/IFCH/PPGH.
- WHITE, M. & ASHTON, N.** 2003. Lower Paleolithic Core Technology and the Origins of the Levallois Method in North-Western Europe. **Current Anthropology**, V. 44, N°4, pp. 598-609
- WÜST, I. & CARVALHO, H. B.** 1996. Novas perspectivas para o estudo dos ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste Brasileiro: a análise espacial do sítio Guará 1 (GO-NI-100), Goiás. **Revista do MAE-USP**, N° 6. São Paulo: USP.
- WÜST, I.** 1990. **Continuidade e Mudança: Para uma interpretação dos grupos ceramistas pré-coloniais da Bacia do Rio Vermelho, Mato Grosso**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP.
- \_\_\_\_\_. 1996. **Sistemas de procura, produção, uso, reciclagem e descarte e técnicas de análise**. Datiloscrito. Porto Alegre.
- \_\_\_\_\_. 2000. Implicações teóricas e práticas da análise espacial intra-sítio no estudo das sociedades ceramistas pré-coloniais do Centro-Oeste Brasileiro. **Anais do IX Congresso da SAB**. Edição em Hiper-texto. Rio de Janeiro.

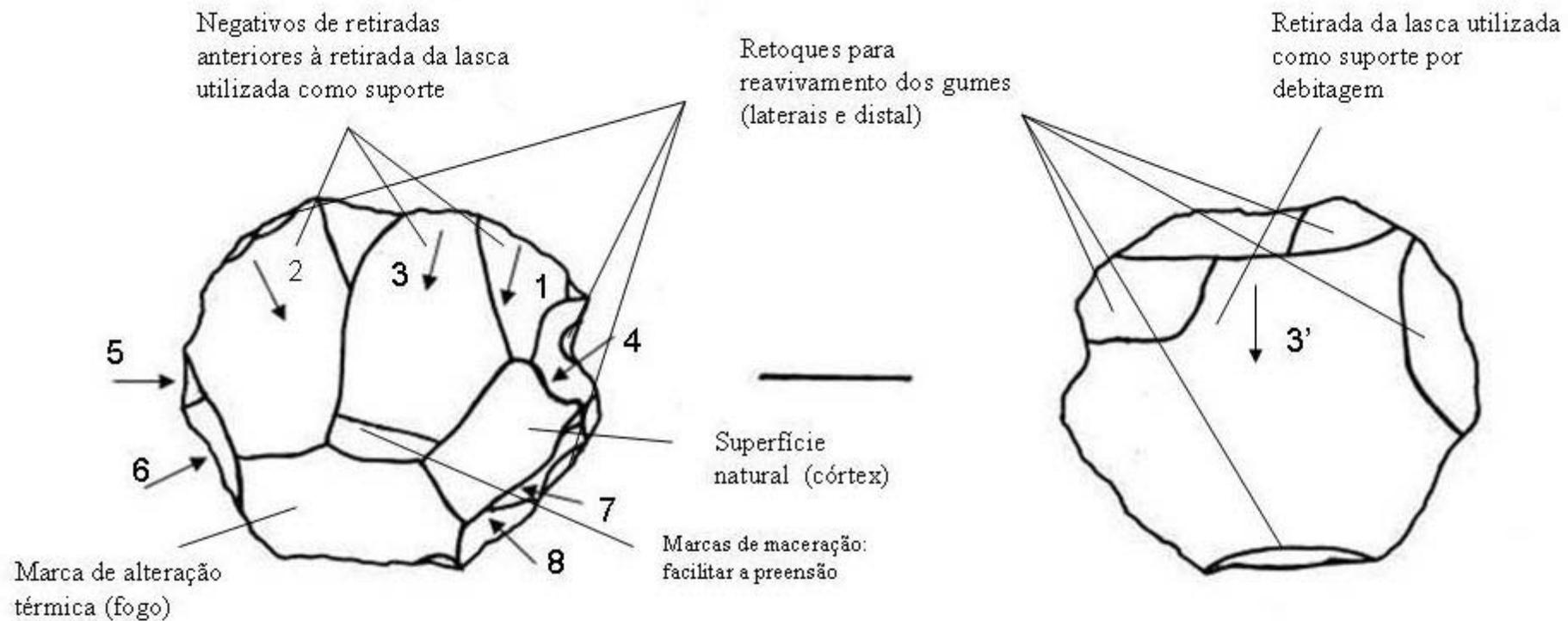
**WYNN, T.** 1993. Layers of thinking in tool behavior. In: GIBSON, Kathleen R. & INGOLD, Tim (eds.) **Tools, Language and Cognition in Human Evolution.** Cambridge: Cambridge University Press, pp. 389-406

## **ANEXOS**

### **Desenhos e fotos de artefatos líticos e cerâmicos**



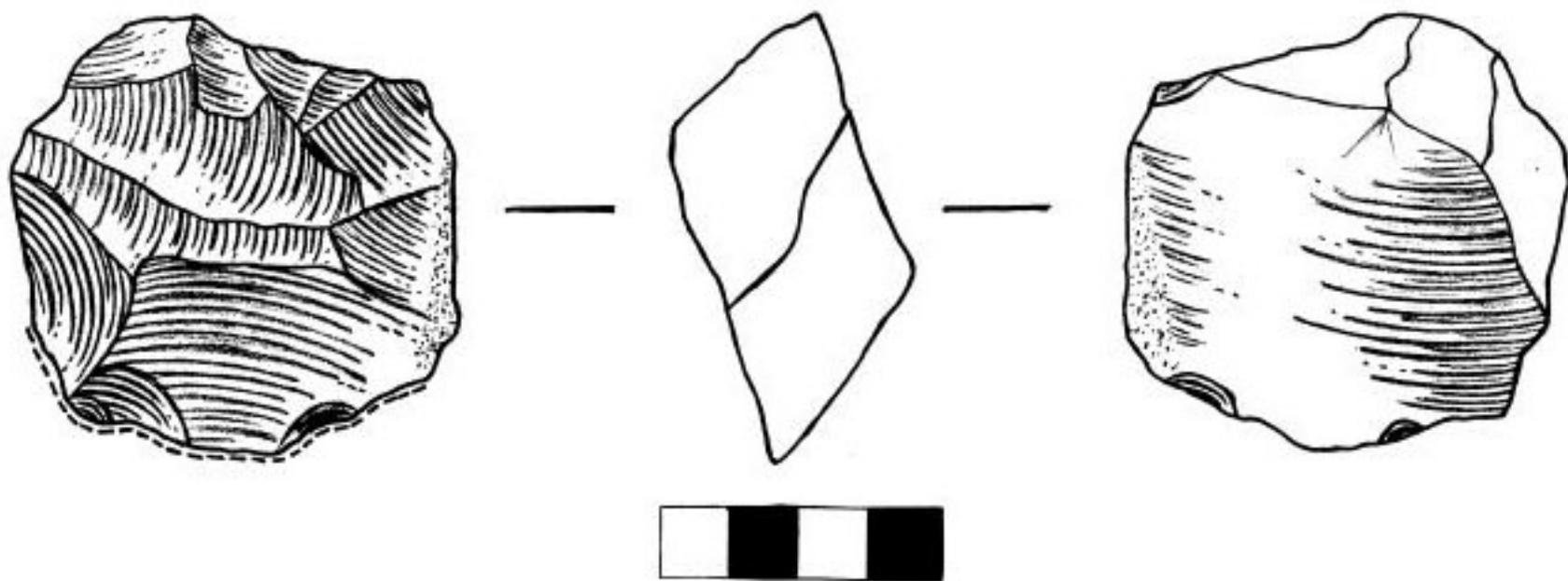
**Instrumento Unifacial em basalto**  
(desenho: Carolina Rosa)



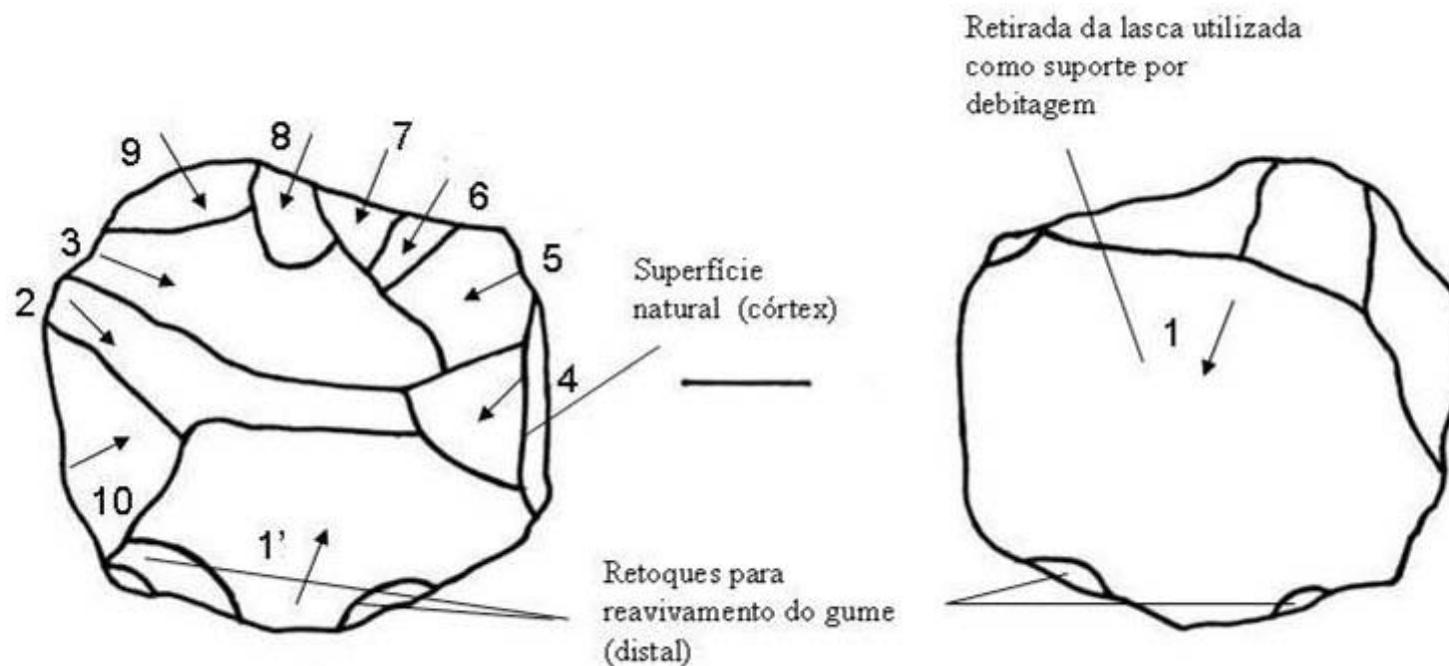
#### SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS COM A PEÇA: CRIAÇÃO E CONSUMO

- Retiradas 1, 2 e 3: Iniciais
- Retirada 3' : Lasca utilizada como suporte para confecção do artefato unifacial
- Retiradas 4,5,6,7 e 8: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Provável utilização do instrumento
  - Retoques para reavivamento dos gumes
    - Re-utilização do instrumento
    - Abandono da peça (fogo)

#### Sequência de eventos em Instrumento Unifacial



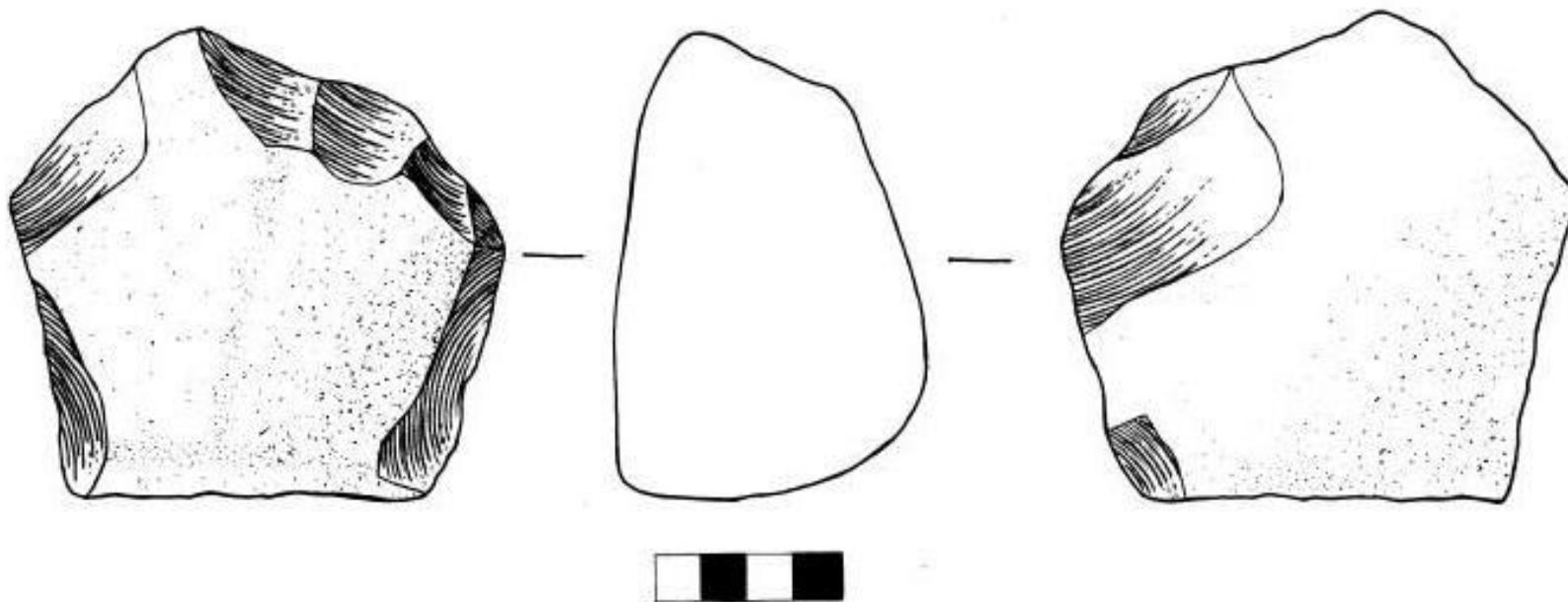
**Instrumento Unifacial em basalto**  
(desenho: Carolina Rosa)



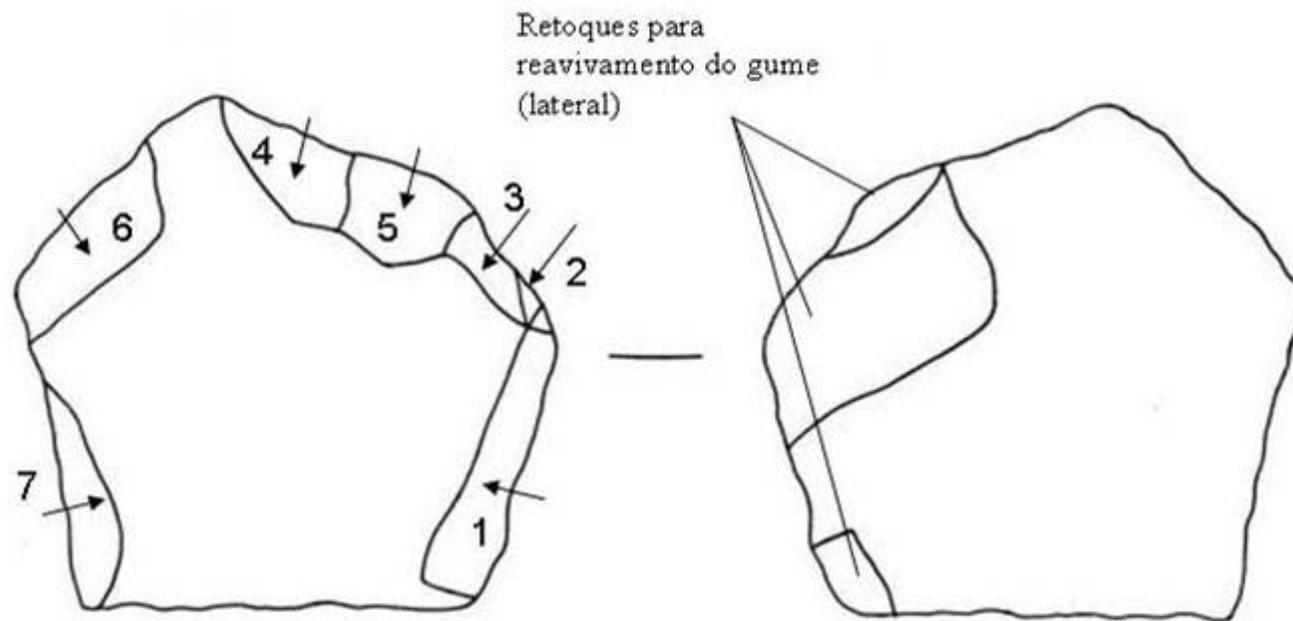
SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS : CRIAÇÃO E CONSUMO

- Retirada 1: Lasca utilizada como suporte para confecção do artefato unifacial
- Retiradas 1', 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10: Longa sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Provável utilização do instrumento
  - Retoques para reavivamento do gume
    - Re-utilização do instrumento

Seqüência de eventos em Instrumento Unifacial



**Instrumento Unifacial em Basalto**  
(desenho: Carolina Rosa)

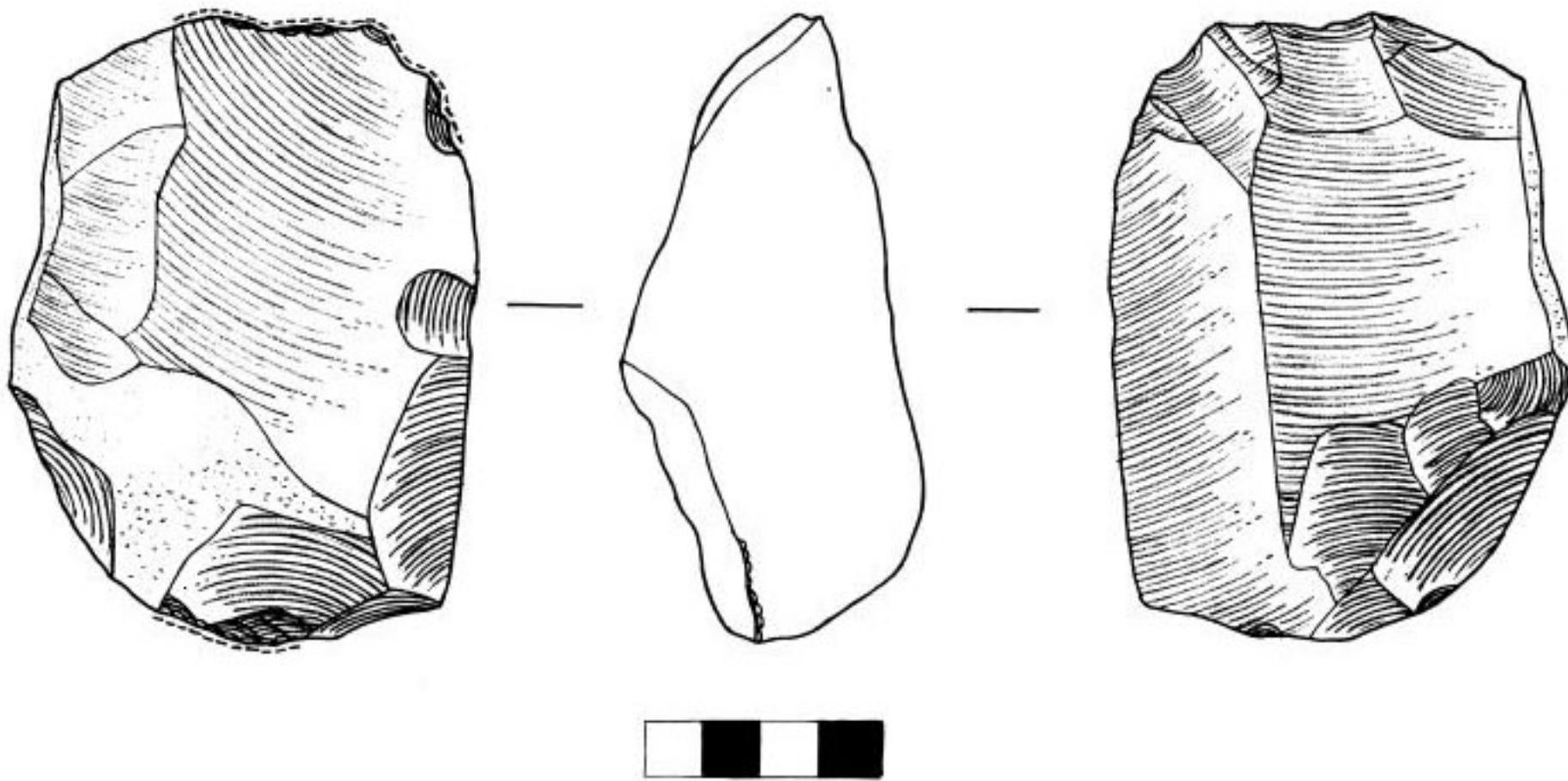


**SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS: CRIAÇÃO E CONSUMO**

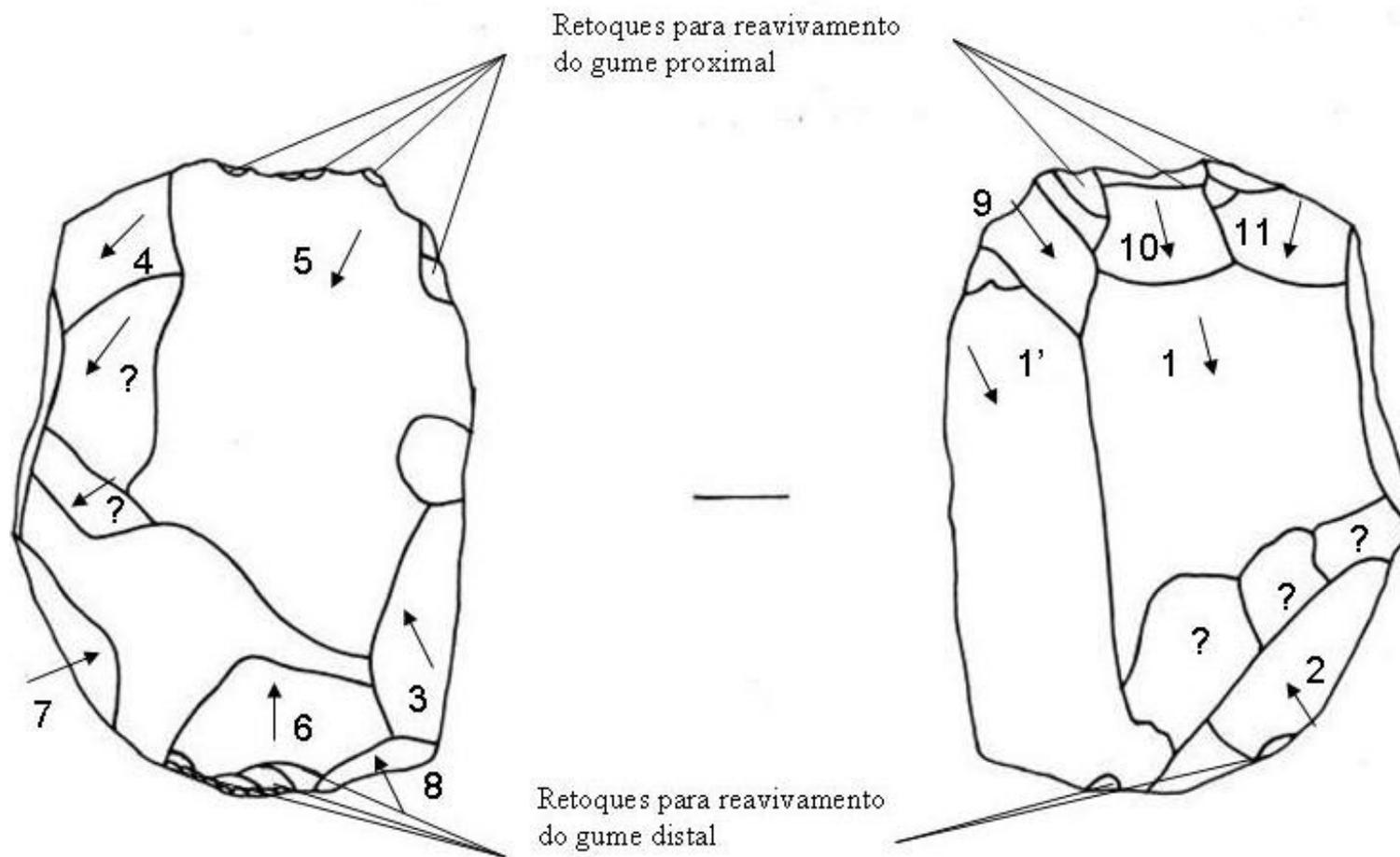
- Retiradas 1,2,3,4,5,6 e 7: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Utilização do Instrumento (?)
  - Retoques para reavivamento do gume
  - Re-utilização do instrumento (?)

OBS: Condições de preservação da peça não permitem identificar presença de marcas de uso

### Sequência de eventos em Instrumento Unifacial



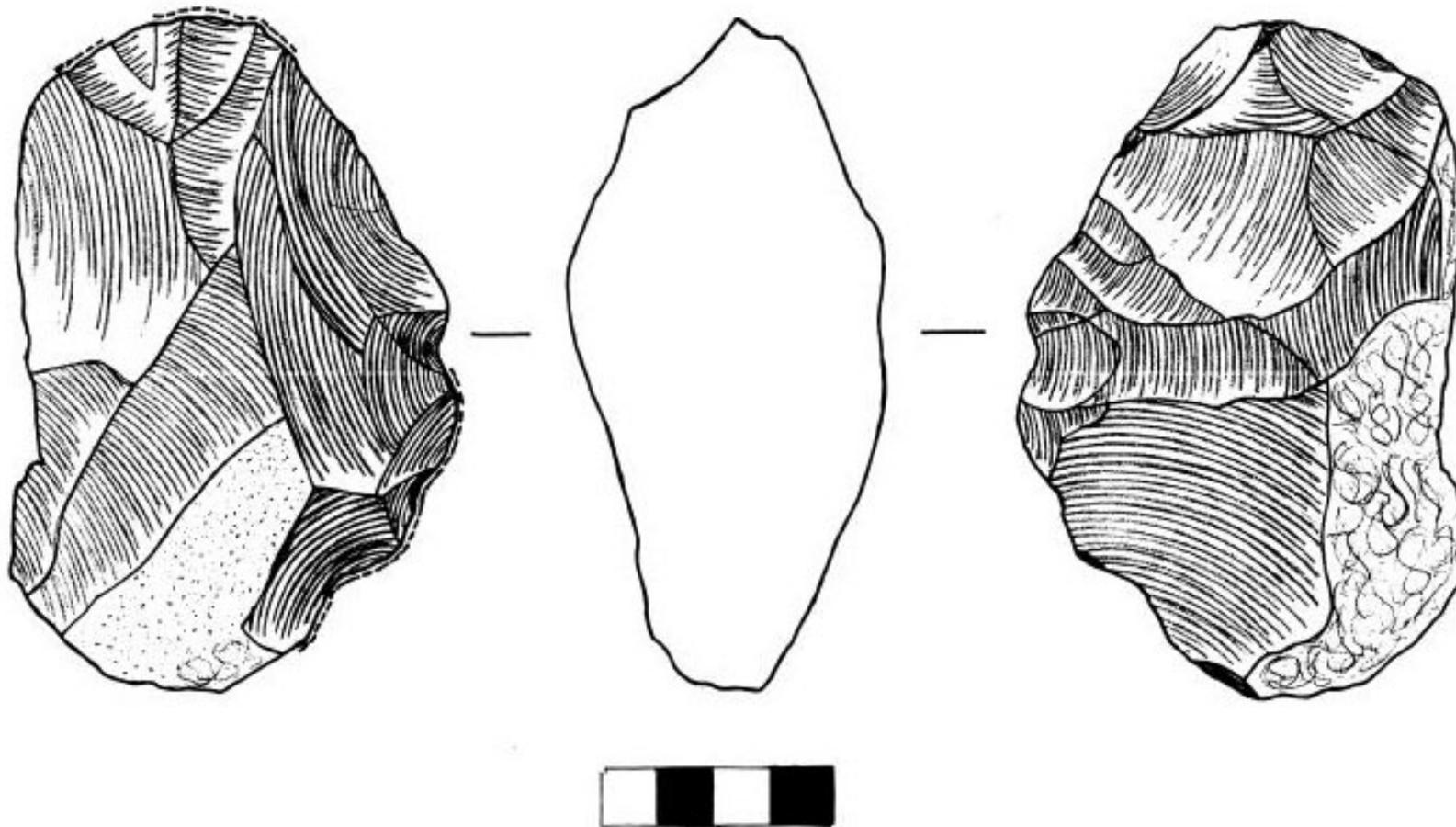
**Instrumento Bifacial em basalto**  
(desenho: Carolina Rosa)



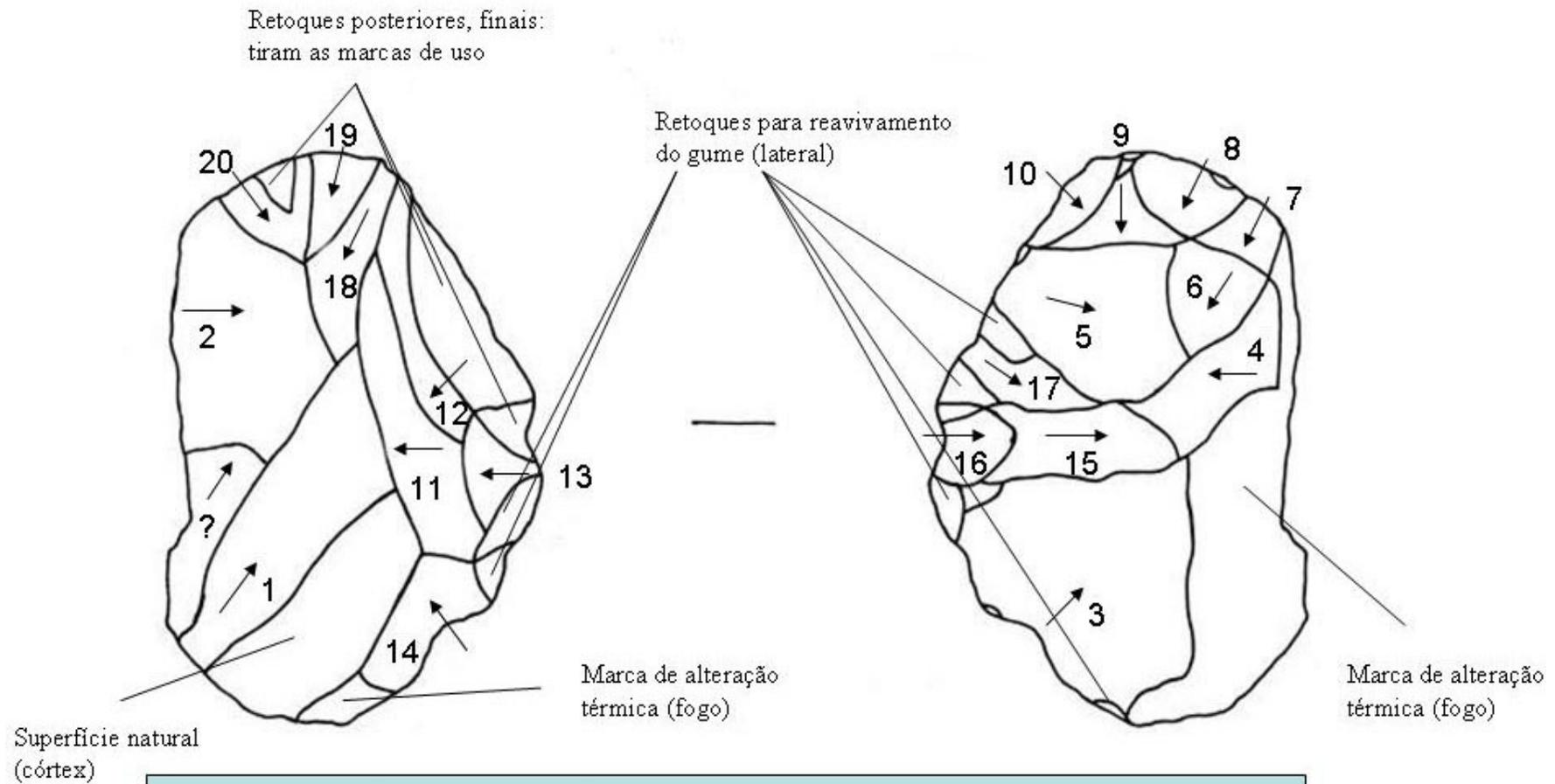
SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS: CRIAÇÃO E CONSUMO

- Retiradas 1 e 1': Lascas que podem ter sido retiradas no próprio afloramento
- Retiradas 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Provável uso do instrumento
  - Retoques para reavivamento dos gumes
  - Re-utilização do instrumento

**Seqüência de eventos em Instrumento Bifacial**



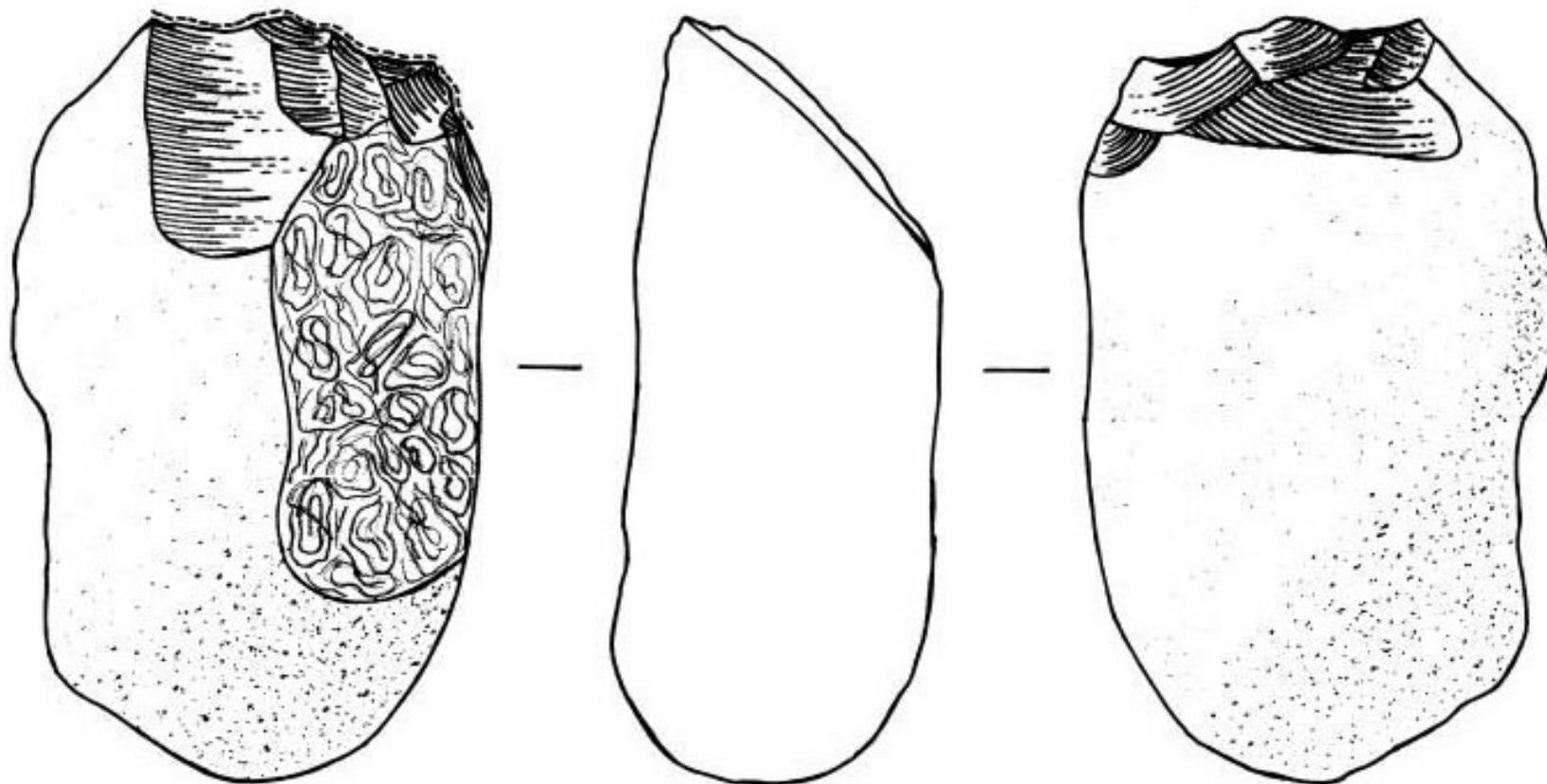
**Instrumento Bifacial em basalto**  
(desenho: Carolina Rosa)



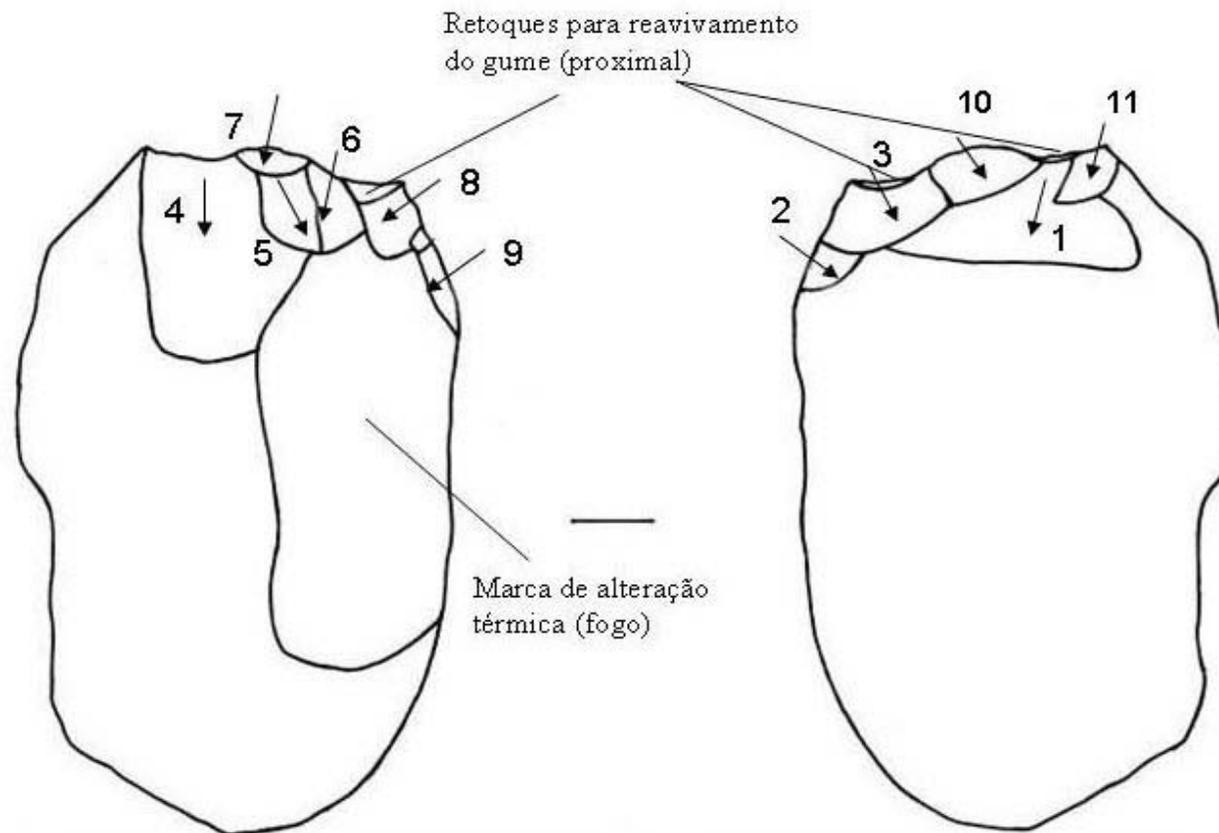
SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS: CRIAÇÃO E CONSUMO

- Retiradas 1 a 20: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Provável uso do instrumento
  - Retoques para reavivamento do gume
    - Re-utilização do instrumento
- Retoques finais que tiram as marcas de uso de parte do gume
  - Abandono do instrumento (fogo)

**Sequência de eventos em Instrumento Bifacial**



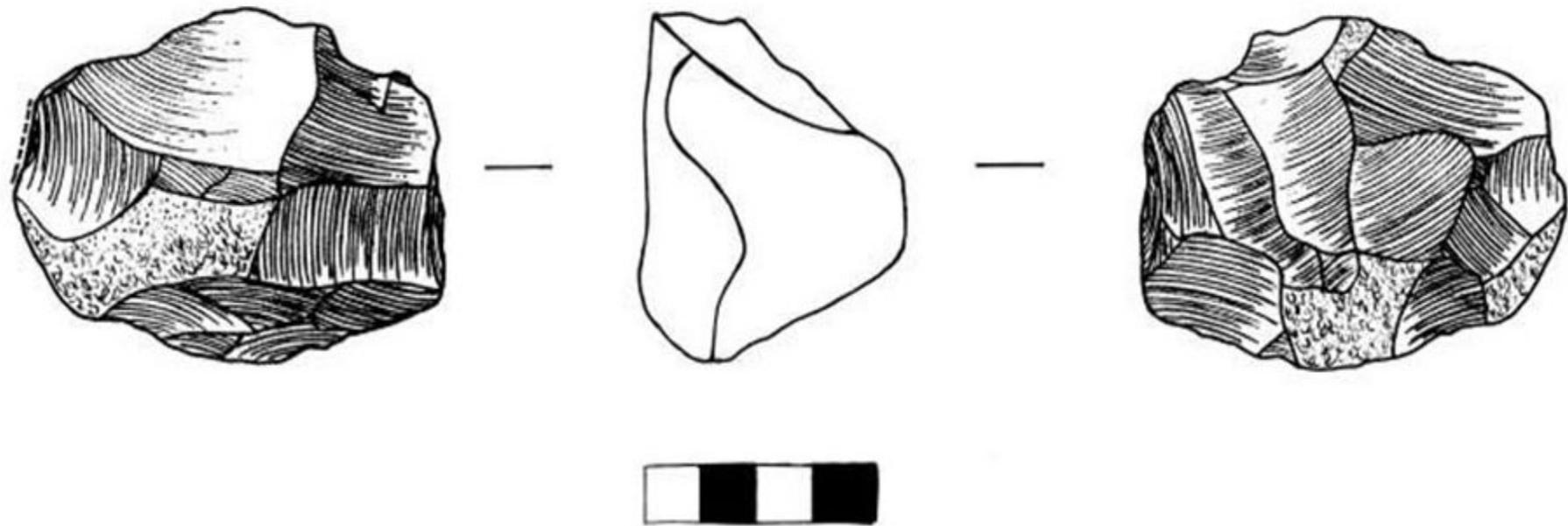
**Instrumento Bifacial em basalto**  
(desenho: Carolina Rosa)



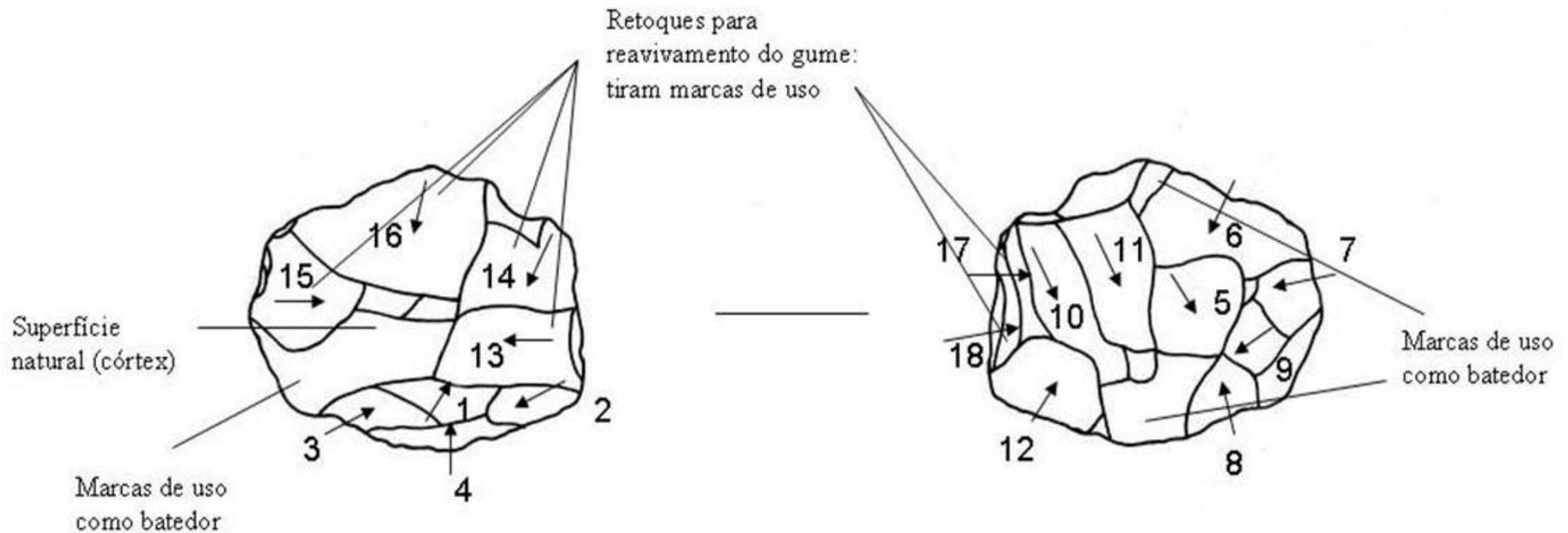
**SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS: CRIAÇÃO E CONSUMO**

- Retirada de lasca por alteração térmica (fogo)
- Retiradas 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7 e 8: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Provável uso do instrumento
- Retoques para reavivamento do gume
  - Re-utilização do instrumento

**Seqüência de eventos em Instrumento Bifacial**



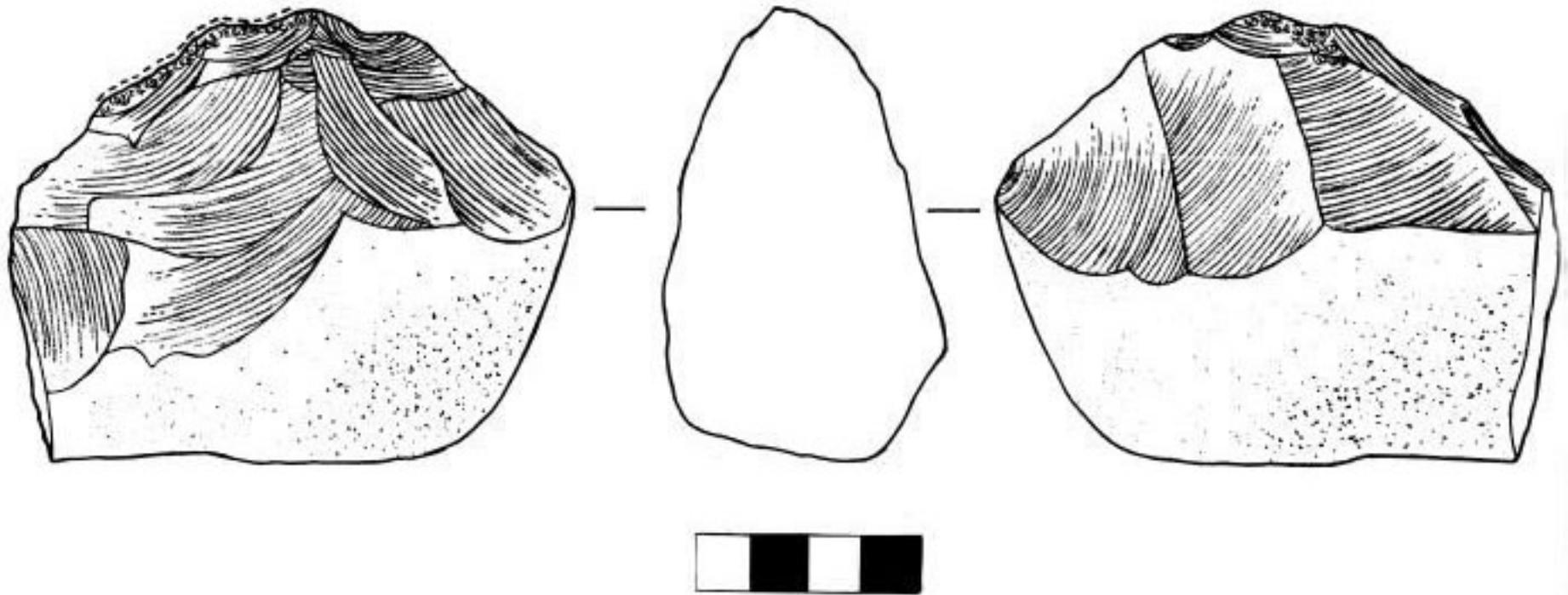
**Instrumento Bifacial**  
(desenho: Carolina Rosa)



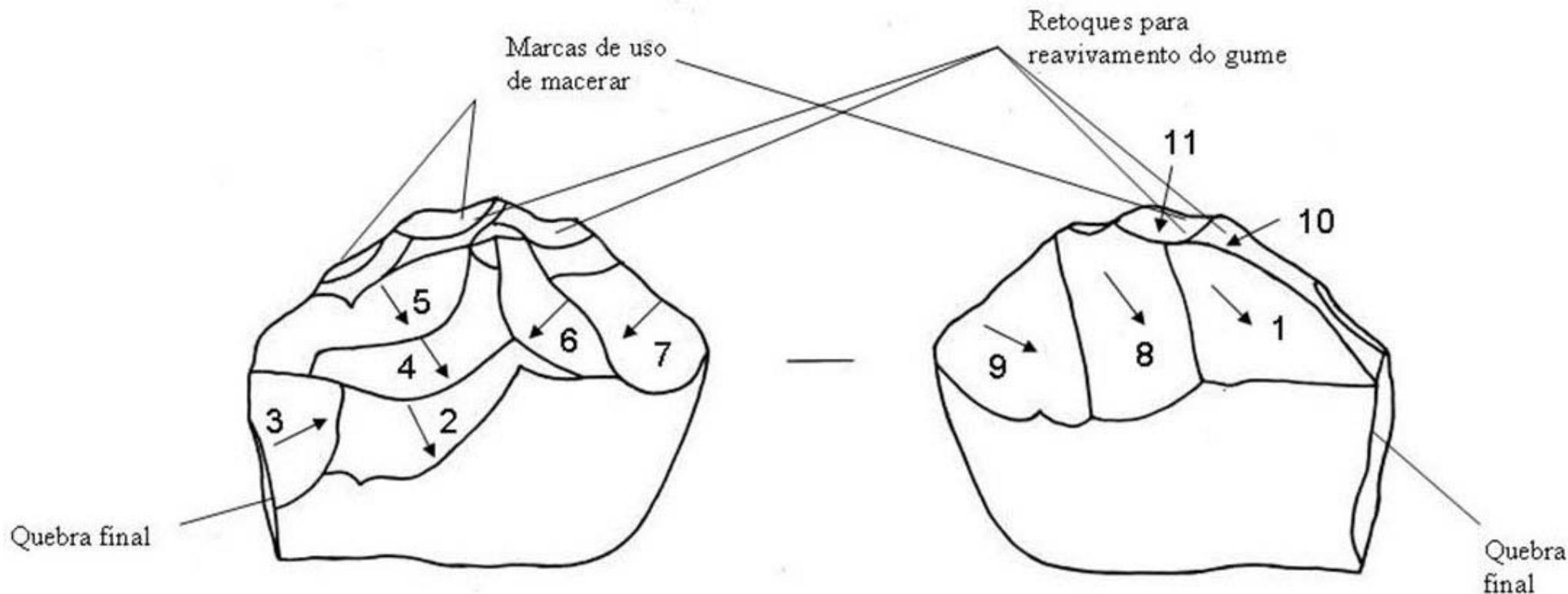
#### SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS: CRIAÇÃO E CONSUMO

- Retiradas 1 a 9: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Uso do instrumento como batedor
- Retiradas 10, 11 e 12: Sequência de Façonagem para continuar a modelagem
  - Provável uso do instrumento para outra atividade
- Retoques de reavivamento do gume, tirando as marcas de uso do gume
  - Não-utilização posterior do instrumento, abandono

#### Seqüência de eventos em Instrumento Bifaci



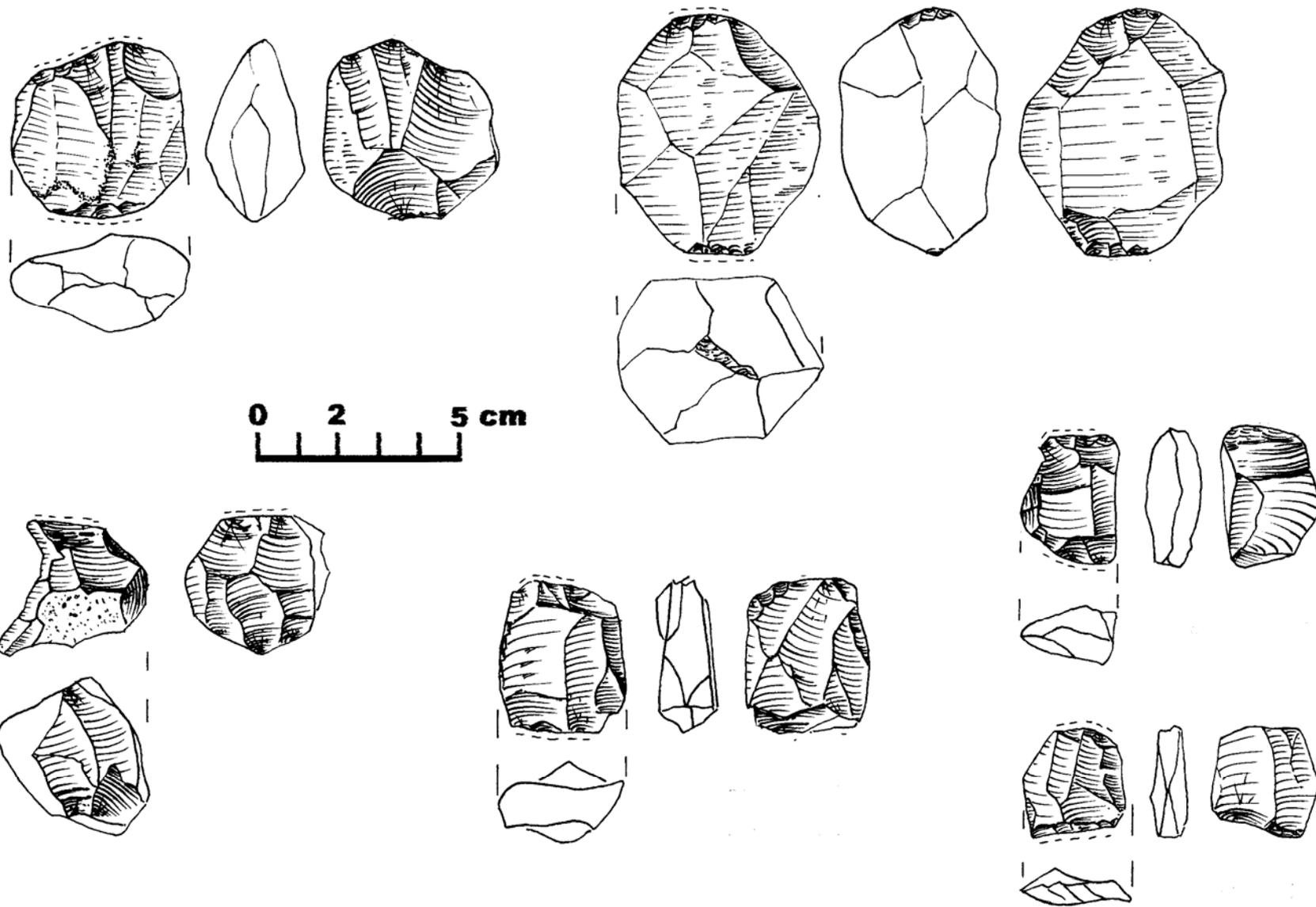
**Instrumento Bifacial**  
(desenho: Carolina Rosa)



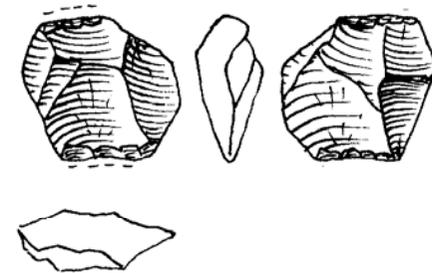
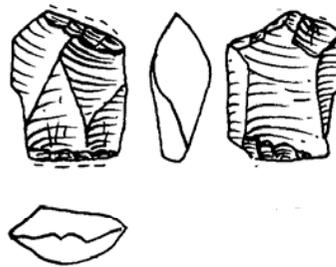
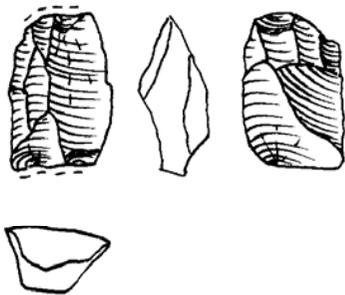
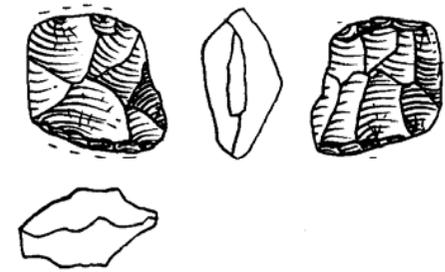
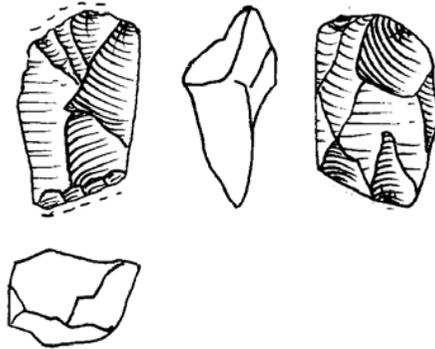
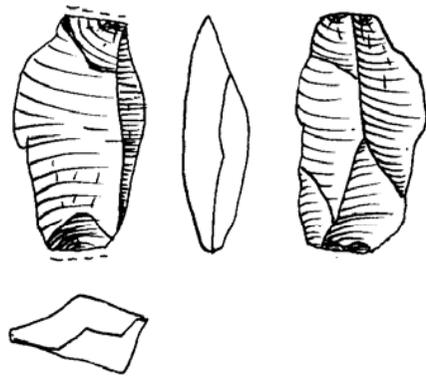
**SEQUÊNCIA DE EVENTOS OCORRIDOS: CRIAÇÃO E CONSUMO**

- Retiradas 1 a 9: Sequência de Façonagem para modelagem do artefato
  - Uso do instrumento como macerador
- Retoques 10, 11 e outros para reavivamento do gume
  - Re-utilização do instrumento como macerador
  - Quebra final, abandono

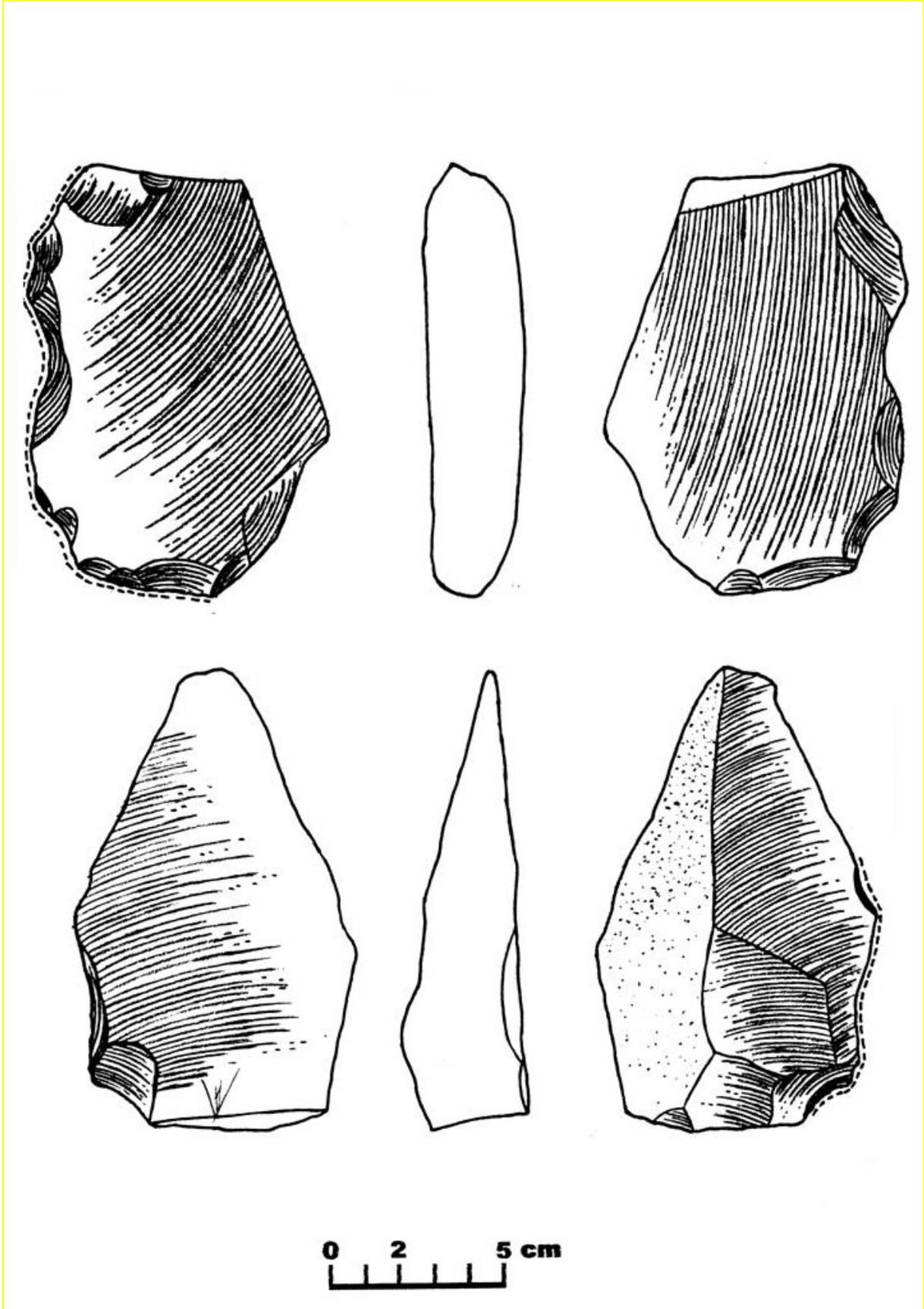
**Seqüência de eventos em Instrumento Bifacial**



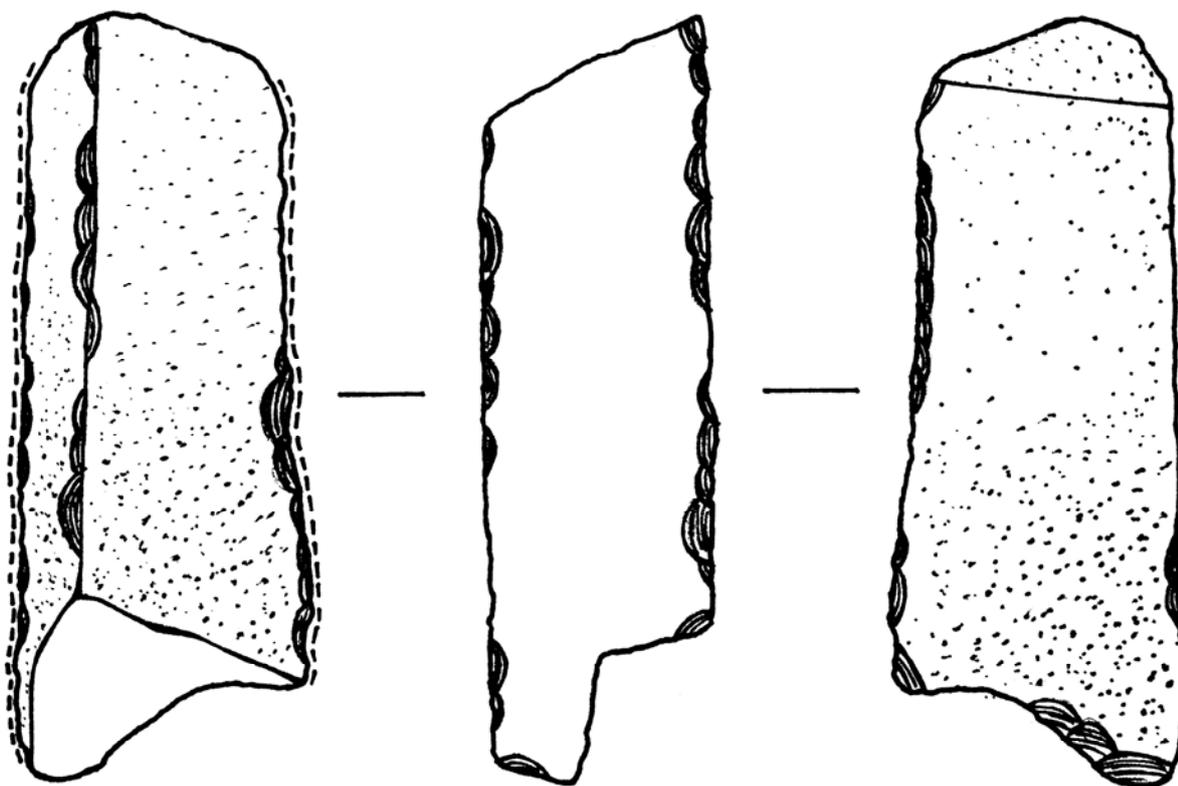
**Instrumentos bipolares em quartzo**  
(desenhos: Klaus Hilbert)



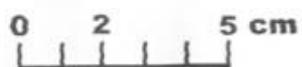
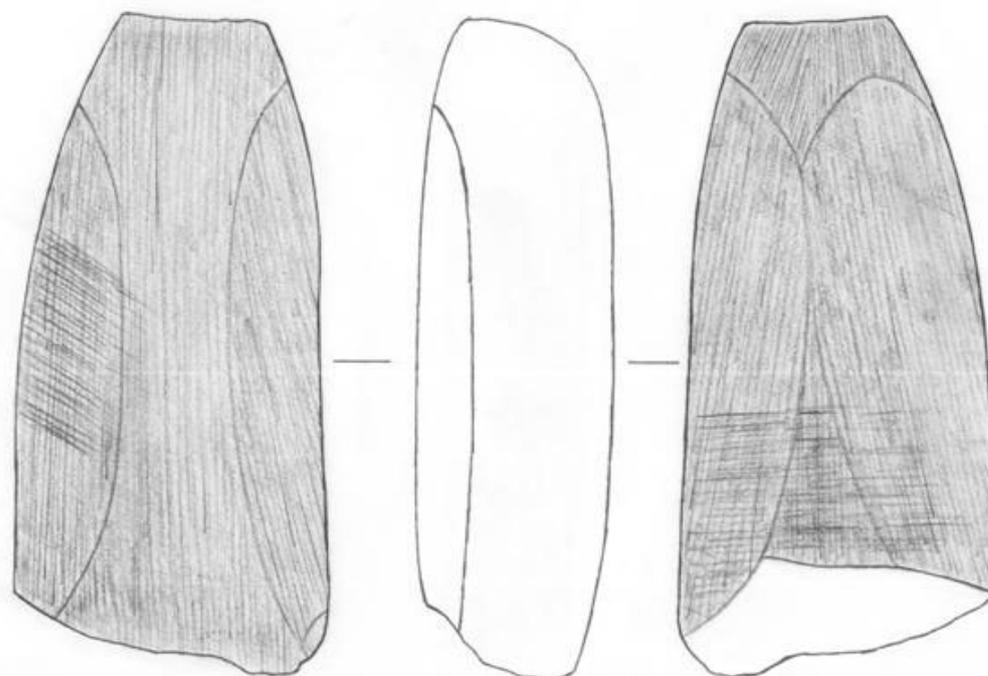
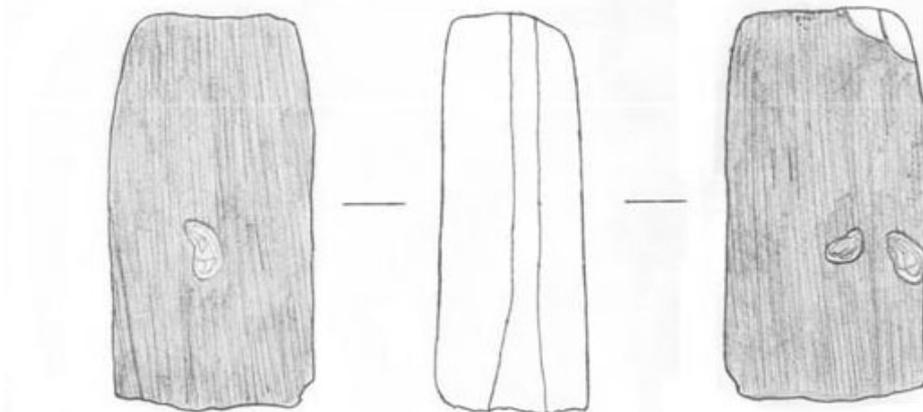
**Instrumentos bipolares em quartzo**  
(desenhos: Klaus Hilbert)



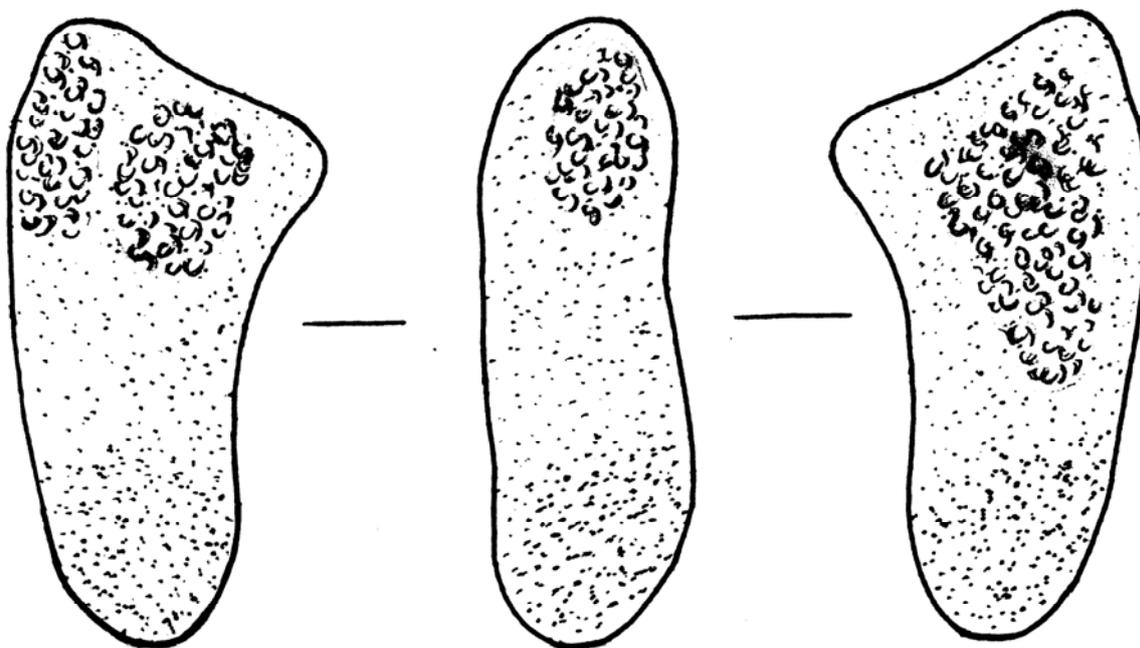
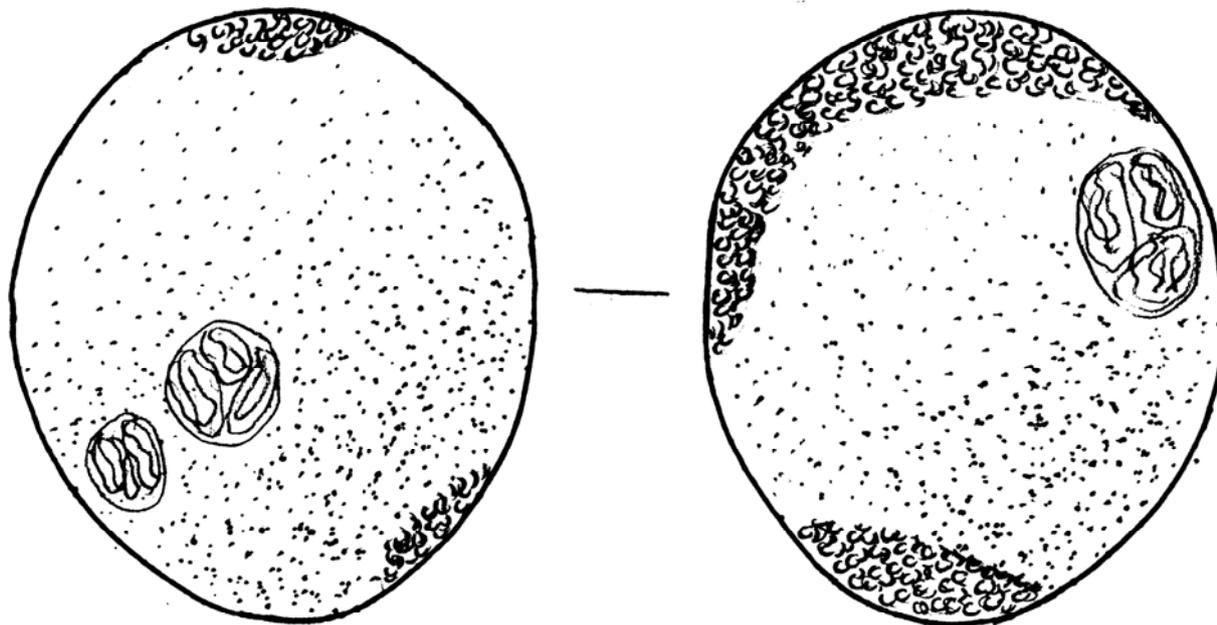
Lascas unipolares com retoques e marcas de uso



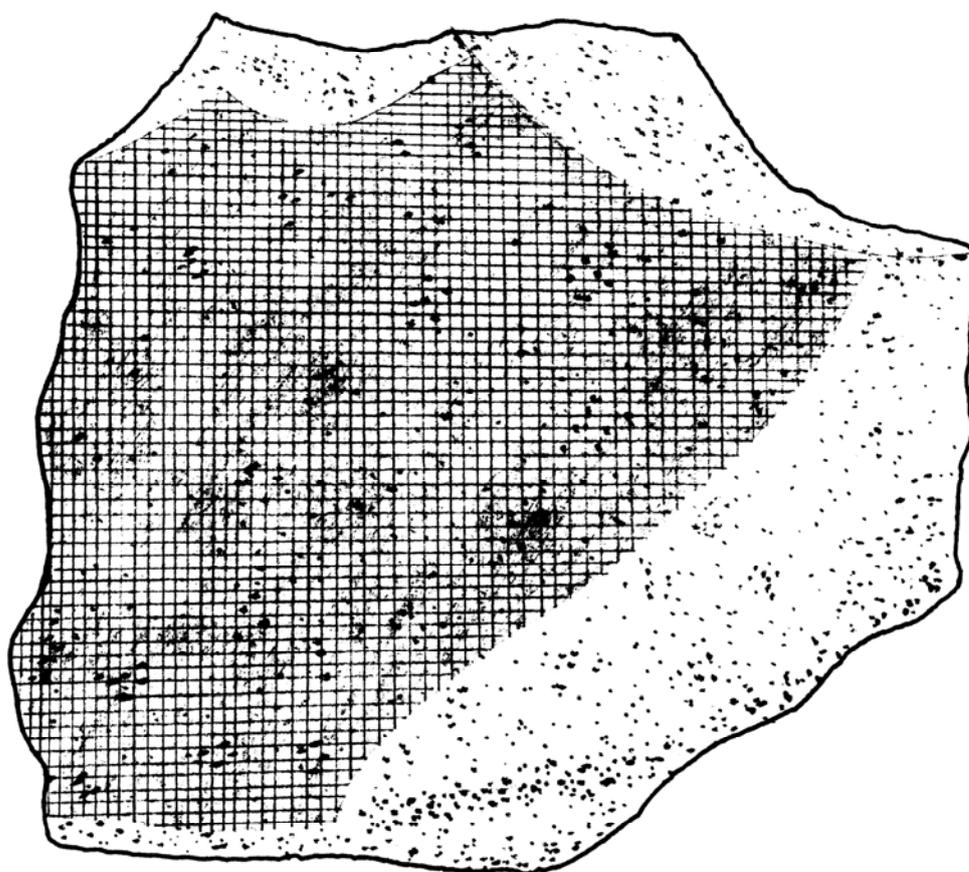
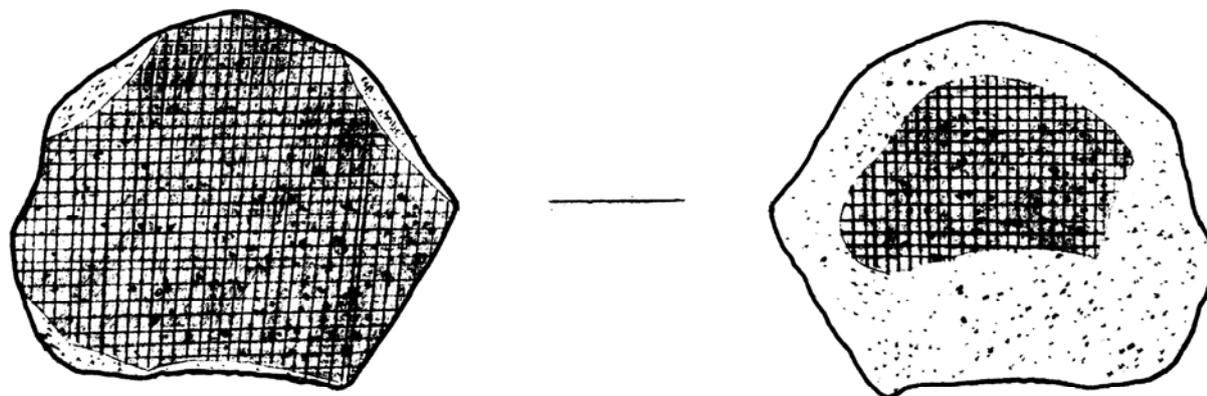
**Fragmento de Prisma em basalto com marcas de uso e retoques**  
(desenho: Carolina Rosa)



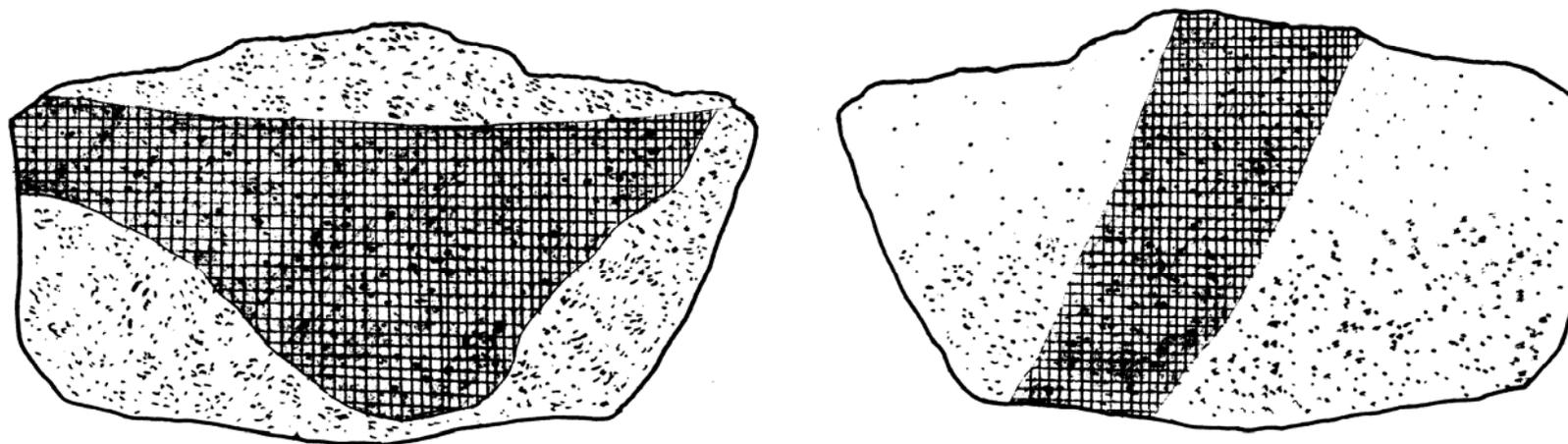
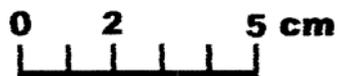
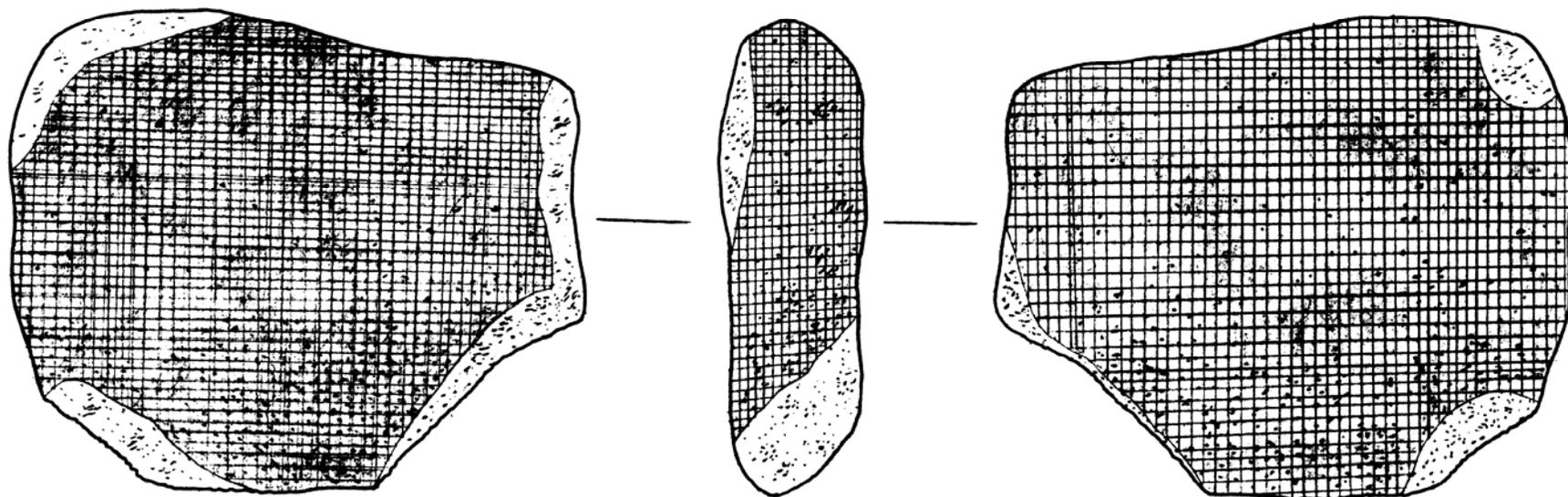
**Machados Polidos em basalto**  
(desenhos: Carolina Rosa)



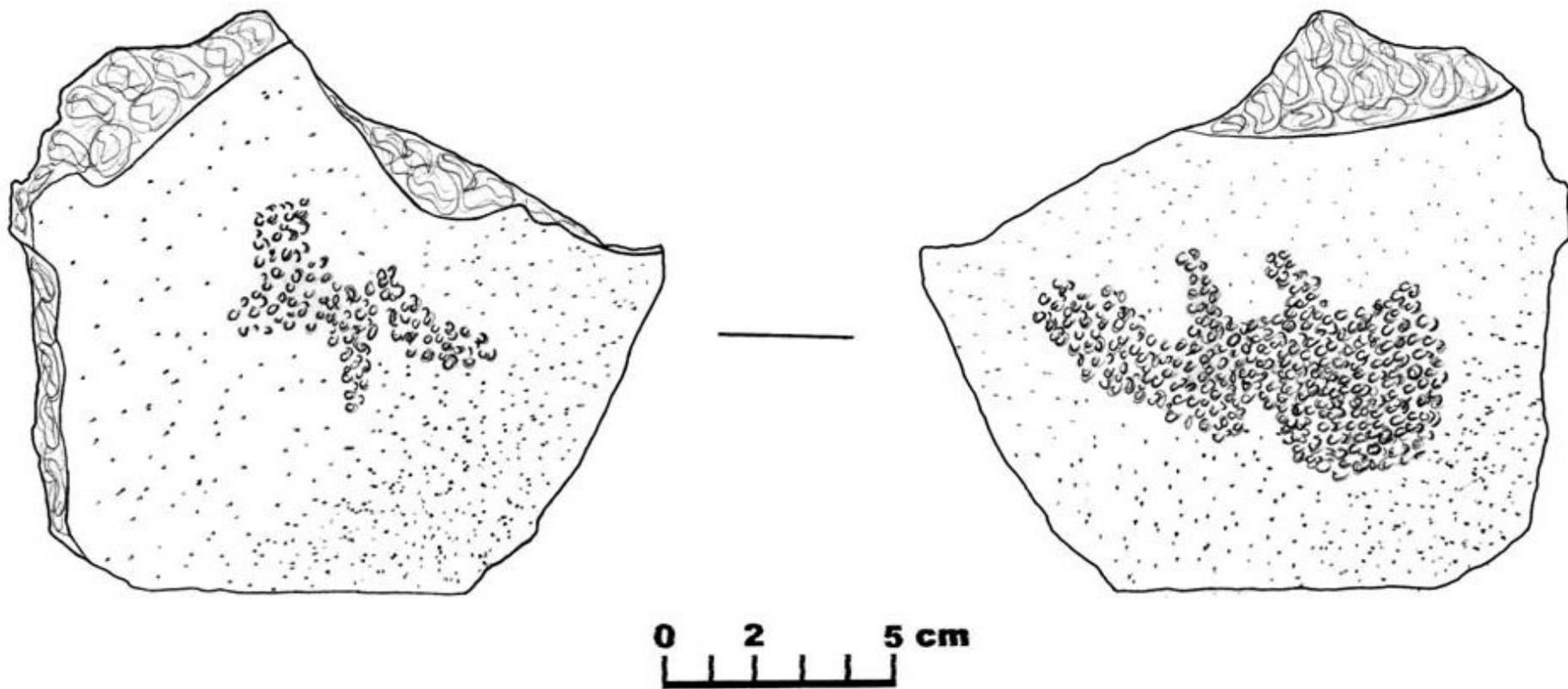
Percutores em basalto  
(desenhos: Carolina Rosa)



Fragmentos de arenito friável com as faces polidas por uso  
(desenhos: Carolina Rosa)



**Fragmentos de arenito friável com as faces polidas por uso (desenhos: Carolina Rosa)**



**Apoio bipolar fraturado por ação térmica**  
**(desenho: Carolina Rosa)**



**Seixos em basalto com fraturas térmicas**  
(foto: Clarisse Jacques)



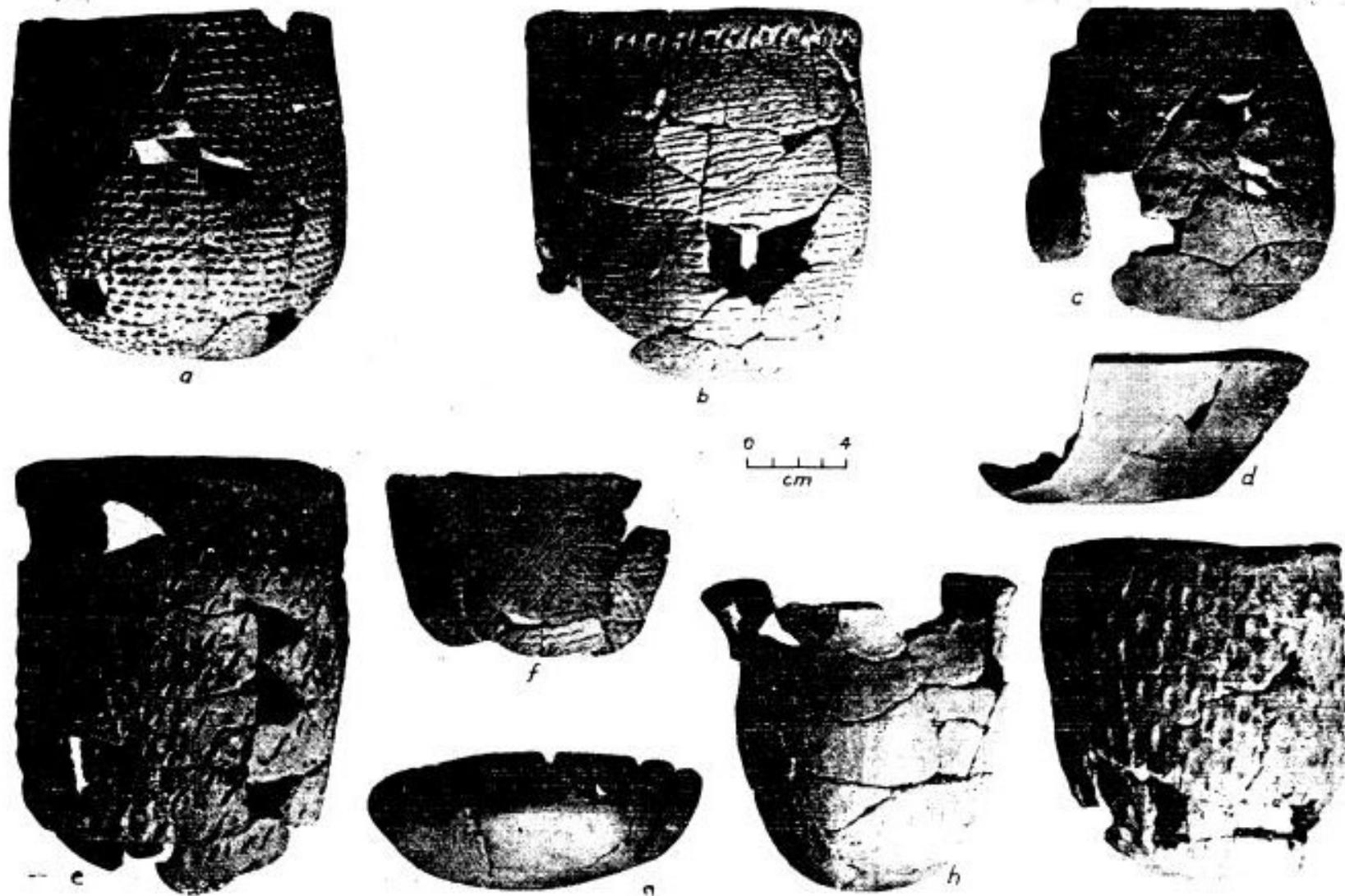
**Fragmentos térmicos de seixos de basalto**  
(foto: Clarisse Jacques)



**Seixos em basalto com presença de fuligem**  
(foto: Clarisse Jacques)



**Fragmento térmico de seixo em basalto**  
(foto: Clarisse Jacques)



Recipientes reconstituídos da fase Taquara. *a*, Ponteadado. *b*, Ungulado secante em linhas, borda pinçada. *c*, Digitado. *d*, Simples. *e*, Pinçado. *f*, Ungulado secante e tangente em faixas. *g*, Ungulado em setores. *h*, Simples. *i*, Ungulado arrastado.

Vasilhas reconstituídas por Eurico Miller. In. MILLER, E. T. 1967. Pesquisas arqueológicas efetuadas no nordeste do Rio Grande do Sul. *Publicações Avulsas*, 6. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.



**Vasilha reconstituída com decoração ungulada**  
(foto: Carolina Rosa)



**Vasilha reconstituída com decoração simples**  
(foto: Carolina Rosa)



**Vasilha reconstituída com decoração pontead** (em exposição no Marsul)  
(foto: Carolina Rosa)



**Vasilha reconstituída com decoração unglada** (em exposição no Marsul)  
(foto: Carolina Rosa)



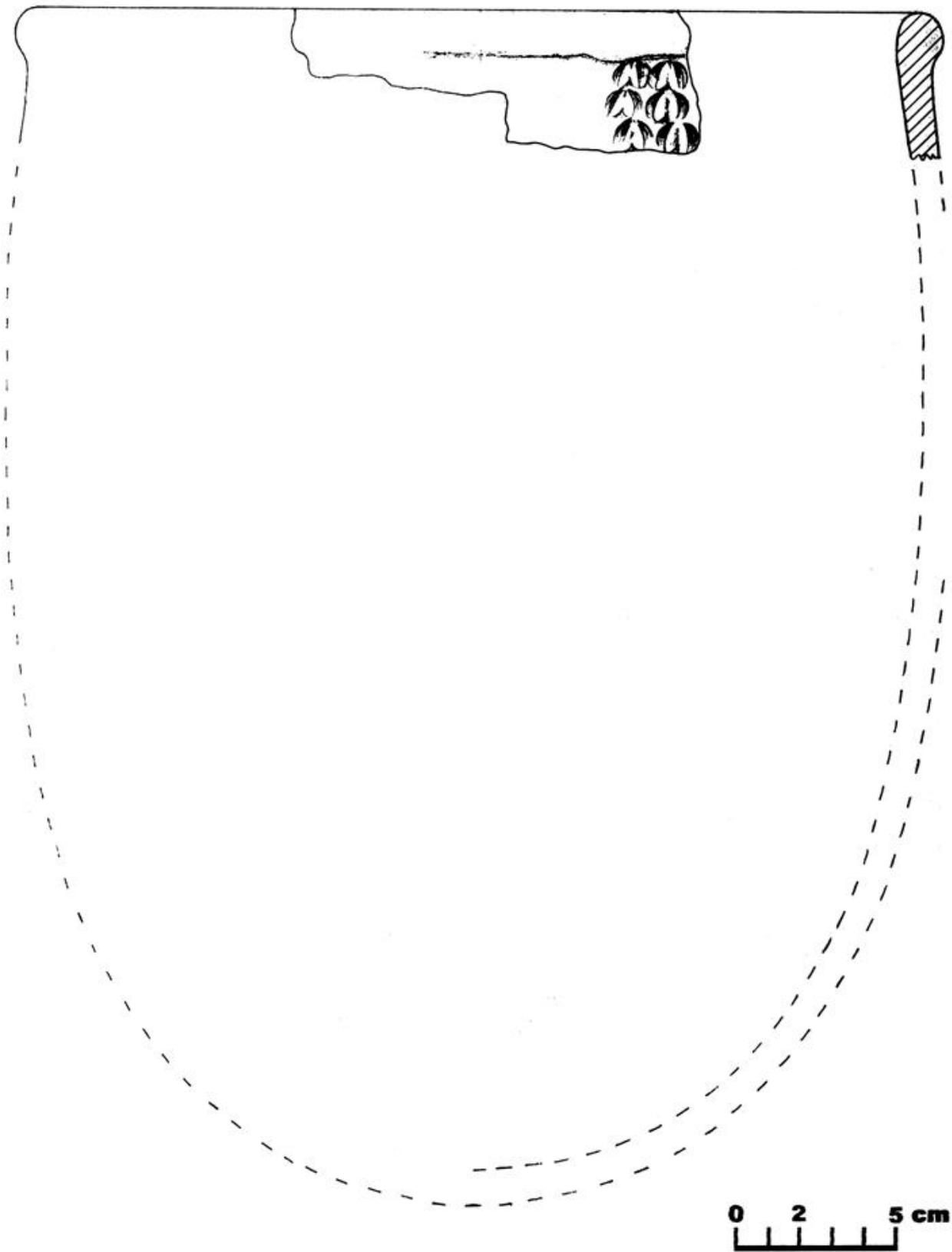
**Vasilha reconstituída com decoração incisa (em exposição no Marsul)**  
(foto: Carolina Rosa)



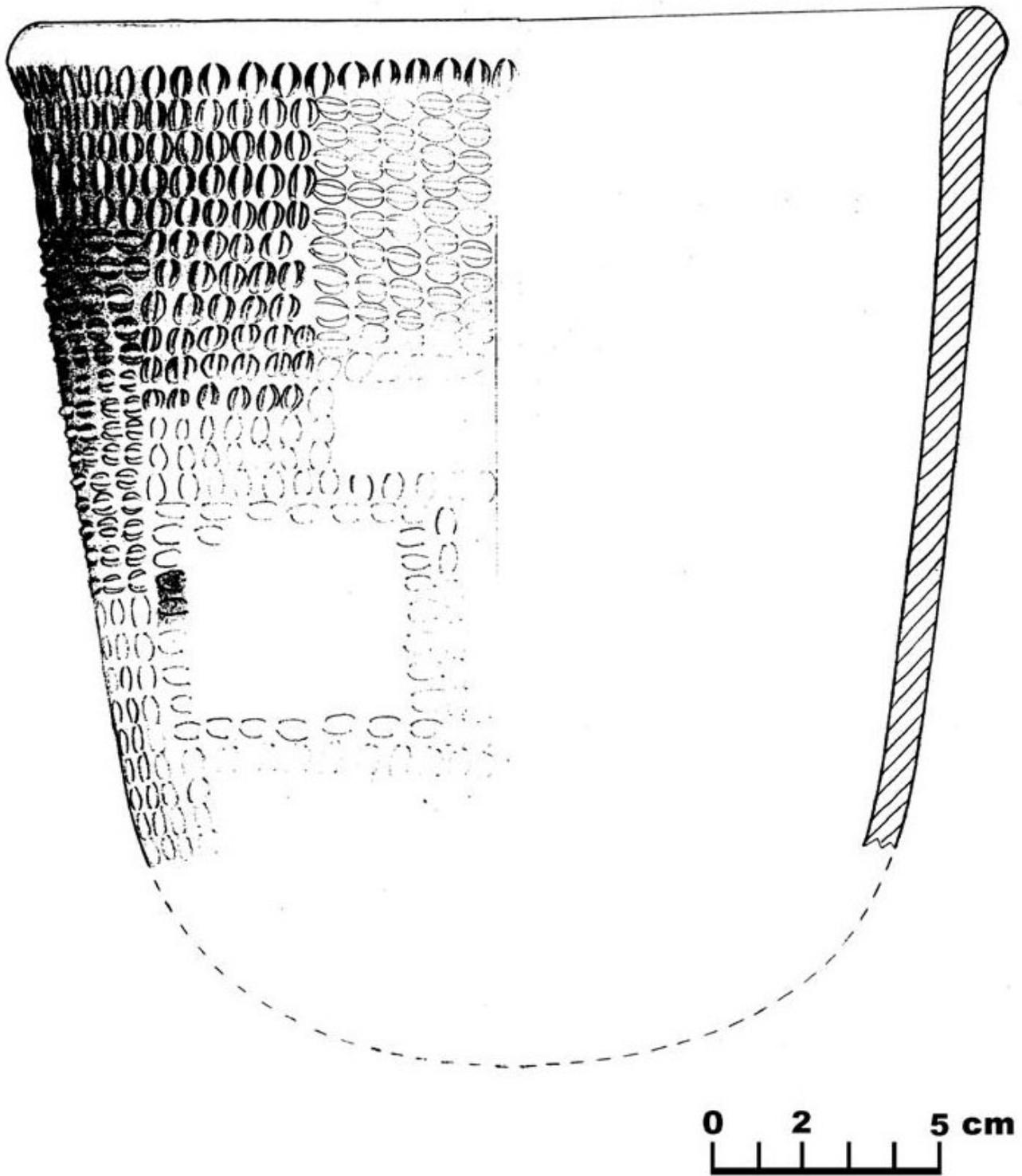
**Vasilha reconstituída com decoração pinçada (em exposição no Marsul)**  
(foto: Carolina Rosa)



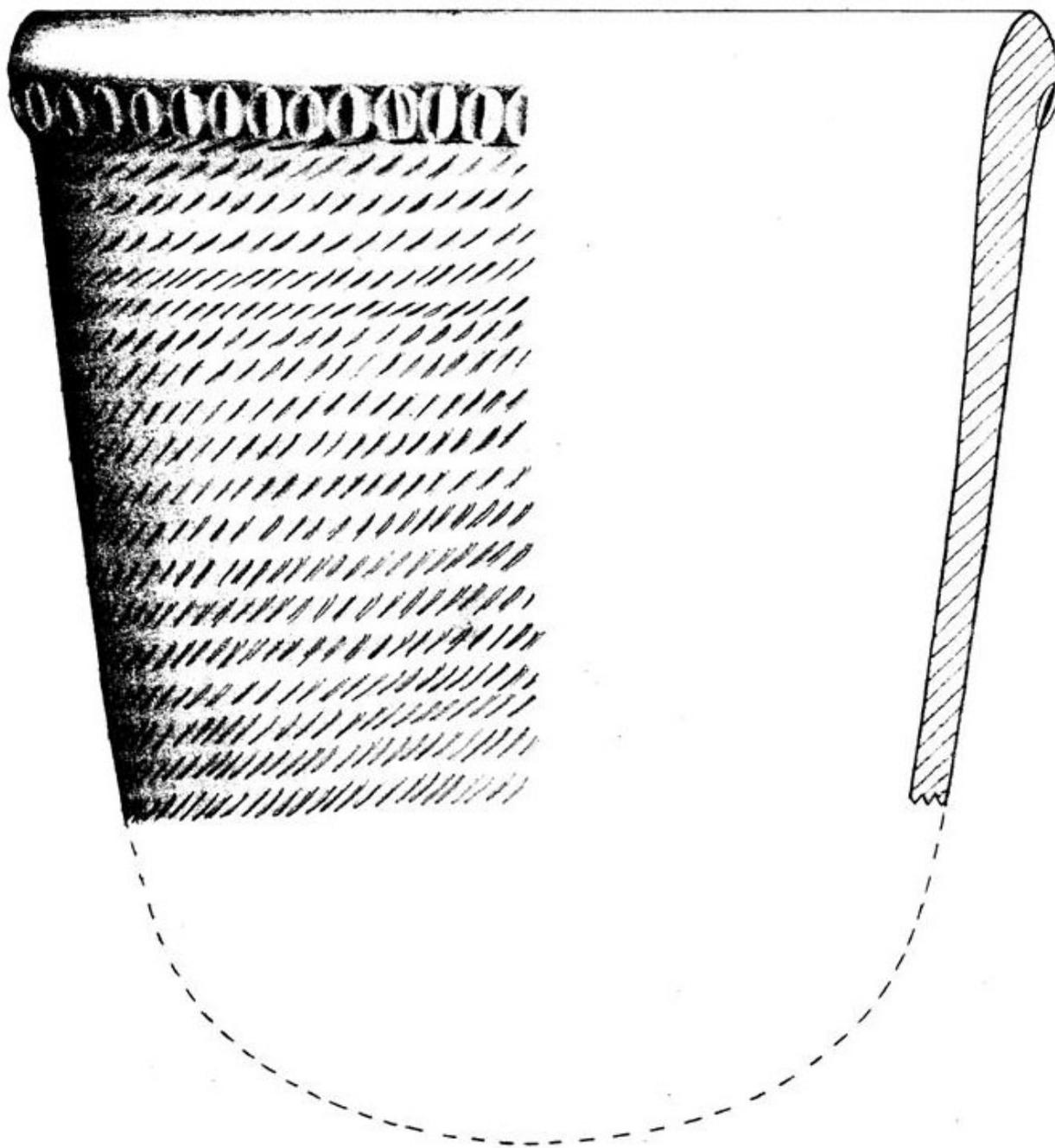
**Bolas de Argila**  
(foto: Carolina Rosa)



**Vasilha com decoração pinçada**  
(desenho: Eurico Miller)

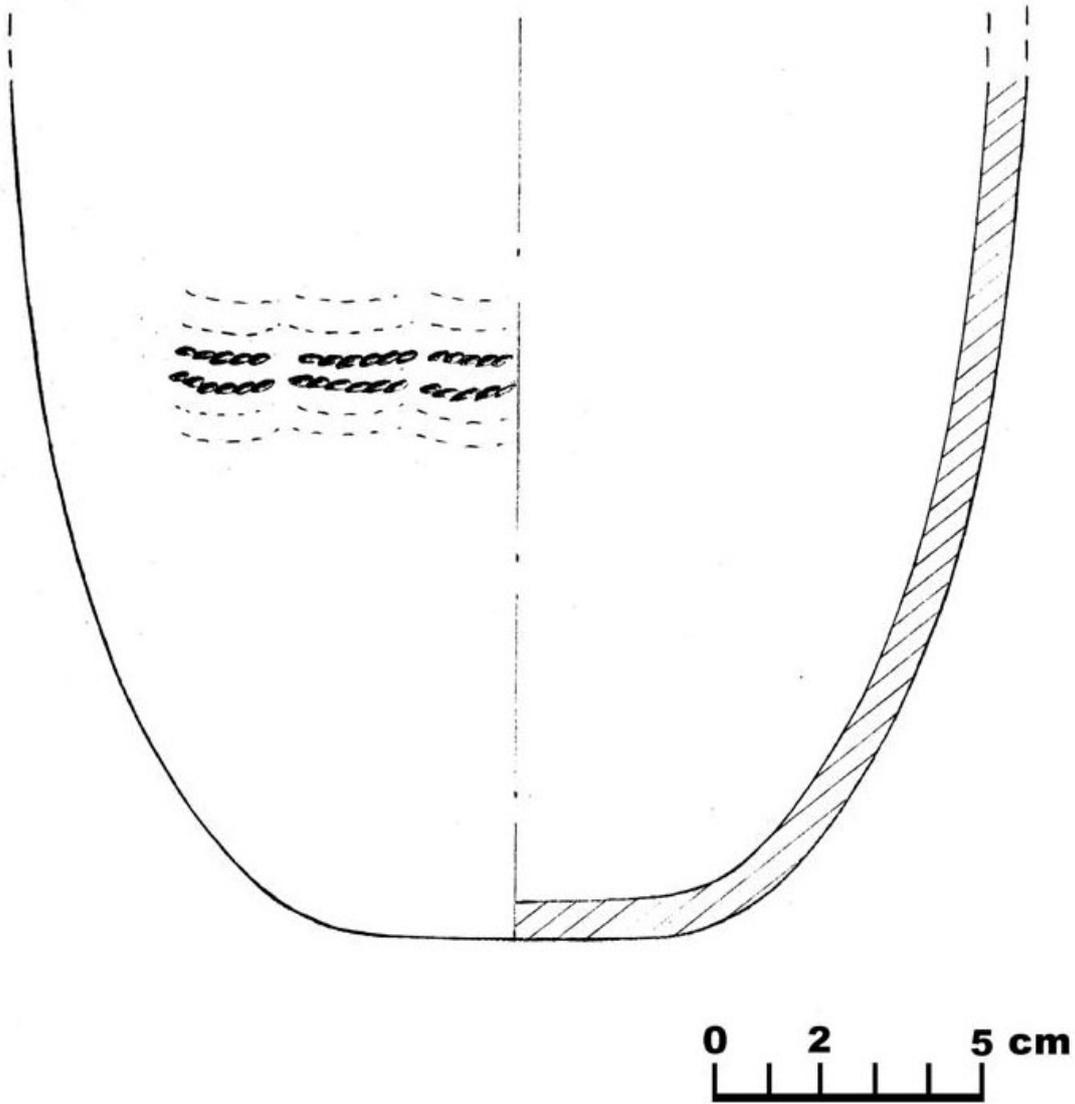


Vasilha com decoração pinçada  
(desenho: Eurico Miller)

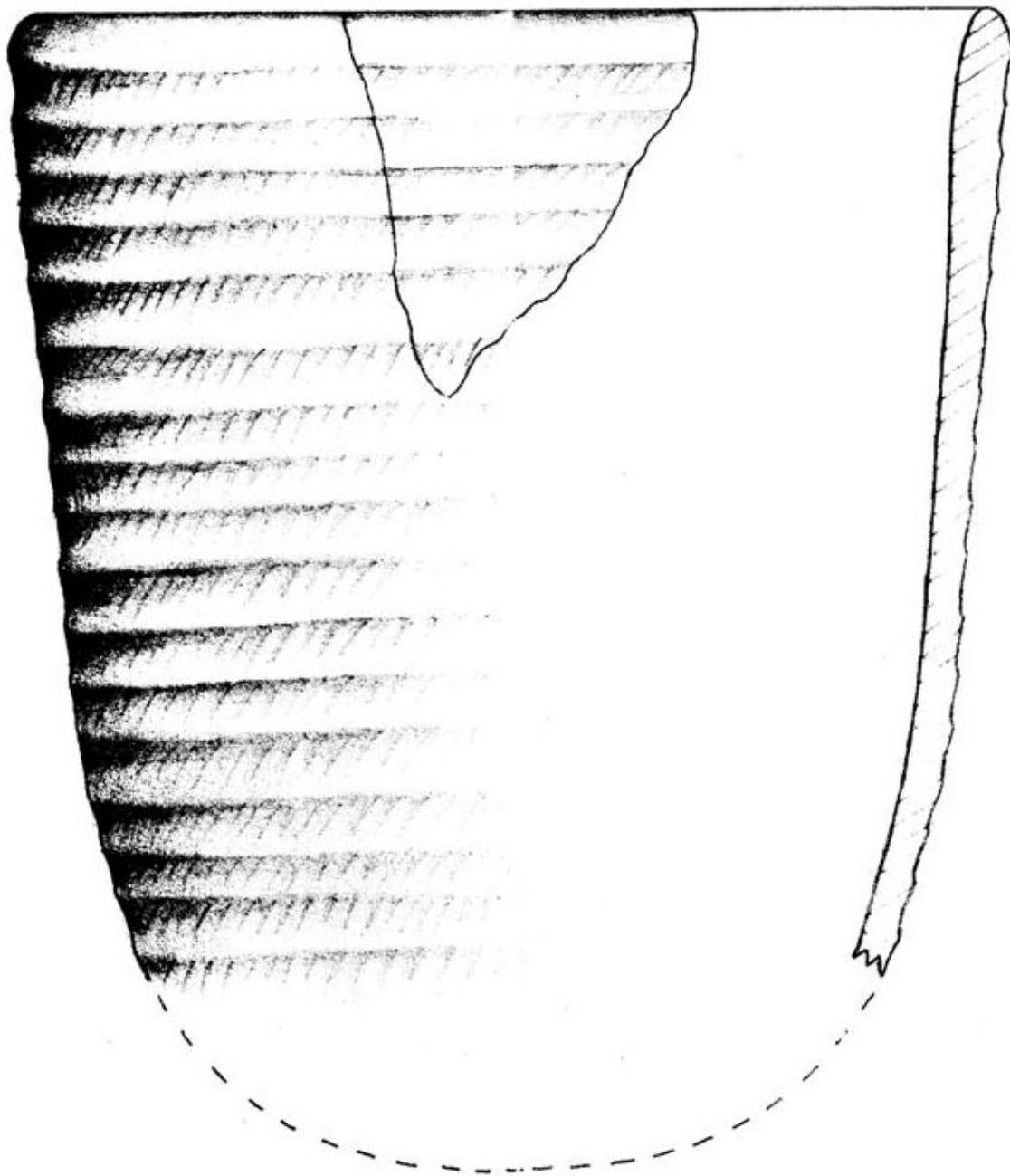


0 2 5 cm

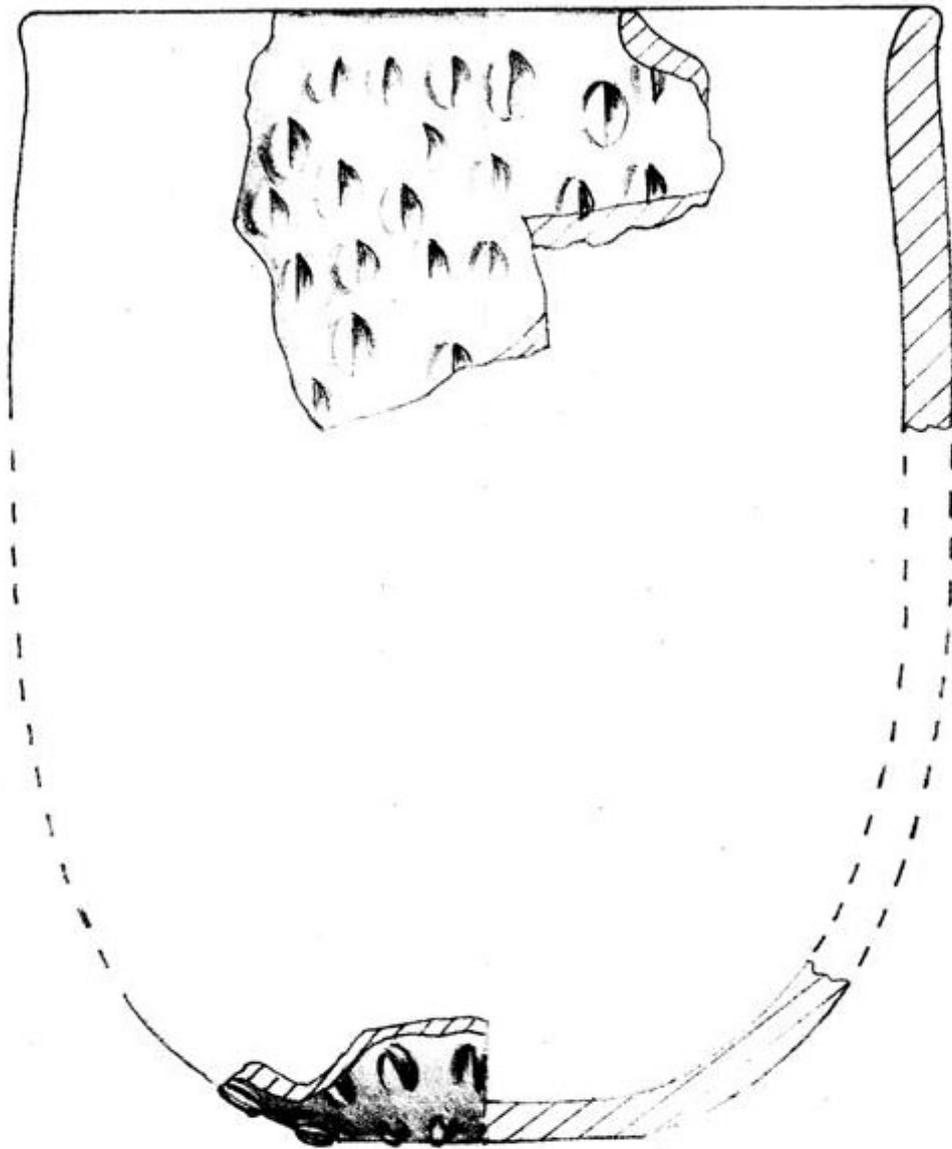
Vasilha com decoração ungulada  
(desenho: Eurico Miller)



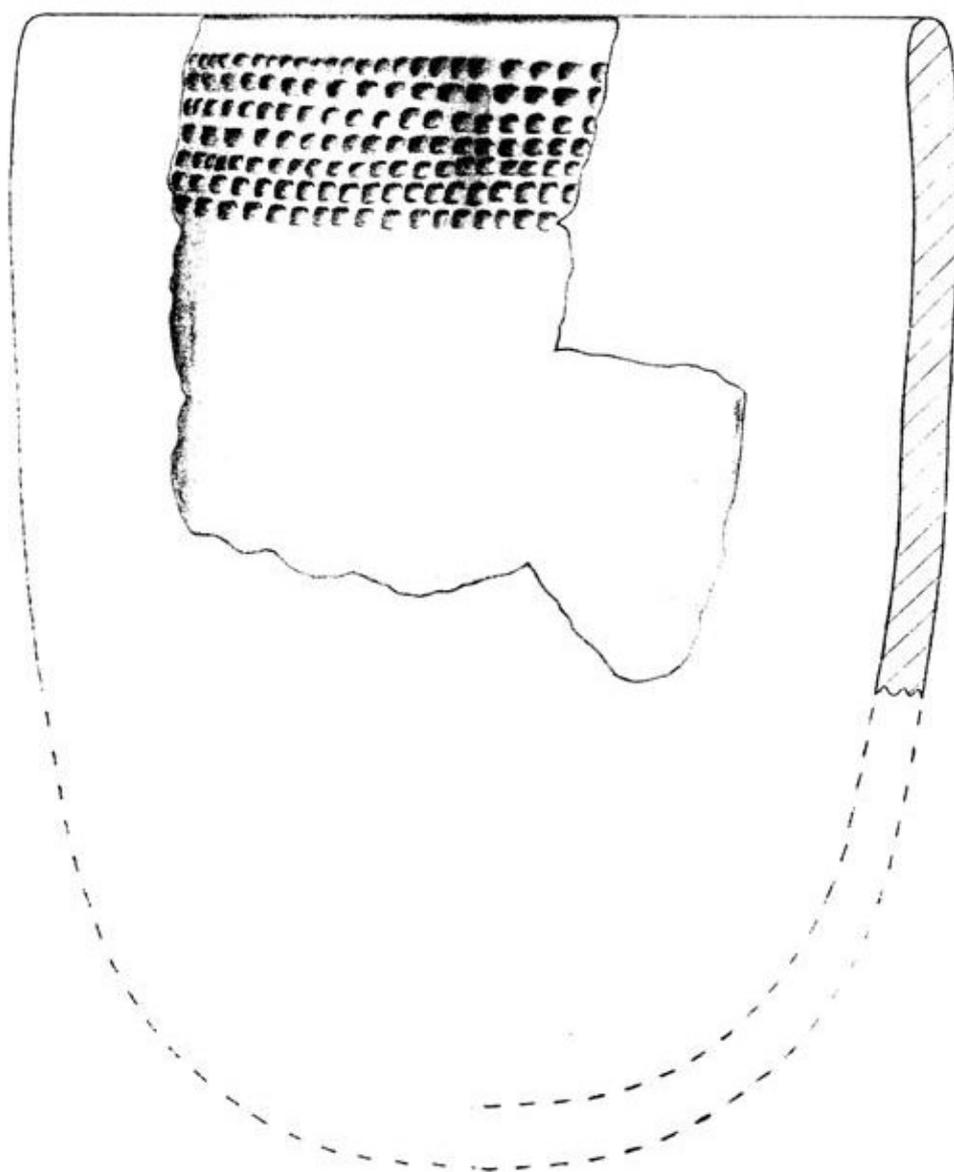
**Vasilha com decoração ponteadada**  
(desenho: Eurico Miller)



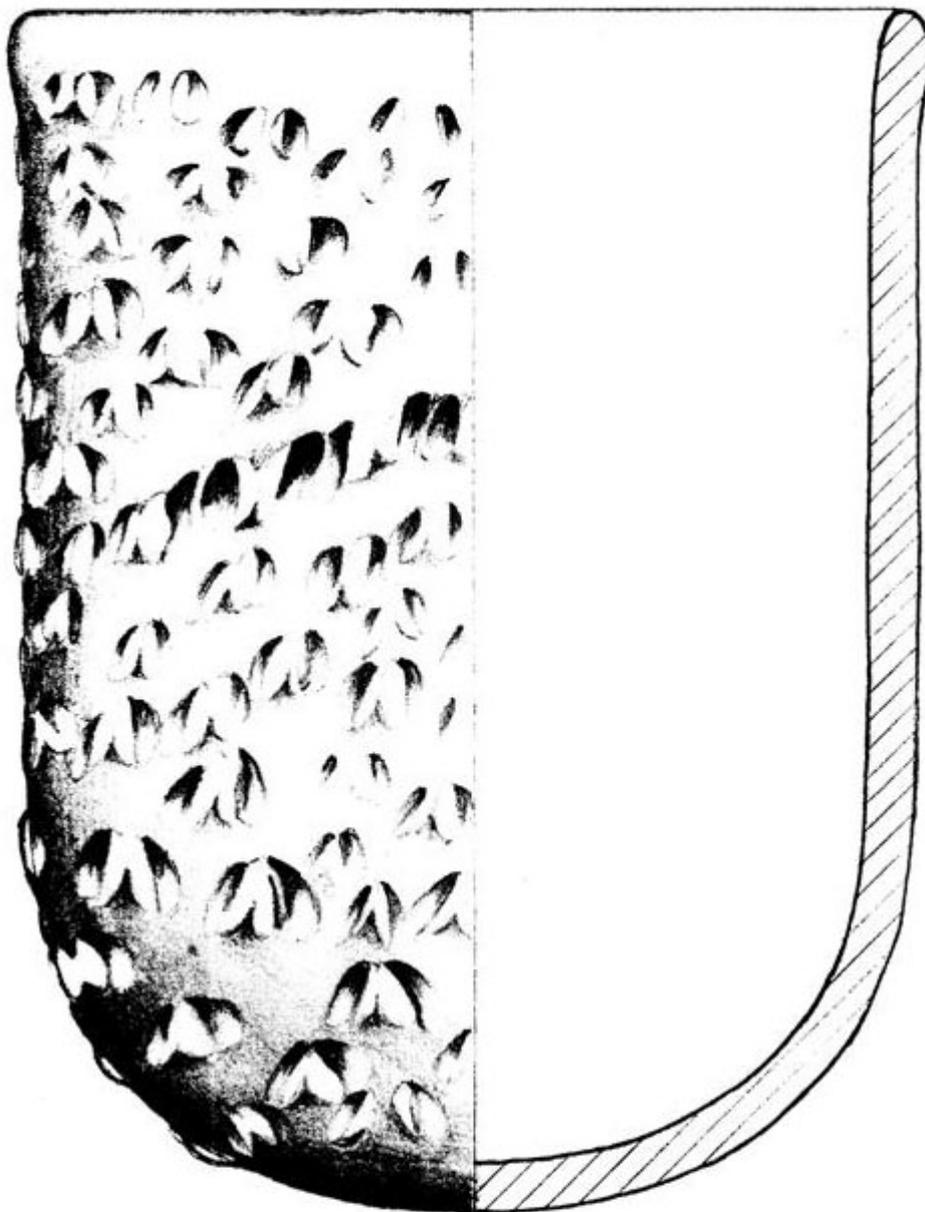
**Vasilha com decoração ungulada  
(desenho: Eurico Miller)**



**Vasilha com decoração pinçada**  
(desenho: Eurico Miller)

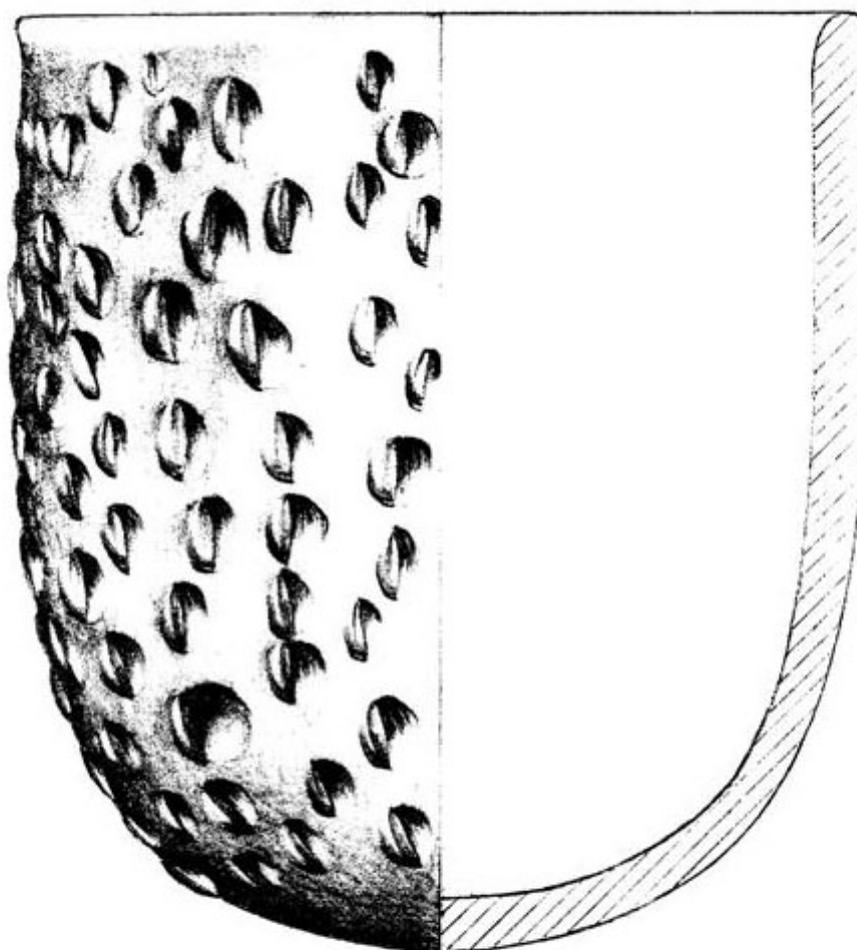


Vasilha com decoração ponteadada  
(desenho: Eurico Miller)

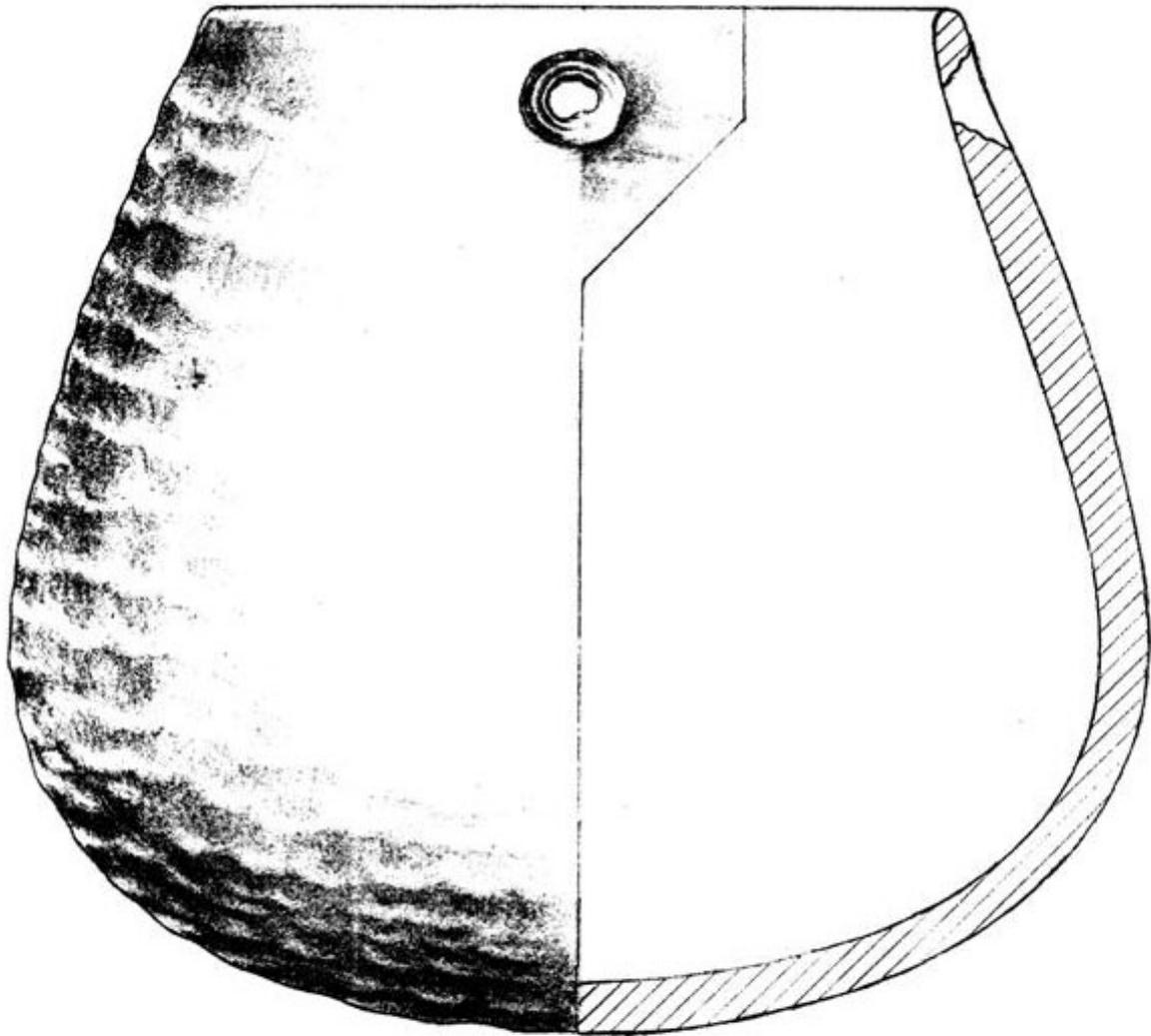


0 2 5 cm

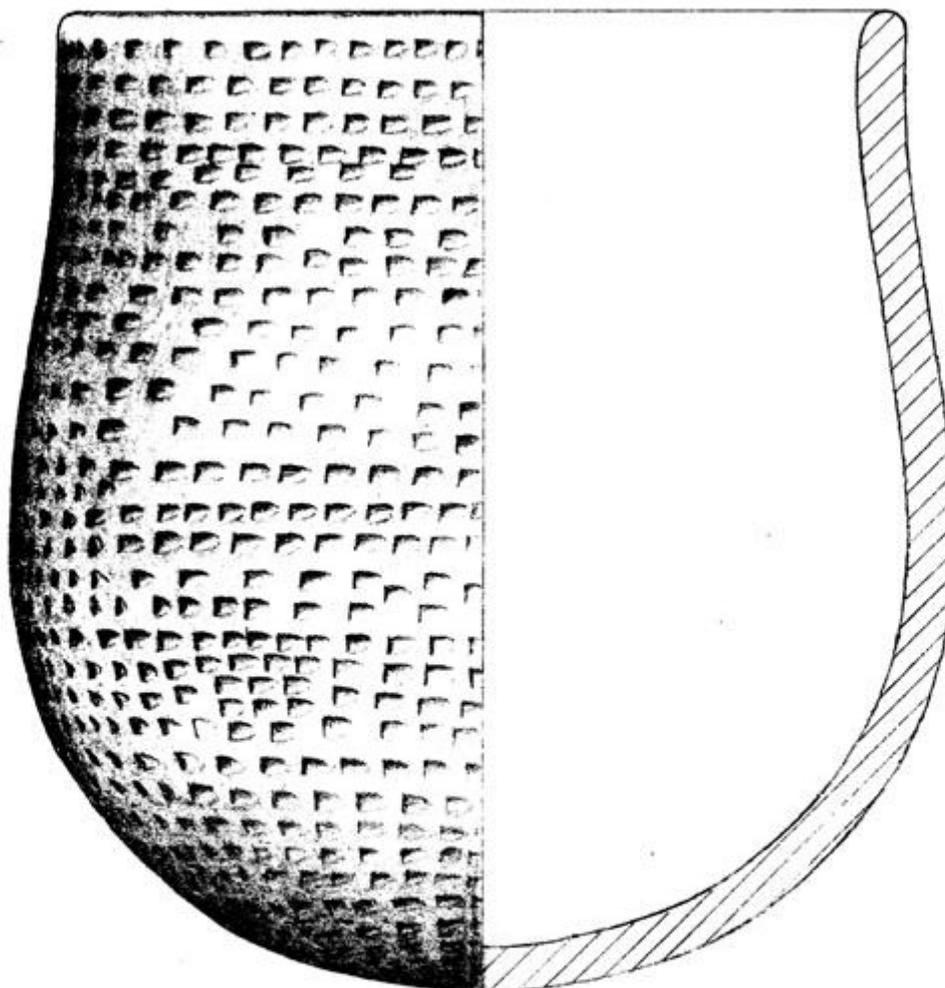
Vasilha com decoração pinçada  
(desenho: Eurico Miller)



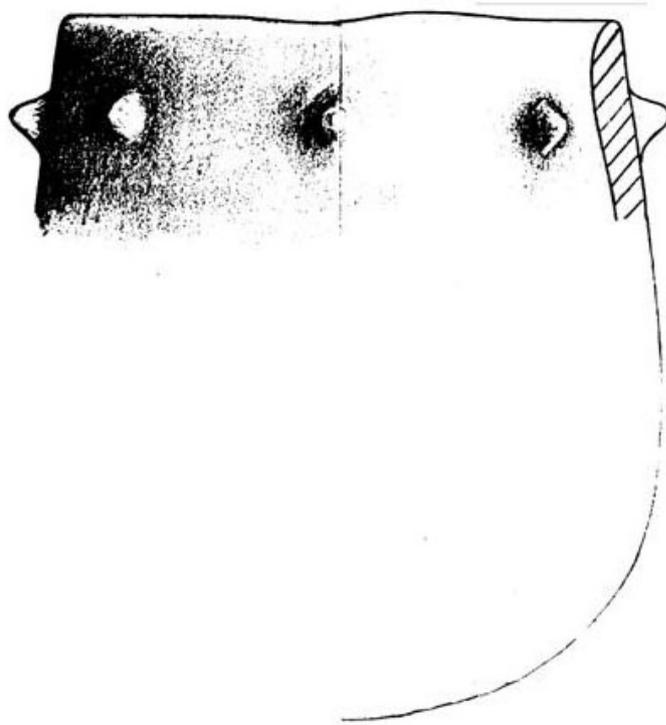
**Vasilha com decoração pinçada**  
(desenho: Eurico Miller)



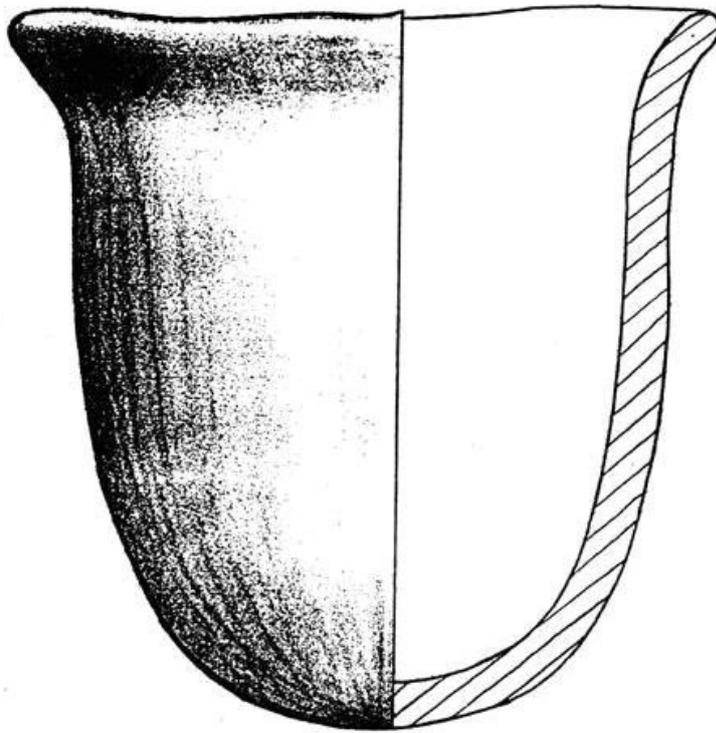
**Vasilha com decoração digitada  
(desenho: Eurico Miller)**



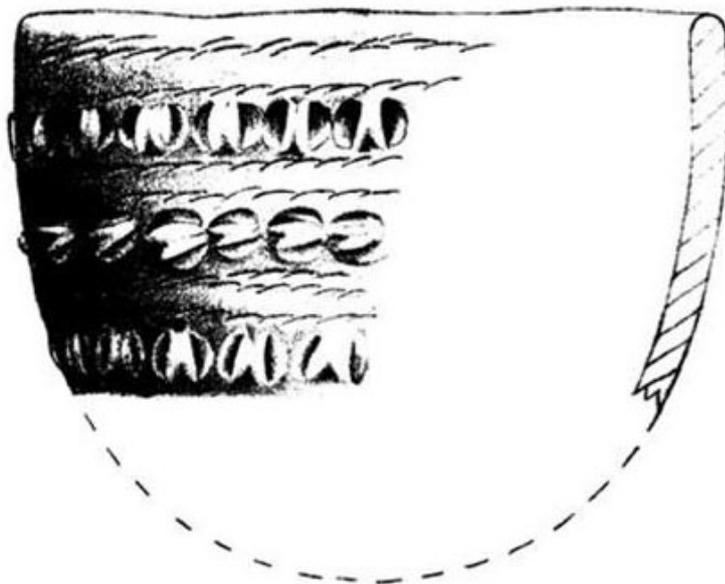
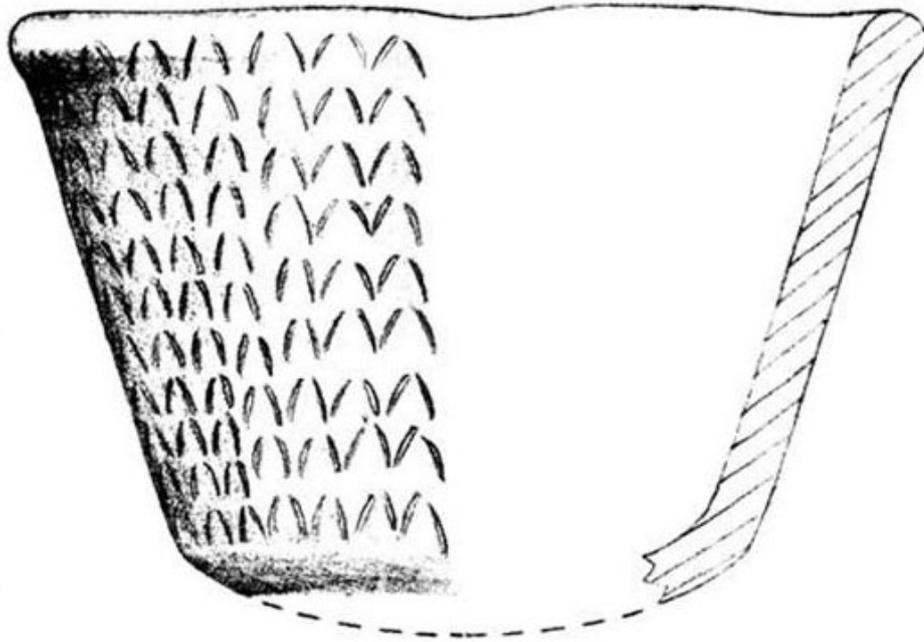
**Vasilha com decoração ponteadada**  
(desenho: Eurico Miller)



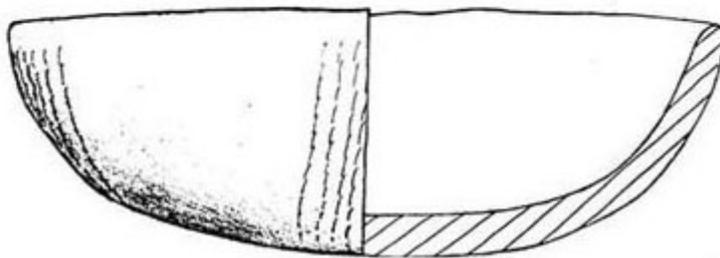
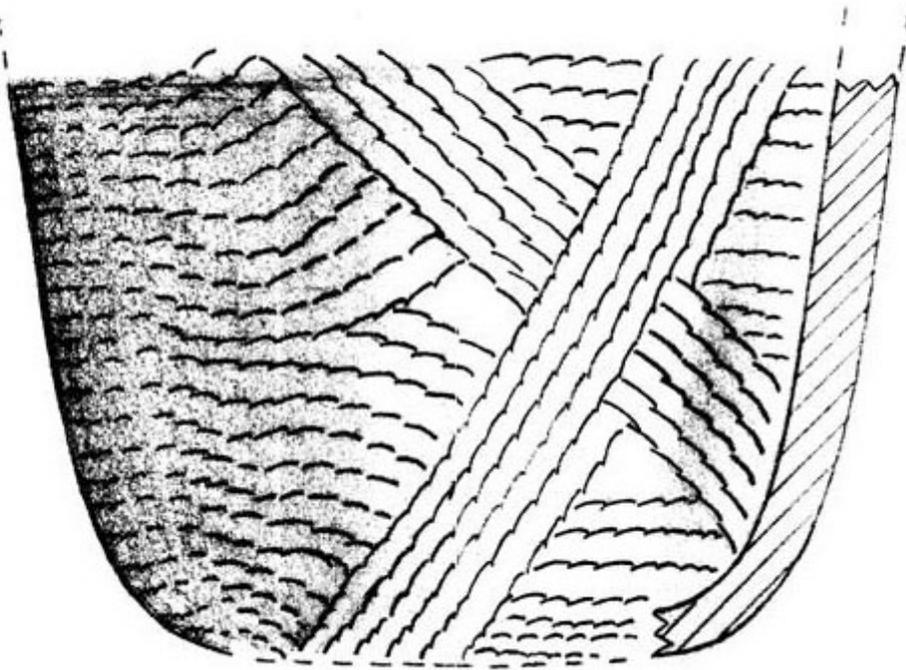
**Vasilha com decoração do tipo aplicado mamiloforme  
(desenho: Eurico Miller)**



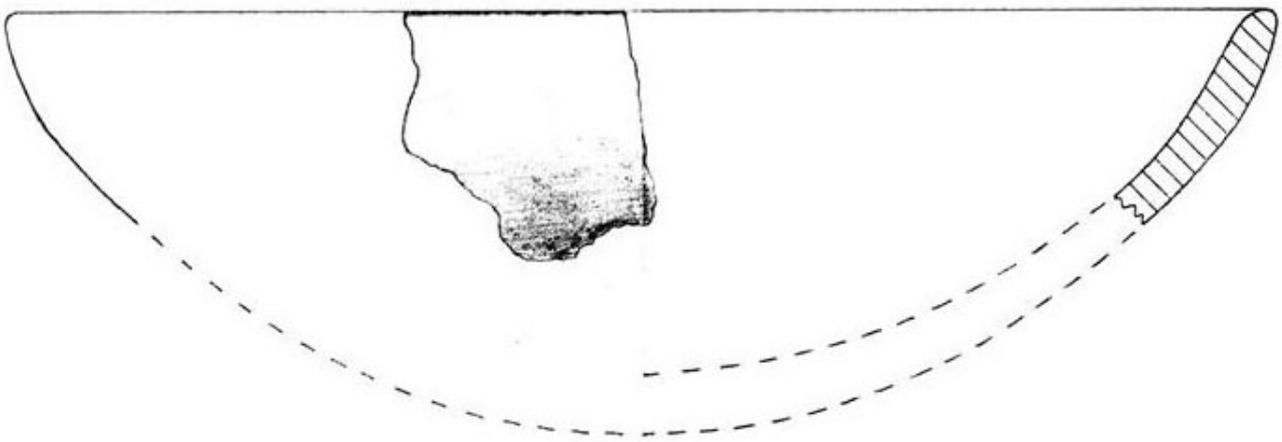
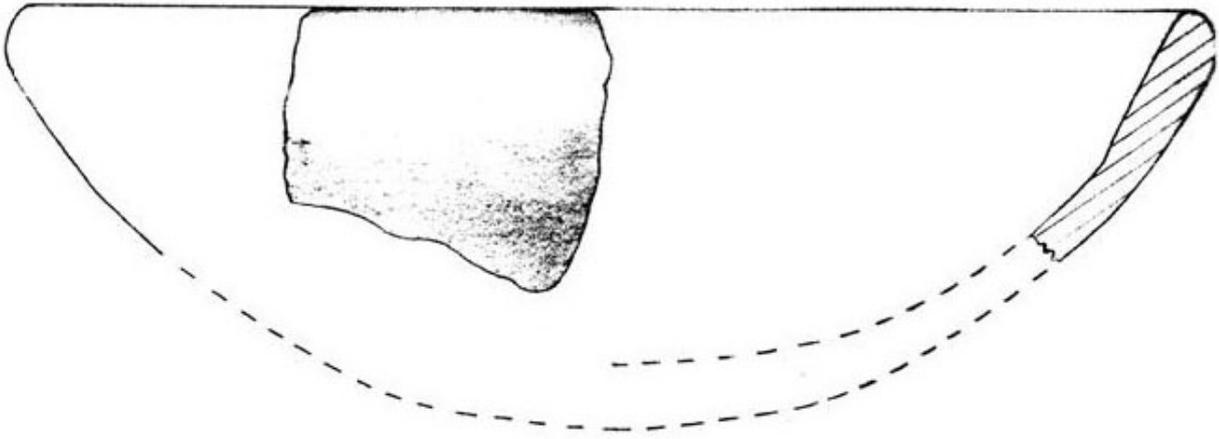
**Vasilha com decoração simples**  
(desenho: Eurico Miller)



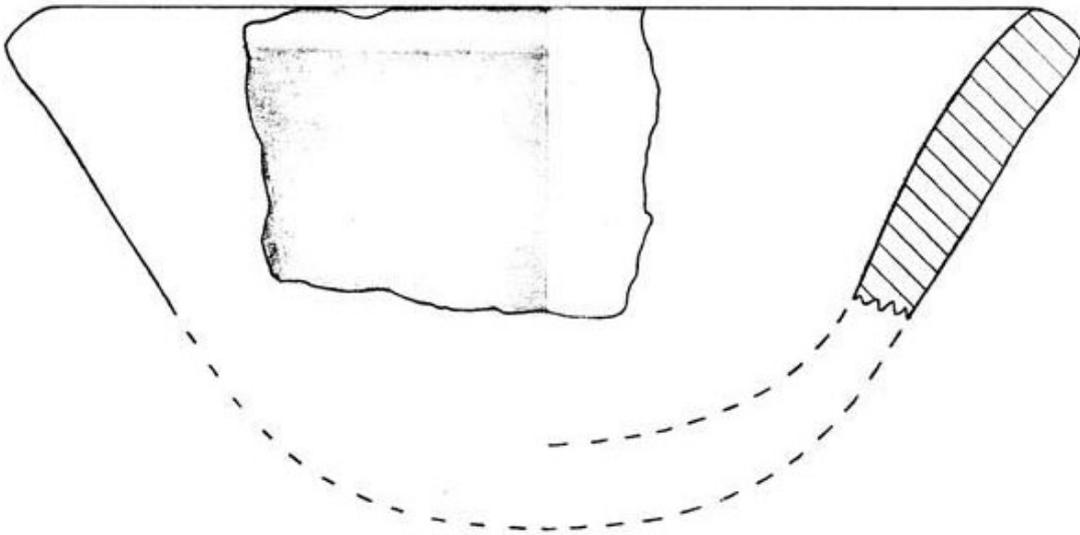
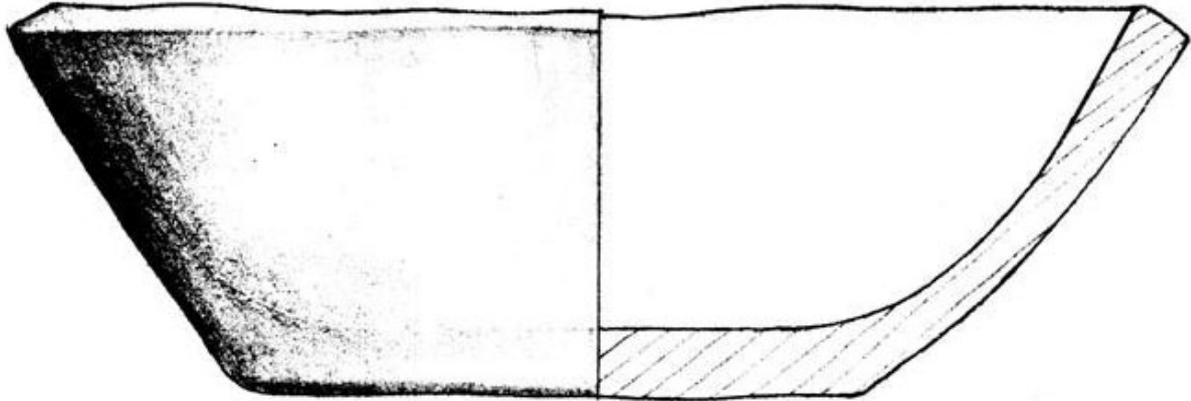
Vasilhas com decorações ungulada e ungulada e pinçada, respectivamente  
(desenhos: Eurico Miller)



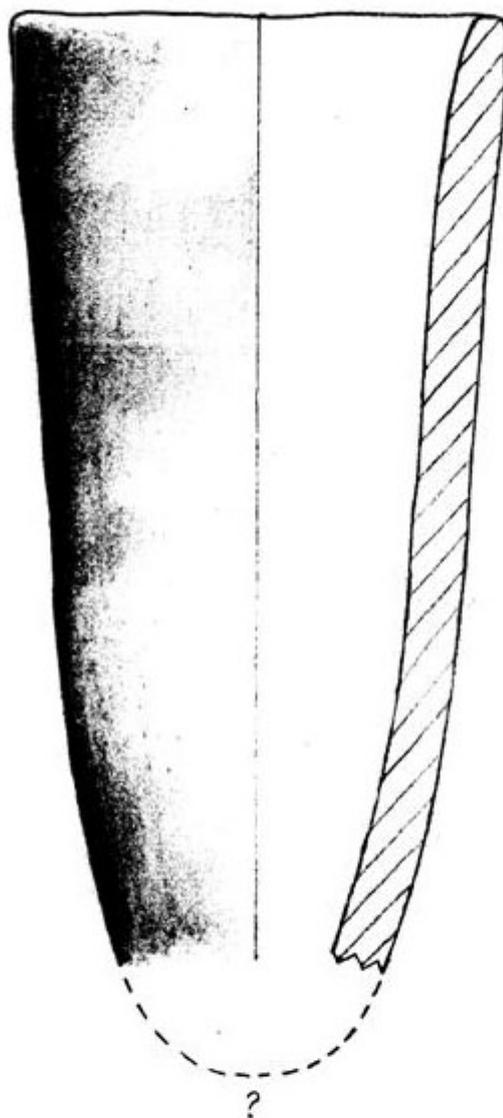
**Vasilhas com decorações ungulada e incisa, respectivamente  
(desenhos: Eurico Miller)**



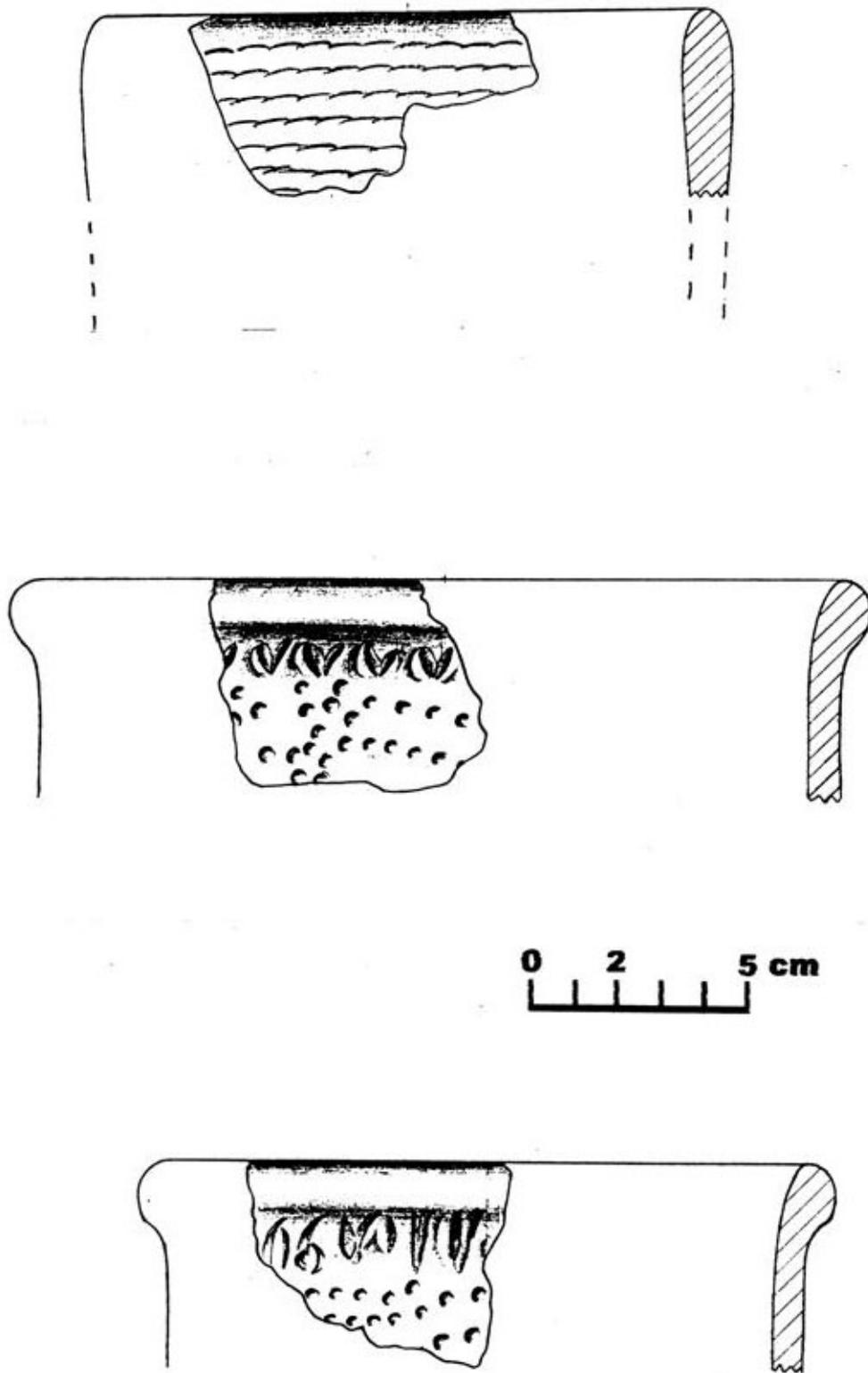
Vasilhas com decorações simples  
(desenhos: Eurico Miller)



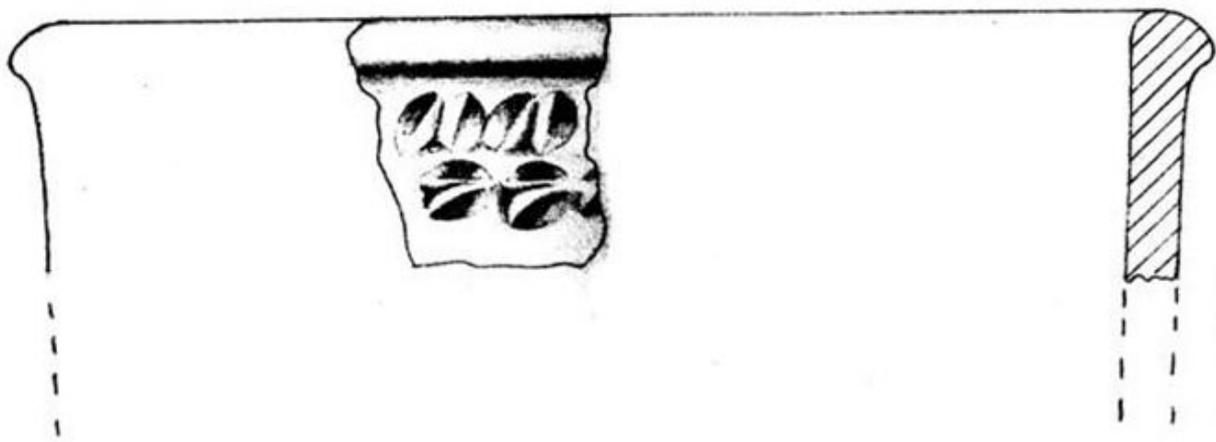
Vasilhas com decorações simples  
(desenhos: Eurico Miller)



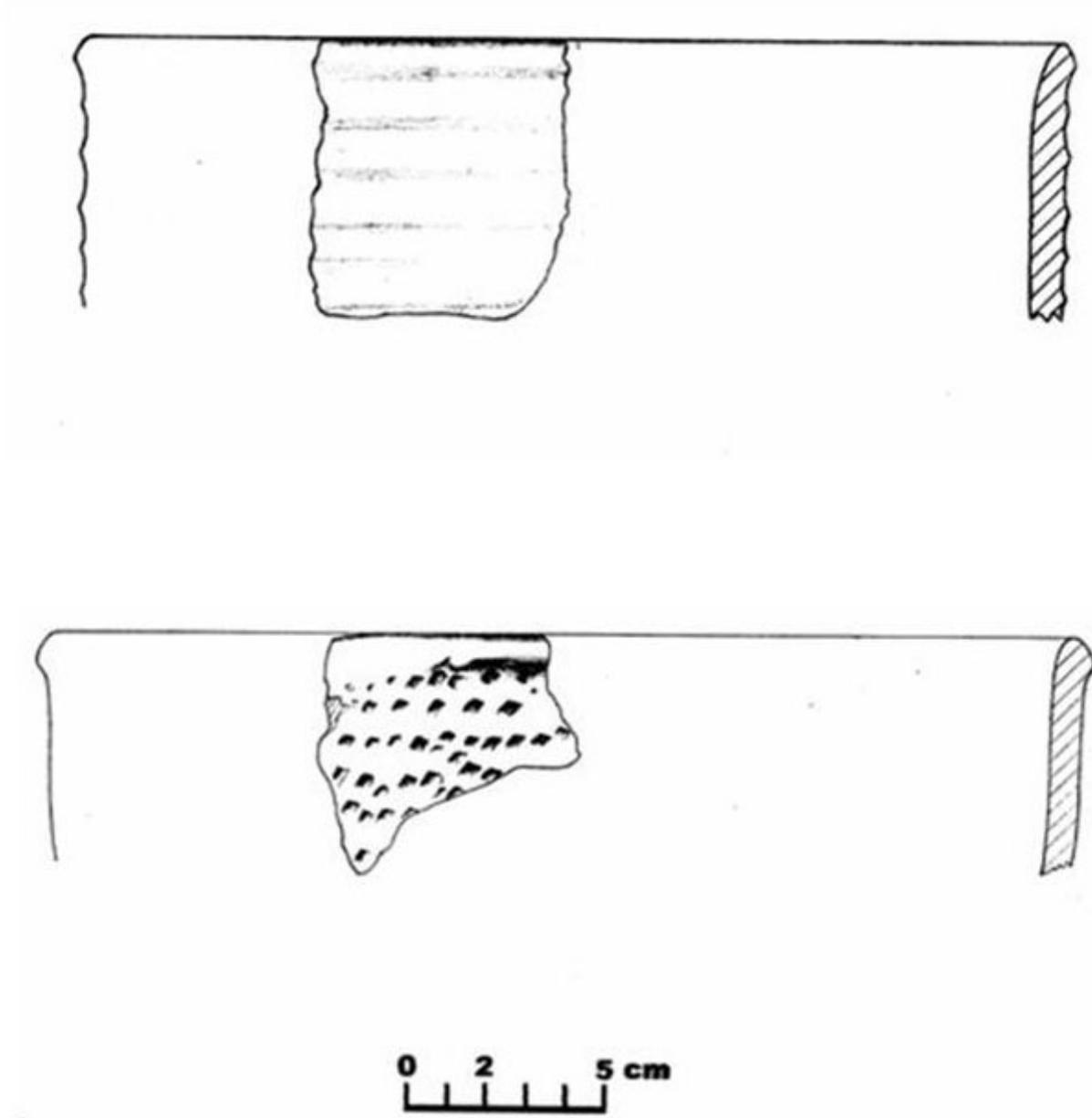
**Vasilha com decoração simples**  
(desenho: Eurico Miller)



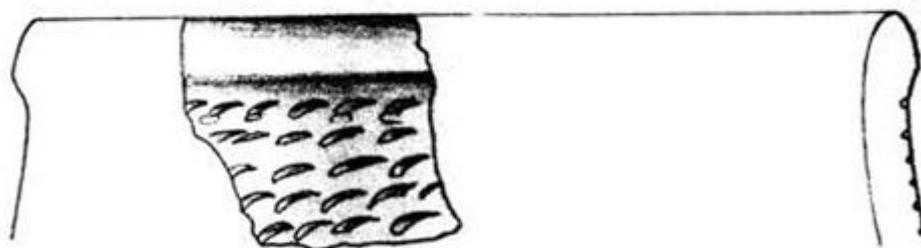
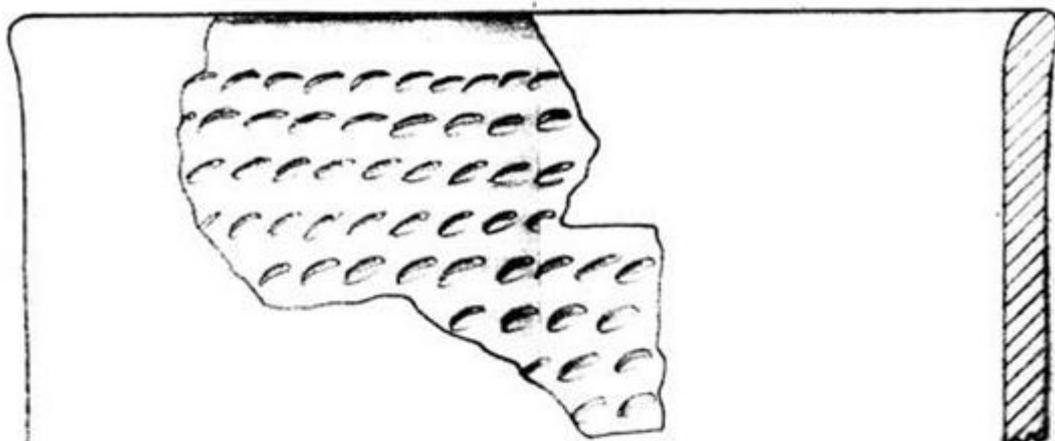
**Bordas de vasilhas com decorações ungulada (acima) e pinçadas e ponteadas (abaixo)  
(desenhos: Eurico Miller)**



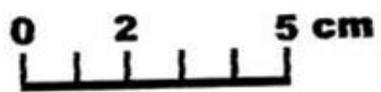
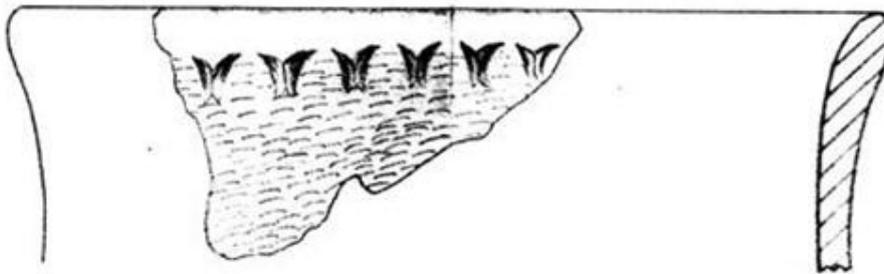
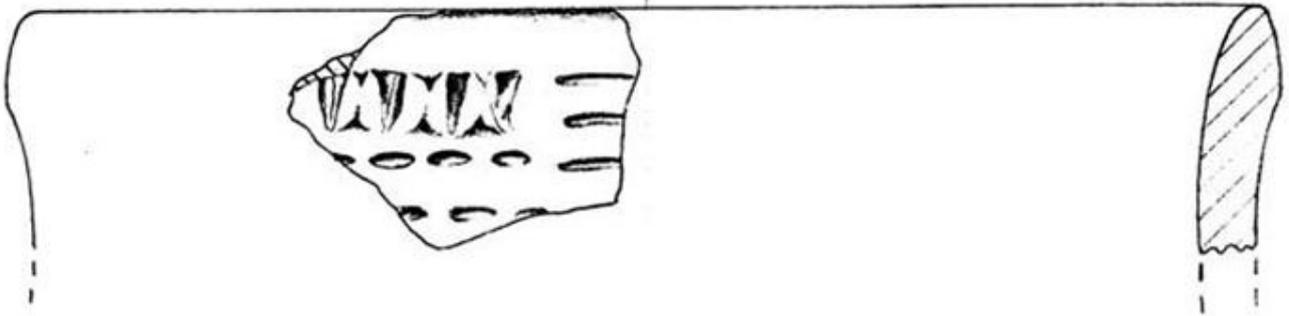
**Bordas de vasilhas com decorações pinçada e pinçada e ungulada, respectivamente  
(desenhos: Eurico Miller)**



**Bordas de vasilhas com decorações simples e ponteadas, respectivamente  
(desenhos: Eurico Miller)**



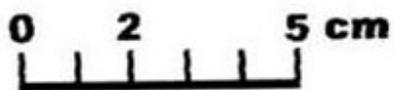
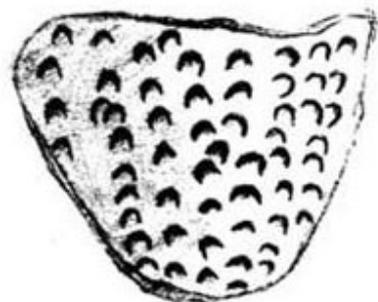
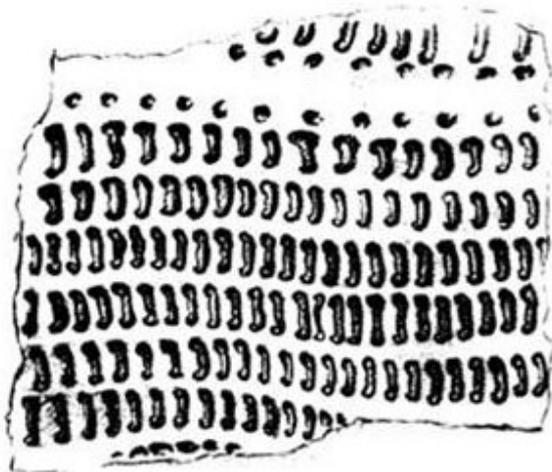
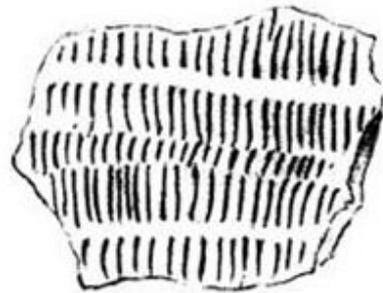
Bordas de vasilhas com decorações ponteadas  
(desenhos: Eurico Miller)



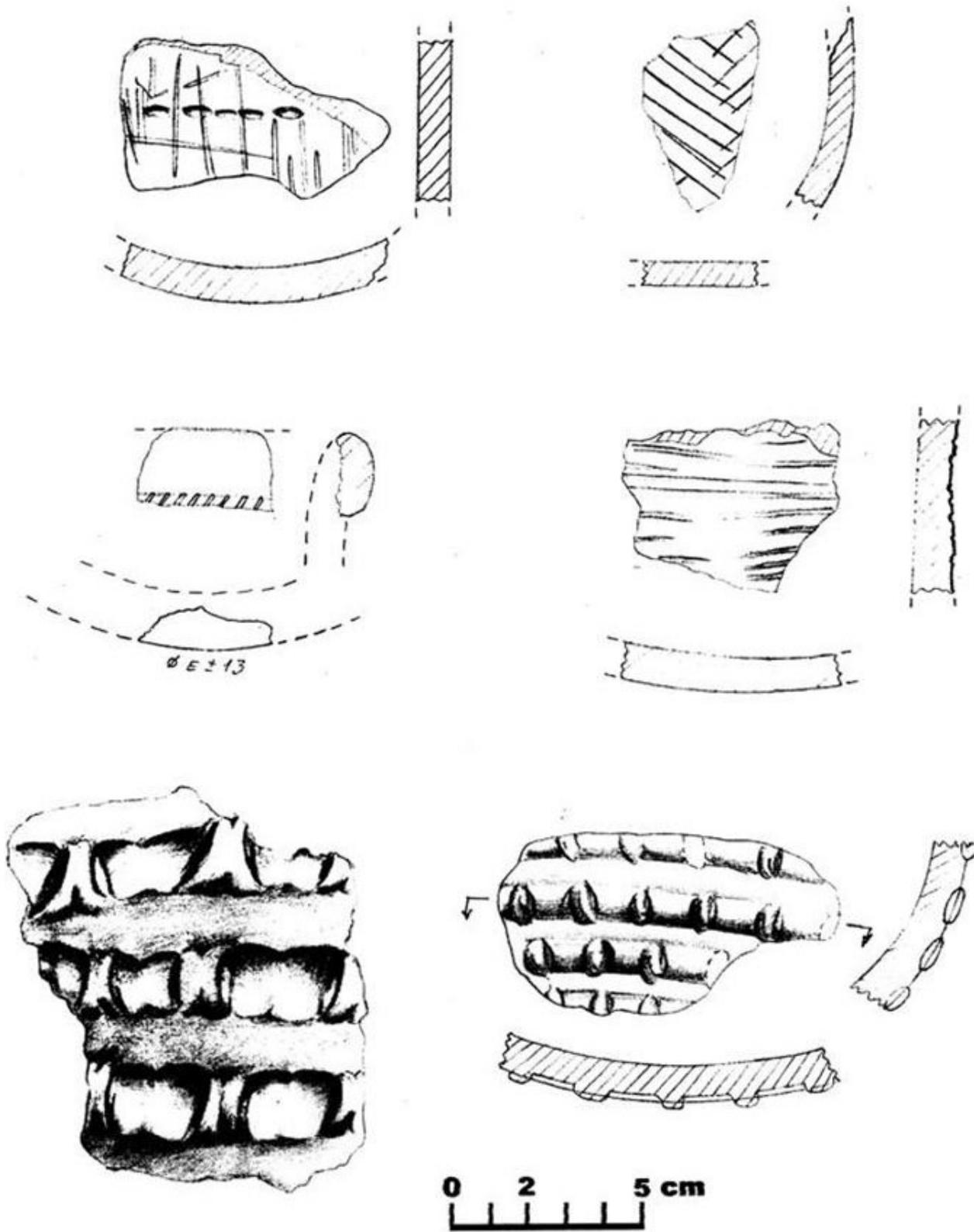
**Bordas de vasilhas com decorações pinçadas e unculadas**  
(desenhos: Eurico Miller)



6.1-1



Fragmentos com motivos decorativos diversos  
(desenhos: Eurico Miller)



**Fragmentos com motivos decorativos diversos**  
 (desenhos: Eurico Miller)